

Discursos, linguagens e representações: exercícios dialógicos

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro
Urbano Cavalcante Filho
(Organizadores)



FFLCH/USP

DISCURSOS, LINGUAGENS E
REPRESENTAÇÕES:
EXERCÍCIOS DIALÓGICOS

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro
Urbano Cavalcante Filho
(Organizadores)

DISCURSOS, LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES: EXERCÍCIOS DIALÓGICOS

Marília Amorim
Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro
Urbano Cavalcante Filho
Lucas Nascimento
Thiago Jorge Ferreira Santos
Frédéric François
Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Viviane Mendes Leite
Jamille Santos Oliveira
Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho
Maria das Graças Soares Rodrigues
Karla Stéphanie de Brito Silva
Miriam Bauab Puzzo
Luciana Taraborelli
Laiza Luz Martins Sant'Ana
Simone de Jesus Padilha
Madson Bruno Soares Estevam
Larissa Vieira de Cerqueira
Letícia Thomé de Oliveira



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 2024
DOI: 10.11606/9788575064825

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP

Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Vice-Chefe: Profa. Dra. Cilaine Alves Cunha

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Vice-coordenadora: Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo

CONSELHO CIENTÍFICO

Agildo Santos Silva de Oliveira (UNEB, Brasil)
Alexandro Teixeira Gomes (UFRN, Brasil)
Ana Lúcia Tinoco Cabral (PUC-SP, Brasil)
André Luís Mitidieri Pereira (UESC, Brasil)
Andréa Gomes de Alencar (Instituto Singularidades, Brasil)
Arlete Machado Fernandes Higashi (SME-SP, Brasil)
Cláudio Primo Delanoy (PUC-RS, Brasil)
Flávia Machado (Université Paris Nanterre, França)
Gabriel Isola-Lanzoni (USP, Brasil)
Inti Anny Queiroz (Câmara Federal, Brasil)
Isaías Francisco de Carvalho (UESC, Brasil)
Juciane Cavaleiro (UFAC, Brasil)
Maria Bernadete Fernandes de Oliveira (UFRN, Brasil)
Maria Helena Cruz Pistori (PUC-SP, Brasil)
Marina Célia Mendonça (UNESP/Araraquara, Brasil)
Norma Seltzer Goldstein (USP, Brasil)
Paulo Roberto Gonçalves-Segundo (USP, Brasil)
Pedro Farias Francelino (UFPB, Brasil)
Regina Braz da Silva Santos Rocha (Editora Moderna, Brasil)
Rosalice Pinto (IFILNOVA, Portugal)
Sandra Mara Moraes Lima (UNIFESP, Brasil)
Sueli Pinheiro da Silva (UEPA, Brasil)
Thiago Jorge Ferreira Santos (UFSC, Brasil)
Vanessa Fonseca Barbosa (USP, Brasil)
Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC, Brasil)
Yuri Andrei Batista Santos (Université Grenoble Alpes, França)

Copyright Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Autorizada a sua reprodução total ou parcial para quaisquer fins acadêmico-científicos, desde que citada a fonte. A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação. A responsabilidade pela utilização de imagens é inteiramente dos autores presentes nesta publicação.

Os artigos publicados nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores.

Disponível em: <http://www.livrosabertos.abcd.usp.br>

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Charles Pereira Campos – CRB-8/8057

D611 Discursos, linguagens e representações [recurso eletrônico] : exercícios dialógicos / Organizadores: Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro. Urbano Cavalcante Filho. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2024.
14.400 Kb ; PDF.

Vários autores.

ISBN 978-85-7506-482-5

DOI 10.11606/9788575064825

1. Análise crítica do discurso. 2. Linguagem (estudo e ensino). 3. Linguística. 4. Filosofia – Estética. 5. Mulher. 6. Educação. I. Ribeiro, Maria Inês Batista Campos Noel, coord. II. Cavalcante Filho, Urbano, coord.

CDD 375.01

Revisão

Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro
Urbano Cavalcante Filho

Projeto Gráfico de Capa

Gabriel Isola-Lanzoni
Foto de fundo: obra 'Um por um', de Slava PTRK (2016)

Projeto Gráfico de Diagramação

Gabriel Isola-Lanzoni



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

SOBRE OS ORGANIZADORES



Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro

Universidade de São Paulo

Professora, pesquisadora e orientadora de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Líder do GP/CNPq/USP *Linguagens, discurso e ensino*. É membro da Comissão Coordenadora de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. É coordenadora do GT da ANPOLL *Estudos Bakhtinianos* (2023-2025). Em 2023-2024, fez pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Atua com os temas: teoria bakhtiniana, gêneros do discurso, autoria, estilo, dissertação e argumentação em manuais escolares de língua portuguesa, argumentação em temas relativos à vulnerabilidade social.

E-mail: maricamp@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9572384519070224>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0004-9923>



Urbano Cavalcante Filho

Universidade Estadual de Santa Cruz

Instituto Federal da Bahia

Universidade de São Paulo

Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, com realização de Estágios Doutorais de Pesquisa (Doutorado Sanduíche) na França, na Université Paris Nanterre (2015 e 2016) e na UFRN (PROCAD/2012); possui pós-doutorados em Análise Dialógica do Discurso (USP, 2020), em Análise Comparativa de Discursos (Université Sorbonne Nouvelle, 2022) e em Análise Dialógica do Discurso Digital (USP, em curso). Atualmente é professor, pesquisador e orientador de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações e do PROFLETRAS da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e do Instituto Federal da Bahia – *Campus Ilhéus*. É vice-coordenador do GT *Estudos Bakhtinianos* da ANPOLL (Gestão 2023-2025), fundador e líder do grupo de pesquisa *LINDES: Linguagens, Discurso e Sociedade* (IFBA/CNPq), pesquisador dos grupos *Linguagens, discurso e ensino*; *Diálogo e Gedusp* (USP/CNPq) e membro associado à ABRALIN, à ALED, à ALAB e à APEB.

E-mail: urbano@ifba.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6466770995969401>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

SUMÁRIO

7

●●●●●●●●●●
Sumário

Apresentação

●●●●●●●●

10-16

Parte I: Fundamentos

Um Outro dança em mim. Bakhtin e os filósofos da dança

Marília Amorim (Universidade de Paris VIII, França)

●●●●●●●●

18-39

Perspectivas teórico-metodológicas bakhtinianas: um experimento de análise dialógica

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro (USP, Brasil)
Urbano Cavalcante Filho (UESC/IFBA/USP, Brasil)

●●●●●●●●

40-59

Desvirtude discursiva no discurso religioso evangélico: análise dialógica da argumentação e ética

Lucas Nascimento (UEFS, Brasil)

●●●●●●●●

60-77

Tornar-se pesquisador sob o olhar da perspectiva sociológica da linguagem: dos diálogos formativos à construção dos saberes

Thiago Jorge Ferreira Santos (UFSC, Brasil)

●●●●●●●●

78-97

O “dialogismo”? Ou melhor, “algumas figuras do diálogo, suas comunidades e suas diferenças, um ponto de vista”

Frédéric François (Universidade Paris Descartes, França)
Tradução: Dóris de Arruda C. da Cunha (UFPE, Brasil)

●●●●●●●●

98-111

Parte II: Educação

Leitura e cidadania no Novo Ensino Médio: fake news em foco

Nathalia Akemi Sato Mitsunari (USP, Brasil)

●●●●●●●●

113-132

***A dimensão ideológica e as discursividades
cronotópicas em O cometa é um sol que não deu certo***

Viviane Mendes Leite (USP, Brasil)

●●●●●●●●
133-151

8

●●●●●●●●●●
Sumário

***A arquitetônica da divulgação científica na esfera
educacional: uma análise bakhtiniana***

Jamille Santos Oliveira (UESC, Brasil)

Urbano Cavalcante Filho (UESC/IFBA/USP, Brasil)

●●●●●●●●
152-180

***O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada: notas
para uma educação antirracista em ensino de língua
espanhola***

Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho (IFBAIANO/UESC, Brasil)

Urbano Cavalcante Filho (UESC/IFBA/USP, Brasil)

●●●●●●●●
181-204

Parte III: Mulheres

***"Nunca encostei o dedo nela. Eu sou mãe.": alteridade
e emoção construindo a orientação argumentativa na
entrevista para o Fantástico do casal Nardoni***

Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN, Brasil)

Karla Stéphaney de Brito Silva (UFRN, Brasil)

●●●●●●●●
206-228

***A voz da mulher na poesia: uma questão de estilo na
perspectiva bakhtiniana***

Miriam Bauab Puzzo (UNITAU, Brasil)

●●●●●●●●
229-245

***Poesia feminina negra: Do velho ao jovem, de
Conceição Evaristo e Quem sou eu, de Cristiane Sobral,
em uma perspectiva dialógica***

Luciana Taraborelli (USP, Brasil)

●●●●●●●●
246-266

***Cronotopo dialógico: as memórias das mulheres
"simininas"***

Laiza Luz Martins Sant'Ana (UFMT, Brasil)

Simone de Jesus Padilha (UFMT, Brasil)

●●●●●●●●
267-287

Karla Stéphanly de Brito Silva (UFRN, Brasil)
Madson Bruno Soares Estevam (UFRN, Brasil)

●●●●●●●●
288-308

● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Sumário

Larissa Vieira de Cerqueira (USP, Brasil)

309-332

Letícia Thomé de Oliveira (USP, Brasil)

●●●●●●●●
333-352

Cláudio Primo Delanoy (PUC-RS, Brasil)

●●●●●●
353-366

367-371



Apresentação

Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando par dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*.

M. BAKHTIN. *Em torno da reescrita do livro de Dostoiévski*, 2008, p. 319.

O objetivo da obra **Discursos, linguagens e representações: exercícios dialógicos** é apresentar artigos voltados à pesquisa no âmbito da Análise Dialógica do Discurso (ADD) em diálogo com outras vertentes teóricas, a exemplo da Linguística Textual, da Análise Textual dos Discursos e da Linguística Aplicada, reunindo publicações em que o texto e o discurso são explorados tanto nas dimensões estética, política, religiosa, científica, epistemológica, quanto nas relações estabelecidas com a educação e com o discurso da e sobre a mulher no campo da atividade artística, política e social. Os pesquisadores dos estudos da linguagem propõem vários enfoques, reivindicam diferentes conceitos de pressupostos teóricos variados e analisam uma heterogeneidade de *corpora*, sempre discutindo sua existência nas várias esferas da atividade humana.

O resultado das pesquisas desenvolvidas, em parceria, ou individualmente, estabelece um diálogo “sempre em fronteira” com diferentes contextos e em diferentes esferas, sejam artísticas, científicas, religiosas, publicitárias. A motivação para organizar esta coletânea é com o foco em abrir um espaço de discussão e de reflexão em torno da tensa interlocução com o outro, como explica Bakhtin: “o homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira”. A penetração



dos grupos de pesquisa revela esse movimento dialógico construído nas mais variadas fronteiras, o que explica o título da coletânea: **Discursos, linguagens e representações: exercícios dialógicos**. Os artigos centram-se nas noções de discursos, linguagens, articulados à análise de enunciados concretos, o que estabelece uma dupla dimensão que tem uma fundamentação teórica linguístico-discursiva e um conjunto de textos analisados, a exemplo da dança, do discurso político, do discurso religioso, do discurso científico, etc.

Dessa maneira, o livro está organizado em três partes, mais apresentação e resenha. No início, “**Fundamentos**” abre a parte I com seis artigos que reúnem pesquisadores da Universidade de Paris VIII - Saint Denis e da Universidade René Descartes - Paris V, na França; e pesquisadores brasileiros da região nordeste (da UESC, do IFBA, e da UEFS, na Bahia, e da UFPE, em Pernambuco), sudeste (da USP, em São Paulo) e sul (da UFSC, em Santa Catarina). O primeiro texto “Um Outro dança em mim. Bakhtin e os filósofos da dança”, de autoria de Marília Amorim, trata de conceitos bakhtinianos centrais, como gênero discursivo e cronotopo. Amorim constrói um diálogo com textos filosóficos sobre a dança e a analisa na perspectiva bakhtiniana.

Em seguida, o texto “Perspectivas teórico-metodológicas bakhtinianas: um experimento de análise dialógica”, de Ribeiro e Cavalcante Filho, traz reflexões teórico-metodológicas centrais na teoria da linguagem de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. O artigo articula os pressupostos teórico-metodológicos com a análise do discurso presidencial de Luís Inácio Lula da Silva, proferido em Nova Déhli na abertura do G20 no dia 9 de setembro de 2023, com o propósito de defender uma mobilização global contra a mudança do clima.

O terceiro texto, ligado ao discurso religioso, é de Lucas Nascimento, intitulado “Desvirtude discursiva no discurso religioso evangélico: análise dialógica da argumentação e ética”. Nele, de maneira eloquente, o autor busca aproximar a perspectiva da análise dialógica com a da argumentação. Para essa articulação, adota como fundamento a filosofia do ato de Bakhtin e seu dialogismo e retoma os fundamentos da nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca e também os estudos sobre ética das virtudes discursivas de Paveau. O trabalho apresenta uma análise dos argumentos do deputado federal e pastor Marco Feliciano (PL) em torno da afirmação que “união

homossexual não é normal. O reto não foi feito para ser penetrado”, com vistas a compreender como seu enunciado ultrapassa os limites éticos da polêmica, tornando-se um discursivo desvirtuoso.



Thiago Jorge Ferreira Santos, na sequência, trata de como “Tornar-se pesquisador sob o olhar da perspectiva sociológica da linguagem: dos diálogos formativos à construção dos saberes”, com o objetivo de analisar o processo de formação do pesquisador e como ele se torna membro de um grupo da comunidade científica, a partir da aprendizagem de conceitos científicos e também da mobilização dos conceitos pelos estudantes para a interpretação dos dados de suas pesquisas e para a proposição de possíveis novos saberes.

O próximo texto, encerrando essa primeira parte, traz Frédéric François (1935-2020), professor emérito de Filosofia e de Linguística, um dos primeiros linguistas a compreender o dialogismo bakhtiniano e a estabelecer relações com o processo de aquisição da linguagem pela criança. Trata-se do artigo “O ‘dialogismo’? Ou melhor, ‘algumas figuras do diálogo, suas comunidades e suas diferenças, um ponto de vista’”, publicado na revista francesa *Éla. Études de linguistique appliquée*, número especial de 2014, intitulado “Diálogo e dialogismo nos textos e nas aulas: abordagens multidisciplinares”. A professora e pesquisadora Dóris de Arruda Carneiro da Cunha gentilmente traduziu o texto de François, permitindo retomarmos o tão discutido conceito de dialogismo. Nele, o professor francês faz um balanço do conceito bakhtiniano de “dialogismo” depois de quarenta anos de recepção na França. Partindo de alguns questionamentos em torno do conceito, o autor se recusa a adotar o dialogismo como uma noção exclusivamente verbal. Dois exemplos analisados são construídos nessa direção, abordando de forma original o que nos faz concordar ou não com os outros.

A parte II “**Educação**” empreende a análise de materialidades em torno do ensino fundamental e médio, ao integrar quatro artigos, congregando pesquisadores brasileiros da região nordeste (da UESC, do IFBA e do IFBAIANO, na Bahia) e sudeste (da USP, em São Paulo). Eles formam um importante núcleo, colocando em diálogo a teoria bakhtiniana e a escola básica. Em “Leitura e cidadania no Novo Ensino Médio: *fake news* em foco”, Nathalia Akemi Sato Mitsunari parte de um questionamento sobre como a cidadania é estimulada na construção do conhecimento tanto no



mundo da cultura como do manual escolar. Para investigar a cidadania no mundo da cultura, a autora traz as tensões em torno do ensino de leitura, a partir da redemocratização no Brasil nos anos 1980. O estudo aborda os conceitos de arquitetônica e de cronotopo e por fim analisa uma seção de leitura do manual didático de Língua Portuguesa *Interação: Português* (Sette *et al.*, 2020). A pesquisa permite refletir a respeito dos valores associados à coletânea de leitura indicada no manual, às explicações e às atividades na seção, de modo a analisar como a atividade cidadã é proposta na leitura.

Viviane Mendes Leite, por sua vez, em “A dimensão ideológica e as discursividades cronotópicas em *O cometa é um sol que não deu certo*”, propõe uma excelente análise da narrativa juvenil que aborda o tema dos refugiados na obra do autor pernambucano Tadeu Sarmiento, ilustrado pelo artista plástico Apo Fousek. Nesse exercício dialógico, a autora mobiliza conceitos bakhtinianos para compreender os discursos que atravessam o signo ideológico “refugiado” e as posições valorativas linguisticamente marcadas.

Jamille Santos Oliveira e Urbano Cavalcante Filho tratam, de forma crítica, da configuração que a arquitetônica da divulgação científica assume no livro didático no capítulo “A arquitetônica da divulgação científica na esfera educacional: uma análise bakhtiniana”. O foco é discutir como a divulgação científica apropria-se do discurso do outro na elaboração do texto. A partir da noção bakhtiniana de arquitetônica, os autores analisam as atividades de leitura do manual escolar *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa* (Araújo; Oliveira, IBEP, 2018) para o 8º ano do ensino fundamental. A análise aprofunda as propostas de leitura do artigo de divulgação científica e o deslocamento entre a esfera de publicação original e a transferência para atividade escolar, tendo interlocutores diferentes da fonte primária. Os autores passam a refletir sobre como a palavra do outro sofreu coerção, sendo reformulada, ganhando nova entonação, de modo que a valoração negativa/positiva de concordância/discordância e aceitação/rejeição ao discurso do outro tornou-se evidente no todo arquitetônico do enunciado.

O texto que finaliza essa segunda parte é de Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho e

Urbano Cavalcante Filho, intitulado “O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada: notas para uma educação antirracista em ensino de



língua espanhola”. Nele, os autores refletem sobre o ensino de língua espanhola antirracista e decolonial, sobretudo, com base em um viés dialógico, alteritário e responsivo, a partir de articulação entre pressupostos da ADD e da LA.

Para finalizar, a parte III empreende a análise de diferentes enunciados em torno do tema “**Mulheres**”, sinalizando os confrontos sociais que se multiplicam nas várias esferas sociais. Os próximos sete artigos foram produzidos por pesquisadores brasileiros da região nordeste (da UFRN, no Rio Grande do Norte), centro-oeste (da UFMT, no Mato Grosso), sudeste (UNITAU, Taubaté, São Paulo). Maria das Graças Soares Rodrigues e Karla Stéphanhy de Brito Silva, em ““Nunca encostei o dedo nela. Eu sou mãe’: alteridade e emoção construindo a orientação argumentativa na entrevista para o *Fantástico* do casal Nardoni” apresentam a análise da entrevista do casal com foco em compreender a construção da orientação argumentativa nas respostas de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá (2008), em relação à alteridade e à emoção. As autoras buscam compreender as emoções de Nardoni e Isabela quanto à dor e à tristeza nas suas declarações, uma vez se consideram julgados injustamente pela sociedade. Para as analistas do discurso, as argumentações emocionais do casal foram usadas com o objetivo de persuadir o auditório de que eram incapazes de cometer o assassinato. As pesquisadoras refletem sobre o sentimento exposto dos entrevistados como ponte para construir uma imagem de vitimismo.

Os próximos dois textos estabelecem um diálogo entre eles, trazendo como foco a poesia feminina negra de Conceição Evaristo. Miriam Bauab Puzzo, em “A voz da mulher na poesia: uma questão de estilo na perspectiva bakhtiniana”, foca em dois poemas da coletânea *Poemas de recordação e outros movimentos* (2021), cuja voz poética expõe os conflitos vivenciados pelo sujeito lírico em relação ao seu contexto sócio-histórico. Luciana Taraborelli em “Poesia feminina negra: *Do velho ao jovem*, de Conceição Evaristo e *Quem sou eu*, de Cristiane Sobral, em uma perspectiva dialógica” constrói um diálogo com as duas escritoras que assumem uma posição de resistência frente a uma sociedade hierárquica e desigual. Nesse texto, o leitor pode acompanhar a dor de Taraborelli frente à luta das mulheres negras contra a injustiça social, contra o preconceito e o racismo.

No capítulo seguinte, “Cronotopo dialógico: as memórias das mulheres ‘simininas’”, Laiza Luz Martins Sant’Ana e Simone de Jesus



Padilha analisam os textos biográficos de seis jovens da cidade de Cuiabá, Mato Grosso, que participaram das atividades socioculturais do Programa Siminina em comunidades carentes. O termo “siminina” refere-se ao linguajar cuiabano e tem o sentido de “essa menina”. As autoras marcam a relevância do *valor biográfico* depreendido nas respostas ao questionamento feito em encontros dialógicos ocorridos no período de 2005 a 2011, em as crianças e adolescentes participaram das oficinas com foco na troca de memórias narradas por elas. Merece destaque o olhar agudo das autoras frente ao Programa “Siminina”, no município de Cuiabá, permitindo a inclusão social de criança e adolescentes do sexo feminino em situação de vulnerabilidade econômica-social, o que permitiu o desenvolvimento social, emocional, cultural e físico das jovens.

Os dois próximos textos trazem um importante núcleo temático: a análise do discurso político. Karla Stéphany de Brito Silva e Madson Bruno Soares Estevam apresentam “‘Você pode perguntar para a sua empregada doméstica, que ela viu que esse país melhorou’ - arquitetônica bakhtiniana no embate entre Lula e Soraya Thronicke no debate presidencial”. Eles analisam o debate entre os candidatos Lula (PT) e Soraya Thronicke (União Brasil) nas eleições de 2022, exibido pela Rede de Televisão Bandeirantes. O leitor poderá se atrair pela linguagem usada pelos candidatos, seus embates e confrontos diretos. Em “Discursos presidenciais do Dia Internacional da Mulher (2014 e 2022)”, Larissa Vieira de Cerqueira foca nos pronunciamentos presidenciais de Dilma Rousseff (8/3/2014) e Jair Bolsonaro (8/3/2022) na comemoração ao Dia Internacional da Mulher. O objeto selecionado é bastante estimulante, porque a pesquisadora centra sua análise nas diferentes formas de discurso do outro presentes nos enunciados transcritos e visuais, considerando as marcas sócio-histórico-ideológicas, às vezes antagônicas em torno do papel da mulher na sociedade.

O último texto “O corpo feminino no espaço e no tempo: uma análise comparativa de anúncios publicitários de cigarro da década de 1970 no Brasil e na França”, de Letícia Thomé de Oliveira, dedica-se a analisar as diferenças existentes nas representações da figura feminina em propagandas brasileiras e francesas, na década de 1970. Nesse estudo, a autora explica o papel que os signos ideológicos verbais e visuais desempenham na construção de sentido do gênero, principalmente quanto às ênfases valorativas em torno na figura da mulher nas duas sociedades.



Como se pode notar, essa coletânea, a partir da centralidade na teoria bakhtiniana da linguagem nos estudos propostos, e considerando o diálogo com outras abordagens, como a Linguística Textual (LT), a Linguística Aplicada (LA) e a Análise Textual do Discurso (ATD), oferece aos leitores um leque de textos e análises em diferentes campos de atuação nas vozes de diferentes sujeitos. E fechando o livro, a resenha do professor e pesquisador Claudio Primo Delanoy (da PUC do Rio Grande Sul) trata da obra *O autor e a personagem na atividade estética*, de Mikhail Bakhtin, publicada em 2023, texto filosófico que aparece com uma parte inédita em português, traduzida pelo professor Paulo Bezerra.

Agradecemos aos pesquisadores que trabalharam em seus artigos com o propósito de partilhar suas investigações no campo das Ciências Humanas, à incansável revisora Nathalia Akemi Sato Mitsunari, que auxiliou na finalização da obra, e ao pesquisador Gabriel Isola-Lanzoni, que trabalhou na diagramação e na arte final do livro.

Desejamos excelente leitura a todos e a todas!

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro
Urbano Cavalcante Filho

São Paulo - SP, dezembro de 2023

Fundamentos

Um Outro dança em mim. Bakhtin e os filósofos da dança

An Other dances through me. Bakhtin and the philosophers of dance

Marília Amorim

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Universidade de Paris VIII, França

Introdução

Este texto conclui a trilogia de estudos sobre a dança que empreendi sob o modo de exercícios de análise de diferentes *corpi* - do balé clássico à *streetdance*, passando pelo nascimento do balé moderno. Para tanto, foram convocados conceitos bakhtinianos centrais, como gênero discursivo¹ e cronotopo². Em ambos os estudos, a noção filosófica de alteridade atuou como noção norteadora imprescindível, uma vez que ela é um dos eixos do pensamento bakhtiniano. No terceiro estudo, essa noção adquire centralidade, porque o que se quer é construir um diálogo com textos filosóficos sobre a dança. A dança é um objeto filosófico consagrado por vários autores, mas no presente trabalho, trataremos apenas daqueles que parecem permitir a construção de um diálogo com a perspectiva bakhtiniana.

Que se saiba até o momento, a dança não se constituiu como objeto de estudo para Bakhtin ou para os autores do Círculo. Assim, os dois primeiros estudos empreendidos somente se justificaram na medida em que a dança foi

¹ Cf. Amorim (2020).

² Cf. Amorim (2023).

tomada como discurso, e a coreografia, como um conjunto coerente de enunciados. Há, entretanto, na obra bakhtiniana, um trecho digno de nota em que a dança é referida explicitamente a uma noção igualmente filosófica: a sofianidade. O trecho integra o ensaio *O autor e a personagem na atividade estética*, na parte dedicada a “O todo temporal do herói”:

[...] na dança, tudo o que em mim é interior procura exteriorizar-se, coincidir com a imagem externa; na dança eu me condenso mais na existência, familiarizando-me com a existência dos outros; em mim dança a minha presença (ratificada axiologicamente de fora), a minha sofianidade, o outro dança em mim. Vive-se nitidamente na dança um momento de posse, de posse pela existência. Daí o significado cultural da dança nas religiões da existência (Bakhtin, 2022, p. 125).

1 O Outro terceiro

1.1 Deus

Possuído pelo outro: a questão da alteridade está posta como fundante. Aqui, entretanto, aparece a especificidade de remeter a uma dimensão religiosa. O termo sofianidade é um conceito da teologia, notadamente, do catolicismo ortodoxo, e sabemos da ligação de Bakhtin com esse aspecto da cultura russa. Nesse âmbito, sofianidade designa a sabedoria divina. Por exemplo, no teólogo russo Sergei Bulgakov (1871-1944), contemporâneo um pouco mais velho que Bakhtin, há um elemento estético na sofianidade: “a manifestação da Sofia divina se nos dá como Beleza do Cosmos, a *sofianidade* sensível do mundo” (Xavier; Silva, 2020, p. 413).

Mas é talvez no *espelho sofianico* do teósofo alemão Jacob Boehme (1575-1624) que melhor se encontram pistas para a relação com o pensamento bakhtiniano e o uso que faz dessa noção ao falar da dança. Segundo o filósofo Dufour (1999), a idéia de espelho é o elemento-chave da sofianidade enquanto sabedoria divina:

Deus só pode com efeito conhecer-se a si mesmo opondo-se a Si Mesmo. Deus se exprime assim no homem, criado à sua imagem, e isso num movimento jamais acabado, infinito, de revelação a Si-mesmo. O meio desse engendramento onde se passa do Um, indizível e invisível, ao múltiplo visível do mundo, não é outro senão o espelho, este olho da Sabedoria divina, que contém as imagens de todos os seres individuais (Dufour, 1999, p. 37).

O paralelo com o pensamento bakhtiniano parece claro quando se toma o início da citação sobre a dança:

Uma vez que me familiarizo de modo justificado com o mundo da alteridade, nele sou passivamente ativo. Uma imagem clara desse ativismo passivo é a dança (*pliaska*)³. Na dança, minha imagem externa, que só os outros vêem e só existe para eles, funde-se com o meu ativismo interior orgânico que sente a si mesmo [...] (Bakhtin, 2022, p. 125).

Ainda em Boehme, segundo Alexandre Koyré: "O *um* só pode chegar a se exprimir e a se manifestar no *outro* e pelo *outro*" (Koyré, 1929, p. 245 *apud* Dufour, 1999, p. 39). Importante sublinhar que o trecho de Bakhtin se situa no interior de uma reflexão sobre a relação autor – personagem. Nela irá elaborar o conceito de exotopia e a ideia segundo a qual somente o outro me totaliza e me dá acabamento, ao me conferir um sentido valorado global. Sublinha assim: "a fronteira entre autor e personagem, entre o portador do conteúdo do sentido da vida e o portador de seu acabamento estético". (Bakhtin, 2022, p. 126). Na tensão entre ambiente e horizonte, o outro me vê ali onde não me vejo, porque estou em permanente devir e inacabamento. A exotopia traz o espelho enquanto dispositivo através do qual busco me situar no ponto de vista do outro para apreender seu olhar sobre mim. Em "O corpo como valor: o corpo interior", item do capítulo intitulado "A forma espacial da personagem", Bakhtin diz:

Só na vida assim percebida, na categoria de *outro*, meu corpo pode tornar-se esteticamente significativo, não porém, no contexto de minha vida para mim mesmo, não no contexto de minha autoconsciência (Bakhtin, 2022, p. 54).

O tradutor Paulo Bezerra nos indica que a palavra dança, usada por Bakhtin no trecho de onde partimos, refere-se à dança popular e se distingue daquela que seria normalmente usada para designar a dança no sentido amplo, inclusive o clássico. Entretanto, do ponto de vista da problemática da alteridade que está a ser tratada por Bakhtin, acredito que é possível conceber uma acepção geral de dança, já que, se a ideia de sofianidade for válida para a dança popular, será necessário incluir aí a dança religiosa e cultural. Além disso, se tomamos a dança artística, balé clássico e outros gêneros, a configuração alteritária que irá se colocar é a mesma. Aquele que dança

³ Nota do tradutor Paulo Bezerra: "Note-se que Bakhtin não emprega a palavra *tánietz*, que significa dança no sentido amplo, inclusive o clássico, mas *pliaska*, que é dança no sentido mais popular, mais restrito e também a música para a dança".

obedece ou é possuído por uma coreografia concebida e orientada por outro, o coreógrafo, na qual o dançarino é *passivamente ativo*. Sua interpretação criativa e singular funde uma “imagem externa, que só os outros vêem e só existe para eles” com um “ativismo interior orgânico que sente a si mesmo” (Bakhtin, 2022, p. 125).

Acrescente-se que, no contexto da dança artística ou de espetáculo, a dança é endereçada, e a suposição do olhar desse outro formado pelo público integra a própria dança. Dupla alteridade, portanto, a dançar na dança. Não é descabido lembrar que o grande espelho da sala de aula de dança ou de ensaios constitui um dispositivo imprescindível para a construção dessa “imagem que só os outros vêem” (Bakhtin, 2022, p. 125).

A ideia de sofianidade, porém, impõe uma dimensão de alteridade que extrapola a relação dual do tipo *eu-tu*, entre o dançarino e seu público e mesmo entre o dançarino e o coreógrafo. É uma alteridade terceira a qual estão coagidos ambos os pólos da dualidade: trata-se de um *ele*. Para entender o lugar dessa terceira pessoa, pode-se convocar uma distinção da língua francesa que não tem equivalência em português: entre as palavras *tiers* e *troisième*. O último corresponde à terceira posição numa série numérica onde se é apenas mais um: primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto e assim por diante. Na série, os lugares são intercaláveis e se equivalem – o primeiro pode vir a ser segundo, o quarto pode vir a ser o quinto, etc. Já a palavra francesa *tiers* não designa o *mais um*. O *tiers* é lugar de exceção, de outra ordem, sem reciprocidade com os demais. Por exemplo, no âmbito jurídico, o juiz é um *tiers* em relação às partes; mais do que isso, a lei que ele representa é um *tiers*. À Lei, submetem-se todos, inclusive o próprio juiz enquanto indivíduo. Já na perspectiva do espelho sofiânico, é Deus quem faz de mim e de cada um, seu espelho.

1.2 A polis e a paixão por tornar-se outro

É na perspectiva de uma alteridade *tierce* que o título do presente artigo toma a licença poética de alterar o texto bakhtiniano e grafar a alteridade com maiúscula - Outro. Além disso, opta-se por trocar o artigo definido pelo indefinido – um Outro. O uso do indefinido permite sair da

abordagem religiosa⁴ para conceber a possibilidade de vários outros maiúsculos que venham a *dançar em mim*.

De que Outro então se trata? Para manter o estatuto maiúsculo de um *tiers*, há que se evitar toda dispersão em torno de *tus* ou de *eus*. Para ser um Ele sem ser Deus, a única possibilidade parece ser concebê-lo como uma alteridade de natureza coletiva e cultural, tal como a Lei invocada anteriormente.

O psicanalista lacaniano e filósofo do Direito Pierre Legendre escreveu um livro chamado *A paixão de ser um outro. Estudo sobre a dança*. Segundo ele, a dança coloca em cena o desejo de ser outro. Qual outro? Aquele que se opõe à singularidade e instaura uma dimensão coletiva do ser uno. Desejo de sermos um só e de nos fundirmos no estreitamento do laço social. Legendre (2000) chama de dogma aquilo que está na base de toda sociedade, aquilo que se instaura e que é dado como não questionável, sob pena de desfazer o laço. Nas sociedades tradicionais, a dança é um ritual de afirmação desse dogma, de submissão a este dogma: a lei do Outro.

Legendre não se afasta de Platão em sua visão social, política e pedagógica da dança. Não por acaso, é no livro *As Leis* do filósofo grego que aparece de modo mais explícito esse vínculo entre a dança e as leis da *polis*⁵. *A paidéia* pela dança e pela música deve educar o jovem grego no senso do ritmo e da harmonia, entendendo-se que é a própria harmonia da sociedade como um todo que está em jogo. Assim, no consentimento em ser governado pelas leis, o homem grego recebe dos deuses, notadamente Apolo, o dom de sua presença:

[...] quase sem exceção, todos os indivíduos jovens são incapazes de conservar seja o corpo seja a língua imóveis, estando tais jovens sempre procurando incessantemente se moverem e gritarem, saltando, pulando e se deliciando com danças e jogos, além de produzirem ruídos de todo tipo. Ora, enquanto todos os outros animais carecem de qualquer senso de ordem ou desordem nos seus movimentos que chamamos de ritmo e harmonia, a nós os próprios deuses, que se prontificaram a ser nossos companheiros na dança, concederam a agradável percepção do ritmo e da harmonia, por meio do que nos fazem nos mover e conduzir nossos coros, de modo que *nos ligamos mutuamente* mediante canções e

⁴ Essa saída parece se justificar no próprio texto de Bakhtin, uma vez que, mais adiante, ele usa a dança como imagem para pensar o ritmo da ordenação temporal de um dado tipo de biografia: “A vida biográfica do primeiro tipo é uma espécie de dança em ritmo lento (a dança em ritmo acelerado é a lírica)” (Bakhtin, 2022, p. 147).

⁵ Note-se que a *polis* designa a cidade grega em sua dimensão não apenas geográfica, mas legal e política. Daí estar na etimologia da palavra *política*.

danças; e o nome coro provém *do júbilo que dele extraímos* (As Leis, II, 653 e – 654 b, grifo nosso).

Vemos aí dois elementos chave do pensamento de Legendre: a dança como estreitamento do laço social e o desejo de fundir-se na unidade do coro, o que em Platão traduz-se como júbilo. No dizer de Rancière, em Platão, a forma coreográfica seria a boa forma⁶ da arte em que a comunidade dança sua própria unidade. Em Legendre⁷,

A dança é um dos artifícios sociais para remediar a falta de corpo daquilo que precisamente chama-se a sociedade. A dança serve à causa do aglomerado unificado sob uma mesma versão da Lei, e esse trabalho unitarista impulsiona cada sujeito a se reconhecer como *o mesmo que todos os outros tomados pela paixão do Outro*. (Legendre, 2000, p. 169, tradução nossa).

Para Legendre, a sociedade ocidental moderna envergonha-se de seu dogma, de seu mito, e despreza os ritos. Mas cultiva outros modos de colocá-lo em cena. Tanto o desfile militar como a dança configuram a metamorfose de deixarmos de ser singular para integrarmos o Uno. Convocam uma identificação que desidentifica o indivíduo para identificá-lo ao Todo do coletivo. Evidentemente, seria importante levar em conta que o desfile e a dança não afirmam os mesmos valores sócio-estéticos. Mas o que interessa Legendre nessa comparação é sublinhar a dimensão política da dança ancorada na problemática do desejo em sua relação com a Lei, o grande Outro, a ordem simbólica. Esses são os fundamentos aos quais aderimos e não podemos deixar de acreditar, sob pena de esfacelamento do coletivo e do sujeito, daí o filósofo designar esses fundamentos de *dogma*. Como psicanalista que também é, Legendre não concebe o dogma com caráter essencial ou substancialista. Ele é uma ficção necessária, do mesmo modo que os mitos de origem nas sociedades tradicionais.

Segundo ele, a dança revela uma época, uma cultura, mas também um sistema político:

Nas sociedades ditas primitivas, se todas as atividades humanas mesmo as mais triviais e ordinárias eram codificadas segundo o dogma e

⁶ Entenda-se aqui que *boa forma* remete à Psicologia da *Gestalt*, segundo a qual buscamos sempre ver nas formas aquelas que formam um todo dotado de sentido. A essa forma se dá o nome de *Gestalt*, que se traduz em português como boa forma.

⁷ No original: “La danse est l’un des artifices sociaux pour parer au manque de corps de ce qui s’appelle précisément la société. La danse sert la cause de l’agglomérat unifié sous une même version de la Loi, et ce travail unitariste pousse chaque sujet à se reconnaître *le même que tous les autres en proie à la passion de l’Autre*” (Legendre, 2000, p. 169).

investidas de um sentido dando à menor operação humana valor cerimonial, a organização social produzia também, com a ajuda de corpos humanos tão fantoches como hoje, explosões cerimoniais, celebrações gigantes rememorando e recriando a ordem. *Ora, a sociedade industrial tem vergonha da sua ordem*, ela a mascara e a denega. (Legendre, 2000, p. 317, tradução nossa).⁸

O uso do verbo denegar faz ressoar aqui a perspectiva psicanalítica de Legendre. A figura da denegação é analisada por Freud como uma dupla negação, em que o resultado é uma afirmação. Tal como na matemática, o negativo duplo resulta em valor positivo. Assim, nossas sociedades ocidentais modernas negariam o *dogma* que as funda e o caráter ritual das práticas sociais, mas ao fazê-lo, deslocam-no para outras formas igualmente investidas do desejo de ser Outro.

Desse modo, a dança não é jamais independente de uma legalidade do corpo “da qual somos assujeitados porque se trata de um trabalho de identificação com o ideal”⁹ (Legendre, 2000, p. 166, tradução nossa).

Desse modo, a dança pode ser lida como cena em que esse Outro dança e dá forma visível e palpável ao corpo social unificado. Em outra obra, ele diz:

É necessário palavras, imagens e um corpo. Para que se eleve a voz humana. É necessário isso e mais uma quarta dimensão: é necessária uma razão de viver. [...] A razão de viver nos vem da linguagem. Uma máxima dos juristas diz: ‘ligam-se os bois pelos chifres e os homens pelas palavras’” (Legendre, 2001, p. 26-27, tradução nossa).¹⁰

O autor sublinha que, por isso mesmo, a dança é também a cena em que uma dada ordem pode ser subvertida e desfeita:

Pela dança, ousamos colocar em questão os procedimentos legais da identificação ao corpo ideal, e é nisso principalmente que os

⁸ No original: “Dans les sociétés dites primitives, si toutes les activités humaines mêmes les plus triviales et ordinaires étaient codifiées d’après le dogme et investies d’un sens donnant à la moindre opération humaine valeur cérémonielle, l’organisation sociale produisait aussi, à l’aide de corps humains tout aussi fantoches qu’aujourd’hui, des explosions cérémonielles, célébrations géantes remémorant et recréant l’ordre. *Or, la société industrielle a honte de son ordre*, elle le masque et le dénie” (Legendre, 2000, p. 317)

⁹ No original : “dont nous sommes les assujettis parce qu’il s’agit d’un travail d’identification avec l’idéal” (Legendre, 2000, p. 166).

¹⁰ No original : “Il faut des mots, des images et un corps, pour que s’élève la voix humaine. Il faut cela, plus une quatrième dimension : il faut la raison de vivre. [...] La raison de vivre nous vient du langage. Une maxime des juristes dit ceci : «On lie les bœufs par les cornes et les hommes par les paroles. »” (Id., 2001, p. 26-27).

controladores sociais têm as melhores razões para desconfiar de tal produção (Legendre, 2000, p. 291, tradução nossa)¹¹.

25

●●●●●●●●●●
Amorim

A dança pode vir a ser uma cena em que novos modos de organizar e de unir o todo social sejam produzidos e corporificados. Nesse ponto, podemos incluir a perspectiva bakhtiniana dos valores, posto que vemos aí que a dança e sua coreografia podem afirmar ou contestar os valores de uma dada ordem social. O próprio fato de haver uma cena permite um distanciamento e um olhar em perspectiva para a comunidade encenada. Como em Rancière (2009), as diferentes coreografias seriam maneiras pelas quais se desenham figuras de comunidade.

Platão, Legendre e Rancière oferecem ao analista de um corpus de dança a possibilidade de ler nela um pensamento sobre o coletivo e o político. Esse grande Outro que nela dançaria, que nos transcende e ao qual estamos todos sujeitos. Vejamos alguns exemplos onde acredito que seja possível vê-lo dançar:

Fotos 1 e 2. Dança do povo Yanomami



¹¹ No original : “Par la danse, nous osons remettre en cause les procédures légales de l’identification au corps idéal, et c’est en cela notamment que les contrôleurs sociaux ont les meilleures raisons de se méfier d’une telle production” (Legendre, 2000, p. 291).



Fonte: Canal Índios no Brasil¹²

O indivíduo se funde na totalidade. Em uma sociedade tradicional como a dos índios Yanomami, podemos imaginar a indissociabilidade de que fala Legendre, entre o cultural, o social e o rito. Do mesmo modo, parece se aplicar aqui a ideia de sofianidade de que fala Bakhtin. No lugar do divino, podemos pensar a dimensão do sagrado e o saber ancestral de natureza político-religiosa, que atravessa momentos da vida comunitária.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8H6syJInhqI>. Acesso em: 09 mai. 2023. Captura de imagem: *Fair Use*.

Foto 3. Balé “O lago dos Cisnes”



27

●●●●●●●●●●
Amorim

Fonte: Canal Пермский театр оперы и балета¹³

As cenas de conjunto do *Lago dos Cisnes*¹⁴ são emblemáticas do gênero do balé clássico. Uma foto do mesmo balé é usada por Legendre em seu livro como exemplo típico da fusão entre o indivíduo e o Todo social.

O fascínio que ela desperta nos amantes desse gênero poderia então ser pensado como o júbilo de que fala Platão ou como o desejo de que fala o psicanalista. Observe-se aqui o alinhamento rigoroso dos corpos, o que produz a imagem de uma totalidade orgânica, metáfora do corpo social.

Se compararmos as danças coletivas do *Lago dos Cisnes* com as do balé *A Sagração da Primavera*¹⁵ na coreografia original de Nijinski¹⁶, veremos outro modo de conceber o coletivo: ele é formado de distintos grupos coreográficos e sonoros que dançam simultaneamente. O rigor e a disciplina exigidos pela coreografia não estão ausentes, a imagem que resulta

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=htWM5ZtONU4>. Acesso em: 09 mai. 2023. Captura de imagem: *Fair Use*.

¹⁴ Criado no Teatro Bolchoï de Moscou, em 1877 por diferentes coreógrafos com música de Piotr Tchaïkovski.

¹⁵ Criado no Teatro Mariinsky de São Petersburgo em 1913 com música de Igor Straninski.

¹⁶ Vaslav Nijinski, bailarino e coreógrafo russo de origem ucraniana (1889-1950).

é a de totalidades múltiplas que se sincronizam no ritmo da música, mas que guardam suas especificidades. Em outra ocasião já mencionada¹⁷, pudemos analisar a coreografia de Nijinski para esse balé e para o *Entardecer do fauno*¹⁸ como marcos que inauguram a modernidade no âmbito da dança.

Foto 4. Balé “A Sagração da Primavera”



Fonte: Canal 서울Seoyull¹⁹

A modernidade traz novos valores sócio-estéticos, o que inclui, necessariamente, um novo modo de pensar o corpo terceiro do Coletivo.

2 O Terceiro e o Segundo

Se o terceiro e a sofianidade são da ordem do simbólico e do coletivo, que agem em nós e nos constituem, podemos pensá-los também como linguagem. Em relação ao pensamento bakhtiniano, encontramos em Bubnova²⁰ uma indicação preciosa a respeito:

[...] se na Filosofia do ato ético e outros textos afins (“O autor e a personagem na atividade estética”), 1924, por exemplo) o diálogo

¹⁷ Cf. Amorim (2023).

¹⁸ Criado no Teatro Mariinsky de São Petersburgo em 1912 com música de Claude Debussy.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvVKWapctX4&list=RDEvVKWapctX4&index=1>. Acesso em: 09 mai. 2023. Captura de imagem: Fair Use.

²⁰ No original: “[...] si en la Filosofía del acto ético y otros textos afines («Autor y héroe en la actividad estética», 1924, por ejemplo) el diálogo ontológico entre el yo y el otro se desarrolla en presencia de un tercero tendiente al infinito que puede ser Dios, a partir de un determinado momento este tercero se transforma en el mismo lenguaje concebido pragmática y sociolingüísticamente” (Bubnova, 1997, p. XVIII).

ontológico entre o eu e o outro se desenvolve em presença de um terceiro tendendo ao infinito que pode ser Deus, a partir de um determinado momento esse terceiro se transforma na própria linguagem concebida pragmática e sociolinguisticamente (Bubnova, 1997, p. XVIII, tradução nossa).

Sabemos que na psicanálise lacaniana, a língua é o grande Outro da ordem simbólica, que fala em cada um de nós. O estatuto atribuído à língua é o que fundamenta o trabalho da clínica como modo de acesso ao inconsciente pela via do significante. Porém, se tomarmos a dança como discurso, em vez da língua, parece-me que postular o gênero discursivo como a dimensão coletiva que, tal como a língua, permite e coage o dizer garantiria a coerência com a filosofia da linguagem de Bakhtin. Foi com essa ideia que empreendi o exercício de análise mencionado no início. Se o evoco nesse ponto é para construir o segundo diálogo filosófico, desta vez, com Nietzsche e sua filosofia estética.

2.1 Dançar nas correntes

Segundo Ponton, o filósofo alemão elaborou sua reflexão estética em torno da questão da linguagem da arte, o que se desdobrou em duas fases bem distintas. Na primeira fase de seu pensamento estético, Nietzsche celebra a obra do compositor Richard Wagner, por romper com a linguagem convencional. Essa linguagem seria aquela da cultura que é partilhada por todos, e o artista deve romper com ela para fazer emergir o que seria a voz da própria natureza. O filósofo se identifica aí com a estética romântica, em que o artista é o gênio solitário capaz de produzir uma originalidade absoluta (Ponton, 2020).

Na segunda fase, Nietzsche transforma suas próprias convicções e passa a enfatizar a importância das convenções enquanto linguagem da arte:

Três quartos de Homero são convenção: e isso vale para todos os artistas gregos para quem nenhum motivo impulsionava em direção a esse furor moderno de originalidade. Eles não temiam em nada a convenção posto que é por ela que estavam ligados a seu público. As convenções são, com efeito, os procedimentos artísticos conquistados para serem compreendidos pelo auditório, a língua penosamente aprendida pela qual o artista pode verdadeiramente se comunicar. (Nietzsche, 2008, §122, tradução nossa)²¹

²¹ Embora publicado no Brasil, não tive acesso ao texto brasileiro e parti do texto em francês, cujas citações são por mim traduzidas. Em francês: “Les trois quarts d’Homère sont de la convention : et

O artista verdadeiro é aquele que integra as convenções necessárias à comunicação com o público e faz delas sua segunda natureza. Ao preço de muita disciplina e de muito trabalho, seu talento residirá na capacidade de jogar com as convenções e, não, de recusá-las. As coações e os constrangimentos serão objeto de um trabalho do artista sobre si mesmo, em que o rigor se opõe a qualquer espontaneísmo ou à vulgaridade²².

Tal como em Legendre, a disciplina, a coação e o rigor exigidos pela dança evocam, em Nietzsche, a marcha do soldado. Porém, dirá que não há nada mais convencional e, ao mesmo tempo, mais natural do que a dança. (Nietzsche, 2008, §140) Assim, constitui-se, para Nietzsche, a verdadeira cultura, aquela que supera a oposição entre o cultural e o natural. O artista, ao fazer das convenções e de suas coações uma segunda natureza, retira-lhes o caráter artificial.

A tradução francesa do texto alemão utiliza a expressão *seconde nature*. Temos aqui, mais uma vez, a especificidade da língua francesa, ao distinguir *second* de *deuxième*. Esse último, do mesmo modo que vimos no caso de *troisième*, designa um lugar numa dada série, ou seja, ele é *mais um*. Quanto ao termo *second*, ele designa um estatuto singular, uma vez que não poderá haver outros depois dele. O uso desse termo no contexto do que diz Nietzsche parece oportuno. Não se trata de pensar múltiplas naturezas, uma após outra, mas de conceber uma natureza criada, o que, em princípio, seria contraditório. O artista é aquele que supera a oposição entre natureza e tradição, entre o artificial e o natural. A tradição e suas convenções deixam de ser artificiais, na medida em que, ao incorporá-las, a ponto de poder jogar com elas e dominá-las, criam uma natureza segunda.

Se postularmos a linguagem e as convenções de que fala Nietzsche como grande Outro, como alteridade coletiva e terceira, ao dançarem no corpo do artista, ao serem por ele incorporadas, engendram uma natureza segunda, *um corpo segundo*.

il en va de même pour tous les artistes grecs, qu'aucun motif ne poussait à cette fureur moderne d'originalité. Ils n'avaient pas la moindre crainte de la convention, puisque c'est par elle qu'ils étaient unis à leur public. Les conventions sont en effet les procédés artistiques conquis pour être compris des auditeurs, la langue commune péniblement apprise par laquelle l'artiste peut vraiment se communiquer" (Nietzsche, 2008, §122).

²² Essa ideia vai ser retomada pelo filósofo contemporâneo Alain Badiou (1998), que define a arte da dança como sendo o trabalho do corpo contra a vulgaridade.

Ainda segundo Nietzsche, as convenções herdadas e transmitidas pelos artistas entre eles são a única linguagem pela qual podem verdadeiramente comunicar; são a única garantia contra a facilidade, e sem elas, não haveria “consciência artesanal” e, portanto, grandeza artística. A verdadeira liberdade artística não consiste em liberar-se da tradição, mas em recriá-la.

Podemos até encontrar em Nietzsche um esboço de crítica *avant la lettre* a certas concepções estéticas da pós-modernidade:

Sim, rejeitamos as correntes “absurdas” da arte grega e francesa, mas insensivelmente nos habituamos a considerar absurdas todas as correntes, todas as limitações; e assim a arte antecipa sua ruína [...] (Nietzsche, 2008, §140, tradução nossa).²³

Entretanto, a tradição e as convenções podem, facilmente, se degradar em tradição sufocante e artificial, desprovidas de qualquer valor artístico. O artista deve buscar o equilíbrio entre tradição e natureza, transformando-as em natureza segunda. O aforismo 140 de *O viajante e sua sombra*²⁴ chama-se *Dançar nas correntes* e nos diz:

Pode-se perguntar, para cada artista, poeta ou escritor grego: que nova coação é essa que ele se impõe e que ele torna atraente para seus contemporâneos (ao ponto de ser imitada por alguns)? Porque isso que se chama “invenção” (na métrica, por exemplo) é sempre um desses elos que a gente se coloca em si mesmo. *Dançar nas correntes*, dificultar a própria tarefa, em seguida derramar-lhes a ilusão de leveza, tal é o talento que eles querem nos mostrar.

Já em Homero é possível identificar uma quantidade de fórmulas herdadas e leis da narrativa épica no limite das quais ele devia dançar; e ele próprio criou novas convenções para os que viriam depois dele. Eis a escola em que se formaram os poetas gregos: primeiro se deixar impor uma coação múltipla pelos poetas antigos; depois, não contente com isso, inventar uma nova coação, dobrar-se a ela e dela triunfar com

²³ No original: “Oui, on a rejeté les chaînes absurdes de l’art grec et français, mais on s’est insensiblement habitué à trouver absurdes toutes les chaînes, toutes les limitations ; et l’art va ainsi au-devant de sa ruine [...]” (Nietzsche, 2008, §140).

²⁴ No original: “On peut, pour chaque artiste, poète et écrivain grec, se demander : quelle est la contrainte nouvelle qu’il s’impose et qu’il rend attrayante à ses contemporains (au point de trouver des imitateurs) ? Car ce qu’on appelle « invention » (dans la métrique, par exemple) est toujours un de ces liens [Fessel] que l’on se met soi-même. Danser dans les chaînes, se rendre la tâche difficile, puis répandre par-dessus l’illusion de la légèreté, tel est le talent qu’ils veulent nous montrer. Chez Homère déjà on peut déceler une quantité de formules héritées et de lois du récit épique dans les limites desquelles il lui fallait danser ; et lui-même créa de nouvelles conventions pour ceux qui viendraient après lui. Voilà l’école où se formèrent les poètes grecs: se laisser d’abord imposer une contrainte multiple, par les poètes anciens ; puis, de ce non content, inventer une contrainte nouvelle, s’y plier et en triompher avec grâce, tant et si bien que l’on remarquât et la contrainte et le triomphe” (Nietzsche, 2008, §140).

graça, tanto e tão bem que se poderão perceber a coação e o triunfo (Nietzsche, 2008, §140, tradução nossa).

Vemos aqui indicações claras de que as convenções se referem a gêneros discursivos e artísticos ou literários, como no caso da narrativa épica. Ao romper com a idéia do artista enquanto gênio solitário e ao inscrevê-lo no registro de uma linguagem comum, a partir da qual ele cria, patrimônio coletivo que é meio e condição para criar, Nietzsche não parece estar longe da concepção bakhtiniana. Não há locutor adâmico, e isso vale também para o artista. Não há lugar em Bakhtin para o puro gênio, origem primeira e última de seus enunciados.

A dança será para Nietzsche a melhor expressão do que ele concebe como liberdade de espírito: jogar com as convenções, dançar nas correntes e delas extrair graça e leveza. Diz o filósofo: “[...] não conheço nada de que um filósofo goste mais do que ser um bom dançarino” (Nietzsche, 1984, § 381).

2.2 O corpo alterado

Nosso último autor é Paul Valéry, poeta e pensador que não aceitaria que o chamassem de filósofo, mas cujos textos são considerados como filosóficos, pelas questões que traz e pelo tratamento que dá a elas. Ele escreveu *A Alma e a dança*, texto duplamente dialógico. Primeiro, porque é um diálogo entre diferentes personagens; segundo, porque é feito à maneira dos diálogos de Platão, com personagens do *Banquete* de Platão: Sócrates, Fedro e Erixímaco. Assim como o *Banquete* traz como tema o Amor, aqui, temos um banquete que vai tomar como objeto do diálogo, a dança. Sócrates pergunta: “– Ó meus amigos, o que é verdadeiramente a dança? [...] Mas o que é então a dança, e que podem dizer os passos?” (Valéry, 1996, p. 42-43). A dança constitui-se como objeto filosófico, e os passos, ou a coreografia, são pensados como uma forma de linguagem.

Chegam então as dançarinas, e os interlocutores trocam comentários e reflexões. Encontraremos, então, vários dos temas que tratamos antes. A dança é metamorfose, forma radical de alteridade.²⁵

²⁵ A ideia da metamorfose como forma de alteridade radical foi desenvolvida em outra ocasião. Cf. Amorim (2007).

Sócrates

- Ela [a dançarina] se transforma toda em dança, e se consagra ao movimento total! (Valéry, 1996, p. 39)
- Não sentis que ela é o ato puro das metamorfoses? (Valéry, 1996, p. 48).

33

●●●●●●●●●●
Amorim

De um lado, podemos dizer que a metamorfose consiste na transformação de um corpo primeiro em corpo segundo. O corpo primeiro é aquele da vida cotidiana, atravessado pelos hábitos e pelas rotinas, dos quais não temos consciência, uma vez que estão como que naturalizados. É o corpo vulgar, no sentido de espontâneo e sem trabalho artístico sobre ele.

Do corpo segundo, tratam, por exemplo, estes trechos do diálogo de Valéry, que descrevem um corpo extraordinário:

Sócrates

- Mas então, quem é o fino monstro tão flexível?

Erixímaco

- Rhodonia

Sócrates

- De Rhodonia, o ouvido é maravilhosamente ligado ao tornozelo (Valéry, 1996, p. 25).

O movimento mais banal torna-se precioso:

Sócrates

- [...] Parece enumerar e contar em moedas de ouro puro aquilo que gastamos distraidamente em vulgares níqueis de passos, quando vamos a algum lugar (Valéry, 1996, p. 33).

A metamorfose transforma o próprio expectador e seu olhar:

Sócrates

- Um simples andar, e aqui está a deusa; e nós, quase deuses!

Erixímaco

- À luz de suas pernas, nossos movimentos imediatos nos parecem milagrosos (Valéry, 1996, p. 33).

A referência a Nietzsche é clara:

Erixímaco

- Olha! Olha! Ela começa, estás vendo? Com um andar quase divino: é um simples andar quase em círculo... Começa com o supremo de sua arte; anda com naturalidade sobre o cimo que atingiu. Essa segunda natureza é o que há de mais distante da primeira, mas é preciso que se assemelhe a esta, e tanto, que nos confunda (Valéry, 1996, p. 32).

Assim como para Nietzsche, para Valéry, a segunda natureza não apaga a primeira. O fascínio que a dança exerce sobre nós deriva do fato de que assistimos sempre à metamorfose de um em outro e, não, a simples supressão do corpo primeiro. Poderíamos pensar aqui em um enunciado

bivocal, cujo sentido se produz na tensão entre dois mundos de valores: os do cotidiano e os do mundo ideal.

O corpo segundo é aquele que: “sai sem cessar de si” (Valéry, 1996, p. 59), “destrói furiosamente, alegremente, o próprio lugar onde está” (Valéry, 1996, p. 59), as “mãos falam e os pés escrevem” (Valéry, 1996, p. 24), “os artelhos inteligentes” (Valéry, 1996, p. 39), “o ouvido é maravilhosamente ligado ao tornozelo” (Valéry, 1996, p. 24), “nessa menina tão frágil e tão fina um tal monstro de força e prontidão” (Valéry, 1996, p. 41), “mulher bizarramente desenraizada que se arranca sem cessar da própria forma” (Valéry, 1996, p. 44), “coisa sem corpo” (Valéry, 1996, p. 31).

Esse corpo cria e habita um universo segundo onde: “a certeza é um jogo” (Valéry, 1996, p. 24), poucos se tornam mil, “miríades de perguntas e respostas entre os membros” (Valéry, 1996, p. 41), “as imagens se fundem e desaparecem” (Valéry, 1996, p. 28), “tudo é possível de uma outra maneira; tudo pode recomeçar indefinidamente” (Valéry, 1996, p. 61-62), um sonho de loucura ou de razão “fazendo brilhar diante de nossos olhos aquilo que há de divino num mortal” (Valéry, 1996, p. 58).

Ao referir-se ao trabalho da ponta e do giro sobre ela, pode-se ler:

Fedro

– Seu artelho, que a sustenta inteiramente, raspa o chão como o polegar sobre o tambor. Quanta atenção nesse dedo; que vontade a endurece, e a mantém nessa ponta!... Mas eis que ela gira sobre si mesma...

Sócrates

– Ela gira sobre si mesma – eis que as coisas ligadas eternamente começam a se separar. Ela gira, ela gira...

Erixímaco:

– É verdadeiramente penetrar em outro mundo... (Valéry, 1996, p. 62-63).

Ao mesmo tempo, o corpo como que se *exotopiza* e nos permite ver o corpo familiar e rotineiro de modo não familiar e estranho.

Erixímaco

– Nossos passos nos são tão fáceis e familiares que nunca têm a honra de serem considerados em si mesmos, e enquanto estranhos [...] (Valéry, 1996, p. 34).

Tornar estranho o familiar, ou “desfamiliarizar” o nosso olhar, parece ser uma das propriedades da arte em geral. Desnaturalizar o que é habitual e tido como natural são atributos que conferem à arte força de pensamento.

Sócrates

– Pelos deuses, as claras dançarinas! Que viva e graciosa introdução aos mais perfeitos pensamentos! Suas mãos falam, e seus pés parecem que escrevem. Que precisão nesses seres que se dedicam a usar tão bem de suas forças tenras! (Valéry, 1996, p. 23-24)

35

●●●●●●●●●●
Amorim

Não se trata, porém, de um pensamento qualquer, porque ele se nutre de imagem e de sensibilidade, de lucidez e de sonho. No dizer de Fedro:

– Olhai enquanto isso esses braços e pernas sem conta!... Umas poucas mulheres fazem mil coisas. Mil labaredas, mil breves peristilos, pérgulas, colunas. As imagens se fundem, desaparecem... [...] Existe algum sonho, ó Erixímaco, que signifique mais tormentos, e mais alterações de nossos espíritos? (Valéry, 1996, p. 28)

Assim, uma nova tensão atravessa o corpo da dança, porque Sócrates nele verá apenas o sonho da Razão:

– Mas isto é precisamente o contrário de um sonho, bom Fedro.

[...] Mas o contrário de um sonho, que é, Fedro, senão um outro sonho? Um sonho de vigilância e de tensão que a própria Razão faria! E que sonharia a Razão? [...] esse mundo de forças exatas e estudadas ilusões?

– Sonho, sonho, mas sonho inteiro penetrado de simetrias, só ordem, só ato e seqüência!... (Valéry, 1996, p. 28-29).

A Razão opera pelos efeitos de abstração que a dança pode produzir.

Erixímaco

– Como o solo é aqui de algum modo absoluto, estando liberto cuidadosamente de todas as causas de arritmia e de incerteza, esse andar monumental que tem como fim só a si mesmo, e do qual desapareceram todas as impurezas varáveis, torna-se um modelo universal (Valéry, 1996, p. 34).

Mas a Razão é também dialógica, ou não seria a personagem de Sócrates:

– E como essa cabeça tão pequena, e comprimida como um pinhãozinho, pode engendrar infalivelmente essas miríades de perguntas e respostas entre seus membros [...] (Valéry, 1996, p. 41).

Um corpo *alterado*, bivocal e tenso. Mas por qual força ele é alterado? De que alteridade se trata? Parece que, mais uma vez, afirma-se a ideia de um Outro terceiro e maiúsculo:

Sócrates

Quem sabe quais Leis augustas sonham aqui ter tomado claras faces, e concordado no desígnio de manifestar aos mortais de que modo o real, o irreal e o inteligível se podem fundir e combinar-se conforme o poder das Musas? (Valéry, 1996, p. 29).

Alteração que, como na citação de Bakhtin, torna íntima a relação entre interioridade e exterioridade:

Sócrates

– **Está** inteira em seus olhos fechados, e sozinha com sua alma, no seio de alguma íntima atenção... Ela se sente transformar em algum acontecimento (Valéry, 1996, p. 36).

36

●●●●●●●●●●
Amorim

E a sofianidade de que fala Bakhtin:

Erixímaco

– Não és de opinião que o pensamento dos Imortais seja precisamente o que estamos vendo, e que a infinidade dessas nobres semelhanças, as conversões, as inversões, as diversões inesgotáveis que se respondem e se deduzem diante de nós nos transportam aos conhecimentos divinos?

[...] O pensamento divino é agora essa fusão multicolor de grupos de figuras sorridentes; engendra a repetição dessas manobras deliciosas, esses voluptuosos turbilhões que se formam de dois ou de três corpos que não podem mais ser rompidos... (Valéry, 1996, p. 29-30)

Não seria o caso de trazer outro conceito bakhtiniano que designa essa condição de terceiro? Penso ser pertinente observar aqui o conceito de supradestinatório. Diz-nos Bakhtin:

Todo enunciado tem sempre um destinatário [...] cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa. Ele é o segundo (mais uma vez não no sentido aritmético). Contudo, além desse destinatário (segundo), o autor do enunciado propõe, com maior ou menor consciência, um supradestinatório superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente justa ele pressupõe quer na distância metafísica, quer no distante tempo histórico. [...] Em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, esse supradestinatório e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, etc. (Bakhtin, 2016, p. 104).

Não seria uma consequência necessária da presença do Outro em mim, dançando em mim, falando em mim, que meu enunciado se destine igualmente a um terceiro? Ao dançar para um público, seja ele restrito a um banquete ou ampliado à sala de teatro, o que está em jogo não é da ordem de uma relação pessoal do tipo eu-tu. O próprio público é convidado e convocado a habitar outro mundo e construir um olhar que não é aquele com que se olham as pessoas no mundo ordinário. Quase se pode dizer que o público empreende igualmente um trabalho artístico para poder ver o que se passa em cena. Ele abstrai, tal como Sócrates e Erixímaco, do corpo de alguém que dança, aquilo que seria de caráter pessoal.

O final do diálogo concebido por Valéry volta-se para a dançarina principal, Athiktê. A cena traz a idéia de que a dança, ao habitar o movimento, coloca em cena a passagem de um mundo a outro, do corpo

primeiro ao corpo segundo e a volta ao primeiro. Passagem radical, produtora de vertigem.

37

●●●●●●●●●●
Amorim

Fedro

– Ela gira, ela gira... Ela cai!

Sócrates

– Caiu!

Fedro

– Morreu...

Erixímaco

_ Deixemos agir o repouso que irá curá-la do movimento.

[...]

– Então, menina, vamos abrir os olhos. Como te sentes agora?

Athiktê

– Não sinto nada. Não estou morta. E contudo não estou viva!

Sócrates

– De onde voltas?

Athiktê

– Asilo, asilo, ó meu asilo, Turbilhão! – Eu estava em ti, ó movimento, e fora de todas as coisas... (Valéry, 1996, p. 64-68).

Vimos, neste texto, vários *Outros maiúsculos* que atravessam o corpo e o constituem como segundo: Leis, Musas, Razão, Turbilhão... O corpo segundo é desobediência ao corpo primeiro: seus hábitos, seu peso, sua funcionalidade, mas também aos seus impulsos espontâneos e à vulgaridade, como sublinha Nietzsche. Mas o segundo supõe o primeiro. Do mesmo modo, tradição e ruptura se conjugam no corpo que dança. O corpo da dança coloca em cena o embate de valores entre dois corpos, dois mundos e seus respectivos valores. É um corpo que se nos oferece como *forma tensa*, como diria Bakhtin.

Se tomarmos o corpo primeiro como aquele que está vinculado à realidade, poderemos pensar que a dança, como toda obra de arte, estará sempre prenhe dos dois centros de valores:

Deve-se dizer o mesmo do ato artístico: também ele não vive nem se movimenta no vazio, mas na atmosfera valorizante, tensa daquilo que é definido reciprocamente. (...) a obra, porém, é viva e literariamente significativa numa determinação recíproca, tensa e ativa com a realidade valorizada e identificada pelo ato. A obra é viva e significativa do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico e religioso num mundo também vivo e significante. (Bakhtin, 2002, p. 30)

Conclusão

Tentamos aqui construir um diálogo entre passagens do pensamento filosófico de Bakhtin sobre a arte em geral e a dança em particular com alguns filósofos. Não se pretendeu, com isso, criar laços ou filiações entre eles no que concerne às respectivas obras como um todo. Assim, fizemos um recorte em torno da temática da dança e buscamos ampliar possibilidades de expansão e de ressignificação dos curtos trechos selecionados em Bakhtin.

Buscamos também inscrever as ideias bakhtinianas no campo mais amplo da temática da alteridade, tal como compartilhado por outros autores. Ao se postular que a noção filosófica de alteridade é um dos eixos do pensamento bakhtiniano e que ela pode ser pensada como noção norteadora de análises de corpus, uma questão colocou-se como inevitável: de que outro se trata? A busca de resposta foi, também aqui, empreendida como um exercício, porém, desta feita, como exercício de leitura, colocando em diálogo textos e autores que acreditamos se enriquecerem mutuamente.

Referências

- AMORIM, Marília. O corpo da dança como arena de valores e o cronotopo do teatro, *Bakhtiniana Revista de Estudos Discursivos*, São Paulo, 18 (2): 39-66, abril/junho 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p59553>.
- AMORIM, Marília. O discurso da dança e o conceito de gênero – alguns elementos de leitura. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 15, n. 2, p. 64-96, abr./jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457342617>.
- AMORIM, Marília. *Raconter, démontrer, survivre... Formes de savoir et de discours dans la culture contemporaine*. Toulouse: Erès, 2007.
- BADIOU, Alain. *Petit manuel d'ineshétique*. Paris: Seuil, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 13-70.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 71-107.
- BAKHTIN, Mikhail. O Autor e a personagem na atividade estética In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2022, p. 3-192.
- BUBNOVA, Tatiana. *Hacia una filosofía Del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Tradução de Tatiana Bubnova. Prefácio de Mijail M. Bajtin. Barcelona: Anthropos, 1997.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Lacan e o espelho sofístico de Boehme*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

KOYRÉ, Alexandre. *La philosophie de Jacob Boehme*. Paris: Vrin, 1929.

LEGENDRE, Pierre. *De la Société comme Texte. Linéaments d'une anthropologie dogmatique*. Paris: Fayard, 2001.

LEGENDRE, Pierre. *La Passion d'être un autre. Étude sur la danse*. Paris: Seuil, 1978, coll. "Le champ freudien" – collection dirigée par Jacques Lacan. Deuxième édition - Points Seuil n. 429, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães & C.^a Editores, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich. *O viajante e sua sombra*. São Paulo: Escala, Coleção "O essencial de Nietzsche", 2008.

PLATÃO. *As leis, ou da legislação e Epinomis*. Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 1999.

PONTON, Olivier. 'Danser dans les chaînes': la définition nietzschéenne de la création comme jeu de la convention. *Philosophique*, n. 7, p. 5-27, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4000/philosophique.86>.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2009.

VALÉRY, Paul. *A alma e a dança e outros diálogos*. Tradução de Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

XAVIER, Donizete José; SILVA, Maria Freire da. A Kénosis do Espírito Santo e a Criação em Sergei Bulgakov. *Perspectiva teológica*, v. 52, n. 2, p. 393-415, mai./ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20911/21768757v52n2p393/2020>.

Perspectivas teórico- metodológicas bakhtinianas: um experimento de análise dialógica

*Bakhtinian Theoretical-Methodological Perspectives: An
Experiment in Dialogical Analysis*

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro
Universidade de São Paulo, Brasil

Urbano Cavalcante Filho
*Instituto Federal da Bahia, Brasil
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil
Universidade de São Paulo, Brasil*

1 Introdução

Este artigo se inscreve no eixo proposto deste livro **Discursos, linguagens e representações:** exercícios dialógicos, procurando discutir alguns princípios teórico-metodológicos da perspectiva bakhtiniana de estudos da linguagem. Ao lado dessa dimensão teórica, o texto apresenta um exercício de análise, observando aspectos que configuram o funcionamento de um enunciado, numa perspectiva dialógica.

Essa teoria, assinada por Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, constrói uma extensa discussão em torno das “relações dialógicas” na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963) e o conceito de diálogo em sentido amplo em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929), procurando denominar a dinâmica dos signos ideológicos que se

realiza de modo parecido às réplicas de um diálogo cotidiano. Nesse processo, a interação discursiva ganha uma realidade social e semiótica e o enunciado não só responde a questões como também coloca questões, o que formula uma compreensão responsiva.

Este capítulo está organizado em três partes: na primeira, serão apresentadas as noções fundamentais advindas do pensamento de Bakhtin e o Círculo, na segunda, o arcabouço teórico-metodológico que fundamenta as análises, e, por fim, na terceira, apresentamos um exercício de análise dialógica e de interpretação do discurso presidencial de Luís Inácio Lula da Silva, proferido da Cúpula do Grupo dos 20 (G20) em 9 de setembro de 2023, defendendo uma mobilização global contra a mudança do clima.

2 Teoria bakhtiniana da linguagem: princípios e procedimentos

- Notas teóricas

Dentre as diferentes linhas de estudos do discurso no âmbito das teorias da linguagem, como as vertentes denominadas de “análises do discurso”, a exemplo da de matriz francesa, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault; a de matriz anglo-saxã, conhecida como análise crítica do discurso, a partir, principalmente dos trabalhos de Norman Fairclough; a análise de discurso comparativa/contrastiva, tal qual forjada no âmbito do Cediscor (*Centre de recherche sur les discours ordinaires et spécialisés*, atual *Clesthia Axe et discours*) da Université Sorbonne Nouvelle, na França, a partir dos trabalhos pioneiros da linguista Sophie Moirand; dentre outras abordagens, destacamos, neste texto, a perspectiva dialógica, no Brasil nomeada de *análise dialógica do discurso* por Brait (2006), ao se referir ao “conjunto das obras do Círculo [que] motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectivas cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de modo geral” (Brait, 2006, p. 9-10), cada uma delas com seus comprometimentos epistemológicos e suas próprias ênfases teórico-metodológico-analíticas.

Podemos dizer que todas essas vertentes, de alguma forma, não apresentam suas teses de forma estanque, mas procuram, em maior ou menor grau, dialogar e buscar contribuições de outras áreas do saber (como as

Ciências Sociais, a Psicanálise, a História, a Filosofia, entre outras), a fim de explicar o homem e suas práticas, enquanto sujeito produtor de linguagem.

A partir principalmente dos trabalhos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, a chamada teoria bakhtiniana da linguagem tem em seu cerne uma orientação dialógica; orientação essa que

é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar em interação viva e tensa com ele (Bakhtin, [1934-1935] 2015. p. 51).

É esse princípio dialógico que orienta o pressuposto teórico-metodológico dessa vertente, na observação, descrição análise e interpretação dos fenômenos linguístico-discursivos. Podemos argumentar que, já lá no início da produção do Círculo, principalmente com o ensaio *Arte e responsabilidade*, escrito por Bakhtin em 1919, observamos uma primeira base epistemológica dessa teoria, em relação à oposição que Bakhtin apresenta entre uma perspectiva mecânica e uma perspectiva arquitetônica de se encarar o todo. Afirma o filósofo russo:

Chama-se mecânico ao todo se algum de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras” (Bakhtin, [1919] 2011a, p. XXXIII).

Sua perspectiva, portanto, é preconizar que os elementos constituintes de um todo sejam encarados numa perspectiva dialógica, fronteira, interacional e de interferências recíprocas. Essa perspectiva está voltada para o mundo da vida, da concretude, das relações, do mundo real:

O que pretendemos fornecer é uma refiguração, uma descrição da arquitetônica real concreta do mundo dos valores realmente vivenciados, não governado por um fundamento analítico, mas com um centro de origem realmente concreto, seja espacial ou temporal, de valorações reais, de afirmações, de ações, e cujos participantes sejam objetos efetivamente reais, unidos por relações concretas de eventos no evento singular do existir (aqui as relações lógicas não são mais que um momento ao lado dos momentos espaciais, temporais e emotivo-volitivos concretos) (Bakhtin, [1920-1924] 2010a, p.123-4).

Esse princípio dialógico, orgânico, vivo e vinculado à concretude do real vai ao encontro de um segundo princípio: o de que a realidade fundamental da língua é interação discursiva, cara à elaboração de

Volóchinov propôs em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* ([1929] 2017).

A interação discursiva como “realidade fundamental da língua” (Volóchinov, 2017, p. 219), constitui a base conceitual de linguagem do Círculo de Bakhtin, na medida em que oportuniza a interação entre os sujeitos, no fato de um se dirigir ao outro, num processo de negociação de significados, posições e valores entre esses sujeitos socio-historicamente situados numa sociedade, numa cultura. Isso implica dizer, portanto, que essa concepção de linguagem não pode ser desvinculada do contexto social, histórico e cultural em que é usada, concretizada em forma de textos-enunciados (tanto orais quanto escritos ou em diferentes materialidades semióticas).

Enquanto verdadeira substância da língua, essa interação, a partir do uso da palavra, exige a existência de, no mínimo, dois interlocutores, o falante e o ouvinte:

Ela [a palavra] é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* ela se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro” [...] A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (Volóchinov, [1929] 2017, p. 205, grifos do autor).

Esse processo de interação discursiva, das relações entre falante e ouvinte, nos encaminha a pensar um terceiro princípio da teoria: o da dimensão social do enunciado. Ao considerarmos a língua(gem) como um sistema socialmente dado, como um produto da atividade coletiva humana, e não como um sistema abstrato de signos, entendemos que seus elementos acabam por refletir e refratar a organização sócio-histórica e político-cultural da sociedade em que está inserida, seus índices sociais de valor.

Dessa forma, esse sistema carrega valores ideológicos e emotivo-volitivos que estão na ordem do social e do histórico. Portanto, a natureza social da linguagem, como o Círculo concebe, atribui especial valor à dimensão extraverbal do enunciado. Afinal, só apreendemos o sentido dos enunciados se levarmos em consideração às circunstâncias, o contexto, os eventos em que ele é produzido por indivíduos socialmente organizados, já que “obviamente, a palavra na vida não é autossuficiente” (Volóchinov, [1926] 2019, p. 117). Esse é um elemento extremamente importante e necessário à compreensão das trocas linguísticas entre os sujeitos, na

perspectiva bakhtiniana. Não conseguimos acessar o todo semântico de um texto-enunciado sem levar em consideração a sua situação extraverbal: “a palavra, quando abordada de modo isolado, como um fenômeno puramente linguístico, não pode, é claro, ser nem verdadeira, nem falsa, nem ousada, nem tímida” (Volóchinov, [1926] 2019, p. 118).

Assim, os aspectos que devem ser considerados nessa dimensão extraverbal do enunciado são: 1) o horizonte espacial comum dos falantes; 2) o conhecimento e a compreensão da situação comum dos dois; e 3) a avaliação comum dessa situação (Volóchinov, [1926] 2019). Esses três elementos, portanto, caracterizam a natureza e o caráter social dos contextos das interações. Estamos falando, pois, de uma dimensão que se faz constitutiva do enunciado, possuidor de autoria, interlocutor e finalidade, produzida numa dada situação sociocomunicativa entre sujeitos numa dada esfera de atividade humana. Sem a consideração desses elementos, é impossível a compreensão do sentido do enunciado.

Um enunciado isolado e concreto é sempre dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante (Bakhtin, [1924] 2010b, p. 46).

Como bem sintetiza Faraco (2009), o ponto de partida de Bakhtin é o vínculo entre a utilização da linguagem e a atividade humana, afinal, todas as esferas de atividade humana estão relacionadas com a utilização da linguagem.

Com base nessas considerações é que o enunciado, na perspectiva dos autores do Círculo, não pode ser confundido com os elementos do sistema linguístico. Afinal, ele engloba vários outros elementos que estão na ordem do social, histórico, do político, do ideológico e ligados por fios dialógicos de outros sujeitos:

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de trocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se ele se relacionasse à parte (Bakhtin, [1934-1935] 2015, p. 49).

A partir dessas anotações sobre aspectos teóricos considerados fundamentais da teoria bakhtiniana da linguagem, procedemos na seção seguinte a discutir alguns pressupostos metodológicos que orientarão o exercício de análise dialógica neste texto.

3 Notas metodológicas

O conceito de texto, no âmbito da teoria bakhtiniana, desempenha papel central no estudo das ciências humanas. Em seu manuscrito *Por uma metodologia das ciências humanas* ([1979] 2017), encontramos a afirmação de Bakhtin de que o objeto das ciências humanas é “o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, [1979] 2017, p. 59, grifos do autor). Enquanto produto da interação entre sujeitos, é por meio do texto (oral, escrito ou materializado em outras semioses) que observamos o que um sujeito fala para o outro, do outro e com o outro. Assim, para compreendermos o homem, que é social, bem como as relações humanas que ele estabelece com outros seres humanos por meio da linguagem (portanto, da interação verbal), o ponto de partida é o texto produzido por esses sujeitos sócio-historicamente situados no mundo real, da história, da cultura.

Metodologicamente, ao considerarmos a produção de textos por sujeitos e estudarmos a língua por eles utilizada, não apenas como um sistema abstrato de signos, mas como um sistema de signos imbuído de valor ideológico, Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* ([1929] 2017), nos apresenta uma ordem metodológica para sua compreensão e análise com a seguinte elaboração:

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e os tipos da interação verbal na relação com suas condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual elas são uma parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (Volóchinov, [1929] 2017, p. 220).

Observamos, portanto, como o fenômeno da interação é presente no estatuto de análise dos fenômenos linguístico-discursivos, na perspectiva dialógica de estudos da linguagem. Afinal, está em jogo uma proposta

metodológica de análise que toma como ponto de partida a consideração da dimensão social para se chegar nas formas da língua, e não o contrário; afinal, nessa perspectiva, não podemos estabelecer uma dissociação entre os signos e suas condições concretas de produção na comunidade sociodiscursiva em que são produzidos.

Nesse sentido, estamos falando de uma perspectiva metodológica que não se prende aos limites da materialidade linguístico-textual, mas leva em conta as relações do texto-enunciado com o social, com o histórico e com outros textos-enunciados. Nesse ponto, essa visão volochinoviana vai ao encontro da proposição bakhtiniana da disciplina *Metalinguística*, presente em *Problemas da poética de Dostoiévski* (Bakhtin, [1963] 2018).

Essa disciplina proposta pelo teórico russo encontra-se ancorada no limiar entre a análise da língua e a análise do sentido, perspectiva diferente da linguística saussureana. Afirma Bakhtin:

Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida e dos textos, na inter-relação e interação.

As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam também enunciados isolados, pertencem à metalinguística. Difere radicalmente de todas as eventuais relações linguísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado (Bakhtin, [1952-1953] 2016, p. 87-88).

Traduzida como *Translinguística* por Todorov para o francês (1981), a Metalinguística é encarada como a disciplina cujo objeto de análise pressupõe levar em consideração as dimensões linguística e extralinguística do enunciado, ou seja, o método utilizado por essa ciência encara o enunciado concreto não exclusivamente sob o prisma linguístico, com análise dos fenômenos puramente da língua; mas considera, primordialmente, a relação desses enunciados com os horizontes sociais nos quais eles se inscrevem. Observemos o que diz o próprio estudioso francês:

Entre todas as perspectivas a partir das quais é possível encarar esse objeto único, Bakhtin mantém duas: uma que é da linguística; a outra refere-se a uma disciplina que, a princípio, não nomeia (a menos que seja: a sociologia), mas ele vai chamar em seus últimos escritos *metalingvistika*, um termo que, para evitar uma possível confusão, eu vou traduzir por *translinguística*. O termo atualmente em uso que corresponderia mais fielmente àquilo que viu Bakhtin provavelmente seria *pragmática*; e pode-se dizer sem exagero que Bakhtin é o fundador moderno desta disciplina. Linguística e Translinguística representam, então, duas visões diferentes sobre um mesmo objeto, a linguagem. No

início de seu pensamento, Bakhtin não vê as coisas como neutras, mas ele afirma sobretudo, especialmente em *Marxismo e filosofia da linguagem* (obra assinada por Volochinov) que a (futura) translinguística deve suplantar a linguística, porque um dos objetos de conhecimento é mais real ou mais importante ou mais legítimo, que o outro. Mas, em outros textos, alguns dos quais são contemporâneos do mesmo livro, ele insiste, em vez disso, sobre a legitimidade de cada uma das duas perspectivas (Todorov, 1981, p. 42-43, tradução nossa, grifos do autor)¹.

A partir dessas considerações, o que observamos é que Bakhtin não dispensa a Linguística, embora ele proponha um estudo que ultrapasse os resultados obtidos por ela. É a partir dos resultados linguísticos que se chegam às relações dialógicas, que são o objeto de estudo da Metalinguística: “essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias” (Bakhtin, [1963] 2018, p. 209).

As relações dialógicas, enquanto objeto da Metalinguística, são entendidas como relações de sentido entre os enunciados, resultantes do diálogo entre enunciado e realidade, sujeito e outros enunciados, isto é, o discurso é concebido como “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística” (Bakhtin, [1963] 2018, p. 207).

Dessa forma, o que observamos nessa perspectiva é que ela coaduna com a proposição da ordem metodológica feita por Volóchinov em 1929, como apresentado anteriormente, o que ratifica a identidade epistemológica e a compreensão comum que os membros do grupo assumiam sobre o conceito de linguagem.

¹ No original em francês: "Parmi toutes les perspectives à partir desquelles il est possible d'envisager cet objet unique, Bakhtine en retient deux : l'une qui est celle de la linguistique ; l'autre se rapporte à une discipline à laquelle, au début, il ne porte pas de nom (à moins que ce ne soit : la sociologie) mais qu'il appellera dans ses derniers écrits *metalinguistique*, terme que, pour éviter une confusion possible, je traduirai par *translinguistique*. Le terme actuellement en usage qui correspondrait le plus fidèlement à ce qu'a en vue Bakhtine serait probablement *pragmatique* ; et l'on peut dire sans exagération que Bakhtine est le fondateur moderne de cette discipline. Linguistique et translinguistique représentent, alors, deux points de vue différents sur un même objet, le langage. Au début de sa réflexion, Bakhtine ne voit pas les choses de façon neutre, mais il a plutôt à dire, en particulier dans *Marxisme et philosophie du langage* (ouvrage signé par Volochinov), que la (future) translinguistique doit *supplanter* la linguistique, car l'un des objets de connaissance est plus réel ou plus important ou plus légitime, que l'autre. Mais, dans d'autres textes, dont certains sont contemporains de ce même livre, il insiste, au contraire, sur la légitimité de chacune des deux perspectives" (Todorov, 1981, p. 42-43, italique de l'auteur).

Na abordagem metalinguística bakhtiniana e do método sociológico volóchinoviano, o contexto sócio-histórico configura-se como peça imanente do discurso. No estudo dos enunciados, ela não isola nem desconsidera as análises propriamente linguísticas; antes, leva-as em consideração juntamente com os elementos extralinguísticos, estes últimos, por sua vez, são considerados imprescindíveis para a construção concreta de sentido.

Convém mencionar, ainda, que Medviédev, ao estudar a totalidade artística do gênero em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* ([1928] 2012), leva em consideração duas orientações que determinam a existência do gênero: os interlocutores e o contexto (social mais amplo e imediato de produção dos enunciados). Segundo o autor:

Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante (Medviédev, [1928] 2012, p. 195).

Conforme dissemos na abertura dessa seção de que o texto é o ponto de partida na perspectiva metalinguística de que a consideração das questões extraverbais da produção discursiva é condição *sine qua non* numa perspectiva teórico-metodológica de análise bakhtiniana de um texto/enunciado, que consideremos os elementos que lhe imprimem uma *singularidade* tanto *linguística* (a partir da contribuição de diversas disciplinas, como a fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, etc.), quanto *discursiva* (concernente aos aspectos extralinguísticos sinalizados a seguir). Assim, a sistematização dos elementos que imprimem singularidade ao texto/enunciado feita Brait nos é didática e convém apresentarmos:

- (a) A carga de valores, a posição diante do mundo por ele representada, tecida pelos discursos sociais, culturais que o atravessam, que dele emanam e que o configuram como *arena discursiva*;
- (b) A autoria deve ser entendida como individual ou coletiva, independentemente de a assinatura estar explícita ou não, pois decorre da posição enunciativa e discursiva que dá voz ao texto e nele se concretiza e se realiza;
- (c) O destinatário, que participa ativamente da construção dos sentidos, a cada encontro em que ocupa os espaços deixados pelo texto para respostas e diálogos (polêmicos ou não...);

- (d) As relações dialógicas, que não estão prontas e finalizadas em cada texto, mas que são necessariamente recuperadas e/ou estabelecidas a partir do encontro entre o texto/enunciado e seus interlocutores, em diferentes situações, contextos históricos, culturais e discursivos (Brait, 2016, p. 17).

De acordo com essas anotações metodológicas, confirmamos a ideia de que a perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana nos provoca a encarar e a analisar a linguagem sempre na relação entre sujeitos, na fronteira, na negociação de sentidos, na disputa das palavras do outro e com o outro:

Nesse sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias palavras, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos) (Bakhtin, [1970-1971] 2011, p. 379).

Assim, a teoria dialógica da linguagem não importa somente em descrever o que se diz, mas também como se diz o que se diz, para quem, com qual intenção e quais cargas de valores sociais e histórico alimentam e configuram os projetos de dizer de seus sujeitos.

Na seção seguinte, apresentamos um exercício de leitura do discurso presidencial de Lula, proferido na abertura da primeira sessão da 18ª Cúpula do Grupo dos Vinte (G20)², realizada em Nova Délhi, Índia, em 9 de setembro de 2023.

4 Discurso na sessão “Um planeta terra”: experimento de análise dialógica

Uma interessante proposta de análise dialógica é trabalhar o conceito de texto/enunciado, analisando o discurso de Lula, proferido na reunião anual dos representantes de 19 países dos cinco continentes e da União Europeia, nações que representam em torno de 80% da economia global. A escolha desse pronunciamento deve-se pela importância política, econômica e social do evento, e por ser a primeira vez que o Brasil assume a presidência rotativa do G20 a partir de 01 de dezembro de 2023 até novembro de 2024. Esse

² Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-a-abertura-da-cupula-do-g20>. Acesso em: 26 nov. 2023.

fórum, criado em 1999, tem como foco estabelecer um diálogo de cooperação econômica internacional.

Tendo em vista que a situação social e o auditório direcionam a entonação valorativa do texto com foco no tema das mudanças climáticas. O primeiro passo metodológico é apresentar alguns dados do contexto amplo e da situação concreta em que Lula discursou em Nova Déhli, o que nos possibilita consolidar a análise bakhtiniana. É preciso reconhecer que havia uma tensão na abertura desta sessão, presidida *pro-tempore* pelo primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, devido à presença de Joe Biden, presidente dos Estados Unidos e a ausência dos governantes da China e da Rússia. Participaram 27 chefes de Estado ou de Governo, e entidades internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Mundial do Comércio (OMC), Organização Internacional do Trabalho (OIT), União Africana, Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean).

Buss, médico e pesquisador da Fio Cruz (RJ), explica que o tema do encontro “Uma Terra, uma Família, um Futuro” foi extraído do antigo texto sânscrito Maha Upanishad³. A proposta indiana busca uma compreensão com base nas tradições hinduístas sob um tríplice movimento: uma Terra, para curar o planeta, uma Família que promova a harmonia dentro da família humana, um Futuro, para incentivar conversas entre as nações. Neste discurso inscrito no campo político, econômico e social, Lula faz uma veemente crítica às nações envolvidas devido às responsabilidades pelo aquecimento global, uma vez que foram responsáveis pela emissão de gases de efeito estufa.

Passando para a análise do modo de funcionamento linguístico-discursivo do enunciado concreto, pode-se fazer uma pergunta: Que discursos alheios sinalizam o confronto de vozes apresentados por Lula, de modo a marcar seu posicionamento valorativo em torno dos graves problemas climáticos e sociais na contemporaneidade?

Nesta abordagem dialógica, todo o discurso é produto de um acontecimento histórico, único, e o enunciado é marcado pelo contexto social e pela situação concreta espaço-tempo, que envolve o autor e seus

³ Disponível em <https://cee.fiocruz.br/?q=agenda-da-saude-global-e-diplomacia-da-saude-se-intensificam-em-todas-as-frentes>. Acesso em: 26 nov. 2023.

interlocutores, a relação social entre eles, o propósito discursivo. Pode-se afirmar que Lula, do seu lugar de presidente eleito do Brasil em outubro de 2022, capta os empasses socioeconômicos e políticos, e busca definir uma pauta para que os participantes possam discutir e enfrentar as graves situações climáticas.

O conceito de discurso alheio na perspectiva da filosofia da linguagem parte de “uma diretriz dialógica desse discurso entre enunciados alheios no âmbito da mesma língua, entre outras ‘línguas sociais’ no âmbito da mesma língua nacional e, por último, entre outras línguas nacionais no âmbito da mesma cultura, do mesmo universo socioideológico” (Bakhtin, [1934-1935] 2015, p. 47). Bakhtin explica em nota de rodapé que “A linguística só conhece as influências recíprocas e as mesclas de línguas que se refletem nos elementos abstratos – fonéticos e morfológicos – da língua” (Bakhtin, [1934-1935] 2015, p. 47).

A presença de vários discursos citados indica que não é possível compreender o discurso presidencial somente como materialidade autônoma. A análise dialógica exige, no mínimo, dois posicionamentos em confronto. Em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* ([1929] 2017), Volóchinov apresenta uma caracterização em torno do discurso alheio, e o considera um problema específico da sintaxe, que precisa ser configurado no interior do embate dialógico. O estudioso russo alerta para a tentação redutora que entende o discurso alheio só como discurso citado no seu aspecto gramatical, limitando-se a um estudo que responda às questões de “Como” e “De que falava Fulano?” o que acaba se encerrando em uma análise superficial do discurso do outro. Para responder à pergunta “O que dizia ele?”, é preciso considerar que:

[...] entre a percepção ativa do discurso alheio e a sua transmissão num contexto coerente existem diferenças essenciais, que não podem ser ignoradas. [...] A transmissão é voltada para um terceiro, isto é, àquele a quem são transmitidas as palavras alheias. Essa orientação para um terceiro é especialmente importante, pois ela acentua a influência das forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso (Volóchinov, [1929] 2017, p. 252).

O estudo do discurso do outro vai além de recortar discursos diretos e indiretos presentes nos enunciados, uma vez que enfoca a língua como interação discursiva, porque um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria do enunciado. Um estudo das

formas usadas na citação do discurso reflete e refrata as tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso alheio. Volóchinov antecipa-se em explicar que as formas sintáticas de discurso direto e indireto não são formas de apreensão ativa do enunciado do outro: para apreender o discurso do outro, exige-se dominar tanto a interorientação social do enunciador como as formas que ele utiliza para apreender o significado da expressão do outro.

Na tradução brasileira de *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017), feita por Grillo e Américo, o termo “discurso citado” aparece traduzido por “discurso alheio”. Encontramos diversos termos na linguística que também marcam esse conceito sob diferentes abordagens linguísticas. Cunha explica:

o discurso de outrem revela uma variedade de objetos, de questionamentos e de abordagens teóricas dentro da literatura e da linguística sob diversos nomes: discurso citado, heterogeneidade mostrada e constitutiva, interdiscurso, polifonia, intertextualidade manifesta e a intertextualidade constitutiva, dialogismo mostrado e constitutivo” (Cunha, 2004, p. 242).

A primeira sinalização de discurso alheio no texto de Lula aparece no início ao mencionar que “quando olhou por meio da escotilha de sua nave, e viu pela primeira vez nosso planeta em toda a sua plenitude, o cosmonauta Yuri Gagarin não conteve o encantamento, e disse: ‘A Terra é azul’”. O presidente recupera a exclamação do discurso do astronauta russo Yuri Alekseievitch Gagarin, o primeiro ser humano que olhou o planeta Terra do espaço, a bordo da espaçonave Votstok 1, em 12 abril de 1961. A emoção do piloto está marcada linguisticamente por meio das aspas, maneira de intensificar o deslumbramento do homem admirando a natureza, gesto que significou um avanço enorme da pesquisa para a ciência moderna. 62 anos depois, no entanto, a Rússia deixa de ser bem-vinda à Conferência devido à guerra na Ucrânia. Diante de um auditório tão heterogêneo, Lula mantém um duplo endereçamento, referindo-se a dois campos: o científico e o político.

Mantendo-se nesse duplo campo discursivo, o presidente atualiza os dados das viagens no espaço e se situa em 2023 (momento da fala), citando a missão espacial da Índia, Chandrayaan-3, que pousou “sete décadas depois [...] no polo sul da Lua”. Dessa feita tornou-se o primeiro país a realizar tal conquista e passou a integrar o grupo de países que já estiveram na superfície lunar: Estados Unidos, China e Rússia. A prova do discurso científico são as

fotografias enviadas pela sonda indiana, antes e depois da descida da nave em solo lunar e Lula enfatiza: “vista do alto, a Terra continua azul e linda”. Envolvendo o discurso de Gagarin que revela afetos e valores éticos, estéticos, culturais e o texto fotográfico enviado pela sonda exploratória indiana, constrói-se uma integração entre discursos, com o emprego do verbo “continuar” no sentido de que a terra permanece com a cor azul. Tanto o discurso científico como o afetivo garantem uma resposta ao longo da história espacial, o que mantém uma dupla dimensão do conhecimento.

A partir do discurso científico há dois procedimentos de discurso do outro reivindicando uma posição no campo político. O primeiro critica o descompromisso com o meio ambiente, reiterando que esse comportamento leva a uma situação de "emergência climática sem precedentes" (Lula da Silva, 2023). O segundo procedimento consiste em levantar alguns fatos relativos às consequências do aquecimento do planeta. Cada acontecimento é singular, como “as secas, enchentes, tempestades e queimadas [...] e minam a segurança alimentar e energética” (Lula da Silva, 2023), de modo a impactar profundamente a vida de cada ser humano. O presidente brasileiro destaca que cada acontecimento climático constrange o outro, causa sofrimento nos povos que habitam diferentes lugares, devido à grave situação mundial do clima. Esse encaminhamento argumentativo tem como eixo central a ideia de que não é possível ficarmos indiferentes a essa realidade, uma vez que mobiliza valores sociais, éticos, humanos.

Em sua exploração de discursos alheios, Lula cita a tragédia ocorrida no estado do Rio Grande do Sul, devastado por um ciclone tropical entre os dias 4 e 5 de setembro de 2023, dias antes do início do fórum. Dessa maneira, apresenta dados estatísticos quanto aos efeitos das mudanças climáticas e os impactos causados em terras brasileiras: “Agora mesmo no Brasil, o estado do Rio Grande do Sul foi atingido por um ciclone que deixou milhares de desabrigados e dezenas de vítimas fatais” (Lula da Silva, 2023). Com esses dois procedimentos apresentados, Lula passa a destacar as questões sociais vividas pelas classes menos favorecidas, suscitando o debate quanto aos “efeitos da mudança do clima [que] não são sentidos por todos da mesma forma. São os mais pobres, mulheres, indígenas, idosos, crianças, jovens e migrantes, os mais impactados” (Lula da Silva, 2023). Ao mesmo tempo, ele ilustra as transformações terríveis que ocorrem em todo o planeta e que poderiam ser evitadas se os países que mais contribuíram “historicamente”

para esse aquecimento atual arcassem com os custos de combatê-la, assumindo um papel fundamental de não abandonar os mais pobres.

Há outros componentes de discurso do outro que passam a ser integrados, como o uso do discurso indireto, em que retoma o discurso já-dito na Conferência das Partes – COP 15 de Copenhague, procedimento linguístico com vistas a intervir na esfera pública. Ao recuperar o acordo estabelecido em 2009 na Dinamarca, Lula considera a longa negociação climática como “promessa [que]nunca foi cumprida” e o faz com a marca da preposição “desde”, que indica um movimento que não tem término previsto.

O presidente da República interpela “o mundo rico” que participará das próximas COPs, transferindo responsabilidades ao Sul Global e inclui o discurso do outro em seu plano argumentativo, com a enumeração de vários dados. Esse procedimento linguístico-discursivo lhe permite dialogar com vários interlocutores de maneira avaliativa tensa. Primeiro, critica o gasto de “2,24 trilhões de dólares em armas” pelos países ricos e os cobra por não usar esta “montanha de dinheiro” para impulsionar “o desenvolvimento sustentável e a ação climática”. Em seguida, enumera as ações do Brasil no que se refere à proteção do meio-ambiente, e cita a Amazônia, “a redução do desmatamento em 48%” em relação a 2022, o uso de energias renováveis.

Lula inclui um discurso em outro discurso de modo que entabula um forte diálogo entre vários países e as ações colaborativas que já foram construídas, incluindo várias vozes que se entrecruzam como “os países detentores de florestas tropicais da África e da Ásia”. Nesse discurso de abertura, inscrito na defesa de um compromisso com as mudanças climáticas, o presidente faz uma avaliação dos resultados obtidos pelas pesquisas espaciais e instiga o G20 a impulsionar os resultados obtidos nas convenções da Rio 92: “de clima, biodiversidade e desertificação”, em que explicita a forte atuação desse fórum em relação à sociedade, à articulação entre pesquisas científicas e política. Esses elementos formadores de um dado momento da crise climática, vão ser apresentados a partir da enumeração de acordos já firmados como a COP 21 em Paris (2015) e na COP28 em Dubai, 2023 e de metas a serem estabelecidas para se chegar na COP 30, em Belém do Pará, 2025.

A partir da enumeração dos acordos globais produzidos nas várias Conferências das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, numa sintaxe perfeitamente integrada à voz de quem não somente avalia as

consequências de um passado devastador, mas também interpela os países a assegurar “a sustentabilidade do planeta e a dignidade das pessoas” com financiamento. É interessante notar que Lula, no apelo inaugural da conferência em Nova Déhli, não pretende ignorar as questões sociais, mas colocar todas as vozes, mesmo contraditórias, para serem ouvidas. Diante de um público enorme (o discurso foi divulgado na imprensa televisa, na internet etc.), usa o discurso do outro como estratégia para recuperar a memória do que já fora prometido e pouco cumprido, fazendo com que as enumerações sejam indicadores de bivocalidade.

No seu discurso científico, político, ético, estético expõe consciências sociais e individuais, constituindo outros-sujeitos com o objetivo de convocar todos os países a um compromisso social e se possa transformar “a beleza da Terra não somente em uma fotografia vista do espaço” (Lula da Silva, 2023) nos próximos dois anos. Esse procedimento de invocação de diferentes vozes de maneira estratégica, tanto do ponto de vista linguístico como enunciativo-discursivo, centrada no discurso do outro, é a tônica de um discurso que convoca a todos a reconhecer a função social, política, científica e ética de duas formas de se enfrentar a crise climática, tema de grande importância social: o engajamento de todos que assinam acordos e a não exclusão dos mais pobres. Na parte final, pede soluções já e se junta a essa reivindicação assumindo a presidência do G20 em 01 de dezembro de 2023.

Para que o ouvinte/telespectador/internauta possa apreender o jogo de discurso do outro, permitindo que as vozes sejam ouvidas completamente e as citações bem entendidas, Lula se compromete a participar dessa história de resistência em favor da vida.

Considerações finais

No âmbito dos estudos da linguagem, em geral, e dos estudos discursivos, em específico, a teoria dialógica da linguagem marca um lugar epistemológico importante na sua perspectiva singular de analisar os discursos produzidos por sujeitos sociohistoricamente situados, levando em consideração sua relação com o social, o histórico, o político, o ético e o cultural.

Com o objetivo de apresentar os principais princípios teórico-metodológicos da chamada análise dialógica do discurso, o presente texto

buscou articular tais princípios a um gesto analítico e de interpretação de um enunciado. Nessa empreitada, escolhemos o pronunciamento presidencial de Luís Inácio Lula da Silva, proferido da Cúpula do Grupo dos 20 (G20) em 9 de setembro de 2023.

Seguindo, pois, uma metodologia de análise dialógica, observamos a imprescindibilidade de se levar em consideração o contexto social em que o discurso é produzido, o endereçamento que justificativa a construção de seus sentidos, bem como os discursos outros que constroem e sustentam aquele projeto de dizer. Do seu lugar de autoria, refletindo e refratando valores que permeiam a visão de mundo do presidente de uma nação, Lula faz de seu discurso um evento ético, político, social e interacional, ao convocar, no fio dialógico-discursivo do seu dizer, discursos alheios que dão forma e conteúdo, além de valorar seu posicionamento em defesa de uma coletividade que engloba o homem, o meio ambiente, a vida social.

Referências

- Bakhtin, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [1919] 2011a. p. XXXIII-XXXIV.
- Bakhtin, Mikhail. Apontamentos de 1970-1971. In: Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [1970-1971] 2011b. p. 367-392.
- Bakhtin, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, [1920-1924] 2010a.
- Bakhtin, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: Bakhtin, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, [1924] 2010b. p. 13-70.
- Bakhtin, Mikhail. *Teoria do romance I: a Estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, [1934-1935] 2015.
- Bakhtin, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, [1952-1953] 2016.
- Bakhtin, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: Bakhtin, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, [1979] 2017. p. 57-79.
- Bakhtin, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1963] 2018.
- Bakhtine, Mikhaïl. *Problèmes de la poétique de Dostoievski*. Lausanne : L'Age d'homme, [1963]1970.
- Brait, Beth. Análise e teoria do discurso. In: Brait, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

Brait, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, R. de O. (Org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola, 2016. p. 13-30.

Buss, Paulo Marchiori. Agendas da Saúde Global e Diplomacia da Saúde se intensificam em todas as frentes. Disponível em <https://cee.fiocruz.br/?q=agenda-da-saude-global-e-diplomacia-da-saude-se-intensificam-em-todas-as-frentes>. Acesso 26 nov. 2023.

Cunha, Dóris de Arruda Carneiro da. O discurso de outrem nos estudos da linguagem pós bakhtinianos. In: *Conferência Internacional sobre Bakhtin*, 11, 2003, Curitiba. Anais. Curitiba: [s.n.], 2004. p. 239-243.

Faraco, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Lula da Silva, Luiz Inácio. Discurso do Presidente na Sessão I “Um Planeta Terra” durante a 18ª Cúpula do G20, em Nova Delhi, na Índia, em 9 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-a-abertura-da-cupula-do-g20>. Acesso em: 26 nov. 2023.

Medviédev, Pável. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, [1928] 2012.

Todorov, Tzvetan. *Mikhäil Bakhtine: le principe dialogique suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris : Édition du Seuil, 1981.

Volóchinov, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

Volóchinov, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1926] 2019.

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a abertura da Cúpula do G20

Discurso lido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante a Cúpula do G20, na Sessão I: “Um planeta Terra”. Evento realizado em Nova Delhi, na Índia, em 9 de setembro de 2023

Publicado em 09/09/2023 02h41

Quando olhou através da escotilha de sua nave, e viu pela primeira vez nosso planeta em toda a sua plenitude, o cosmonauta Yuri Gagarin não conteve o encantamento, e disse: “A Terra é azul”.

Sete décadas depois, as fotografias enviadas pela Chandrayaan-3 que a Índia pousou recentemente no polo sul da Lua não deixam dúvidas: vista do alto, a Terra continua azul e linda.

No entanto, o descompromisso com o meio ambiente nos leva a uma emergência climática sem precedentes.

O aquecimento global modifica o regime de chuvas e eleva o nível dos mares.

As secas, enchentes, tempestades e queimadas se tornam mais frequentes e minam a segurança alimentar e energética.

Agora mesmo no Brasil, o estado do Rio Grande do Sul foi atingido por um ciclone que deixou milhares de desabrigados e dezenas de vítimas fatais.

Se não agirmos com sentido de urgência, esses impactos serão irreversíveis.

Os efeitos da mudança do clima não são sentidos por todos da mesma forma.

São os mais pobres, mulheres, indígenas, idosos, crianças, jovens e migrantes, os mais impactados.

Quem mais contribuiu historicamente para o aquecimento global deve arcar com os maiores custos de combatê-la.

Esta é uma dívida acumulada ao longo de dois séculos.

Desde a COP de Copenhague, os países ricos deveriam prover 100 bilhões de dólares por ano em financiamento climático novo e adicional aos países em desenvolvimento.

Essa promessa nunca foi cumprida.

De nada adiantará o mundo rico chegar às COPs do futuro vangloriando-se das suas reduções nas emissões de carbono se as responsabilidades continuarem sendo transferidas para o Sul Global.

Recursos não faltam. Ano passado, o mundo gastou 2,24 trilhões de dólares em armas.

Essa montanha de dinheiro poderia estar sendo canalizada para o desenvolvimento sustentável e a ação climática.

No Brasil, estamos fazendo nossa parte.

A proteção da floresta e o desenvolvimento sustentável da Amazônia estão entre as prioridades do meu governo.

Nos primeiros 8 meses deste ano reduzimos o desmatamento em 48% em relação ao mesmo período do ano passado.

Sediamos, há um mês, a Cúpula da Amazônia e lançamos nova agenda de colaboração entre os países que fazem parte daquele bioma.

Também aprofundamos o diálogo com outros países detentores de florestas tropicais da África e da Ásia, para articular posições comuns entre as bacias Amazônica, do Congo e do Bornéu-Mekong.

Não basta olhar as fotos de satélite. Debaixo de cada árvore, há uma mulher, um homem e uma criança.

As energias renováveis, os biocombustíveis, a socio-bio-economia, a indústria verde e a agricultura de baixo carbono devem gerar empregos e renda, inclusive para as comunidades locais e tradicionais.

O G20 deve impulsionar esse esforço, respeitando o conceito de responsabilidades comuns, porém diferenciadas e valorizando todas as três convenções da Rio 92: de clima, biodiversidade e desertificação.

A melhor forma de sermos ambiciosos é garantir o sucesso do Exercício de Avaliação Global do Acordo de Paris, na COP28, e da negociação de novas metas quantitativas.

Para complementar esse esforço, lançaremos, em nossa presidência do G20, uma Força Tarefa para Mobilização Global contra a Mudança do Clima.

Queremos chegar na COP 30, em 2025, com uma agenda climática equilibrada entre mitigação, adaptação, perdas e danos e financiamento, assegurando a sustentabilidade do planeta e a dignidade das pessoas.

Esperamos contar com o engajamento de todos. Para que a beleza da Terra não seja apenas uma fotografia vista do espaço.

Muito obrigado.

Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-a-abertura-da-cupula-do-g20> Acesso em: 26 nov. 2023.

Desvirtude discursiva no discurso religioso evangélico: análise dialógica da argumentação e ética

Discursive disvirtue in evangelical religious discourse: dialogical analysis of argumentation and ethics

Lucas Nascimento

Universidade Estadual de Feira de Santana,
Brasil

1 Introdução

Existem certos enunciados que extrapolam os limites daquilo que é aceitável moralmente se dizer no espaço público. Nos últimos anos, vários enunciados de sujeitos religiosos cristãos têm cumprido esse papel quando o assunto é a população LGBTI+.

Muitas são as polêmicas entre cristãos e a comunidade LGBTI+. Podemos citar algumas delas: casamento homoafetivo, adoção de crianças por homossexuais, criminalização da homofobia, reorientação sexual, conhecida como “cura gay”, teorias de gênero, dentre outras. Nessas polêmicas, por vezes, as palavras, os argumentos e a maneira como são mobilizados acabam ferindo e contribuindo para a estigmatização dessa comunidade.

No contexto da polêmica da “cura gay” em 2013, o deputado federal e pastor Marco Feliciano deu uma entrevista à revista *Veja* e disse: “união

homossexual não é normal. O reto não foi feito para ser penetrado”¹. Essa entrevista provocou um conjunto de reações e de comentários nas redes sociais e nas mídias, o que Marie-Anne Paveau (2015) chama de “acontecimento discursivo moral”.

Se tenho defendido que o ato de polemizar é ético (Nascimento, 2018, 2019), todavia tenho compreendido que nem todo ato polêmico é ético (Nascimento, 2023^a, 2023b)². Então para discutir melhor essa perspectiva, pretendo mostrar o caminho que tenho desenvolvido para aproximar a perspectiva teórico-metodológica da análise dialógica da argumentação (Nascimento, 2018) – a qual tem por fundamento um encontro entre a filosofia do ato de Bakhtin e seu dialogismo com a nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) – e os trabalhos sobre ética das virtudes discursivas de Paveau (2015). Ao proceder essa discussão, analiso os argumentos do deputado e pastor Marco Feliciano, com vistas a compreender como seu enunciado ultrapassa os limites éticos da polêmica, tornando-se um discursivo desvirtuoso.

2 Da filosofia do ato à análise dialógica da argumentação

Promovi um encontro epistemológico entre a perspectiva da filosofia do ato responsável, fundamento do dialogismo de Bakhtin ([1986] 2010, 2011, 2013), e a nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a fim de compreender as condições de possibilidades discursivas e argumentativas da polêmica entre LGBTI+ e cristãos em torno do projeto de lei anti-homofobia (PLC122/2006). Desse encontro, propus a definição da polêmica como um desacordo profundo motivado pelo que tenho chamado de antipatia pelos valores do outro.

Nessa proposta de análise dialógica da argumentação, dá-se destaque não apenas ao acordo, mas especialmente ao desacordo profundo, ou seja, à polêmica. Assim, investigamos como os sentidos emergem à consciência dos

¹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-uniao-homossexual-nao-e-normal-diz-candidato-a-presidencia-da-comissao-de-direitos-humanos-da-camara/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

² Pesquisa realizada no período de pós-doutorado na Universidade de São Paulo pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, sob a supervisão da Professora Dr^a. Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro entre os anos de 2021 a 2023.

sujeitos argumentantes. Nessa perspectiva, o problema do sentido se centra não apenas no consenso, mas também no dissenso entre os sujeitos.

A compreensão desse empreendimento envolve uma noção fundamental: o conceito de ato. Essa ideia surge da discussão ética do pensamento realizada por Bakhtin ([1986] 2010) em sua obra filosófica de juventude, *Para uma filosofia do ato responsável*. Na obra, o filósofo russo se dedica a resolver a separação entre o mundo da vida e o mundo teórico (e estético), buscando uma ética para o pensamento. Ele identifica a unidade entre esses dois mundos no *postupok* (ato/feito-façonha), caracterizando o sujeito como ser único, responsivo e responsável. Dessa forma, Bakhtin explora a busca fenomenológica da unidade entre o intelectível e o sensível, o universal e o particular e o conteúdo-sentido e o sentido concreto.

A unidade do ato, de acordo com Bakhtin ([1986] 2010), se estabelece através de uma relação dialética entre o sensível (o mundo dado) e o intelectível (o mundo postulado). Esses dois aspectos não podem ser tomados separadamente como um todo, uma vez que são momentos distintos do ato. Influenciada pelos postulados de Husserl, a abordagem utilizada para lidar com o ato é a descrição fenomenológica, com ela, se busca um retorno às coisas mesmas, ao *Lebenswelt*, ao mundo da vida. Bakhtin, no entanto, prefere ir além da fenomenologia, focando no aspecto concreto, contextual e situacional da descrição do ato, levando em consideração um sujeito situado no aqui e agora.

O sujeito dialógico é constituído intersubjetivamente, sempre em relação ao outro, de modo que seus atos também são moldados por essa relação, o que fundamenta as relações dialógicas. Posteriormente, essa fundamentação é mais elaborada nas obras de Bakhtin (2011; 2013) e de seu Círculo, cujos atos concretos são chamados de enunciados, os quais sempre respondem a outros enunciados.

O sentido, por sua vez, é atualizado por meio da apreciação valorativa do sujeito, cujo ativismo no mundo dos valores (mundo axiológico) é essencial. Esse sujeito se constitui na intersubjetividade e é sempre responsivo ao outro, no qual busca complemento. Em Bakhtin, como mostra Campos (2012, p. 253) há uma:

arquitetônica valorativa do viver no mundo não com uma fundamentação analítica frente, mas com um centro verdadeiramente concreto, espacial e temporal, do qual surgem valores, afirmações,

ações reais, e onde os membros são pessoas reais, vinculadas entre si por meio de relações de um acontecimento concreto. Aqui é conceito de ética bakhtiniano (CAMPOS, 2012, p. 253).

Assim, a relação do sujeito com o outro é o motor responsável por atualizar seus enunciados ou argumentos no tempo e no espaço (*cronotopo*), por meio de um gênero discursivo que remete a uma esfera específica de atividade e/ou de campo discursivo.

2.1 Do dialogismo à nova retórica

Fundamentado na filosofia do ato Responsável, aproximei o dialogismo de Bakhtin da nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), destacando a relação argumentativa como profundamente dialógica. Essa abordagem considera o sujeito argumentante como aquele que responde ao outro, atualizando seus enunciados ou argumentos no espaço e no tempo.

Em relação à atualização de sentido, Bakhtin ([1986] 2010, 2011) e Perelman e Olbrechts-Tyteca estão em certa sintonia. Estes últimos afirmam que “as mesmas palavras produzem um efeito completamente diferente, conforme quem as pronuncia” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 363). Isso acontece porque cada sujeito valoriza suas afirmações de maneira específica, levando em conta o grupo que contribui para o sentido do enunciado. Esse aspecto é relevante para compreender a argumentação, pois a interpretação e o julgamento do ato ocorrem em função do agente, fornecendo o contexto que possibilita uma melhor compreensão. A pessoa é, portanto, o contexto mais valioso para a apreciação do sentido e do alcance de uma afirmação.

Na comunicação discursiva, a verdadeira unidade não é a oração, mas sim o enunciado, o qual representa a unidade da comunicação discursiva. Nessa perspectiva, a linguagem é argumentativamente orientada, e quem toma a palavra no ato comunicativo é sempre um respondente, pois cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.

Desse modo, apresentei uma metodologia de análise que engloba o evento polêmico, o ato polêmico e o microato polêmico. Além disso, propus uma definição de polêmica, que surgiu a partir do diálogo entre o dialogismo polêmico de Bakhtin (2013) e a filosofia de Max Scheler (1942, 2001, 2008).

Essa definição considera a polêmica como um desacordo profundo de valores em um determinado espaço, motivado pela antipatia em relação aos valores do outro, manifestando-se de forma argumentativa. Em outras palavras, a polêmica é um conflito profundo de valores entre dois ou mais sujeitos em relação a uma questão importante para uma determinada comunidade.

O evento polêmico é caracterizado pelo encontro de posicionamentos polêmicos que formam dois campos discursivos antagônicos, responsáveis por atualizar entidades de outras polêmicas. No caso da polêmica entre LGBTQI+ e religiosos em torno do Projeto de Lei (PL) n. 122/2006, temos o campo afetivossexual reformista e o campo cristão tradicionalista.

Nessa disputa, cada lado expõe seus valores e antivalores por meio de diferentes argumentos. O campo afetivossexual reformista defende o PL 122, utilizando a retórica da igualdade e da liberdade de expressão sexual, enquanto o campo religioso tradicionalista se opõe ao PL, valendo-se da retórica da igualdade e da liberdade de expressão religiosa, propondo um outro PL contra a intolerância que abranja a proteção de todos contra a discriminação.

Esses eventos polêmicos geram atos polêmicos, que incluem acordos, argumentos, estratégias argumentativas e posicionamentos mobilizados no processo argumentativo, imantados pelo evento polêmico. No caso do microato polêmico, incluem também palavras ou expressões cujo sentido é disputado. A análise desses atos permite observar como a polarização, a dicotomização e a desqualificação do outro se manifestam, bem como a forma e o conteúdo dos argumentos mobilizados.

O ato de polemizar é ético (Nascimento, 2018), mas alguns atos polêmicos ultrapassam os limites éticos do que é conveniente se dizer em certo momento e lugar (Nascimento, 2023a; 2023b). Em uma análise da polêmica não é possível uma apreciação ética/moral teoricamente justificada, apesar de ser possível que o pesquisador/analista deixe sua posição explícita devido à perspectiva dialógica. Nesse sentido é que tenho aprofundado a análise da argumentação polêmica em sua dimensão moral, identificando em que sentido uma determinada argumentação ultrapassa seus limites éticos, mesmo em uma situação polêmica.

Há quem tangencie a questão ética no que se refere à polêmica. Por exemplo, a questão da violência verbal na polêmica é tratada por Amossy (2014; 2017), que a coloca sob a responsabilidade das regras de cortesia e da

deontologia da discussão racional. A autora explora como essa atitude verbal participa da polêmica, considerando a violência como funcional, ou seja, fazendo parte do campo da argumentação. Amossy demonstra que a violência verbal ocorre de maneira diferente e segue regras distintas, dependendo do contexto em que acontece. Ela ressalta que a verdadeira ilegitimidade ética consiste na transformação da violência funcional, que é uma questão discursiva, em violência real.

Tenho defendido que a problemática dos limites éticos da argumentação polêmica pode ser melhor compreendida não necessariamente através de uma visão consequencialista, como sugere Amossy (2014; 2017), ou de uma visão deontológica, como a ética da discussão de Habermas (2004). Pode-se, ao invés disso, recorrer a uma ética dos valores, ou ética das virtudes, estabelecendo um diálogo entre Bakhtin ([1986] 2010, 2011, 2013) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Perelman (1986, 1993, 2000, 2004, 2011), autores que abordam as questões discursivas dentro de uma perspectiva axiológica, centrada nos valores.

Dessa perspectiva, a contribuição do filósofo Max Scheler (1942; 2001) se torna relevante, especialmente em seu personalismo ético, uma figura comum tanto para Bakhtin quanto para Perelman. Scheler enfatiza que o ser humano reage aos valores, preferindo e adiando-os, amando-os e odiando-os. Esses valores se materializam em bens ou objetos, e cada consciência os apreende de forma singular, percebendo-os como entidades reais, não apenas como entidades psíquicas.

Assim, é possível resgatar uma tradição aristotélica não somente em relação à questão retórico-argumentativa, mas também em relação às virtudes como disposições de caráter, conforme proposto em "Ética a Nicômaco" (Aristóteles, [1094] 1973). Essa abordagem remonta a uma tradição que foi revitalizada pela epistemologia das virtudes, devidamente discutida por Marie-Anne Paveau (2015) em *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*, na qual se buscou uma investigação da dimensão ética/moral da linguagem através de uma perspectiva axiológica.

3 Da ética das virtudes discursivas à polêmica

Marie-Anne Paveau (2015) propõe uma análise do discurso moral, essa busca questionar a dimensão moral da linguagem. A pesquisadora

francesa destaca a presença dessa dimensão nos fenômenos linguísticos cotidianos, mas aponta que, até então, os estudiosos da linguagem não haviam tratado o assunto de forma adequada.

Para se realizar um questionamento ético à linguagem, é necessário considerar um conjunto de fenômenos. Paveau (2015, p. 129) elenca alguns, como fenômenos moral, psicológico, filosófico, social, cognitivo, jurídico, linguístico. Ela argumenta que “isso exige (pelo menos) uma filosofia (moral, metamoral, cognitiva, do espírito), uma psicologia e uma linguística ou mesmo uma cognição social”.

Essa dimensão ética do discurso é proposta por Paveau (2015) através de uma abordagem que se inspira na tradição aristotélica e na noção de “virtude”, conforme proposta por Aristóteles em *Ética a Nicômaco*. Nessa perspectiva clássica, “a virtude diz respeito às paixões e ações em que o excesso é uma forma de erro, assim como a carência, ao passo que o meio-termo é uma forma de acerto digna de louvor; e acertar e ser louvada são características da virtude” (Aristóteles, [1094] 1973, Livro II, 6).

Ao dialogar com a tradição aristotélica, Paveau (2015, p. 216) propõe então a noção de “virtude discursiva”. Essa é “uma disposição do agente a produzir discursos ajustados aos valores vigentes em seu ambiente, ou seja, ajustados aos outros agentes, ao conjunto dos discursos produzidos à realidade”. Quando um discurso não está em conformidade com tais valores, pode desencadear um “acontecimento discursivo moral”, que consiste em reações e comentários repletos de julgamentos morais em relação à fala em questão, como já disse na introdução.

O elemento ético não é encontrado no linguístico em si, ele está na maneira que o sujeito produz certo enunciado em determinado ambiente. Nessa perspectiva, a cognição interna e a externa estão interligadas, de maneira que “a produção dos enunciados se realiza tanto ‘na cabeça’ quanto nos ambientes exteriores humanos e não humanos” (Paveau, 2015, p. 191).

O contexto, nesse sentido, não é apenas um simples “pano de fundo”, mas, sim, um “ambiente cognitivo”. Esse atua em conjunto com diversos elementos na produção verbal, os quais passam a ser coconstrutores dos enunciados. Quais são esses elementos? Em primeiro plano, estão os agentes humanos envolvidos na linguagem. Em segundo plano, os agentes não humanos, os quais podem incluir tecnologias linguísticas, como gramáticas, dicionários e listas, além de tecnologias discursivas, que englobam métodos de produção, de difusão, de transmissão e de modificação de discursos.

Também são considerados os pré-discursos internos e externos, bem como o conjunto de dados sociais, históricos, culturais, institucionais e morais (Paveau, 2015).

Dessa forma, o contexto, agora concebido como ambiente, passa a interagir de forma essencial com as ciências cognitivas, colaborando ativamente na construção dos significados possíveis do discurso. Tenho defendido que essa abordagem pode ser associada a uma perspectiva dialógica, pois o sujeito dialógico compreende o mundo considerando elementos que transcendem o verbal e abrangem a totalidade da vida. Nesse sentido, influenciado pelas reflexões teóricas de Bakhtin (2011) sobre literatura, o mundo se apresenta ao sujeito, especialmente, como um ambiente que engloba todo o mundo material.

A abordagem de Paveau segue uma perspectiva semelhante à da axiologia dialógica, pois prioriza mais os valores do que as normas. Dessa forma, a ética das virtudes discursivas não se alinha com a deontologia (ética baseada em normas, como a defendida por Habermas), mas se aproxima da ética dos valores ou da epistemologia das virtudes, cuja proeminente representante é a filósofa Gertrude E. M. Anscombe (2006), com seu artigo "Modern Moral Philosophy", de 1958.

Chama atenção que em Paveau (2015), não encontramos uma lista de virtudes, como as tradicionais virtudes cardinais e teologais da tradição cristã. Isso acontece porque a manifestação da virtude está nas disposições dos agentes para produzir discursos coconstruídos e adequados ao mundo e ao ambiente. Dessa perspectiva, é possível conceber uma ética discursiva que valorize a plasticidade axiológica, ou seja, um enunciado que pode ser desajustado em um determinado contexto, mas que, em outro contexto, pode ser reavaliado e se tornar adequado, dependendo das disposições dos agentes, do mundo e do ambiente. Além disso, é viável promover o diálogo com os efeitos de sentido implicados no ato de polemizar.

Essa perspectiva interdisciplinar entre linguística simétrica, teorias do discurso, psicologia (cognição distribuída) e filosofia moral (epistemologia das virtudes e ética aristotélica) proposta por Paveau (2015) contribui de maneira significativa para o desenvolvimento de uma “ética das virtudes discursivas”. Nesse ímpeto, ao analisar discursos polêmicos, nos quais há enunciados que frequentemente atacam e demonizam o outro, surge a indagação: quais os limites éticos dos atos polêmicos? Como compreendê-los?.

3.1 Ato polêmico e ética

Tenho defendido que a polêmica é inerente à natureza dialógica da linguagem (Nascimento, 2018, 2019) e, como argumenta Amossy (2014), ela desempenha um papel importante na gestão do dissenso, sendo considerada uma modalidade argumentativa crucial para a democracia. Portanto, o estudo da polêmica, sob uma perspectiva discursiva e argumentativa, torna-se relevante não apenas para compreender a construção dos sentidos (Maingueneau, 2008), mas também para entender como ocorre a formação das diferenças e das identidades entre os sujeitos e seus grupos no espaço público.

Contudo, no campo da argumentação, a polêmica é normalmente tratada de forma periférica, sendo frequentemente reduzida a um tipo de debate repleto de paralogismos, vista como um erro argumentativo, motivado pelas paixões indignas e associado apenas às artes, como a Erística e a Sofística (Aristóteles, 2004; Angenot, 2008). Esse olhar é influenciado pelo privilégio que o consenso como ideal possui em relação às questões argumentativas. Essa preferência pelo consenso pode ser observada desde a retórica de Aristóteles (2007) até a nova retórica de Chaïm Perelman, conforme abordado por Plantin (2003) e Amossy (2014). Sendo assim, a visão positiva da polêmica é recente e ainda minoritária no âmbito dos estudos da argumentação.

É essencial não ignorar que o dissenso faz parte da natureza dialógica e argumentativa das relações humanas. Em tempos de crise democrática, é fundamental compreender a importância dessas problemáticas sociocomunicativas. Nesse contexto, em consonância com Angenot (2015, p. 129), a retórica deve se tornar uma ciência dos desacordos persistentes e dos mal-entendidos resultantes do intercâmbio das “boas razões”, observando o mundo como funciona concretamente, buscando compreendê-lo.

Na perspectiva do dialogismo polêmico, defendo que o ato de polemizar é uma atitude ética, assim como os atos do sujeito dialógico, que é situado no tempo e no espaço, único, responsivo e responsável (Nascimento, 2018; 2019). Esse posicionamento se fundamenta em uma postura de defesa dos valores que o sujeito aprecia e, portanto, prefere, enquanto repudia os valores que ameaçam os seus.

Entretanto, a questão que se coloca é: se polemizar é uma atitude ética, isso implica que todo ato polêmico é ético? Caso não seja, quais são os limites éticos dos atos polêmicos? Ao utilizar o termo “ética” como sinônimo de moral, como Paveau e Bakhtin o fazem, essa indagação se torna relevante. O estudo da linguagem já não pode ignorar a interrogação ética, conforme demonstrado por Marie-Anne Paveau (2015) em *Linguagem e moral*, e o estudo da polêmica deve fazer o mesmo, especialmente se fundamentando em uma perspectiva teórico-filosófica que se dedica a questionamentos éticos, como é o caso da perspectiva bakhtiniana, sobretudo, considerando as discussões de Bakhtin ([1986] 2010) em *Para uma filosofia do ato responsável*.

Dessa forma, a dimensão ética pode ser abordada a partir dos próprios princípios filosóficos, teóricos e metodológicos da Análise Dialógica da Argumentação. Essa abordagem se baseia em uma filosofia moral e axiológica fundamentada em Bakhtin, em diálogo com a lógica do razoável de Perelman (1986, 1993, 2000, 2004, 2011) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e suas tradições filosóficas. É importante ressaltar a complexidade de traçar o caminho teórico para relacionar discurso e ética, e há ainda muito a ser desenvolvido nesse sentido. No entanto, Paveau oferece um sólido suporte para desenvolver uma perspectiva como a que temos desenvolvido.

Paveau (2015, p. 229) coloca em questão a problemática ética na análise do discurso. Ela afirma: “Nenhuma das diversas tradições da análise do discurso incorpora a dimensão moral na análise das palavras em discurso, quer se trate do dialogismo bakhtiniano, apesar de amplamente baseado na ideia de subjetividade, quer da chamada corrente ‘francesa’”.

Embora se reconheça que na teoria e na análise dialógica do discurso há possibilidade de tomada de posição ética nas pesquisas, como mostra Amorim (2004), não é comum estudos sobre a natureza moral dos enunciados. Bakhtin um dos primeiros a lançar as bases de uma filosofia dialógica do discurso, colocando em foco a questão ética. Ele enfatiza que o sujeito dialógico é inerentemente ético, afirmando que “uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral” (Bakhtin, [1986] 2010, p. 117). Assim, como dissemos, o ato ético é compreendido como aquele realizado por um sujeito responsivo, responsável e situado.

Assim, ao refletirmos sobre a argumentação polêmica, defendendo que não podemos nos limitar à “apologia da polêmica”, como é feito por Amossy

(2014), mas é imprescindível avançarmos no debate para construir uma abordagem analítica que abranja os aspectos éticos dos atos polêmicos. Afinal, as inúmeras polêmicas que eclodem repetidamente no espaço público, ao mesmo tempo que trazem à tona temáticas importantes, convidando a todos a tomarem posição, também revelam formas agressivas de argumentação, que acentuam ainda mais as divisões, dificultando a busca por consensos e, lamentavelmente, humilhando indivíduos e grupos vulneráveis. Assim, é fundamental considerar não somente o impacto social, mas também a dimensão moral dos conflitos de valores para conceber uma ética adequada à argumentação polêmica.

Ao promovermos a interface entre argumentação e ética, numa perspectiva ancorada na tradição aristotélica, é possível buscarmos uma sabedoria prática, a exemplo das virtudes, e aplicá-la ao discurso. A tarefa não tem sido simples, mas diante de tantas falas indecentes, como a do pastor e deputado Marco Feliciano, de tanta violência verbal e demonizações nas redes sociais, faz-se urgente avançarmos nesses estudos.

4 Análise da desvirtude sobre a homossexualidade

No âmbito da polêmica da “cura gay”, dois dias antes de ser eleito presidente da Comissão Parlamentar de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados, em 5 de março de 2013, foi publicada a entrevista do deputado e pastor Marco Feliciano à conhecida seção “páginas amarelas” da revista *Veja*. Na entrevista, ao ser questionado pela jornalista Laryssa Borges se ele falava em ter medo da causa gay, Feliciano responde: “união homossexual não é normal. O reto não foi feito para ser penetrado. Não haveria condição de dar sequência à nossa raça”³.

As reações à declaração de Feliciano se deram tanto de dentro da comunidade LGBTI+ quanto por diversas outras pessoas no espaço público. E elas, em junho daquele ano, se juntaram às reações que ocorreram contra o desarquivamento feito sob a presidência do deputado ao CDHM o Projeto de Decreto Legislativo 234/11, proposto em 2011 pelo Deputado João Campos (PSDB-GO), o qual objetivava suspender os artigos 3º e 4º da resolução 01/

³ A entrevista também está disponível no site da *Veja*, em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-uniao-homossexual-nao-e-normal-diz-candidato-a-presidencia-da-comissao-de-direitos-humanos-da-camara/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

do Conselho Federal de Psicologia, que proíbe o tratamento de reorientação da homossexualidade⁴.

Essas reações chegaram às ruas aos famosos protestos de junho de 2013. Como lembra Trevisam (2018, p. 497), em relação ao enunciado em análise, “a comunidade LGBT lhe deu o troco em cartazes que diziam ‘Feliciano, meu cu é laico’ - como eu próprio vi numa concorrida manifestação na praça Roosevelt, em São Paulo”.

Marco Feliciano é pastor pentecostal, tornou-se famoso entre os fiéis desse ramo evangélico por suas pregações carismáticas e por falas polêmicas, sobretudo contra LGBTI+ e contra o aborto. Foi eleito deputado pela primeira vez pelo Partido Social Cristão de São Paulo em 2010, passando pelo Podemos (PODE) e, desde 2021, está filiado ao Partido Liberal (PL).

O gênero discursivo entrevista jornalística é propício ao compartilhamento de fortes posicionamentos pelo entrevistado, o qual mescla, por vezes, uma linguagem formal com uma informal, dependendo do estilo do sujeito. Esse gênero tem uma função social bastante importante, porque possibilita o debate social a partir do que ali é compartilhado. No caso das entrevistas das “páginas amarelas” da revista *Veja*⁵, semanalmente, uma figura importante é convidada a emitir opinião sobre diferentes assuntos (sociais, ideológicos, políticos, científicos, artísticos, entre outros).

Essa revista, posicionada ideologicamente à direita, tem, por assim dizer, grande influência na formação da opinião pública, portanto, quem ali enuncia é capaz de orientar as formas de ver e de agir no espaço público. Como espaço público, considero um lugar de interação discursiva, no qual podemos analisar a produção, a circulação e a recepção de discursos, espaço onde os sujeitos procuram participar, de alguma maneira, da vida pública da sociedade (Nascimento, 2018).

Na seção de entrevista das “páginas amarelas” da *Veja*, há certa interação dialogal entre entrevistador e entrevistado, o que dá certa fluidez ao diálogo. As entrevistas “acontecem oralmente e, ao serem transcritas e editadas, elas perdem muitas marcas de oralidade, mas mantêm a formação

⁴ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/408511-deputado-apresenta-novo-projeto-sobre-tratamento-de-gays/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

⁵ A revista *Veja* tem publicação semanal no Brasil, distribuída pela Editora Abril, com edições lançadas às quartas-feiras. Fundada em 1968 pelo jornalista Roberto Civita, a revista aborda uma diversidade de temas de alcance nacional e global.

interacional entrevistador/entrevistado, própria do gênero, e, no caso em questão, entre ambos e o público-alvo da revista” (Borges, 2016, p. 67).

Nessa mesma entrevista, o deputado Feliciano afirma que os LGBTI+ “se escondem atrás de um rótulo de minoria, não para buscar direitos, mas privilégios”. Ao responder outra pergunta, ele diz: “Não tenho problemas em discutir assuntos ligados à homossexualidade. Eles é que não dão direito ao contraditório. Não os xingo de nenhuma palavra. As palavras obscurantista, fundamentalista e desgraçado foram usadas por eles contra mim”⁶. Antes da afirmação indecente aqui analisada, a entrevistadora pergunta: “O senhor não acha que os homossexuais sofrem perseguição?”. Ele responde: “Quando homossexuais são feridos, mortos ou quando sofrem qualquer tipo de preconceito, aí é uma questão de direitos humanos”. Em seguida, a pergunta é: “Mas o senhor fala em medo da causa gay?”. Ele então responde o enunciado que é objeto de análise aqui.

O posicionamento de Marco Feliciano se dá dentro do evento polêmico da cura gay. Em 2011, surgiu essa polêmica que a mídia brasileira logo chamou de “cura gay”. A questão dada era a possibilidade ou não de se permitir a psicólogos tentarem a “reorientação” sexual de homossexuais. O ápice da polêmica, no entanto, se deu em 2013, quando o Projeto foi desarquivado por Feliciano na CDHM.

De um lado, estavam os tradicionalistas, especialmente os religiosos, temerosos com o avanço das pautas e dos direitos LGBTI+. Esse grupo representado por Feliciano, membro da Bancada Evangélica, atualiza um campo discursiva antiLGBTI+, no qual seus enunciados produzem sentido. Nesse campo, valores religiosos e noções sobre a homossexualidade sem comprovações atualizadas da ciência sustentam o posicionamento de reversão da homossexualidade, produzindo o sentido de que a homossexualidade é uma anormalidade ou mesmo doença que precisa ser reconvertida ou tratada. Como mostra Novaes (2021, p. 120), “Dentre os parlamentares o fator religião é o que direciona o desejo em regulamentar a prática de reversão da homossexualidade, apoiada por um viés heteronormativo defendido por tais deputados”.

⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-uniao-homossexual-nao-e-normal-diz-candidato-a-presidencia-da-comissao-de-direitos-humanos-da-camara>. Acesso em 20 de dezembro de 2022.

O discurso da reversão homossexual é sustentado por alguns que defendem uma “psicologia cristã”. Uma dessas psicólogas é a evangélica Rozangela Justino, que ficou conhecida após ter dado entrevistas ao jornal *Folha de S. Paulo*, à revista *Veja* e ao telejornal do SBT, argumentando em favor de um discurso “psicológico” para sustentar a reversão da sexualidade. Esse discurso provocou uma série de denúncias por militantes LGBTI+ ao Conselho Federal de Psicologia (CFP), de modo que ela recebeu uma censura pública do Conselho, o que culminou em um processo legal e no risco de perder sua licença profissional. Essa situação foi usada para construção da narrativa de censura aos psicólogos cristãos no campo religiosos antiLGBTI+.

Outra psicóloga que ficou conhecida na ocasião foi a pastora Marisa Lobo, a qual é uma veemente inimiga do que chama de “ideologia de gênero”. Lobo, naquele contexto, entendia “a homossexualidade como uma construção ideológica ou cultural errônea e antimoral” (Novaes, 2021, p. 122).

Do outro lado, o posicionamento do Conselho Federal de Psicologia, juntamente com o movimento LGBTI+, produzia um discurso contrário ao projeto e à pauta de reversão sexual. Como o foco é a análise do enunciado de Feliciano, não entrarei em detalhes dos sentidos desse campo.

Em toda sociedade, “existe certo número de critérios que, em certa época, lugar e sociedade, definem para os usuários do discurso a aceitabilidade moral de um enunciado” (Paveau, 2015, p. 26). Esses critérios advêm de vários ajustes admitidos: 1) ajuste dos discursos ao mundo, traduzido pela ideia de verdade das palavras ou, poderíamos dizer, dos argumentos; 2) ajuste dos discursos às memórias discursivas e (3) ajuste dos discursos às normas de relação com os agentes, admitidas numa sociedade.

Ora, a afirmação do deputado pastor Marco Feliciano, quando expressa publicamente nas páginas de uma das principais revistas do país, de que “a união homossexual não é normal”, entra em completo desajuste com os discursos público, acadêmico e científico acerca da homossexualidade. Tal posicionamento destoa da noção de veracidade das palavras e dos argumentos.

É inegável que, no final do século XIX e início do XX, a homossexualidade tenha sido considerada um desvio da norma heterossexual. Em 1952, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos

Mentais (DSM) a classificou como uma desordem. No entanto, há décadas que tais pesquisas se mostraram desprovidas de fundamentos e absurdas, resultando em uma compreensão diametralmente oposta na atualidade. A Associação Americana de Psiquiatria, em 1973, retirou a homossexualidade da lista de transtornos mentais do DSM-II. Em 1975, a Associação Americana de Psicologia também excluiu a homossexualidade da lista de transtornos psicológicos, e, desde 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) deixou de considerá-la como doença mental, orientação seguida pelo CFP e pelo Conselho Federal de Medicina. Contudo, o discurso evangélico tradicional ainda se reflete na fala de Feliciano, ao colocar a homossexualidade como algo anormal.

Quando Feliciano diz que “o reto não foi feito para ser penetrado. Não haveria condição de dar sequência à nossa raça”, ele está reduzindo a relação entre pessoas do mesmo sexo à reprodução, o que é um desajuste com a verdade das relações homoafetivas. Ademais, embora seu argumento se revista de suposta perspectiva biológica e antropológica, o que motiva sua visão sobre a homossexualidade é a interpretação de passagens da bíblia em que relações entre pessoas do mesmo sexo naquele contexto é condenada. Especialmente, remete-se ao texto de Paulo aos romanos (Romanos, 1. 26, 27).

Atualmente, há toda uma conjuntura social e histórica que cria uma memória discursiva a respeito de tudo o que foi dito sobre a homossexualidade, fazendo com que seja inapropriado, ao menos publicamente, o discurso da homossexualidade como anormalidade ou anomalia. Assim, o segundo desajuste confirma o porquê de o enunciado de Feliciano ser desvirtuoso.

Quando um sujeito público, representante da democracia e representante de uma entidade religiosa, se utiliza deliberadamente de argumentos que desprezam e humilham a condição do outro, institui-se aí uma relação de estigmatização e de rejeição aos homossexuais. Essa relação com os LGBTI+, já não é mais admitida publicamente em nossa sociedade. Nesse sentido, o enunciado de Feliciano fere o terceiro critério de ajuste, ajuste aos discursos e às normas entre os sujeitos que são admitidas na sociedade.

Conclusão

75

●●●●●●●●●●
Nascimento

Em uma democracia, todo cidadão tem por direito polemizar, pois esse ato está ligado à liberdade de expressão e à possibilidade de argumentar sobre assuntos considerados importantes a certo grupo social, mesmo que isso entre em conflito com outros grupos, como é próprio das polêmicas. No entanto, como tenho demonstrado (Nascimento, 2023a; 2023b), nem todo ato polêmico é ético, o que significa que existem palavras e argumentos que podem ser moralmente condenáveis, como é o caso do enunciado do deputado e pastor Marco Feliciano.

O senso moral sobre o que pode ou não ser dito em determinados lugares está relacionado a um conjunto de valores, memória discursiva e normas compartilhadas pelos sujeitos que constituem aquele espaço discursivo. No espaço público, nem tudo pode ser dito sem que haja condenação moral por uma parte da sociedade. No que se refere à comunidade LGBTI+, ela vem se estabelecendo como uma heteronomia, contrapondo a hegemonia dos discursos religiosos e tradicionalistas a respeito da sexualidade. Assim, sua perspectiva sobre a sexualidade tem influenciado as formas de ver e de pensar a sexualidade no espaço público, de modo que falas que colocam a homossexualidade como anormalidade ou doença passam a ser moralmente repudiadas.

Analisar a polêmica sob a perspectiva de uma ética discursiva nos ajuda a compreender como a paisagem moral do espaço público e do discurso social vem sendo moldada. Assim, a abordagem da argumentação num diálogo entre nova retórica, *filosofia do ato* e dialogismo bakhtiniano, aliada a uma ética das virtudes discursivas, mostra-se um recurso teórico-metodológico produtivo e necessário tanto para os estudos linguísticos quanto para uma perspectiva de uma filosofia do discurso.

Referências

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro*. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. *Apologie de la polémique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.
- ANGENOT, Marc. *Dialogues de sourds: traité de rhétorique antilogique*. Paris: Mille et une nuits, 2008.

ANGENOT, Marc. *O discurso social e as retóricas da incompreensão: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir*. São Carlos: EduFSCar, 2015.

ANSCOMBE, Gertrude Elizabeth. Filosofia Moral Moderna. In: PLATTS, M. *Conceptos éticos fundamentales*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, [1958] 2006, p. 28-53.

ARISTÓTELES. *Elencos Sofísticos*. (Organon, VI). Trad. Pinharanda Gomes. São Paulo: Nova Cultura, 2004.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. Coleção os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, I, [1094] 1973.

ARISTÓTELES. *Retórica*. (Tradução: Marcelo Silvano Madeira). São Paulo: Riddel, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João editores, [1986] 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

CAMPOS, M. I. B. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 14, v. 2, pp. 247-263, 2012.

BRASIL, SENADO FEDERAL. *Projeto de Lei da Câmara Nº 122, de 2006*. Disponível: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>. Consultado em 20 de fevereiro de 2014.

HABERMAS, Jürgen. *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MOIRAND, Sophie. Responsabilité et énonciation dans la presse quotidienne : questionnements sur les observables et les catégories d'analyse. *Semen*, n. 22, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/semen/2798>. Acesso em: 26 fev. 2020.

NASCIMENTO, Lucas Silva. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 1, pp. 151-169, jan- abr/2019.

NASCIMENTO, Lucas Silva. Análise dialógica da argumentação: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. (Tese de Doutorado). Salvador: Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2018. 557f.

NASCIMENTO, Lucas Silva. Uma ética discursiva para a argumentação polêmica: evangélicos versus LGBTQIA+. Conferência. *I Jornada de Prática de Argumentação Dialógica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, 2023a.

NASCIMENTO, Lucas Silva. Quando atos polêmicos desafiam os limites da ética discursiva: os discursos religioso e LGBTQIA+ no espaço público digital. In: SEIXAS, Rodrigo.; DAMASCENO, Rubens da. *Análise do discurso digital: entre polêmica, argumentação e discursos de ódio*. No prelo, 2023b.

NOVAES, Marcos Oliveira de. “Cura gay”: psicologia, política e religião, perspectivas em torno da problemática. *Periodicus* - Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, n. 16, v. 2, pp. 113-125, set./ dez. 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad. Ivone Beneditti. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

PERELMAN, Chaïm. A filosofia do pluralismo e a Nova Retórica. Trad. Renato José de Oliveira. In: LEMGRUBER, Márcio Silveira; OLIVEIRA, Renato José de (Org.). *Teoria da argumentação e educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011, pp. 13-22.

PERELMAN, Chaïm. *Lógica jurídica: nova retórica*. Trad. Verginia K. Pupi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. 2a. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, Chaïm. Logique formelle et logique informelle. In: MEYER, Michel. *De la métaphysique à la rhétorique, essais à la mémoire de Chaïm Perelman avec un inédit sur la logique*. Bruxelles : Editions de l’Université de Bruxelles, 1986, p. 15-21.

PERELMAN, Chaïm. *O Império Retórico*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira.

Porto: Edições Asa, 1993.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. Des polémistes aux polémiqueurs. In: GILLES, D.; MURAT, M; DANGEL, J. *La parole polémique*. Paris: Éditions Champion, 2003, pp. 347-408.

SCHELER, M. *Esencia y forma de la simpatia*. Traducción José Gaos. Buenos Aires: Editorial Losada, 1942.

SCHELER, M. *Ética: nuevo ensaio de fundamentación de un personalismo ético*. Tradución de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, 2001.

SCHELER, Max. *Ordo amoris*. Tradução Xavier Zubiri. Madrid: Caparros Editores, 2008.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed, rev. atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Tornar-se pesquisador sob o olhar da perspectiva sociológica da linguagem: dos diálogos formativos à construção dos saberes

Becoming a researcher from a sociological perspective of language: from formative dialogues to the construction of knowledge

Thiago Jorge Ferreira Santos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

1 Introdução

Estimulado pela temática proposta neste livro eletrônico, este capítulo tem o objetivo geral de discutir o desenvolvimento do pesquisador no mestrado acadêmico por meio das análises das interações discursivas que ocorrem nesse processo formativo. Nossos dados são compostos por diálogos e comentários entre orientandos e orientadores nos textos escritos (versões intermediárias e finais) na formação para a pesquisa científica. A contribuição aqui apresentada advém dos resultados de uma pesquisa de doutorado¹.

¹ A pesquisa foi concluída em 2020 e foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Nossa discussão não abarcará, evidentemente, todas as práticas envolvidas nessa formação. Assim sendo, os objetivos específicos a serem atingidos neste capítulo são:

a) Analisar o processo de formação do pesquisador, investigando, pela linguagem, como ele se torna membro de um grupo da comunidade científica a partir da aprendizagem de conceitos científicos;

b) Compreender como os conceitos científicos são mobilizados pelos estudantes para a interpretação dos dados de suas pesquisas e para a proposição de possíveis novos saberes.

Para isso, adotamos na pesquisa pressupostos da perspectiva sociológica da linguagem desenvolvida no contexto russo das décadas de 1920 e 1930, especialmente pelo linguista Valentin Volóchinov (Círculo de Bakhtin). Na seara dos estudos bakhtinianos, outros investigadores já se debruçaram sobre as práticas sociais atribuídas aos pesquisadores. Em Amorim (2004), por exemplo, discutiu-se a relação tensa entre o pesquisador nas ciências humanas e os vários “outros” com os quais dialoga para a construção do trabalho, tais como os participantes da pesquisa e os próprios materiais analisados (questionários, entrevistas, documentos etc.). Outro estudo foi realizado por Cavalcante Filho (2010), que investigou o gênero de divulgação científica, analisando o papel desempenhado pelo divulgador, que é assumido muitas vezes pelo pesquisador. O divulgador é a instância enunciativa que fala do outro para o outro, construindo um uso dialógico da linguagem entre duas enunciações – a do cientista e a do jornalista – que gera uma nova enunciação: a enunciação da divulgação científica.

Em relação aos dois estudos acima citados, todavia, a nossa proposta é compreender a formação do pesquisador, investigando a interação discursiva entre orientadores (pesquisadores experientes) e mestrandos, particularmente os comentários no âmbito dos textos escritos pelos pesquisadores em formação.

No âmbito da pesquisa de doutorado, realizamos uma pesquisa bibliográfica visando encontrar estudos que tiveram como preocupação a formação do pesquisador no processo do mestrado acadêmico². As pesquisas

² Para isso, utilizamos a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), pois ela tem por objetivo reunir as teses e dissertações defendidas em todo o país. Neste banco de dados digitais, convergem as pesquisas encontradas em outras plataformas, como das Instituições de Ensino Superior, sejam públicas ou privadas, e da CAPES.

encontradas investigam a formação do mestrando a partir da análise de questionários, a fim de discutir a qualidade de determinado programa de pós-graduação, sejam por seus matriculados, sejam por seus egressos (Somensi, 2005; Silva, 2008). Não obstante, quando os textos produzidos pelos mestrandos ao longo da formação são contemplados, não se alude à questão do papel dos diálogos formativos entre orientadores e orientandos, tampouco se elabora uma reflexão acerca da construção dos saberes pela linguagem. Desse modo, nossa pesquisa objetivou contribuir com a reflexão sobre esses dois aspectos.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: primeiramente, discorreremos acerca da perspectiva sociológica da linguagem desenvolvida, em especial, por Valentin Volóchinov (1895-1936). Depois, descreveremos nossos procedimentos metodológicos, para, enfim, discutirmos os resultados das nossas análises, tendo em vista os dois objetivos específicos delimitados para este capítulo.

2 Fundamentação teórica

As duas décadas posteriores à Revolução Russa, em solo soviético, foram *sui generis* para os estudos linguísticos e literários. Tal peculiaridade foi marcada pela proliferação de pesquisas que buscavam construir uma ciência marxista em diversas áreas, como economia, psicologia e, com atenção especial, estudos da linguagem (David-Fox, 1997, p. 1-3). Vinculada ao Comissariado do Povo para a Educação, a RANION (Associação Russa dos Institutos de Pesquisa Científica em Ciências Sociais), criada em 1921, organizava as prioridades científicas para o desenvolvimento socioeducacional e científico da nova Rússia, que estava em construção (Brandist, 2012, p. 161).

Repensar os estudos da linguagem e literários era vital para a perpetuação do espírito revolucionário, já que o retorno do regime imperial melindrava os novos incumbentes. No Primeiro Congresso de toda a Rússia, realizado em 1919, a fim de organizar o novo sistema educacional, Lênin proferiu as seguintes palavras na abertura do evento:

O tsar falou que era pela liberdade e pela libertação do jugo, os mencheviques falaram que era pela liberdade e pela libertação do jugo, agora os bolcheviques falam o mesmo. Todos falam, como vamos entender?! (Lênin, [1919] 2019, p. 31).

No excerto acima, Lênin reproduziu uma fala comum que escutara de diversos camponeses russos, que em sua grande maioria, eram analfabetos. Os bolcheviques e os mencheviques, dois grupos políticos que disputavam o poder, atribuíam significações diferentes à palavra “liberdade”, as quais não eram compreendidas pela população incauta. Era necessária, assim, uma verdadeira mudança social, que passava por uma “alfabetização política elementar” para se compreender os discursos ideológicos das classes sociais. A formação educacional, nesse sentido, deveria ser adstrita ao nível da linguagem.

Nas pesquisas em estudos da linguagem, linguística e literatura, os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do ILJaZV (Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente)³, ligado a RANION, tiveram importante contribuição em direção ao desiderato de educar a população para a compreensão da relação entre as trocas verbais (o diálogo, a linguagem) e a ideologia (Brandist, 2012, p. 161). É nesse contexto que nomes de pesquisadores como Jakubinskij e Volóchinov adquirem importância, pois estiveram diretamente envolvidos com essas reflexões (Ivanova, 2003, p. 174-175)⁴. Segundo Ivanova (2003, p. 164), a obra de Jakubinskij “Sobre a fala dialogal” (1923) inaugura na linguística russa e mundial a formulação dos princípios da teoria do diálogo como fenômeno complexo e heterogêneo, no qual se cruzam componentes languageiros e extralinguísticos. Nessa obra, Jakubinskij ([1923] 2015) desenvolve as seguintes ideias: (1) o diálogo como interação; (2) o fenômeno da produção de réplicas no discurso interior; (3) o caráter não-acabado de cada enunciado; (4) a espontaneidade dos processos de percepção e preparação de um novo enunciado; (5) a interação em um dado diálogo entre a experiência precedente e a réplica de um interlocutor (Ivanova, 2003, p. 164).

Jakubinskij ([1923] 2015) era muito próximo aos formalistas russos, para os quais o meio socioideológico não influenciava na composição e na compreensão de uma obra artístico-literária. Muito embora tenha dado importantes contribuições para a compreensão da dinâmica dialogal, definindo-a como uma “inter-ação” entre os participantes (Jakubinskij,

³ Chamado a partir de 1930 de Instituto Estatal de Cultura Linguística (GIRK).

⁴ Além dos dois intelectuais mencionados, Brandist e Lähteenmäki (2010) defendem a tese de que Bakhtin, especialmente com a obra “Teoria do Romance” (desenvolvida na década de 1930), também investigou a língua do ponto de vista sociológico mesmo não sendo vinculado às tarefas do ILJaZV.

[1923] 2015, p. 76), o diálogo para Jakubinskij era mais “natural” que social, pois as trocas dialogais são determinadas pelas particularidades biológicas e pelos reflexos condicionados (Tylkowski, 2013, p. 174). Na obra “O freudismo: um esboço crítico”⁵ (1927), Voloshinov ([1927] 1999, p. 220-227) critica o psicólogo russo Aron Zalkind (1886-1936) por utilizar a teoria da reflexologia em seus trabalhos, a qual admite a existência de fenômenos psíquicos sob outra forma que não seja a do comportamento exterior ou interior (funcionamento dos sistemas fisiológicos ou neuronais).

Partindo dessas discussões, Volóchinov investiga o lado social da dinâmica dialogal. Para ele, o diálogo não é apenas a comunicação em voz alta entre as pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação discursiva, de qualquer tipo (Volóchinov, [1929] 2017). De acordo com Volóchinov, em seu ensaio “Do outro lado do social: sobre o freudismo”:

Uma pessoa isolada, agindo em nome próprio, por sua conta e risco, não pode de modo algum ter relação com a história. Somente como parte do todo social, na sua classe e por meio da sua classe, a pessoa torna-se historicamente real e ativa. Para entrar na história não é suficiente o nascer físico – assim nasce um animal, mas ele não entra para a história –, é preciso uma espécie de segundo nascimento social (Volóchinov, [1925] 2019a, p. 60-61).

Segundo mostra Volóchinov no excerto acima, o diálogo não ocorre entre consciências individuais, mas entre grupos sociais em disputa, em conflito. Esse posicionamento é clarificado na seguinte afirmação do pesquisador russo:

Não, a verdadeira realidade, na qual vive um homem de verdade, é a *história*, o mar sempre agitado da *luta de classes*, que não conhece a tranquilidade nem a paz. A palavra que reflete essa história não pode deixar de refletir as suas contradições, o seu movimento dialético, a sua “constituição” (Volóchinov, [1930] 2019b, p. 315, grifos do autor).

As trocas dialogais, nesse sentido, refletem e refratam as tensões sociais. Logo, a linguagem é um espaço de disputa entre os grupos sociais, a fim de fazer valer seus posicionamentos. Os signos linguísticos, assim, adquirem uma significação e são percebidos e analisados como “signos ideológicos”. O signo é a realidade material da ideologia. Os objetos que

⁵ Neste capítulo, utilizamos a versão em espanhol (Argentina) da obra. Conforme esclarece Grillo (2017, p. 55), “Embora a tradução brasileira traga o nome de Mikhail Bakhtin, esse texto foi publicado por Volóchinov e fez parte das atividades descritas nos relatórios apresentados ao “Instituto da História Comparada das Literaturas e das Línguas do Ocidente e do Oriente” (ILIAZV), lugar de atuação de Valentín Nikoláievitch Volóchinov entre 1925 e 1932”.

chamam a atenção da sociedade entram no mundo da ideologia, se formam e se fixam nele, tornando-se signos ideológicos ao adquirirem uma ênfase social (Volóchinov, [1929] 2017, p. 113). Segundo Grillo e Américo (2017, p. 357), “ênfase social” consiste em um elemento constitutivo da palavra, está ligada aos diversos sentidos adquiridos por uma palavra em diferentes contextos de uso e, também, a nosso ver, por diferentes grupos sociais.

Nessa direção, Faraco (2008, p. 47) afirma que o adjetivo “ideológico” em Volóchinov equivale à “axiológico”, pois expressa uma dimensão avaliativa, um posicionamento social valorativo. Assim, não existe enunciado não-ideológico, neutro e isento de posição axiológica. Na verdade, para Voloshinov ([1927] 1999, p. 73, grifos do autor), nem a ciência é neutra, “la neutralidad científica es también imposible desde el punto de vista sociológico [...] el poder de cualquier teoria, de cualquier pensamiento, reside precisamente en los intereses *de clase*”⁶.

Para explicar o caráter social do signo ideológico, Volóchinov ([1926] 2019c, p. 120-121) se vale da noção de “entimema” (o subentendido), recuperada da lógica aristotélica, a fim de mostrar que os membros de um mesmo grupo social compartilham uma “senha” conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social. Assim, existe o “subentendido” da família, de uma nação ou de uma época inteira. O horizonte social é constituído pelo conjunto dos interesses e valores, em processo de formação, de um grupo social, por exemplo, os grupos da comunidade científica.

Sobre a relação entre os signos linguísticos e a realidade social, Lähteenmäki (2012, p. 106) explica que a conexão entre o signo linguístico e a realidade extradiscursiva é estabelecida no ato de seu uso e, portanto, um signo refere-se e avalia essa realidade a partir do ponto de vista da classe social a qual o indivíduo pertence. Como as diferentes classes sociais usam signos linguísticos para conceituar e avaliar a mesma situação, expressando seus interesses específicos de classes, os signos são multiacentuados. A dimensão avaliativa que os signos ideológicos possuem permite a sua “multiacentuação” (Volóchinov, [1929] 2017, p. 113).

⁶ Os teóricos marxistas soviéticos (1920-1950), de acordo com Tchougounnikov (2008), agregaram ao conceito de ideologia de Marx o atributo de “ideologia de classe”, isto é, definiram a ideologia como sistema de opiniões, de ideias e de conceitos acordados por uma classe social. Em uma sociedade de classes, a ideologia é uma ideologia de classe. Ela expressa e defende os interesses de uma ou outra classe em luta.

Desse modo, o sujeito não é solapado pelo subjetivismo idealista, pois sua singularidade é aquela do grupo social ao qual pertence; nem pelo objetivismo abstrato, já que a língua não é um sistema abstrato pelo qual os grupos estabelecem uma relação de neutralidade e isenção. Segundo Sériot (2010), em Volóchinov, o indivíduo não tem nenhuma existência fora de um grupo social, esse sendo definido como homogêneo, podendo ser heterogêneo senão quando em contato com outro grupo. Cada grupo social cria para si um meio ideológico orgânico, uma vez que seus membros partilham os mesmos valores e acentuações dos signos ideológicos (Sériot, 2010, p. 67).

Volóchinov ([1930] 2019d, p. 268, grifos do autor) propõe um esquema para a análise das interações discursivas, após concluir que “*a essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou muitos enunciados*”. O “esquema” é composto pela análise das seguintes categorias: 1. A organização econômica da sociedade. 2. A comunicação social. 3. A interação discursiva. 4. Os enunciados. 5. As formas gramaticais da língua.

Com a finalidade de estudar as formas como os discursos alheios dos interlocutores em uma interação discursiva se relacionam na organização sintática da língua, Volóchinov ([1929] 2017, p. 257-258) faz a distinção entre o estilo linear e o estilo pictórico: i) estilo linear – representa o discurso alheio como um todo compacto, imutável, impenetrável. Corresponde ao discurso direto e à citação literal. O estilo linear de citação cria contornos nítidos em torno do discurso citado; ii) estilo pictórico – interfere na palavra do outro e se deixa interferir por ela. Corresponde às formas do discurso indireto. No estilo pictural, os contornos do discurso citado são enfraquecidos, e a interferência no discurso alheio é mais acentuada.

Os dois estilos foram baseados na teorização do escritor e historiador de arte Heinrich Wölfflin (1864-1945), que propõe, em sua obra “Conceitos Fundamentais da História da Arte” (1915), a distinção entre “arte linear” e “arte pictórica”. Segundo Wölfflin ([1915] 1984, p. 22), “a visão linear distingue nitidamente uma forma de outra, enquanto a visão pictórica, ao contrário, busca aquele movimento que ultrapassa o conjunto dos objetos. No primeiro caso, linhas regulares, claras, delimitadoras; no segundo, contornos não acentuados que favorecem a ligação”. Volóchinov retoma essas noções do ponto de vista da sociologia da linguagem que ele buscava construir.

3 Procedimentos metodológicos

Nosso contexto mais geral de pesquisa foi a Universidade de São Paulo, mais especificamente, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Para selecionarmos nossos sujeitos de pesquisa, elaboramos um questionário para verificar: quais mestrandos consentiam em participar do estudo; quais estavam num estágio da pesquisa que nos permitiria ter os dados de que necessitávamos. O questionário foi dirigido aos estudantes pelas Secretarias dos programas de pós-graduação da área de Linguística e Literatura da FFLCH. Obtivemos dezesseis respondentes, sendo que alguns não tinham as versões dos seus textos arquivadas; outros já tinham cumprido a etapa do exame de qualificação, momento importante para atingirmos nossos objetivos de pesquisa⁷. Após a aplicação do questionário, três mestrandos se mostraram aptos a serem os participantes de nosso estudo. Eles pertenciam a três programas de pós-graduação da FFLCH: Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês; Filologia e Língua Portuguesa; Língua e Literatura Italiana. O processo de seleção e de coleta dos dados foi acompanhado pelos orientadores dos três estudantes.

Os três participantes estavam elaborando as suas pesquisas quando aceitaram participar de nosso estudo, concedendo-nos seus textos e versões dos projetos, relatórios de qualificação e, posteriormente, tivemos acesso às dissertações de mestrado e versões comentadas.

O Estudante 1 é bacharel em letras (português/francês) e foi mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. O objetivo da sua pesquisa foi estudar as mediações formativas de correção linguageira por meio de ferramentas digitais entre alunos brasileiros e canadenses de níveis diferentes de francês e sua influência no desenvolvimento da produção escrita de gêneros textuais dos alunos brasileiros. A noção de gênero textual adotada no estudo advém do Interacionismo Sociodiscursivo.

O Estudante 2 possui bacharelado e licenciatura em letras (português/francês) e foi mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. O objetivo da pesquisa foi analisar e descrever, através da Linguística Sistêmico-Funcional e da Semiologia,

⁷ Neste capítulo, nosso foco são as análises dos textos escritos coletados, porém, ressaltamos que no âmbito da pesquisa, foram analisadas as transcrições orais de exames de qualificação e de defesas de mestrado.

as formas de representação do Movimento Estudantil ativo no Estado de São Paulo, verificadas em notícias produzidas pela Folha de S. Paulo e pelo Estado de S. Paulo, em três períodos distintos: 1968, 1977 e 2011.

Por fim, o Estudante 3 é licenciado em letras (italiano) e foi mestrando no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana. O objetivo da pesquisa foi investigar as contribuições de aspectos culturais para o ensino de língua de herança, através do planejamento e da aplicação de um curso de língua italiana em contexto de língua de herança, na comunidade do município de Pedrinhas Paulista/SP, com ênfase em produção de materiais didáticos.

Neste capítulo, como explicamos na introdução, focaremos em excertos mais representativos das nossas análises dos textos escritos. Posto que estávamos trabalhando com as versões dos textos produzidos pelos estudantes, recebemos uma vultosa quantidade de dados escritos, os quais tivemos que uniformizar metodologicamente. Em linha gerais, selecionamos as versões com mais comentários dos orientadores e que guardavam, também, comentários de versões anteriores.

Dentre esses comentários, interessavam-nos aqueles acerca dos conceitos teóricos usados pelos estudantes, na seção de “Fundamentação teórica”, e as sínteses interpretativas elaboradas por eles, na seção de “Análises e resultados”.

Apontamos, na seção anterior, nossa adesão à perspectiva sociológica da linguagem desenvolvida por Volóchinov, no plano teórico-metodológico. Dentre as categorias de análise propostas no “esquema” de Volóchinov ([1930] 2019d, p. 268), propomos, neste capítulo, investigar o funcionamento dos estilos linear e pictórico nas interações discursivas do mestrado acadêmico. Nelas, podemos encontrar raciocínios teóricos e raciocínios lógico-comparativos, que possibilitam uma reflexão sobre o desenvolvimento dos mestrandos durante o processo formativo. Os raciocínios lógico-comparativos, particularmente encontrados nas seções de “Análises e resultados” das pesquisas, nos parecem relevantes, pois permitem compreender tanto o processo de aprendizagem pelos estudantes de conceitos teóricos partilhados por determinado grupo da esfera científica, quanto discutir sobre os possíveis novos conhecimentos que as pesquisas aportam para esses mesmos grupos.

Por isso, em primeiro lugar, analisaremos alguns excertos que permitem compreender o processo da aprendizagem de novos conceitos por meio da modificação e da reformulação das exposições teóricas dos estudantes, após os comentários verbais de seus orientadores⁸. Esse procedimento é relevante, pois estamos trabalhando com as versões dos textos escritos que contêm diversos comentários dos orientadores. Logo, é pertinente para nós discutir o aspecto formativo dessas intervenções, contrastando com as mudanças apresentadas no raciocínio produzido nas versões finais dos textos, após os diálogos.

Em seguida, buscaremos evidenciar como os raciocínios lógico-comparativos encontrados nas seções de “Análises e resultados” apontam a maneira pela qual os estudantes estão mobilizando os conceitos teóricos aprendidos ao longo do mestrado, a fim de organizar processos mentais de sínteses interpretativas.

4 Análise e discussão dos resultados

Os três exemplos que analisaremos a seguir (1, 2 e 3), semelhantes a diversos outros identificados em nossos dados de pesquisa, são representativamente importantes. Eles permitem observar que, ao longo do processo do mestrado acadêmico, os estudantes começam paulatinamente a partilhar os mesmos conceitos de um grupo da comunidade científica. Os mestrandos passam a compreender que as significações dos conceitos – verbalizados por palavras e expressões – adquirem um novo valor, conforme acordado por determinado grupo da esfera científica. Como apontamos em nossa Fundamentação Teórica, para Volóchinov ([1925] 2019a, p. 60-61), o indivíduo torna-se pessoa historicamente real na sua classe e por meio da sua classe. Nesse sentido, os dados podem apontar que os mestrandos adentram determinado grupo com o qual partilham as mesmas significações e, assim, passam a ter uma identidade dentro da comunidade científica. Como explica Sériot (2010), na formulação teórica de Volóchinov, o indivíduo existe clivado de um grupo social, esse definido como homogêneo, podendo ser heterogêneo senão quando em contato com outro grupo.

⁸ Os comentários dos orientadores estão marcados entre colchetes negritados: **[comentário do orientador]**.

Os dados apontam que esse processo não é mecânico, nem automático, porém, como discutiremos nos excertos a seguir, ocorre através dos vários diálogos formativos entre pesquisadores mais experientes (orientadores) e pesquisadores em formação (mestrandos).

Ademais, mostraremos nos exemplos 4, 5 e 6 que os conceitos teóricos aprendidos durante o mestrado acadêmico são mobilizados pelos mestrandos para interpretar os seus dados e para elaborar raciocínios lógico-comparativos entre eles. Por fim, discutiremos um último exemplo (7), no qual é possível levantar a hipótese de que os mestrandos, já identificados em certo grupo da comunidade científica, propõem novas formulações conceituais em suas pesquisas.

A seguir, analisaremos os três primeiros exemplos.

Exemplos 1, 2 e 3

Quadro 1 – Diálogos formativos para a aprendizagem dos conceitos

	Excertos - Seção de “Fundamentação teórica”	
	Versão comentada	Versão Final
Estudante 1 (Projeto de pesquisa)	“Os gêneros [cuidado pq Bakhtin não usa o termo gênero textual] são [...] enunciados relativamente estáveis presentes em cada esfera da atividade humana e sócio-historicamente construídos (BAKHTIN, 1953).”	“Os gêneros do discurso são [...] enunciados relativamente estáveis presentes em cada esfera da atividade humana e sócio-historicamente construídos (BAKHTIN, 1953).”
Estudante 2 (Relatório de qualificação)	Outro componente constituinte das C de D é a Situação extralinguística, que se constrói por meio do ambiente material relativo à codificação ou à decodificação da mensagem. Tal ambiente é pertinente ao fato de que os sujeitos da troca são possuidores do mesmo saber a respeito do mundo que os envolve, e por conta disso, esse ambiente pode ser “transformado em palavras”. [Não está clara a noção. Parece que a situação extralinguística se refere ao espaço físico. É só isso mesmo?] .	Ademais, outro componente constituinte das C de D é a Situação extralinguística, que se “figura como um ambiente material transformado em palavra através dos filtros construtores de sentido, utilizados pelos atores da linguagem” (CHARAUDEAU, 2014, p. 32). Assim, esses atores também criam hipóteses segundo as quais um determinado ambiente semiotizado está inserido em um saber partilhado.
Estudante 3 (Dissertação de mestrado)	Para a autora, um indivíduo não necessita de traços de ancestralidade para ter uma língua como herança [herança, nem proficiência nessa língua, se ele foi...] , se ele foi exposto por muito tempo a essa língua e a essa cultura, pode haver aí uma apropriação de LM e LH do ambiente [convivência simultânea entre duas línguas no ambiente...] sociocultural em que vive e ocorrer, então, um sentimento de pertença (p. 28-29).	Para a autora, um indivíduo não necessita de traços de ancestralidade para ter uma língua como herança, nem proficiência nessa língua, se ele foi exposto por muito tempo a essa língua e a essa cultura, pode haver aí uma convivência simultânea entre duas línguas no ambiente sociocultural em que vive e ocorrer, então, um sentimento de pertença (p. 28-29)

Fonte: Elaboração nossa

Nos três exemplos acima, é possível perceber os diálogos entre orientandos e orientadores em relação aos conceitos teóricos das pesquisas. Os exemplos são representativos de diversos outros encontrados e analisados por nós, identificáveis durante todo o percurso do mestrado (inicial, intermediário e final), quer nas exposições teóricas dos projetos, quer nos relatórios de qualificação e nas dissertações. Nos exemplos acima, encontramos pistas de uma possível aproximação dos mestrandos das significações conceituais de determinados grupos da comunidade científica, que se valem de arcabouços teóricos.

Como mencionamos na seção de metodologia, o Estudante 1 adotava em sua pesquisa a noção de gênero textual conforme propõe o Interacionismo Sociodiscursivo. No Exemplo 1, verificamos que o trabalho do mestrando foi baseado na perspectiva dos gêneros textuais. Contudo, ao definir esse conceito, na “Fundamentação teórica”, o mestrando o faz por meio da definição de outro conceito, o de gêneros do discurso. A partir do Exemplo 1, levantamos a hipótese de que o estudante tomou os dois conceitos como semelhantes (gêneros textuais e gêneros do discurso), porém, conforme vemos no comentário do orientador, essa semelhança não condiz com a significação que certo grupo da comunidade científica atribui. Nesse sentido, como explica Volóchinov ([1929] 2017, p. 113), diferentes grupos sociais usam signos linguísticos para conceituar e avaliar a mesma realidade extradiscursiva expressando seus interesses específicos de classes, por isso, os signos são multiacentuados. Portanto, não é indiferente empregar um ou outro conceito, pois eles carregam a acentuação a eles atribuída por um grupo da comunidade científica.

Nas fases intermediárias e finais do mestrado, em inúmeros excertos de nossas análises dos relatórios de qualificação e das dissertações, encontramos uma elevada quantidade de conceitos em maturação. Isso pode nos indicar que há vários conceitos cuja aprendizagem é mais complexa, e geralmente, os estudantes apresentam dificuldades de deles se apropriar. Todavia, suas explicações parecem críveis, quando se analisa de forma superficial. Porém, são ajustadas pelos orientadores, que são membros mais experientes de determinado grupo.

No excerto do Estudante 2, discorre-se sobre o conceito de “Situação extralinguística” da teoria Semiolingüística, explicando quais atributos o compõem. Diante disso, o orientador comenta a noção exposta, afirmando

que ela não está completamente formulada, como constatamos em “Não está clara a noção”. Segundo ele, destacou-se somente um aspecto abarcado pelo conceito, mas há outros que se inserem na ideia. Nota-se que o orientador não afirmou que a conceituação estava errada, porém ele identificou uma inconsistência, que não condiz com o acordado pelo grupo de pesquisadores adeptos da teoria Semiolinguística. Verifica-se que, na versão final, o estudante reformula a explicação por meio de uma citação direta, seguida das indicações da referência. Em Volóchinov, como explica Lähteenmäki (2012, p. 106), há uma conexão entre o signo linguístico e a realidade extradiscursiva, que é estabelecida no ato de seu uso, e por isso, um signo refere-se à realidade extradiscursiva e a avalia a partir do ponto de vista do grupo social ao qual o indivíduo pertence. Em outras palavras, a significação do conceito “Situação extralinguística” não pode ser atribuída pelo mestrando individualmente, mas deve ser aquela acordada pelo grupo.

No excerto do Estudante 3, o mestrando discorre sobre o atributo “ancestralidade” do conceito de “língua de herança”, afirmando que, segundo o autor, para se ter língua de herança, não é preciso possuir “traços de ancestralidade”. Após isso, encontramos o comentário do orientador, pelo qual é possível pensar que o aluno somente compreendeu um aspecto no que tange à possibilidade de se “ter língua de herança”, porém o atributo da “proficiência” também faz parte dessa ideia. Portanto, podemos afirmar que o conceito não foi captado totalmente pelo aluno, pois alguns dos seus aspectos não foram contemplados na escrita, de acordo com o orientador. Pensando pelo prisma da perspectiva sociológica da linguagem de Volóchinov, a partir da ideia de “ênfase social”, conforme esclarecem Grillo e Américo (2017, p. 357), o sentido atribuído pelo mestrando ao conceito de “língua de herança” não é o apropriado no contexto da pesquisa, por isso o orientador intervêm no raciocínio escrito do estudante, com a finalidade de ajustá-lo conceitualmente conforme entende o grupo de pesquisadores que defendem esse conceito. Vale ressaltar que o conceito de “língua de herança” é axial na pesquisa do Estudante 3.

Como veremos nos próximos três exemplos, o aparato teórico aprendido pode funcionar como parâmetro para a construção de sínteses interpretativas, encontradas nas seções de “Análises e resultados” dos relatórios de qualificação e das dissertações de mestrado. Isso pode ser examinado pelos raciocínios lógico-comparativos construídos pelos estudantes. Observemos os próximos três exemplos.

Exemplos 4, 5 e 6

Quadro 2 – Raciocínios lógico-comparativos elaborados a partir dos conceitos aprendidos

Excertos - Seção de “Análises e resultados”		
	<i>Ideias síntese das análises</i>	<i>Raciocínios lógico-comparativos</i>
Estudante 1 (Exemplo 4)	Seu comentário “je suis contente d’avoir la possibilité d’échange avec des étudiants Canadiens” configura-se [...]	como um ato de polidez positiva (KERBRAT-ORECCHIONI, 1996).
Estudante 2 (Exemplo 5)	Os exemplos (3) e (4) relevam uma outra faceta: as expectativas sociais acerca da atividade policial na manifestação, uma vez que o marcador de polaridade não é o verbo deixar, marcam aquilo que as vozes institucionais projetavam [...] Especialmente no Estado de São Paulo, a Polícia é construída reiteradamente [...]	como Processos Materiais típicos dos agentes do Estado [...] como um Ator ineficiente ou inerte, responsável.
Estudante 3 (Exemplo 6)	Já a Tradição Oral tornou-se a espinha dorsal do material, tendo em vista que ela se configura [...]	como um importante veículo de transmissão das tradições e da cultura italiana para os alunos.

Fonte: Elaboração nossa

Nos exemplos acima, podemos constatar, na coluna à esquerda, que os estudantes estão interpretando as análises dos dados de suas pesquisas. O Estudante 1 analisava interações corretivas de textos entre alunos de língua francesa, brasileiros e canadenses; o Estudante 2 analisava textos jornalísticos sobre atuações de movimentos estudantis; o Estudante 3 analisava histórias de vida relatadas por alunos de um curso de língua italiana como língua de herança. À direita, as análises são retomadas por expressões iniciadas pelo termo comparador “como”.

Ao passo que os diálogos nas seções de “Fundamentação teórica” mostram que os orientadores buscam criar contornos (estilo linear), isto é, ajustam a forma como os mestrados retomam as explicações conceituais em relação ao que é acordado por determinado grupo da comunidade científica, as seções de “Análises e resultados” permitem compreender que os conceitos aprendidos são mobilizados para interpretar os dados das pesquisas, de modo que o estilo pictórico (Volóchinov, [1929] 2017, p. 258) é construído.

O Exemplo 4 possibilita entrever que o Estudante 1 analisava interações corretivas síncronas entre estudantes brasileiros e canadenses de língua francesa. Dentre os comentários dessas interações, o mestrando interpreta que um deles é diferente e, para marcar essa diferenciação, adota como parâmetro o conceito de “Ato de Ameaça à Face”, proveniente dos estudos em Análise da Conversação. O raciocínio lógico-comparativo registrado em “como um ato de polidez positiva” (Kerbrat-Orecchioni, 1996) concretiza essa síntese interpretativa. Assim sendo, o conceito é mobilizado para a construção da análise interpretativa do estudante, caracterizando o estilo pictórico.

No Exemplo 5, ao analisar um conjunto de dados, exemplificado pelos excertos (3) e (4) de sua pesquisa, o mestrando se vale de um raciocínio lógico-comparativo (“como Processos Materiais típicos dos agentes do Estado [...] como um Ator ineficiente ou inerte, responsável”), a fim de mostrar uma similaridade entre os excertos e sua funcionalidade. A nossa hipótese é que os raciocínios comparativos construídos pelo estudante têm como “parâmetro” os conceitos teóricos (“Processos Materiais” e “Ator”) da Linguística Sistêmico-Funcional, aprendidos por ele nas interações formativas com seu orientador. Relembremos dos diálogos expressos nos Exemplos 1, 2 e 3. Ao solicitar a reformulação das exposições teórico-conceituais, os orientadores propiciam aos mestrandos momentos de maior aprendizagem dos conceitos e adesão a um certo grupo. Verifica-se que os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional interferem no raciocínio lógico-comparativo do mestrando, que os mobiliza. Isso caracteriza o estilo pictórico de acordo com Volóchinov ([1929] 2017, p. 258). Esse estilo pode indicar que os mestrandos já estão mais inseridos em um grupo da comunidade científica, valendo-se dos conceitos para interpretar os seus dados.

No Exemplo 6, o estudante discorria sobre os resultados das análises das histórias de vida nos módulos do curso de língua de herança. Segundo ele, de acordo com cada tema tratado – imigração italiana, imigração na Itália atual, comida, dialetos –, pensava-se em qual imigrante poderia ser convidado para trazer boas histórias sobre o tema. Os alunos-cursistas participavam das entrevistas ativamente, fazendo perguntas conforme as histórias contadas, despertavam curiosidades. No Exemplo 6, o conjunto de histórias de vida durante as atividades do curso de italiano como língua de herança foi reunido a partir do mesmo parâmetro, ou seja, “como elemento

fundamental para a reconstrução da identidade dos alunos". Esse parâmetro advém do conceito teórico central da pesquisa do Estudante 3: língua de herança (Cf. supra, Quadro 1). O estilo pictórico, assim, evidencia uma análise interpretativa do estudante pela qual se constrói um raciocínio lógico-comparativo, a partir dos conceitos aprendidos nos diálogos formativos com o orientador.

Para finalizar nossas análises, examinaremos um último excerto, encontrado na dissertação de mestrado do Estudante 1, especificamente, na seção de “Análises e resultados”. A nosso ver, o Exemplo 7 pode apontar um aspecto importante na formação do pesquisador: a proposição de novos saberes. Vejamos, na coluna à esquerda, o raciocínio lógico-comparativo elaborado pelo aluno e, à direita, nossa proposta de interpretação à luz do que já discutimos nos exemplos anteriores.

Exemplo 7

Quadro 3 – Raciocínios lógico-comparativos e a construção dos saberes

Excerto - Seção de “Análises e resultados”	
Raciocínio lógico comparativo	Nossa interpretação
A correção assíncrona realizada por Camila no GoogleDocs ao texto do gênero <i>fait divers</i> foi diferente de todas as outras feitas pelos outros 5 alunos canadenses [...]	1. O Estudante 1 se depara com uma situação-problema (incomum) que foi encontrada nas análises dos seus dados de pesquisa.
Se usarmos a nomenclatura proposta pelos autores brasileiros Serafini (1989) e Ruiz (2010) que falam sobre correção e que apresentamos em nosso capítulo teórico, podemos chamar seu modo de corrigir de “correção resolutiva”. Entretanto, devemos ressaltar que o que foi feito pela aluna canadense não coincide exatamente com a definição desse conceito [...] Enquanto as pesquisas realizadas até então tratam de correções feitas no papel, não há um conceito que corresponda ao que encontramos em nosso corpus, cujos dados foram gerados a partir de ferramentas digitais. O mesmo acontece com o conceito de “emenda” desenvolvido por Tapia (2016) [...]	2. Após os conceitos terem sido aprendidos pelo Estudante 1, ele não encontra na literatura especializada um conceito adequado para compreender a situação-problema.
Poderíamos ter algo parecido em um suporte físico, se pensarmos em uma correção que usa a mesma cor de caneta que o texto original e não usa nenhum outro recurso semiótico para mostrar ao autor daquele texto os contornos da correção. Seu modo de corrigir se configura como uma “correção camuflada”.	3. O Estudante 1 propõe um novo saber.

Fonte: Elaboração do autor

Não havia, no excerto acima, nenhum comentário do orientador na versão comentada. Parece-nos que a expressão “como uma correção camuflada” proposta pelo aluno pode indicar a construção de um raciocínio lógico-comparativo decorrente das análises dos dados da pesquisa e, também, dos processos de aprendizagem conceitual acionados ao longo da formação no mestrado, como vimos nos diálogos entre orientadores e orientandos. Resgatando nossas análises dos três primeiros exemplos, podemos pensar que o mestrando já partilha das mesmas significações conceituais que um grupo da comunidade científica.

Pensando no aparato conceitual proposto por Volóchinov em sua sociologia da linguagem, a noção de horizonte social pode ser pertinente para compreender nossa interpretação do Exemplo 7. Para Volóchinov ([1926] 2019c, p. 120-121), o conceito de horizonte social se refere ao conjunto dos interesses e valores, em processo de formação, de um grupo social. Nesse sentido, é possível considerar que o Estudante 1, uma vez já identificado com um grupo da comunidade científica, propõe um novo saber, isto é, uma nova significação a esse mesmo grupo.

Não podemos validar, no âmbito de nossa pesquisa de doutorado, a cientificidade do novo saber proposto, pois essa certificação precisa ser realizada pelos membros do mesmo grupo, que partilham as significações dos conceitos utilizados na pesquisa do Estudante 1. Os dados permitem entrever a ocorrência da proposição de um novo saber, que emerge em um raciocínio lógico-comparativo construído pela mobilização dos conceitos aprendidos nos diversos diálogos formativos com os orientadores.

Conclusões

Os resultados das análises permitem verificar que o processo de aprendizagem dos conceitos teóricos o qual os mestrandos são submetidos é complexo, requer a participação ativa e formativa dos orientadores (pesquisadores experientes). Dado que esses conceitos contêm um alto grau de abstração, os comentários dos orientadores nas exposições teóricas dos textos escritos são *sine qua non* para o desenvolvimento do raciocínio lógico dos pesquisadores em formação. Evidência disso é o ajuste do estilo pictórico para o estilo linear, isto é, o ajuste entre o modo como os mestrandos compreendem os conceitos de um sistema conceitual e as significações

dessas noções tais como acordadas por um grupo da comunidade científica. Os excertos que apresentamos no Exemplo 7 mostram que esse processo interativo pode possibilitar a construção de raciocínios nos quais novas formulações conceituais são propostas pelos estudantes, as quais podem, eventualmente, fazer o sistema conceitual de referência progredir.

As análises e resultados abarcados pela pesquisa nos permitem discutir alguns aspectos relativos ao desenvolvimento do pesquisador. Como apontamos na Introdução, outras pesquisas já investigaram outras facetas envolvidas na atividade de empreender uma pesquisa científica, de modo que o nosso objetivo foi contribuir com essas reflexões à luz dos intelectuais russos das décadas de 1920 e 1930. Aliás, a perspectiva sociológica da linguagem da qual nos valemos para embasar a pesquisa foi construída em um momento – o contexto russo pós-revolucionário – no qual as discussões sobre educação, formação e desenvolvimento humano pela linguagem estavam na “ordem do dia”. Logo, selecionamos um aparato conceitual propício aos objetivos de nossa pesquisa.

Os dados que analisamos, diálogos e comentários entre orientadores e orientandos nos textos escritos, podem ser ampliados a partir da coleta de outras interações discursivas. Sabe-se que, durante o mestrado acadêmico, há outros momentos que podem contribuir com o desenvolvimento do pesquisador: reuniões com orientadores, participação em debates de eventos científicos, discussões em grupos de pesquisa, cadernos laboratoriais, dentre diversos outros possíveis.

Referências

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. 1. ed. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BRANDIST, Craig. Linguística sociológica em Leningrado: O Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILJaZV) 1921-1933. In: BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin*. Org. Maria Inês Campos e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 155-181.
- BRANDIST, Craig; LÄHTEENMÄKI, Mika. Early Soviet Linguistics and Mikhail Bakhtin's Essays on the Novel of the 1930s. In: BRANDIST, Craig; CHOWN, Katya. *Politics and the Theory of Language in the USSR 1917-1938: The Birth of Sociological Linguistics*. London: Anthem Press, 2010, p. 69-88.
- CAVALCANTE FILHO, Urbano. O papel do divulgador no gênero discursivo divulgação científica: uma questão ética e estética. In: Rodas de Conversa Bakhtiniana. *Cadernos de Textos e Anotações*. 1ªed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, v. 1, p. 323-326.

DAVID-FOX, Michael. *Revolution of the Mind: Higher Learning among the bolsheviks, 1918-1929*. New York: Cornell University Press, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Marxismo, psicanálise e método sociológico: o diálogo de Volóchinov, marxistas soviéticos e europeus com Freud. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, v. 12, p. 54-75, 2017.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Ênfase social (Glossário). In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 357.

IVANOVA, Irina. Le dialogue dans la linguistique soviétique des années 1920-1930. *Cahiers de l'Institut de Linguistique et des Sciences du Langage*, n. 14, p. 157-182, [1923] 2003.

JAKUBINSKI, Lev. *Sobre a fala dialogal*. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzane Leite Cortes. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LÄHTEENMÄKI, Mika. Valentin Voloshinov: signos, ideologia e sentido. In: ZANDWAIS, Ana. (Org.). *História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: UPF, 2012, p. 92-119.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. Como enganar o povo com as palavras de ordem da liberdade e da igualdade. In: LÊNIN, Vladímir Ilitch. *Democracia e luta de classes*. Tradução: Edições Avante! e Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo, [1919] 2019, p. 25-61.

SÉRIOT, Patrick. Préface. Volóchinov, la philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxisme et philosophie du langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingue. Tradução Patrick Sériot e Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2010, p. 13-93.

SILVA, Maria Suely Fernandes da. *O mestrado em educação da UEL: um estudo das dissertações 1995-2006*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

SOMENSI, Neura Fazolo. *Variáveis que influenciam o desenvolvimento do conhecimento no curso de mestrado, na percepção dos egressos*. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. O círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma "aliança ambivalente". *Revista Conexão Letras*, v. 3, n. 3, 2008.

TYLKOWSKI, Inna. Les conceptions du dialogue et leurs sources chez Lev Jakubinskij et Valentin Vološinov. *Cahiers de l'Institut de Linguistique et des Sciences du Langage*, n. 37, p. 171-185, 2013.

VOLOSHINOV, Valentin. *Freudismo: Un bosquejo crítico*. Tradução de Jorge Piatigorsky. Buenos Aires: Editora Paidós SAICF, [1927] 1999.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. Do outro lado do social: sobre o freudismo (1925). In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina e V. Américo. São Paulo: Editora 34, [1925] 2019a, p. 59-108.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social (1930). In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo; Ekaterina e V. Américo. São Paulo: Editora 34, [1930] 2019b, p. 306-336.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: por uma poética sociológica (1926). In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina; V. Américo. São Paulo: Editora 34, [1926] 2019c, p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). In: *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina; V. Américo. São Paulo: Editora 34, [1930] 2019d. p.266-305.

WOLFFLIN, Heinrich. *Conceitos Fundamentais da História da Arte*. Tradução de João Azenha Jr e Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes Editora, [1915] 1984.

O “dialogismo”? Ou melhor, “algumas figuras do diálogo, suas comunidades e suas diferenças, um ponto de vista”

“Dialogism”? Or better, “some figures of the dialogue, their communities and their differences, a point of view”

Frédéric François

Universidade Paris Descartes, França

Dóris de Arruda C. da Cunha

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Tradutora

Artigo publicado originalmente na revista
Éla. Études de linguistique appliquée, n.
173, p. 17-26, 2014a. Disponível em:
<https://doi.org/10.3917/ela.173.0017>

173

janvier-mars 2014

Dialogue et dialogisme
dans les textes et en classe :
approches pluridisciplinaires

coordonné par Catherine Boré

études de
linguistique appliquée
revue de didactologie
des langues-cultures
et de lexicultureologie
éla

Esse título¹, antes de mais nada, é para dizer que tenho algumas preocupações sobre a palavra “dialogismo”². Na verdade, lembro-me de uma época em que a palavra de ordem “dialogismo” expressava o alívio de não mais repetir estruturalismo, que, a partir da luz trazida pela invenção da fonologia, tornou-se uma máquina para explicar tudo. Havia o entusiasmo em torno da palavra (e há ainda, para mim, com ou sem a palavra) em ver abrir-se um novo campo, em torno da comunidade-diferença dos interlocutores, da multiplicidade de vozes que se expressam pelas bocas deles, bem como da proximidade-distância de si para si. Assim como era esclarecedora a oposição da heterogeneidade das linguagens de Rabelais ou Dostoiévski aos discursos “monológicos” de autoridade. Ou ainda a introdução no livro de Volóchinov³ de novas noções, como a da ideologia da vida cotidiana, ou o lugar dado ao discurso reportado. E isso vale ainda, mesmo se a estátua do Bakhtin total está desmoronando, se compreendermos melhor as diferenças entre Volóchinov e Bakhtin ou se nos perguntamos com Sériot⁴ sobre o que há de bastante apressado no “marxismo” de Volóchinov. Não quero voltar a esses pontos, até porque não tenho competência para apresentar aqui uma análise pessoal da história do pensamento na Rússia nos anos 1917-1930. Eu diria apenas que levar em consideração as diferenças entre Volóchinov e Bakhtin não nos incomoda, ao contrário, serve para iluminar um pelo outro nossos próprios esforços para refletir sobre o diálogo. Destacando que o “dialogismo”, como manifestação da recusa do estruturalismo naquilo que ele pode ter de dogmático, também vale contra o atual culto da mensuração e da avaliação em “ciências da linguagem”, como em todos os campos.

Para começar, volto ao problema terminológico. Parece-me bastante legítimo distinguir o que chamaremos de *dialogal* (algo como o encadeamento de discursos de um número indeterminado de interlocutores

¹ Nota da tradutora: O sintagma “figures du dialogue” utilizado no título original do artigo também é utilizado pelo autor em vários textos, como uma metáfora, como em figura geométrica.

² Nota da tradutora: Cf. François (2012, 2014b).

³ Nota da tradutora: O autor se refere à obra *Le marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*, publicado na França em 1977. Em português temos 2 traduções de *Marxismo em filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*: a primeira de 1979, traduzida do francês (com cotejo e consulta às edições russa e americana), publicada pela Editora Hucitec, com tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; e outra versada diretamente do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, em 2017, pela Editora 34.

⁴ Nota da tradutora: O autor refere-se ao prefácio de sua autoria de *Le marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*, publicado em 2010. Um versão desse prefácio em português é encontrada em “Vološinov e a filosofia da linguagem”, traduzido por Marcos Bagno e publicado pela Editora Parábola em 2015.

que respondem uns aos outros de alguma forma) e *dialógico* (algo mais difícil de abordar como a heterogeneidade das vozes em um discurso, mesmo pronunciado por uma única pessoa ou ainda pela comunidade-heterogeneidade dos diferentes receptores de um mesmo discurso). Mas há, talvez, um obstáculo à reflexão se criarmos uma entidade: “o dialogismo.” O que vale além disso em geral para as “grandes palavras”⁵. E mesmo se descartarmos as palavras em “ismo”, permanece o formidável artigo definido universalizante: “o diálogo.” (Em francês; em outras línguas existem equivalentes). Claro que as pequenas palavras também podem ser fontes de erros, conflitos ou confusão, mas as grandes palavras ainda mais. O que me permite dizer, quando vejo alguém agir, “muito bem”? Mas o risco não é ainda maior, quando digo, fora de contexto, “O Bem é...”?

O que se aplicaria tanto a “Não sei por que ajo (ou penso) assim” em relação a “o inconsciente é”. Ou inversamente quando digo “eu percebi que...”, eu tenho a impressão de controlar um pouco melhor o sentido das minhas palavras do que quando digo “a consciência é...”. Aqui parece-me, mas posso estar enganado, que o adjetivo ou o advérbio fazem correr menos risco do que o nome que designa uma entidade. Assim como pode ser preferível seguir processos, por exemplo, na evolução de uma criança, em vez de procurar origens. Esse começo, talvez longo demais, é para justificar o título e propor falar de “algumas figuras de diálogo” e não do “dialogismo” (e não do “diálogo”).

Mas podemos nos contentar com a seleção de tal figura, de tal aspecto? Há aqui uma dificuldade que, a meu ver, não pode ser resolvida por uma “boa teoria”. Falar do diálogo certamente negligencia este ou aquele diálogo do qual “se” pode sempre achar que a especificidade é mais importante do que seus traços comuns com outros. Por outro lado, limitar-se a alguns casos é necessariamente aleatório. É verdade que essa “contradição” (ou apenas “dificuldade”?) teórica pode ser acompanhada por soluções práticas, por compromissos: dizer generalidades com um toque de humor, comentar alguns exemplos com um toque de ceticismo. Um parêntese: também não há solução teórica para a violência “dialógica” que é feita a um texto quando uma citação é dele extraída, sendo necessariamente recontextualizada. Mas podemos nos tranquilizar (talvez) dizendo que o contexto amplo que

⁵ Nota da tradutora: O autor se refere a noções bastante usadas em ciências da linguagem. Cf. François (2002).

condiciona o modo de perceber varia necessariamente com cada leitor e que não faz sentido querer determinar os limites do “bom contexto” ou melhor, do “campo” onde qualquer ato, gesto ou discurso adquire sentido, sem poder ele mesmo ser representado estritamente. Gostaria de acrescentar outra dificuldade. A impossibilidade para quem quer dizer algo sobre diálogo, dialógico ou dialogismo de levar em conta tudo o que tem sido escrito em torno desses temas (a propósito, também encontrei “dialogicidade” e “dialogicalidade”).

Algumas generalidades contingentes

Essas generalidades são contingentes porque não tenho certeza se é com elas que é necessário iniciar uma reflexão em torno “do diálogo”. Mas também porque são considerações das quais nem o número nem a ordem se impõem: não há aqui uma “teoria” estabelecida.

Dito isso, gostaria justamente de partir da dupla contingência forçada daquele que tenta expressar um “ponto de vista” sobre um problema qualquer. Há a contingência comum do mundo, da época na qual ele nasceu. Não podemos pensar como há mil, cem ou apenas vinte anos. O que combina com nossa contingência individual: não sabemos (ou sabemos muito pouco) “como as ideias nos chegam”, por que tal pensamento nos revolta, de onde vem nosso “pathos intelectual”. Claro, podemos adquirir saberes “objetivos”. Assim, conhecer as catástrofes que se seguiram aos triunfos de Hitler ou Stalin nos dá facilmente uma posição de superioridade intelectual em relação aos contemporâneos deles. Mas isso não nos permite compreender o entusiasmo que puderam suscitar. De modo mais geral, não se pode dizer que, com relação a “coisas humanas”, não podemos passar por um salto qualitativo “da opinião à ciência” no modelo hipotético-dedutivo ou experimental? Não somos os cientistas que julgamos do alto da contingência ideológica dos outros. Até porque sabemos ainda menos como nos orientar em relação à contingência de nossas evidências coletivas ou individuais. E, que nos considerarmos eventualmente membro de um “coletivo intelectual” não muda nada, pois este não tem uma visão geral acima de todos em relação ao curso da história.

Essa observação negativa feita, talvez a característica mais geral de todo diálogo (obviamente há aqui uma forte dose de generalidade...) é de ser um movimento. Quer se trate de um diálogo verbal entre duas pessoas, do

diálogo corporal, de uma troca de sorrisos, do diálogo consigo mesmo, onde se reconsidera o que se acabou de dizer ou de se dizer, de fazer ou de sentir, há um movimento, um deslocamento em relação ao que precede. A propósito, observo que esse movimento pode ser quase instantâneo, por exemplo, no surgimento da intuição, do *insight* que nos mostra que falta algo na sala ou que algo está errado com o discurso que ouvimos. Sei que dizer isso vai contra uma velha tradição que opõe pensamento “intuitivo” e “discursivo”. Mas o pensamento intuitivo não é um estado estável, ele surge, é um evento. Insisto nessa característica porque me parece que se fez muito rapidamente a suposição de que a criança pequena passava necessariamente do diálogo verbal externo com o outro a uma internalização desse diálogo. Claro que existe isso. Mas há também a espontaneidade do movimento de diferenciação em relação a si mesmo, por exemplo, mudar o objeto de interesse ou de ponto de vista em relação a esse objeto. Deve-se dizer que tal movimento em relação a si mesmo é “dialógico”? Parece-me que sim, mas deixo a questão em aberto.

Em todo o caso, justifica-se aqui a distinção entre “dialógico” e “dialogal”. Há uma forma dialogal, mas não “evento dialógico”, nos questionamentos (interrogatórios?) onde o questionador sabe a resposta e verifica o trabalho do outro. Ou quando for necessário responder a perguntas do tipo “Nome? Data de nascimento? Endereço?”. Ou ainda, na minha visão, na parte dos diálogos socráticos, que de algum modo aprisionam o infeliz do interrogado para levá-lo onde o malicioso questionador deseja.

Uma terceira característica seria então que, negativamente, o sentido dos movimentos do qual estamos tentando falar aqui não pode ser caracterizado como um significado diferencial, correlativo de uma oposição de significantes. Parece-me que a aparição de todo ato, de todo sentimento, como de um desenho ou de um discurso, supõe um pano de fundo presente ou ausente, um conjunto em relação ao qual essa aparência faz sentido.

E (quarta característica) não é esse fundo que faz com que haja ao mesmo tempo algo partilhado entre nós, um mesmo mundo, um mesmo campo (qualquer que seja a “palavra certa”) não exclusivo de diferenças de “pontos de vista”, de modalizações desse campo mais ou menos partilhado? Talvez pudéssemos dizer que, no “mundo atual”, é, sem dúvida, o comum que prevalece como quando o dedo apontando indica “olha!”. Embora, claro, o “mesmo” objeto não tenha, por exemplo, para o adulto e para a criança, a

mesma significação, a mesma carga histórica. E ainda, enquanto esse campo comporta justamente uma relação com o ausente (experiência passada, transmissão cultural, jogo associativo...) é, mais ou menos, a diferença que é a regra. E no entanto, se tomarmos “diálogo” no sentido amplo (para o qual pode ser usado “dialogismo”), podemos dizer que em cada um de nós estão presentes traços múltiplos dos outros, sejam eles explícitos, sejam eles do anonimato daquilo que podemos chamar, se quisermos, de nosso “inconsciente cultural”. Assim como o que resta de Hegel em Marx ou as marcas do cristianismo entre os pensadores ateus. A partir daí, poderíamos girar em torno de nossa comunidade-diferença como objeto perpétuo de reflexão. Para voltar ao tema desse texto, estamos obviamente (na medida em que indivíduo pode dizer ou escrever “nós”) longe do entusiasmo marxista de Volóchinov ou do regime de pensamento “existencial religioso”, para dizer rapidamente, de Bakhtin.

Mas então, antes de tudo, qualquer que seja a variedade de contextos culturais e/ou dos modos de reação individuais, podemos evocar um campo humano comum ou um aspecto comum do campo atualmente partilhado? Vamos voltar um pouco mais adiante, quando comentarmos alguns exemplos de acordo ou desacordo. Mas já não podemos dizer antes de tudo que o acordo não implica a identidade? Duas pessoas que riem da mesma piada não necessariamente a sentem da mesma maneira, podem explicitar campos associativos diferentes. E, inversamente, para que haja conflito entre nós, isso não implica pelo menos algum acordo sobre o objeto do conflito (conflito que um movimento posterior poderá nos revelar um “mal-entendido”)? Mas duvido que possamos falar em geral sobre o que seria comum a nós. Em tal momento, poderá ser a semelhança de nossos corpos, em outro, a nossa contingência, ilustrada pela nossa fragilidade, em outro, a evidência negativa mas partilhada de não saber realmente “o que passa pela cabeça do outro.” E então, podemos dar um status definitivo a essa comunidade: “essência fundamental” ou “denominador comum quase vazio”?

E agora, voltando a um ponto que acabamos de mencionar, podemos nos perguntar: de que maneira está presente em nós de alguma forma o campo do pensamento do outro? É uma pergunta infinita. Uma primeira observação. Não se trata necessariamente de procurar um “interior”. Quando eu vejo uma criança ter medo de cachorro, não me represento sua interioridade. Entendo que ela tem “corpo e alma”, outra relação com o animal (mesmo que seja apenas em função de seus respectivos tamanhos), diferente da de um adulto.

(Deixo de lado, mesmo sendo legítima, a questão da “criança em nós, adultos”). Se caracterizarmos o símbolo como aquilo em que a diferença entre sua materialidade e o que ela manifesta se anula, então diremos que o estilo, o ritmo da criança simbolizam seu “mundo vivido”. Mas encontraremos uma relação do mesmo tipo em qualquer texto, que nunca é uma pura soma de enunciados, mas também estilo, ritmo. Certamente estilos e ritmos não são dados neles mesmos, mas correlatos de estilos de recepção. E no entanto, esses estilos nos dão “modos de ser”, de se relacionar com o mundo que não aparecem no que seria apenas o conteúdo traduzível de “mensagens”. O que se vale para estilos corporais, estilos discursivos, de imagens ou de casas, tudo o que, em particular, nos traz presentes modos de existir que nunca serão os nossos. Abertura ao diferente, do qual se poderia dizer que é o que constitui a cultura. Só que a abertura em questão pode caracterizar tanto o curso ordinário de nossas relações com nossos outros cotidianos quanto o que faz parte mais especificamente da “cultura”. A isso podemos acrescentar que a cultura só se transmite modificando-se. Até porque só podemos percebê-la através de nossa própria maneira de viver. Não haverá aqui ainda uma característica “dialógica”: a articulação recíproca de nossa relação com nossos outros reais, presentes ou ausentes, ao nós atual, passado ou futuro e aos nossos “outros culturais”, personagens, por exemplo, de romances ou de filmes, uns “corrigindo” de alguma forma os outros?

Depois de evocar essas características muito gerais do diálogo, gostaria de retornar à especificidade do diálogo linguageiro. Não podemos certamente considerar a linguagem como a condição *sine qua non* de nossa relação ao ausente. A falta, o sentimento de perda, a expectativa do futuro, o jogo de “como se” caracterizam tanto o pensamento dos *infans*, como o de muitos animais (falta-me singularmente competência neste último ponto). Mas então o que se pode dizer da relação, certamente variável, da linguagem com o que não é diretamente linguageiro? Com certeza, não há nenhum objeto, devir, atitude da qual não se possa “dizer algo”. Mas com que prejuízo ou, pior, com que risco de “dizer mal”? Podemos falar de tudo. Daí o perigo de “profissões linguageiras” e dos eventuais poderes que elas dão. Afinal, um discurso, seja ele qual for, não pode ser equivalente ao menor objeto real, ao menor sentimento, à menor ação. E, talvez mais complicado ainda, toda relação vivida, prática ou qualquer outra para o mundo percebido e modificado pelo acompanhamento linguageiro explícito ou implícito (por exemplo, no reconhecimento de tal pessoa ou tal objeto).

Ademais, os diálogos languageiros, ainda mais (provavelmente) do que os diálogos corporais ou aqueles que passam por outras semióticas (imagens, objetos espaciais, sons etc.), caracterizam-se pela diversidade de seus gêneros, tipos ou como se queira chamá-los. Assim como pela diversidade dos modos de percepção e – eventualmente – de respostas explícitas. O que faz, mais uma vez, com que falar “do” diálogo ou “da” linguagem não seja sério. Assim como falar da narrativa ou da argumentação em sua generalidade.

Além disso, acabamos de propor que o dialogar pressupõe os dois polos opostos do comum e do diferente. Mas não é necessário então supor que em sua relação dialógica consigo mesmo, cada um de nós é, ao mesmo tempo, relativamente unificado e relativamente diferente de si mesmo? Se os momentos do tempo fossem completamente separados, não haveria “sentido”. Não mais do que se fôssemos constantemente semelhantes a nós mesmos. Assim como nossos sonhos são ao mesmo tempo nossos e não são nossos. Pode-se imaginar alguém que não apresentaria nenhuma distância entre o que ele sente, o que ele diz, o que ele faz, mesmo se desejamos, por exemplo, que na promessa que nos é feita, haja “alguma relação” entre palavras, convicções sentidas e atos. Observe-se que estamos falando tanto de comunidade, de proximidade, quanto de diferença, mas sem que seja absolutamente necessário postular “instâncias psíquicas” entre as quais essas relações se estabeleceriam.

E então, novamente, essas generalidades só têm sentido se o autor ou, na ausência, o leitor trouxe exemplos que ora se alinham “muito sabiamente” sob essas noções, ora, ao contrário, resistem mais ou menos.

Alguns exemplos

Outra entrada seria que os participantes de um diálogo não podem se encontrar em posições idênticas. E que voltar ao diálogo é voltar para a diferença entre essas posições. Ou melhor, existem posições instituídas. E aquelas que se desenham no próprio curso da troca. É nisso que um diálogo, em oposição aos questionários acima citados, só existirá como um acontecimento, ou melhor, como uma pequena cena em ruptura com o que do campo do sentido funciona então como pano de fundo.

Eu já tinha usado⁶ o exemplo de um microdiálogo, mas não sei mais qual é a fonte dele. Uma criança diz “eu me tinha enganado”⁷, a professora recomeça “eu me enganei”, “ah! Você também?” disse a criança.

Poderíamos comentar longamente. Primeiro, a natureza do prazer que nós (?) temos com isso. Correlativamente, voltando ao fato de que não é “a linguagem” que está em causa aqui, mas um “jogo de linguagem” específico, aquele que inverte a posição “normal” da professora corretora na aparição fugaz da evocação de um erro comum. Com a questão das condições da ingenuidade criadora, da espontaneidade da criança, que não muda a “realidade”, mas introduz o inesperado em um quadro estável, aqui, o do diálogo escolar, onde o adulto tem a autoridade legítima para corrigir a criança. Em todo o caso, parece-me que esse exemplo ilustra uma figura mínima do diálogo como movimento, segundo o modelo do duplo mundo de referência que encontraremos no chiste.

A partir desse exemplo, recorro a dois outros do livro de Daniel Stern, um da manifestação de uma evidência comum, um outro da erupção do desacordo.

Um primeiro exemplo.

O da evidência partilhada:

Eu estava sentado nos degraus de um museu com vista para uma calçada. Um mímico de ruas, cheio de talento, caminhou atrás de um passante por dez ou vinte metros (vários segundos), imitando seu andar, sua atitude, seu humor aparente, apreendendo rapidamente uma de suas características. O passante geralmente não percebia que ele era seguido, imitado e zombado. Ele simplesmente continuava seu caminho. Então o mímico parava, dava meia volta e seguia passo a passo o próximo passante, caminhando na direção oposta. Etc. A multidão sentada nos degraus estava se divertindo muito. O mímico seguiu então uma mulher. Mas ela rapidamente compreendeu o que estava acontecendo. Ela parou bruscamente, virou-se em direção ao mímico e protestou. O mímico então a imitou enfurecida. Ela então começou a imitar a imitação que ele fazia dela. Eles acabaram morrendo de rir os dois. Apertaram as mãos e cada um saiu para um lado... Naquele momento, eu me levantei para sair, como um casal sentado à minha esquerda, desconhecidos. Nós nos olhamos com um sorriso, levantamos as sobrancelhas, inclinamos nossas cabeças, fizemos uma mímica

⁶ Cf. François (2003).

⁷ Nota da tradutora: Em francês, o passado composto que equivale ao nosso pretérito perfeito pode ser conjugado com os auxiliares ser e ter. No exemplo, a criança usa o auxiliar ter em lugar do auxiliar ser (“je m’ai trompé”) e a professora corrige usando o verbo ser (“je me suis trompé”) que é a forma correta gramaticalmente. Como a criança não percebe a correção, ela pergunta: “você também?”

indescritível e abrimos nossas mãos, palmas no ar - como se dissesse: “Aprendemos todos os dias.” Eles partiram para um lado e eu para outro (Stern, 2003, p. 37).⁸

E Stern (*Ibid.*, p. 37) conclui: “Eu não estava sozinho na terra, eu fazia parte de uma espécie de matriz humana intersubjetiva e psicológica. O efeito não durou. Mas isso me fez muito bem naquele momento.”

O que acrescentar? Stern comenta sobretudo o momento de seu encontro com o casal desconhecido. Mas ele observa que alguém poderia ter comentado tanto o momento do encontro ainda mais fugaz e frágil entre a dama imitada e o mímico. Nos dois casos, o acordo não é exclusivo da diferença. Ele não implica “empatia”. E “concordância”, justamente, significa algo diferente de “identidade”.

Um segundo *exemplo, oposto*.

Um adolescente seguindo uma terapia psicodinâmica:

Quando criança, ele tinha sofrido uma queimadura grave no peito e no abdômen, o que havia deixado uma cicatriz descolorida impressionante. Tinha dedicado muito tempo terapêutico para falar sobre isso, especialmente sobre o fato de que a cicatriz enojava as meninas ou as fazia fugir. Era verão e a praia estava no coração da vida social. Um dia, durante uma sessão, sem prevenir, ele disse: “Depois de todas essas falas, você precisa ver com que ela parece”. E ele começou a levantar a camisa. (Um momento urgente). O terapeuta protestou: “Não, você não precisa me mostrar, apenas me diga o que ela representa para você agora”. O garoto interrompeu e expressou sua incompreensão diante da recusa do terapeuta em ver sua cicatriz. Eles discutiram sobre esse assunto durante a sessão, bem como durante a seguinte... Finalmente, durante a sessão seguinte, o terapeuta disse: “Pensei no que aconteceu e tive a sensação de decepção por não ter olhado a cicatriz.” O adolescente respondeu: “Pouco importa que você esteja decepcionado.

⁸ No original em francês: “J’étais assis sur les marches d’un musée dominant un trottoir. Un mime de rues, bourré de talent, marchait derrière un passant sur dix ou vingt mètres (plusieurs secondes), en imitant sa démarche, son attitude, son humeur apparente, en saisissant rapidement une de ses caractéristiques. Le passant ne se rendait généralement pas compte qu’il était suivi, imité et raillé. Il poursuivait simplement sa route. Puis le mime s’arrêtait, virait sur lui-même et emboîtait le pas au passant suivant, qui, lui, marchait dans la direction opposée. Etc. La foule assise sur les marches s’amusait beaucoup. Le mime a alors suivi une femme. Mais elle a très vite compris ce qui se passait. Elle a pilé, s’est tournée vers le mime et a protesté. Le mime l’a alors imitée dans sa colère. Elle s’est alors mise à imiter l’imitation qu’elle faisait d’elle. Ils ont fini par éclater de rire tous les deux. Ils se sont serré la main et sont partis chacun de son côté... À ce moment-là, je me suis levé pour partir, comme un couple assis à ma gauche, des inconnus. Nous nous sommes regardés en souriant, nous avons haussé les sourcils, avons incliné la tête, fait une mimique indescrivable et avons ouvert les mains, paumes en l’air – comme pour dire : « On en apprend tous les jours. » Ils sont partis de leur côté, moi du mien” (*Ibid.*, p. 37).

Você me decepcionou”. E eles discutiram novamente (Stern, 2003, p. 209)⁹.

108

François
Cunha

Stern acrescenta que a cicatriz nunca foi fechada. De qualquer forma, a verdadeira cicatriz nunca foi mostrada. “Uma parte significativa do mundo do paciente foi privada de um compartilhamento intersubjetivo mais aprofundado. O universo terapêutico encolheu em vez de se expandir” (*Ibid.*, p. 209).

Gosto muito dessa história. Imagino o pensamento do psicólogo, para quem é evidente coletivamente, profissionalmente, condenar o que se tornou normal chamar de “passagem ao ato”. Isso “não se faz”, mostrar uma parte nua do corpo. Imagine se a cicatriz se encontrasse em um lugar mais íntimo... Enquanto era sem dúvida evidente para o jovem “real”, em todo caso, para aquele que eu reconstituo no meu imaginário, a ingenuidade, que era mais “simples”, era mais “normal” mostrar uma cicatriz que, de certa forma, vai “falar melhor do que as palavras poderiam fazer”.

Se voltarmos ao contraste entre esses dois exemplos, não esqueceremos, primeiramente, o problema, já mencionado acima, da citação como modo de retirar textos de seu contexto, o que é seguramente “dialogicamente violento”, mas impossível de evitar. E então, evitaremos o “teoricismo” simplista, que consistiria em reduzir aos dois polos da comunidade e do conflito. O “resto” importa igualmente.

Algumas aberturas para o diálogo, contingência e heterogeneidade

Podemos partir de tudo o que faz com que não pensemos sozinhos, mas sempre com os outros, mesmo que esse pano de fundo de já dito, de já

⁹ No original em francês: “Enfant, il avait été gravement brûlé au torse et à l’abdomen, ce qui lui avait laissé une cicatrice décolorée impressionnante. On avait consacré beaucoup de temps thérapeutique à en parler, notamment du fait que la cicatrice dégoûtait les filles ou les faisait fuir. C’était l’été et la plage était au cœur de la vie sociale. Un jour, pendant une séance, sans le prévoir, il a dit : « Après tous ces palabres, il faut que vous voyez à quoi cela ressemble ». Et il a commencé à relever sa chemise. (Un moment urgent). Le thérapeute s’est récrié : « Non, vous n’avez pas besoin de me la montrer, contentez-vous de me dire ce qu’elle représente pour vous maintenant. » Le gamin s’est interrompu et a exprimé son incompréhension devant le refus du thérapeute de voir sa cicatrice. Ils se sont disputés à ce sujet pendant cette séance ainsi que pendant la suivante... Finalement lors de la séance suivante, le thérapeute a déclaré : « J’ai réfléchi à ce qui s’est passé et j’ai eu le sentiment de m’être déçu moi-même en ne regardant pas la cicatrice. » L’adolescent a répondu : « Peu m’importe que vous vous soyez déçu. Vous m’avez déçu ». Et ils se sont de nouveau disputés” (*Ibid.*, p. 209).

manifestado não seja necessariamente atribuível. Há o que já estava lá, o instituído para retomar a expressão de Merleau-Ponty¹⁰. E esse instituído opõe-se à imagem de um pensamento que, de alguma forma, constituiria “sozinho” seu objeto. É o que nos mostra “a entrada no mundo” de toda criança, o que inclui também o momento individual da iluminação, da descoberta.

Entrada no mundo que também mostra (ao contrário do que parece dominar tanto o discurso de Bakhtin como o de Volóchinov) que o acesso à linguagem é baseado no pano de fundo do que vincula nosso corpo aos outros, ao mundo, à contingência de nossa situação. Sem que a psicologia ou a sociologia objetivas deem conta da especificidade de nossa atitude, de nosso discurso ou de nosso modo de compreensão. Podemos apenas ter um pouco de consciência no instante $n+1$ da contingência do que nos parecia óbvio no instante precedente. Ou formas de restrição que nos são impostas, como o domínio atual do que Henri Lefebvre¹¹ chamava, há muito tempo, a “sociedade burocrática de consumo dirigido”.

No contexto deste número de revista, este artigo não abordou o que pode ser específico no diálogo pedagógico. Muito rapidamente, talvez pudéssemos distinguir três casos extremos.

- Aquele em que “o professor” transmite sobre a ortografia, os contextos históricos ou ... “verdades”, informações para aqueles que não as têm ou que se supõe que não as tenham.
- Aquele em que o professor apresenta um “espaço de suspensão”, onde suas próprias formas de perceber ou de dizer e as dos alunos podem ser comparadas. Afinal, os relatos das crianças da escola maternal não são apenas uma forma inferior de “contar” a partir da qual devem progredir.
- E depois há as situações de conflito em que o adulto se encontra confrontado com os mais jovens, imersos na evidência de uma outra cultura, como aquela que manifesta uma outra relação entre a fala, o discurso escrito e o que se pode transmitir através da Internet, ou mesmo a inutilidade do trabalho escolar. Ou, para

¹⁰ Nota da tradutora: O autor se refere à obra *L’Institution, la passivité. Notes de cours au Collège de France* (1954-1955), publicada em 2003.

¹¹ Nota da tradutora: O autor se refere à obra *La vie quotidienne dans le monde moderne*, publicada em 1968.

pegar um tópico mais candente, o que pode fazer o professor, cujo pensamento provavelmente se desenvolveu com mais frequência no que se pode chamar cultura ocidental, em face da recusa oposta em nome da verdade do Islã, que se enfatize o dogmatismo dessa oposição ou que se perceba a legítima revolta dos “humilhados e ofendidos” (essas duas ênfases não sendo necessariamente incompatíveis)?

Há, em todo caso, uma situação dramática, que remete, na melhor das hipóteses, tanto quanto posso julgar, a compromissos práticos mais do que a uma solução teórica universal.

Dito isso, não creio que, em geral, seja necessário sonhar com uma macroteoria psico-linguística-semiótica-social que daria conta seriamente de “acontecimentos dialógicos”. Mais especificamente, não estamos, a meu ver, em situação, entre outras em nome do sucesso das ciências naturais, de visar a uma “ruptura epistemológica” (o que outrora foi o modelo da linha de Bachelard-Canguilhem-Althusser e de seus sucessores) que, colocando os textos em suas condições de emissão, diriam a verdade sobre eles.

Pode-se antes perguntar, o que seria o “dialogismo modesto”, como somos capazes de receber, de compreender (pelo menos um pouco e de uma forma ainda por determinar) textos que não poderíamos ter produzido. Assim como textos produzidos em um mundo diferente do nosso. Acrescentando que a diversidade de modos de recepção e de nossas relações de comunidade-diferença com outros receptores constitui um fato que, por si só, não pode ser “completamente esclarecido”. Assim, apesar da estranheza da pretensão de um “pouco de verdade” daquele que conclui (provisoriamente), não haveria uma justificativa para dizer “dialogismo mesmo assim” (inclusive se cada um não der o mesmo sentido a essa palavra...)?

Referências

FRANÇOIS, Frédéric. *Bakhtine tout nu, ou une lecture de Bakhtine en dialogue avec Volochinov, Medvedev et Vygotski ou encore, Dialogisme, les malheurs d'un concept quand il devient trop gros, mais dialogisme quand même*. Limoges : Lambert-Lucas, 2012.

FRANÇOIS, Frédéric. Bakhtin completamente nu, ou uma leitura de Bakhtin em diálogo com Volochinov, Medvedev et Vygotsky ou ainda, Dialogismo: as desventuras de um conceito (?) quando ele se torna muito amplo, mas “dialogismos” assim mesmo. *Bakhtiniana*. Revista de estudos do discurso, v. 9, n. especial, p. 47–172, 2014b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19739> Acesso 14 mai. 2023.

FRANÇOIS, Frédéric. *Interprétation et dialogue chez des enfants et quelques autres*. Lyon: E.N.S. Éditions, 2003.

FRANÇOIS, Frédéric. Sens, sujet, genre. Que faire des grands mots? *Revista Investigações – Linguística e Teoria Literária*, v. 15, n. 2, p. 53-84, 2002.

LEFEBVRE, Henri. *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris: Gallimard, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'Institution, la passivité*. Notes de cours au Collège de France (1954-1955). Paris: Alpha, 2003.

SÉRIOT, Patrick. Vološinov, La philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. In: VOLOŠINOV, Valentin. *Marxisme et philosophie du Langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Limoges: Lambert-Lucas, 2010, p. 13-109.

SÉRIOT, Patrick. *Vološinov e a filosofia da linguagem*. São Paulo : Parábola Editorial, 2015.

STERN, Daniel. *Le Moment présent en psychothérapie. Un monde dans un grain de sable*. Paris : Odile Jacob, 2003.

VOLOŠINOV, Valentin Nikolaevič. *Marxisme et philosophie du langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevič. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina, Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017.

Educação

Leitura e cidadania no Novo Ensino Médio: *fake news* em foco

Reading and citizenship in the New High School: fake news in focus

Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Universidade de São Paulo, Brasil

1 Introdução

Em 2022, começou a ser implantado o Novo Ensino Médio no Brasil, estabelecido pela Lei nº. 13.415 (Brasil, 2017) e definido pela *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC (Brasil, 2018). A proposta é de oferecer um ensino público de qualidade, ao mesmo tempo, voltado para a cidadania e para o mercado de trabalho, para o empreendedorismo. Essas finalidades, que podem ser divergentes – a formação cidadã “coloca a todos em igualdades de condições para exigir o que [para o empreendedorismo] só deveria ser outorgado àqueles que, graças ao mérito e ao esforço individual, se consagram como consumidores e empreendedores” (Gentili, 1996) –, desvelam tensões em torno dos princípios didáticos do Novo Ensino Médio. O objetivo deste artigo, nesse sentido, é investigar a participação cidadã que se promove em um manual escolar aprovado para a reforma curricular pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2021: *Interação: Português* (Sette *et al.*, 2020).

Esse volume único – destinado ao 1º, 2º e 3º ano – foi organizado em doze unidades temáticas, que se propõem a dialogar com o “estudante do

século XXI, nativo digital” (Sette *et al.*, 2020, p. III). Na unidade 11, “*Fake news* e pós-verdade”, a seção “Leitura”, foco deste artigo, apresenta um dos temas prescritos na BNCC (Brasil, 2018) para o campo de atuação na vida pública: “a profusão de notícias falsas (*fake news*), de pós-verdades, do cyberbullying e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias” (Brasil, 2018, p. 488). A seção deve, assim, responder aos objetivos estabelecidos pelo documento oficial: desenvolver “habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética” (Brasil, 2018, p. 488) e promover “questões de interesse coletivo e público [...] como forma de valorizar a democracia e uma atuação pautada pela *ética da responsabilidade*” (Brasil, 2018, p. 512, grifo nosso).

A noção de cidadania, que perpassa o tema das *fake news* e o campo de atuação na vida pública¹, não é una. Na Grécia Antiga, era um status conferido a um pequeno grupo de homens livres, que podiam participar das decisões coletivas da polis (Costa; Ianni, 2018). Na Idade Média, estava vinculado a uma ideia de contrato de fidelidade direta e pessoal ao suserano (Dubet, 2011). Após a Revolução Francesa, ganhou a perspectiva de liberdade para lutar *contra* o poder – em contraposição à liberdade de participação *no* poder que se tinha na Grécia Antiga (Costa; Ianni, 2018). Nos séculos XVII e XVIII, foi pensada por teorias naturalistas como um “critério *passivo* de pertença a uma comunidade nacional de direitos e deveres” (Costa; Ianni, 2018, p. 53, grifo nosso). Nessa perspectiva, o indivíduo era concebido como um ser de direitos que antecede uma organização social e política, direitos naturais determinados por uma vontade extraterrena, que os faz prevalecer sobre deveres.

Em contrapartida, a partir do fim do século XX, com o fortalecimento dos movimentos sociais de natureza identitária, teorias individualistas compreendem que uma comunidade política de direitos e de deveres não é decorrente de uma vontade extraterrena. É delimitada pelo homem e, dessa forma, é passível de contestação. Dessa percepção decorre a noção de cidadania como *prática social* de indivíduos, como necessária conquista e consolidação de direitos civis e políticos. Sendo ela ativa, o cidadão deve ser capaz de julgar por si seus interesses e os de seu grupo para intervir. Essa capacidade – como os critérios de curadoria e de apreciação ética estipulados

¹ Na BNCC, nas descrições dos trabalhos que devem ser feitos em cada campo (Brasil, 2018, p. 505-526), a palavra cidadania tem apenas uma entrada: no campo de atuação na vida pública.

pela BNCC (Brasil, 2018) – foi e é construída temporalmente, espacialmente e axiologicamente nos manuais escolares.

Como a cidadania é estimulada na construção do conhecimento no mundo da cultura, mundo do manual escolar? Para responder a essa questão e cumprir com o objetivo deste artigo, esse foi organizado em três seções. Na primeira, debruça-se sobre tensões em torno do ensino de leitura e de seu intuito, a partir do período de redemocratização de nosso país. Na segunda, exploram-se contribuições da noção de arquitetônica (Bakhtin, 2011, 2017b, 2018) e do conceito de cronotopo (Bakhtin, 2018) para a análise da seção de leitura de um manual escolar de Língua Portuguesa. Na terceira, à luz desses fios teórico-metodológicos, são investigados tempos, espaços e valores associados à coletânea de leitura, às explicações e às atividades na seção, de modo a analisar como a atividade cidadã é apresentada aos estudantes em *Interação: Português* (Sette *et al.*, 2020).

1 Ensino da leitura e cidadania: conhecimento para quê?

No período de redemocratização de nosso país, a Constituição Federal de 1988 representou o fim de um longo período de autoritarismo e de repressão militar. Ficou conhecida como “Constituição Cidadã” (Fernandes; Santos, 2022), porque retomou o sistema presidencialista com voto direto, obrigações trabalhistas e a liberdade de expressão, além de versar sobre o racismo enquanto crime inafiançável, a demarcação de terras indígenas e os serviços públicos de saúde. Para a educação, apresentou o mais longo capítulo, dentre todas as constituições anteriores (Palma; Franco, 2018, p. 17).

Nesse contexto, defendia-se a escola como um espaço de transformação social e voltou-se para a formação de alunos preparados para a reivindicação e consolidação de direitos civis e políticos (Possenti, [1984] 2011; Soares, 1990; Lajolo, 1995), para a cidadania *ativa*. Opunha-se à compreensão de que a escola deveria valorizar uma única tradição, a cultura nacional, em prol da construção de um “futuro glorioso, capitalista e ocidental” (Maia, 2013, p. 5), conforme documentos oficiais da Comissão Nacional de Moral e Civismo, do Conselho Federal de Educação e do Conselho Federal de Cultura. Contrapunha-se à concepção de cidadania

como sinônimo de consciência cívica, de dever defender e impulsionar valores morais preestabelecidos, considerados superiores e absolutos, diante de ameaças à estabilidade e à ordem, supostamente provocadas por “ideologias alienígenas presentes na sociedade” (Maia, 2013, p. 1).

Durante a ditadura militar, na aula de língua materna, “princípios homogêneos e fora do mundo” (Dubet, 2011) projetavam a suposta *universalidade* dos valores da ditadura, como se fossem de caráter sagrado e inquestionável. No ensino da gramática, esses princípios eram categorias preestabelecidas de uma língua², tomada como sistema autossuficiente, único e isolado. Seu domínio garantiria a formação do aluno como emissor e receptor de mensagens, que utiliza e compreende a língua enquanto código, conforme a Teoria da Comunicação de Roman Jakobson. Já o ensino de leitura era concebido como práticas de observação e de memorização de textos modelares, fontes de saberes essenciais para se escrever (Bunzen, 2006). Era necessário se apoderar das virtudes dos grandes autores, de qualidades de estilo desejáveis, para se posicionar diante de determinado tema, sob pretexto de impacto prospectivo na produção de texto.

Desse modo, o ensino da leitura seria capaz de desenvolver, basicamente, cinco capacidades (Rojo, 2004, p. 4): 1. de compreender as diferenças entre a escrita e outros sistemas de representação; 2. de conhecer o alfabeto; 3. de dominar as relações entre grafemas e fonemas; 4. de dominar convenções gráficas; 5. de ampliar o olhar das palavras para porções maiores de texto, desenvolvendo rapidez de leitura.

Identificou-se, nas redações de jovens candidatos às universidades, uma *Crise na linguagem* (Rocco, 1981): uma linguagem incoerente, ilógica e contraditória. Se havia um consenso de que a qualidade dos textos estava abaixo de níveis desejáveis, no entanto, o mesmo não acontecia em torno de suas razões. Acreditava-se, de um lado, na existência de uma “privação linguística patológica dos alunos” (Bunzen, 2006, p. 147). De outro lado, defendia-se que o problema não estava no fracasso individual dos alunos, mas em suas condições de ensino-aprendizagem. Sob essa perspectiva, conforme Geraldini (2014, p. 216), a pretensa objetividade e inesgotabilidade do objeto da língua nas práticas de leitura e de escrita acabava por obscurecer objetivos (para que leio/escrevo?), temas (sobre o que leio/escrevo?) e razões

² Que seguiam a Nomenclatura Gramatical Brasileira (Rio de Janeiro, 1958), elaborada por uma comissão designada pela Portaria Ministerial nº. 152, em 1957.

(por que leio/escrevo?), tornando-as distantes da realidade dos alunos. Questionava-se, assim, a construção do conhecimento na escola, que parecia servir apenas como

[...] passaporte para prossecução de ano ou nível [...]. Os alunos passam pelos conhecimentos que integram o currículo sem que muitas vezes eles passem por eles, ou sequer os toquem ou atravessem, incorporando-se na sua cultura. Predomina na cultura escolar, e independentemente da qualidade, muitas vezes excelente, de programas ou professores, uma concepção instalada de “saber escorregadio”, cuja aquisição é percebida como marcada pela temporalidade de um exame ou classificação, e que parece não se destinar a sobreviver-lhe. (Roldão, 2009, p. 596-597).

A partir da década de 1990, a insatisfação com esse mundo à parte de conhecimentos escolares culminou na pedagogização de dois conceitos na aula de língua portuguesa: gênero do discurso e competência. O primeiro oscilou entre flexibilidade/ plurissemia, enfatizando a formação do jovem como protagonista, leitor e produtor crítico; e modelos/ referências de estrutura de texto, em uma abordagem prescritiva, de reprodução de pontos de vista (Rojo, 2008). Já o segundo era definido ora como saber aplicado, desenvolvido por treino específico, repetitivo e segmentado, numa interação dinâmica entre saberes prévios e saberes formalizados em novas experiências pelos indivíduos; ora como sistema complexo que agrega conhecimento, dispositivos de operacionalização e capacidade crítica e mobilizadora em situação, de modo a considerar que todos têm competências culturais e interpessoais com as quais podem/ devem participar de uma sociedade mais ampla, justa, humana e solidária (Roldão, 2009).

Essas diferentes conceituações valorativas são, conforme Figueiredo (2005, p. 107) resultantes de distintas preocupações da sociedade, dividida entre exigências técnicas *mensuráveis* do competitivo mercado de trabalho e o exercício de direitos e deveres políticos, civis e *sociais*, voltados para uma ética da responsabilidade cidadã. Havia a influência crescente de órgãos internacionais³ nas escolas do hemisfério sul, empenhados em formar sujeitos capazes de resolver problemas, aplicando soluções a partir de sua

³ Figueiredo (2005) destaca, dentre as iniciativas promovidas por órgãos internacionais, a “Conferência Mundial de Educação para Todos”, que ocorreu em Jomtien, na Tailândia, em 1990, e que teve como um de seus patrocinadores o Banco Mundial. Dentre os países participantes dessa Conferência estava o Brasil. Comprometida em erradicar o analfabetismo e a evasão escolar, principais desafios apontados pelo evento em Jomtien, a Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação iniciou, em 1995, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

certeza interna – o *cogito* –, ampliada numa cadeia dedutiva de verdades adquiridas previamente. O aluno era, nessa perspectiva, auto responsabilizado pelo seu desenvolvimento pessoal e cognitivo, a ser verificado por exames padronizados, como os vestibulares. Em contrapartida, havia um anseio em construir e garantir uma nova sociedade democrática, mais justa, de uma identidade política plural, conduzindo os alunos na produção – não passiva, nem mecânica – do conhecimento em sala de aula e os aproximando de “bens culturais que [lhe] são sonogados e que são um capital indispensável na luta [...] pela participação no poder” (Soares, 1990, p. 39).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino médio (Brasil, 2000), a tensão entre esses distintos interesses é evidenciada lexicalmente. A expressão “mercado de trabalho” aparece seis vezes, enquanto “mundo do trabalho” é citado dezesseis vezes. A palavra “cidadania”, por sua vez, aparece 56 vezes, no sentido de “o conhecimento, o uso e a produção histórica dos direitos e deveres do cidadão e o desenvolvimento da consciência cívica e social, que implica a consideração do outro em cada decisão e atitude de natureza pública ou particular” (Brasil, 2000, p. 21).

Frente a esse embate, “leitura”, mencionada sete vezes no documento, por vezes, é uma prática de identificação “de um comando ou instrução clara, precisa, objetiva” (Brasil, 2000, p. 17) para posterior ação sobre a realidade. Pode, dessa maneira, ser mensurada. Outras vezes, “leitura” está ligada à construção de um conhecimento *socialmente comprometido*, dado que

[...] não há conhecimento que possa ser aprendido e recriado se não se parte das preocupações que as pessoas detêm. O distanciamento entre os conteúdos programáticos e a experiência dos alunos certamente responde pelo desinteresse e até mesmo pela deserção que constatamos em nossas escolas. Conhecimentos selecionados a priori tendem a se perpetuar nos rituais escolares, sem passar pela crítica e reflexão dos docentes, tornando-se, desta forma, um acervo de conhecimentos quase sempre esquecidos ou que não se consegue aplicar, por se desconhecer suas relações com o real (Brasil, 2000, p. 22).

Nesse último sentido, a leitura não pode ser avaliada como uma aplicação de uma forma normativa. Seu sentido não se encontra na identidade de uma forma, mas no significado que adquire em um contexto singular.

Duas décadas mais tarde, na BNCC (Brasil, 2018), “cidadania” tem 46 entradas, enquanto “mercado de trabalho” e “mundo do trabalho” têm,

respectivamente, quatro e 37. A tensão entre diferentes interesses no ensino de língua materna se mantém. O modo como os autores do manual escolar elaborado para o Novo Ensino Médio responde a ela, apresentando textos, explicações para esses textos e atividades de leitura, define não só o corpo de saberes que consideram necessários na aula de leitura. Também determina a natureza do conhecimento construído em sala de aula, em sua relação com o além de seus muros. É promovida uma cidadania *ativa*, de engajamento do aluno em questões de seu tempo-espço concreto? Ou é privilegiada a *passividade* na atividade cidadã, a reprodução de valores preestabelecidos, em categorias de língua/linguagem superiores e absolutas? São confrontados, assim, estes dois mundos, frequentemente, incomunicáveis e impenetráveis: o da cultura e o da vida, “o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente, irrepetivelmente, ocorre, tem lugar” (Bakhtin, 2017b, p. 43).

2 Por uma análise dialógica de manuais escolares do novo ensino médio: cronotopo de leitura

A noção de arquitetônica (Bakhtin, 2011, 2017b, 2018) fornece um caminho metodológico para confrontar o mundo da cultura e o mundo da vida pública representados na seção de leitura, na medida em que permite explorar os sentidos construídos nas relações interativas entre as representações desses dois mundos. Valoriza pontos de vistas projetados sobre temas, objetos de ensino e o aluno nos textos apresentados, nas atividades e nas explicações fornecidas pelo autor do manual escolar, ao passo que descreve um *todo*, o projeto de ensino de leitura voltado à cidadania a que se deu acabamento, a partir do centro concreto do autor.

Parte-se, desse modo, de um princípio epistemológico que traz a cultura na perspectiva antropocêntrica. No lugar de conceitos, categorias de análise e argumentos replicáveis, identificam-se comportamentos éticos e acontecimentos estéticos inter-relacionados, organizados e desenvolvidos pela *unidade tensamente ativa* construída pelo autor. A partir de seu lugar de exterioridade em relação a seus objetos, o autor lhes dá objetividade estética. Daí sua consciência ser “a consciência da consciência” (Bakhtin, 2011, p. 11) de uma obra, isto é, no caso de um romance, em que o objeto é a personagem,

[...] a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem com elementos por princípios transgredientes a ela mesma [...]. A consciência da personagem, seu sentimento e seu desejo de mundo – diretriz volitivo-emocional concreta –, é abrangida de todos os lados, como em um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e do seu mundo; as afirmações do autor sobre a personagem abrangem e penetram as afirmações da personagem sobre si mesma. O interesse vital (ético-cognitivo) pelo acontecimento da personagem é abarcado pelo *interesse artístico do autor*. (Bakhtin, 2011, p. 11, grifo nosso).

No caso da seção de leitura, o interesse do autor do manual escolar abarca atividades, definições de conceitos e o interesse dos autores dos textos apresentados para estudo. Esses textos, a despeito de seu contexto de produção, se incorporam às múltiplas funções que o manual escolar pode assumir – por exemplo, referencial, de suporte privilegiado de conhecimentos; instrumental, de aplicação de métodos de aprendizagem, visando determinados objetivos; e ideológico-cultural, de construção de uma identidade nacional (Choppin, 2004, p. 553). Passam a obedecer a um tempo-espaço escolar quando são divididos e hierarquizados em subseções, em boxes ou em fragmentos em enunciados de atividades. Na unidade didática, desse modo, eles não se encontram lado a lado, como se não percebessem uns aos outros. Articulam-se, confrontam-se, de tal modo que seria um equívoco isolar o texto verbal em detrimento do visual no manual escolar, tomando esse como uma mera ilustração, cujo objetivo é facilitar a leitura daquele (*cf.* Campos, 2012).

O interesse do autor do manual escolar, ao mesmo tempo que organiza e desenvolve a objetividade estética da seção de leitura, é uma orientação ética, porque exige que ele compreenda seu dever em relação à formação cidadã e aos objetos de língua materna – que há algo neles por ser determinado pelo seu centro concreto único⁴. Reconhecer essa responsabilidade pela sua singularidade é uma orientação imperativa da consciência do sujeito, que transforma o conhecimento humano teórico em *ato realizado* (Bakhtin, 2017b). Na arquitetura, o autor dá *sentido* aos significados teóricos dos mundos da cultura e da vida pública, que “ganham

⁴ Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017b) apresenta um problema comum do pensamento teórico da época moderna: a tentativa de fazer objetos de conhecimento teórico se passarem como um mundo dado, objetivo – atemporal, a-espacial e a-valorativo –, que não precisa ser responsabilmente reconhecido por uma unicidade participante. Para o filósofo russo, trata-se de um equívoco, porque mesmo a lógica formal desenvolvida no terreno do kantismo se revela apenas com a ação de reconhecimento da veracidade, a partir de um sujeito em defesa de leis internas a um domínio teórico, que se transformam em meio de defesa racional.

corpo, enchem-se de sangue” (Bakhtin, 2018, p. 226), à medida que se tornam tematicamente visíveis em cronotopos.

Materialização de tempo-espaço em torno do qual gravitam “as generalizações filosóficas e sociais, as ideias, as análises das causas e efeitos, etc.” (Bakhtin, 2018, p. 227), o cronotopo é uma categoria de conteúdo-forma de acabamento da arquitetura. Nessa, o tempo se adensa e ganha corporeidade, tornando-se visível no espaço, desvelando *valores*. O espaço, por sua vez, se intensifica e se incorpora ao movimento do tempo de diferentes modos, para que o conhecimento do homem histórico e real seja assimilado. Dessa maneira, o cronotopo não corresponde a um léxico pertencente a um campo semântico de tempo e/ou espaço específico, mas encaminha-se para a compreensão de *como* o tempo se constitui no espaço na construção da obra e *como* o espaço organiza temporalidades – *como* o tempo-espaço se desenvolve e se transforma (Machado, 2010), marcando posicionamentos axiológicos de um centro concreto e singular. O cronotopo, assim, permite menos perseguir unidades internas replicáveis e previsíveis, cujas correlações são lógicas, que descrever *acontecimentos* ético-estéticos, organizados e desenvolvidos pela *unidade tensamente ativa* construída pelo autor.

Em “As formas do tempo e do cronotopo no romance”, Bakhtin (2018) descreve como, no âmbito de uma única obra e nos limites da criação de um autor, podem ser observados vários cronotopos que se interrelacionam:

Os cronotopos podem incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontrar-se em inter-relações mais complexas. [...] O caráter geral dessas inter-relações é *dialógico* (na ampla acepção do termo). Mas esse diálogo não pode integrar o universo representado numa obra nem em nenhum dos seus cronotopos (representados): ele está fora do universo representado, embora não esteja fora da obra como um todo. Ele (esse diálogo) integra o universo do autor e do intérprete, e o dos ouvintes e leitores. E esses universos também são cronotópicos (Bakhtin, 2018, p. 229, grifos do autor).

O cronotopo como categoria de conteúdo-forma, dessa maneira, desvela como a experiência humana do tempo-espaço ocorre menos de forma linear e cronológica que em simultaneidades. O cronotopo como categoria de conteúdo-forma *da arquitetura* indica que, nessa experiência, o sujeito não é passivo, mero espectador. Não reproduz um mundo dado de antemão. Tem, antes, uma responsabilidade bidirecional (Bakhtin, 2017b): em relação ao

conteúdo – deve dar sentido ao conhecimento humano teórico, a partir do lugar singular de exterioridade que ocupa em uma obra; e em relação ao seu existir – já que não há meios técnicos que resolvam a questão do *valor moral* do dever ser responsável pela sua participação insubstituível em uma obra. A responsabilidade especial, responsabilidade pelo conteúdo, assim, se faz um momento da responsabilidade moral: só é possível se a singularidade do sujeito é dada e, ao mesmo tempo, realmente atualizada por ele.

Como no romance, em que há dois acontecimentos que ocorrem em tempos e em lugares diferentes – “aquele sobre o qual se narra na obra e o acontecimento da própria narração” (Bakhtin, 2018, p. 232) –, no manual escolar, também é possível diferenciar cronotopos do mundo representado pelo autor dos cronotopos do autor e do leitor. O cronotopo do autor é o ponto espaço temporal do qual o autor observa os acontecimentos por ele representados, que não se limite a um presente composicional:

ele os observa a partir da sua contemporaneidade inacabada, com toda a sua complexidade e plenitude, e além disso ele mesmo se encontra como que numa tangente à realidade representada. Essa atualidade, de onde observa o autor, inclui antes de tudo o campo da literatura, e não só da contemporânea a ele, no sentido estrito da palavra, mas também a literatura do passado, que continua a viver e a renovar-se na atualidade. O campo da literatura e – de forma mais ampla – da cultura (da qual não se pode separar a literatura), compõe o contexto necessário da obra literária e da posição que o autor ocupa nela, fora do qual não se pode compreender nem a obra, nem as intenções do autor nela representadas (Bakhtin, 2018, p. 233).

O cronotopo do leitor, por sua vez, é uma complexa posição cujo papel é renovador. Em uma das notas publicadas em “Fragmentos dos anos 1970-1971”, Bakhtin (2017a) trata, ainda que de forma inacabada, da tendência de se dissolver na consciência do autor a consciência do leitor, com o intuito de compreender o texto tal qual o autor o compreenda. Esse momento de coincidência entre as consciências, contudo, não pode existir, porque o leitor tem, ele mesmo, a vantagem essencial da distância espaço-temporal do autor – que não é um autor-criador, regido por leis individuais e psicológicas; tampouco é uma definição acabada e encerrada no texto. É um sujeito ético-estético, cujos sentidos devem ser (re)criados pelo centro singular concreto do leitor.

Tanto o cronotopo do autor quanto o cronotopo do leitor nos são dados na existência material externa da obra, em que o “material da obra não é morto, mas falante, significante” (Bakhtin, 2018, p. 229). Assim, apesar da

impossibilidade de traçar fronteiras intransponíveis entre esses cronotopos e o mundo representado – porque estão indissoluvelmente ligados um ao outro e se encontram em troca permanente –, por ora, eles ultrapassam os limites de nossa investigação. Os cronotopos dos mundos representados pelos autores de *Interação: Português* (Sette *et al.*, 2020) na seção “Leitura” da unidade “*Fake news* e pós-verdade”, por outro lado, podem ser identificados no texto “Luiz Fujita: ‘*Fake news* pode matar’” (Fujita, 2019 *apud* Sette *et al.*, 2020, p. 275); em duas ilustrações de marionetes sem título, de autoria de Hugo Araújo (s/d); em doze questões e em dois boxes. Esses cronotopos, à medida que constroem representações do mundo da cultura e do mundo da vida pública, indicam o posicionamento do autor acerca do tema das *fake news* e do que deve ser o ensino da leitura. Em suas interrelações, no *todo arquitetônico*, promovem determinado tipo de participação cidadã para o Novo Ensino Médio.

3 *Fake news* e atuação na vida pública

A unidade 11, “*Fake news* e pós-verdade”, de *Interação: Português* (Sette *et al.*, 2020) visa fazer o aluno “refletir sobre os efeitos negativos das *fake news* nas diferentes esferas da vida social e política” e “desenvolver habilidades para identificar *fake news* e combater seu compartilhamento” (Sette *et al.*, 2020, p. 8, grifos nossos). Tenciona, conforme os verbos em destaque, formar o estudante para uma cidadania *ativa*. Os cronotopos que organizam os textos apresentados, as atividades e os boxes que conduzem sua leitura, no entanto, trabalham entre a universalidade e a singularidade – entre um mundo à parte de conhecimentos escolares e uma formação que só pode ser recebida por aqueles que têm conhecimentos que o manual escolar não fornece. A cidadania ativa, desse modo, concerne apenas a alguns alunos – é excludente.

A seção “Leitura” dedica-se ao estudo de “Luiz Fujita: ‘*Fake news* pode matar’”, publicado no site do *Correio do Estado* em 10 de janeiro de 2019. Na primeira página da seção, esse texto é reproduzido. Na fonte de pesquisa, indicada abaixo do texto, os autores do manual escolar atribuem sua autoria à Luiz Fujita, editor do Portal Drauzio Varella. Na seção “Artigos e opinião” do site do *Correio do Estado*, no entanto, constata-se que o artigo

é de autoria de Bruna Aquino⁵, o que torna mais compreensível o discurso direto atribuído ao jornalista no título do texto. O nome desse jornalista, desse modo, funciona, no manual escolar, no título e como suposto autor, como uma forma de validar o ponto de vista expresso no texto apresentado.

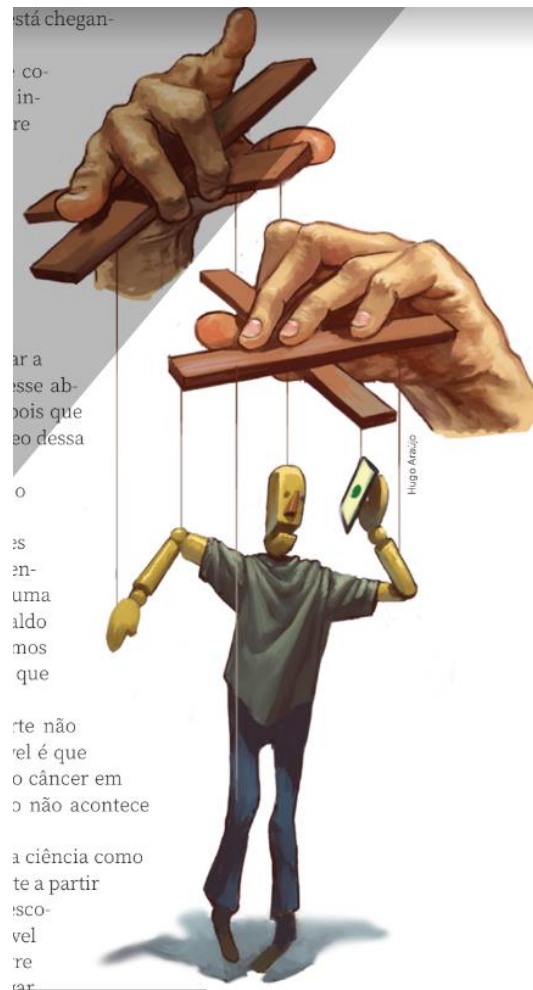
Segundo Bruna Aquino, as *fake news*, que se tornaram um problema flagrante nas eleições de 2018, com o uso desmedido do aplicativo WhatsApp, são, na verdade, “um desafio antigo para quem trabalha com saúde”. A medicina, há tempos, lida com a disseminação de “dietas milagrosas”, feitas com “alguma fruta pouco conhecida no Brasil [que] opera milagres”. Ela conclui:

Não foi na base do *boca a boca* que a medicina (e a ciência como um todo) se desenvolveu enormemente, principalmente a partir do século 19. O modelo científico, que coloca cada descoberta *à prova com regras rígidas*, é o que torna possível você tomar um comprimido com segurança e se ver livre de uma dor de cabeça ou tomar uma vacina e não pegar uma doença gravíssima, como a poliomielite (Fujita, 2019 *apud* Sette *et al.*, 2020, p. 275, grifos nossos).

O texto apresentado, dessa forma, contrasta duas fontes de conhecimento: a que é disseminada “boca a boca” – e que representa um mundo acidental e irresponsável; e a que é colocada “à prova com regras rígidas” do modelo científico, que representa “um mundo infinito inteiro na sua totalidade, que pode ser conhecido somente objetivamente” (Bakhtin, 2017b, p. 109). Duas ilustrações de marionetes, sem título, de autoria de Hugo Araújo (s/d), são apresentadas na seção de leitura ao lado direito do artigo e endossam o posicionamento do texto jornalístico em relação ao conhecimento disseminado “boca a boca” – é uma forma de manipulação perigosa, cujas consequências são um problema de saúde pública:

⁵ O título “Luiz Fujita: ‘Fake news em saúde pode matar’”, a ausência de marcas de um discurso direto ou de um discurso indireto de Fujita no corpo do artigo e o uso da primeira pessoa do plural em “O caso mais notório que enfrentamos foi quando começou a circular um vídeo em que uma mulher colocava na boca do dr. Drauzio Varella a ‘informação’ de que mamografias poderiam prejudicar a tireoide” fazem com que no próprio site do *Correio do Estado* se tenha a impressão de que a opinião expressa é do jornalista e, não, de Aquino. Fonte: <https://correiodoestado.com.br/cidades/artigos-e-opinioao/luiz-fujita-fake-news-em-saude-pode-matar/344873/> Acesso em: 13 abr. 2023.

Figura 1 – Ilustração 1 de marionete



Fonte: Sette *et al.*, 2020, p. 275

Figura 2 – Ilustração 2 de marionete



Fonte: Sette *et al.*, 2020, p. 276

Em ambas as ilustrações, o boneco é controlado por mãos suspensas, ou seja, não se sabe quem o controla – assim como não se sabe a procedência do conhecimento transmitido “boca a boca”. Na primeira ilustração, a marionete tem toda a sua atenção voltada para um celular. Indica-se, dessa forma, o contexto de recepção das *fake news* – “do conhecimento não colocado à prova com regras rígidas” (Fujita, 2019 *apud* Sette *et al.*, 2020, p. 275): a internet, à qual se tem acesso por meio de aparelhos eletrônicos, como o que a marionete tem em sua mão. Já na segunda ilustração, o boneco manipulado é levado a consumir pílulas e um comprimido, também presos às mãos suspensas. Trata-se, assim, do consumo irrefletido de medicamentos, sob influência do conhecimento “boca a boca” transmitido on-line, indicando-se as consequências negativas dessa fonte de conhecimento para a saúde pública.

Depois do artigo e das ilustrações, há uma sequência de doze questões. Nas questões 1 a 8, o foco recai na identificação: do público-alvo do texto; do gênero do texto – que não fora objeto de ensino do manual escolar até então; da tese, do tópico frasal; da argumentação apresentada no sétimo parágrafo; e da estratégia utilizada para concluir texto. No fim das questões 3 e 4, são apresentadas definições de tese e de refutação – respectivamente, “ponto de vista sobre o tema a ser desenvolvido” e “elemento retórico em que se contestam argumentos contrários” (Sette *et al.*, 2020, p. 276). Privilegia-se, dessa maneira, a classificação replicável em análise linguística, o conhecimento teórico de um mundo atemporal e a-espacial, que não precisa ser responsavelmente reconhecido por uma unicidade participante.

Nas questões 9 e 10, pede-se ao estudante para explicar a função de duas questões retóricas retiradas do texto e ordenar os argumentos apresentados por Fujita quanto à sua “força para persuadir pessoas”. Ainda que se pressuponha que o aluno tenha conseguido definir o público-alvo do artigo de opinião anteriormente, a generalidade de “pessoas”, nesse exercício, estabelece um parâmetro universal – atemporal e a-espacial – de interlocução e não considera que centros concretos únicos organizam ativamente as situações, conectando sujeitos como coparticipantes, que conhecem, compreendem e avaliam de maneiras diferentes essas situações.

As duas últimas questões, 11 e 12, referem-se à linguagem do artigo e se diferenciam dos dez exercícios que as precedem: a questão 11 exige que o estudante identifique traços da linguagem informal no texto e interprete o

efeito produzido por esses traços. Na questão 12, o aluno deve explicar a concordância verbal empregada no título do artigo – “Luiz Fujita: ‘Fake news em saúde pode matar’”. Ainda que não isolem aspectos semânticos e estilísticos da língua, essas questões se referem a um tempo-espaço singular – do conhecimento humano teórico transformado em ato realizado pela orientação imperativa do leitor. Esse cronotopo – o mundo da cultura – é distanciado do aluno, na medida em que se exige dele uma reflexão para a qual ele não foi preparado ao longo da seção de leitura.

No fim da seção, há dois boxes, apresentados lado a lado. No primeiro, sem título, define-se o artigo de opinião como um gênero jornalístico argumentativo, escrito por uma voz de autoridade, que apresenta seu ponto de vista acerca de um tema da atualidade. Em seguida, são listados três estratégias de convencimento empregadas no gênero: 1. argumento de autoridade; 2. exemplificação; 3. causa e consequência. Seja por esse conhecimento teórico de um mundo atemporal e a-espacial, que não precisa ser responsabilmente reconhecido por uma unicidade participante, seja pelo contexto de produção apresentado, o aluno é distanciado do gênero. Nos doze exercícios de leitura ao longo da seção, ele foi auto responsabilizado pelo seu desenvolvimento escolar. Caso tenha tido dificuldades, nesse box, lhe é dito que o gênero argumentativo, que a defesa de um ponto de vista acerca de um tema da atualidade não lhe concerne. Enquanto objeto de estudo, assim, o artigo de opinião o distancia do mundo da cultura. Enquanto espaço da argumentação, da defesa do ponto de vista, o gênero distancia o estudante do mundo da vida pública, do exercício da cidadania.

No segundo box, intitulado “Pós-verdade”, é como se lhe fosse demarcado seu lugar de distância em relação ao mundo da cultura e ao mundo da vida pública. Há um trecho do artigo de opinião “O mundo da pós-verdade”, de Luiz Claudio Latgé, publicado no site do jornal *O Globo*, em 26 de novembro de 2016. Nesse trecho, define-se a pós-verdade:

Pela definição do dicionário, pós-verdade quer dizer “algo que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou crenças pessoais”. Em outros termos: a verdade perdeu o valor. Não nos guiamos mais pelos fatos. Mas pelo que escolhemos ou queremos acreditar que é a verdade (Sette et al., 2020, p. 277).

Ao se opor fatos objetivos e crenças pessoais, confrontam-se, novamente, estes dois mundos: “um mundo infinito inteiro na sua totalidade,

que pode ser conhecido somente objetivamente” e um mundo “singular acidental” (Bakhtin, 2017b, p. 109). Ora, se até então, na seção, o estudante não pôde identificar fatos objetivos, se até então lhe foi mostrado que não tem afinidade com um conhecimento teórico universal – à medida que os autores do manual escolar o exigem dele, mas não lhe oferecem –, ele está mais próximo das crenças pessoas, do mundo “singular acidental”.

Na seção “Leitura” da unidade “*Fake news* e pós-verdade” de *Interação: Português* (Sette *et al.*, 2020), dessa maneira, podem ser identificados três cronotopos. O primeiro é um tempo-espço pretensamente atemporal, a-espacial e a-valorativo, relacionado à ciência, à voz do especialista jornalista, ao conhecimento teórico universal exigido nos exercícios, aos fatos objetivos, à verdade. O segundo é um tempo-espço singular – do conhecimento humano teórico transformado em ato realizado pela orientação imperativa do leitor, do espaço de argumentação, da defesa de ponto de vista. Já o terceiro é um tempo-espço particularizante, relativo ao conhecimento transmitido “boca a boca”, às *fake news* que circulam on-line, às crenças pessoais, ao mundo singular acidental da pós-verdade.

O primeiro e o terceiro cronotopos, ao passo que se afastam da realidade do aluno, desvelam que os textos apresentados, os exercícios e os boxes que conduzem sua leitura foram organizados em torno de valores específicos de empreendedorismo e de cidadania em tensão. O estudante deve ser responsável pelo seu próprio desenvolvimento escolar, deve-se empenhar para resolver os desafios propostos pelos exercícios da seção de leitura, a partir de sua certeza interna – o *cogito* –, ampliada numa cadeia dedutiva de verdades adquiridas previamente. Privilegia-se, desse modo, o esforço e o mérito individual – valores do empreendedorismo – na construção do conhecimento. A participação cidadã proposta para o Novo Ensino Médio pelos autores do manual escolar, desse modo, ainda que seja *ativa*, é excludente, não visa construir a escola como um espaço de transformação social, colocando todos em igualdades de condições para reivindicar e consolidar direitos civis e políticos, conforme se idealiza desde o período de redemocratização do país (Possenti, [1984] 2011; Soares, 1990; Lajolo, 1995).

Considerações finais

A análise da seção “Leitura” da unidade “*Fake news* e pós-verdade” de *Interação: Português* (Sette *et al.*, 2020) a partir do conceito de cronotopo permitiu identificar três formas de tempos-espacos:

1. Tempo-espaço pretensamente atemporal, a-espacial e a-valorativo, relacionado à ciência, à voz do especialista jornalista, à classificação replicável em análise linguística, aos fatos objetivos, à verdade. Esse cronotopo dá uma conclusibilidade semântico-objetiva ao tema das *fake news* e permite que os autores preestabeleçam categorias de leitura e de análise de texto objetiváveis. No entanto, promove um leitor que não é responsável em relação ao conteúdo do texto que lê – o conhecimento é teórico e universal, portanto, não necessita ser responsabilmente reconhecido pelo sujeito participante.
2. Tempo-espaço singular, do conhecimento humano teórico transformado em ato realizado pela orientação imperativa do leitor, do espaço de argumentação, da defesa de ponto de vista. Uma vez que são o êxito nos exercícios e a identificação do contexto de produção do artigo de opinião que o constroem, mas esses dependem de uma experiência prévia ao manual escolar, o aluno é, nesse cronotopo, afastado tanto do mundo da cultura quanto do mundo da vida pública.
3. Tempo-espaço particularizante, relativo ao conhecimento transmitido “boca a boca”, às *fake news* que circulam on-line, às crenças pessoais, ao mundo singular acidental da pós-verdade.

A compreensão da seção de leitura como uma forma arquitetônica possibilitou traçar relações entre esses cronotopos no *todo arquitetônico*, que desvelaram que tipo de leitura e de participação cidadã se promovem para o Novo Ensino Médio. O cronotopo particularizante em oposição ao cronotopo pretensamente atemporal, a-espacial e a-valorativo localiza o estudante que não pôde identificar fatos objetivos ou afinidade com um conhecimento teórico universal no mundo das crenças pessoais, do mundo “singular acidental”. Já o contraste entre o cronotopo pretensamente atemporal, a-espacial e a-valorativo e o cronotopo singular revela que a participação cidadã proposta *pode ser* ativa. Ela diz respeito, no entanto, somente àqueles

que são capazes de receber uma formação que só pode ser recebida por quem têm a formação que a seção não fornece. Trata-se de uma concepção de cidadania excludente, que não visa proporcionar condições para todos os estudantes defenderem seus pontos de vista, reivindicarem e consolidarem seus direitos civis e políticos, conforme se idealiza desde o período de redemocratização do país (Possenti, [1984] 2011; Soares, 1990; Lajolo, 1995).

Os conceitos de arquitetônica e de cronotopo, portanto, são úteis para o trabalho do professor de Língua Portuguesa com o manual escolar, que é mais profundo que a simples identificação de (in)adequações na didatização de conceitos e na transposição de determinações de documentos oficiais. Permitem que ele identifique no *como* esses conceitos e essas determinações são apresentadas um acabamento ético, estético e epistemológico dos autores, que se posicionam diante das perguntas: o que deve ser objeto de reflexão de um ensino de leitura voltado à cidadania? Como deve ser conduzido esse trabalho de leitura? A que perfil de aluno me dirijo no *quê* e no *como* apresento na seção de leitura? Tanto na elaboração do manual escolar quanto no trabalho com o manual escolar, não há teoria separada de prática.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 3-194.
- BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: 24, 2017a.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Organização Augusto Ponzio e Grupo de Estudos do Gênero do Discurso – GEGE/UFScar. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, Pedro&João, 2017b.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance II*. As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: 34, 2018, p. 11-236.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEB, 2018.
- BRASIL. *Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e 11.494, de 20 de junho 2007; revoga a Lei n. 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, 2017.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BUNZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 139-162.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 14, v. 2, p. 247-263, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v14i2p247-263>.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e pesquisa*, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000300012>.

COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. O conceito de cidadania. In: COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. *Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica*. São Paulo: Editora UFABC, 2018, p. 43-73.

DUBET, François. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. Tradução Ione Ribeiro Valle. Revisão técnica Anne-Marie Milon Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 289-305, maio/ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200002>.

FERNANDES, Carolina; SANTOS, Matheus Rodrigues dos. O processo de significação de cidadão/cidadania no contexto de redemocratização. *Caderno de Letras*, edição especial, p. 111-135, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i0.22626>.

FIGUEIREDO, Laura Inês Breda de. *Gêneros discursivos/textuais e cidadania: um estudo comparativo entre os PCN de língua portuguesa e os Parâmetros em Ação*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

GENTILI, Pablo Antonio Amadeo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: GENTILI, Pablo Antonio Amadeo; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Escola S.A. Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 1996, p. 9-49.

GERALDI, João Wanderley. Por que práticas de produção de textos, de leitura e de análise linguística? In: SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Orgs.). *O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa*. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 207-221.

LAJOLO, Marisa Philbert. Educação e cidadania. *Jornal da Tarde*, São Paulo, p. 4 - 4, 25 nov. 1995.

MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: PAULA, Luciane de.; STAFFUZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010, p. 1-19.

MAIA, Tatyana de Amaral. Civismo e cidadania num regime de exceção: o conhecimento histórico ensinado e seus usos políticos na ditadura civil-militar (1969-1985). In: XXVII *Simpósio Nacional de História*, 2013, Natal. Anais. São Paulo: ANPUH, 2013, v. 1, p. 1-13. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363710953_ARQUIVO_artigoANPUHTatyanaMaia.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

PALMA, Dieli Vesaro; FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello. A década de 1980: suas características principais. In: BASTOS, Neusa Maria; PALMA, Dieli Vesaro (Orgs.). *Língua Portuguesa na década de 1980: linguística, gramática, redação e educação*. São Paulo: Terracota, 2018, p. 9-28.

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, [1984] 2011, p. 53-62.

RIO DE JANEIRO. Ministério do Estado de Educação e Cultura. *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro, 1958.

ROCCO, Maria Thereza. *Crise na linguagem: a redação no vestibular*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

ROJO, Roxane Helena. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: Um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, I. (Org.). *[Re]Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 73-108.

ROJO, Roxane Helena. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. São Paulo: Rede do Saber/CENP_SEE-SP, 2004.

ROLDÃO, Maria do Céu. O lugar das competências no currículo – ou o currículo enquanto lugar das competências? *Educação Matemática Pesquisa*, v. 11, n. 3, p. 585-596, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/2833>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SETTE, Graça; RIBEIRO, Ivone; TRAVALHA, Márcia; BITAL, Nara. *Interação: Português*. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

SOARES, Magda Becker. Universidade, Cidadania e Alfabetização. *Caminhos*, Belo Horizonte, n.1, p. 37-41, 1990.

A dimensão ideológica e as discursividades cronotópicas em *O cometa é um sol que não deu certo*

*The ideological dimension and the chronotopic discursivities in
O cometa é um sol que não deu certo*

Viviane Mendes Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

1 Introdução

Uma das faces mais cruéis do capitalismo reacionário e do liberalismo é revelada no século XXI: os deslocamentos forçados.

Segundo dados fornecidos pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)¹, houve um aumento expressivo de refugiados em 2021 (89, 3 milhões) em relação a 2020 (82,4 milhões). Segundo o Fundo das Nações Unidas para Crianças (UNICEF)², o número de crianças refugiadas, em 2022, é de 37 milhões, recorde desde a Segunda Guerra Mundial. À medida que os números crescem, o tema ganha espaço no cenário nacional e, paradoxalmente, há um apagamento velado, sobretudo no âmbito educacional, como se fosse distante de nossa realidade.

¹ Dados disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> Acesso em: 20 fev.2022.

²Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/186958-unicef-aponta-recorde-de-37-milhoes-de-criancas-deslocadas>. Acesso em: 03 dez. 2022.

Diante desse cenário, elegemos a narrativa juvenil cujo tema aborda o drama daqueles que estão em movimento, em busca de refúgio. Os dados por si só direcionaram nosso interesse em compreender os discursos e os lugares e não-lugares desse "outro-refugiado". Tendo em vista essa que é uma das crises humanitárias que afeta milhares de pessoas, apresentamos um exercício de análise com a obra do autor recifense Tadeu Sarmiento, com ilustrações do paulista Apo Fousek, *O cometa é um sol que não deu certo*³ (Sarmiento, 2017). Nesse exercício, objetivamos mobilizar conceitos bakhtinianos para compreender os discursos que atravessam o signo ideológico "refugiado" e as posições valorativas linguisticamente marcadas.

À medida que examinamos a obra de Sarmiento, estabelecemos uma relação direta com o acontecimento social, por isso, fez-se necessário um resgate da realidade, materializada na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*. Dessa maneira, como Janus Bifronte (Bakhtin, 2020, p. 43), apontando para duas direções, investigamos as aproximações e os distanciamentos entre arte e vida. Três questões norteiam a análise apresentada: 1) De que maneira os elementos enunciativos-linguísticos constroem uma imagem desse "outro-refugiado"? 2) Como os discursos que remetem ao signo "refugiado" estão marcados axiologicamente? 3) Como o diálogo entre arte e vida é materializado no texto? Para respondê-las, recorreremos ao conceito de cronotopo (Bakhtin, 2018).

Na obra de Sarmiento, o leitor conhece o drama do protagonista Emanuel, menino sírio, que sobrevive com sua família em um campo de refugiados na Jordânia. A escolha deve-se pelo número expressivo de refugiados sírios no mundo: 5,5 milhões⁴ de pessoas, segundo o ACNUR. O texto de Sarmiento destaca-se pela perspectiva de um autor brasileiro que encarna a dor do outro no espaço hostil que é o campo de refugiados, assumindo um posicionamento ético, responsivo e responsável frente a essa crise.

O tema ganha consistência também pela visibilidade midiática e artística. No dia Mundial do refugiado (20 de junho), a agência da Organização das Nações Unidas (ONU) elencou mais de oito filmes e séries para entender a crise humanitária dos refugiados, a maioria disponível no

³ https://www.smeducacao.com.br/wp-content/uploads/2021/07/O-COMETA-EH-UM-SOL-QUE-NAO-DEU-CERTO_degustacao.pdf

⁴ Dados disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/> Acesso em 10 dez. 2022.

streaming Netflix. O tema também ganhou destaque na 17ª edição da Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP, 2019), com autores refugiados e mesas de debates em torno de livros literários, inclusive, infantis e juvenis. Além disso, na cidade de São Paulo, há o Museu da Imigração⁵, que abriga exposições permanentes e temporárias com a temática da migração.

Apesar dessa forte presença, sobretudo nos campos artístico e midiático, esse tema é pouco discutido na esfera educacional. A ideia do exílio ainda é trabalhada de forma romantizada, conforme reflete Tihanov (2013).

Diversos fatores colaboram com crise dos refugiados, guerras civis, diferenças ideológicas e religiosas traçam fronteiras invisíveis, contribuindo cada vez mais com o número de deslocamentos forçados. Segundo o ACNUR, sob seu mandato, no segundo semestre de 2021, mais de 20,8 milhões de pessoas estavam em situação de refúgio, 172 mil pessoas a mais que no ano anterior. Os números refletem a urgência do debate sobre os deslocamentos forçados na sociedade.

Os dados estatísticos correspondem à triste realidade dessa crise humanitária e contrastam com a ideia neoliberal de intervenção mínima do Estado e do crescimento por meritocracia, criando uma realidade distópica em que as pessoas são invisíveis e apagadas, ou, como nomeia Zygmunt Bauman, "estranhos":

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem diferentes – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar (Bauman, 2017, p. 13).

Entre os números incontestáveis e as pessoas "desconhecidas", o limiar de nossa humanidade. Existe a possibilidade de enxergar o outro em sua singularidade, sem deixar que a ansiedade pelo desconhecido nos torne indiferentes? Se há essa possibilidade, com certeza é na clareza de quem são essas pessoas e no debate aberto na sociedade.

⁵ <https://museudaimigracao.org.br/visite-o-museu>. Acesso em: 04 ago. 2023.

Nesse olhar que aponta para duas esferas discursivas diferentes, o sofrimento humano é o ponto em comum. Os resultados indicam a pluralidade de vozes sociais na narrativa que articula vida e arte e materializa essa articulação, dando protagonismo para aqueles cujas vozes são muitas vezes silenciadas. Na outra direção, a notícia, que estampa a primeira página do jornal, contribui para esse silenciamento, apassivando esse "outro-refugiado".

Para cumprirmos nosso propósito, este artigo está organizado em três seções que se complementam: na primeira seção, abordamos o conceito de cronotopo, postulado por Bakhtin; na segunda seção, apresentamos a obra selecionada e, na terceira seção, a análise de trechos selecionados da obra de Sarmiento. As considerações finais arrematam o artigo.

2 Tempo e espaço na perspectiva bakhtiniana

Um dos eixos norteadores da teoria bakhtiniana é a ruptura com a imanência abstrata da língua. Os conceitos mobilizados pelos membros do Círculo de Bakhtin engendram a ética, a estética e o epistemológico em direção à linguagem humana. Esses conceitos são atravessados pela alteridade e pela dimensão ideológica que estruturam o pensamento bakhtiniano, numa arquitetura discursiva que, muitas vezes, rompe os limites da linguística e das Ciências Humanas.

Um desses conceitos centrais é recuperado a partir da teoria da relatividade de Albert Einstein, publicada em 1905, cujo princípio confronta a teoria de Newton, apresentando a indissolubilidade entre tempo e espaço. Partindo dessa teoria, Bakhtin passa a analisar o romance, neste caso especificamente, o grego, sob a perspectiva do cronotopo, ou seja, da relação espaço-temporal.

O filósofo russo atravessa a fronteira das Ciências Humanas para arquitetar a relação indissolúvel entre tempo e espaço. Esse movimento interdisciplinar parte da teoria einsteiniana para compreender os discursos produzidos, ou seja, não se trata de tempo e espaços vazios, mas que possuem vozes sociais e históricas que compõem discursividades. Nas palavras de Morson e Emerson (2008, p. 384): "[...] um cronotopo é uma maneira de compreender a experiência; é uma ideologia modeladora de forma específica para a compreensão da natureza dos eventos e ações". Essas vozes são

axiologicamente marcadas, ou seja, reverberam um posicionamento que remete a uma dimensão ideológica (científica, religiosa, jurídica). Cabe salientar que a ideologia, na perspectiva bakhtiniana, está no embate, nos diferentes pontos de vista que se materializam no enunciado, conforme destaca Amorim:

Na maioria de seus escritos, este termo designa simplesmente um ponto de vista, uma visão de mundo. Visão que não é individual, mas cuja natureza social não se define necessariamente por uma relação de classes. Ela é própria a cada grupo social e sua especificidade pode ser de classe, mas também de profissão ou geração. Uma voz é sempre ideológica porque ela traz um ponto de vista constituído num determinado lugar e não em outro. Mas esse lugar pode muitas vezes designar um tempo e não uma classe (Amorim, 2004, p. 143).

De maneira esclarecedora, Amorim distingue o conceito de ideologia na percepção de Bakhtin, destacando a valoração por meio do ponto de vista e do apelo ao social, posto que o filósofo se opõe ao individualismo abstrato, articulando a vida vivida ao campo teórico.

Bakhtin parte dos textos da Antiguidade para analisar o conceito de cronotopo. Destaca que a questão temporal nesses textos é tão enraizada que, mesmo nos dias atuais, não há praticamente acréscimos feitos a ele. Bakhtin esclarece que esses romances apresentam os mesmos elementos, chamados de *motivo*, que pode ser esquematizado: casal de jovens, cuja origem é desconhecida, dotados de beleza rara e castos, se encontram subitamente, em festa solene, acontece uma paixão repentina e instantânea mútua, como um fado, mas algum obstáculo os separam, um procura ao outro e, finalmente, eles se reencontram e se casam. O autor destaca que esse esquema sofre algumas alterações na quantidade ou peso desses elementos, mas seguem esse motivo, sendo o “[...] esquema dos momentos basilares do enredo” (Bakhtin, 2018, p. 17).

O autor salienta que a ação se desenrola num amplo e variado espaço geográfico, há inclusão de uma reflexão política, religiosa, filosófica, científica, animais exóticos, curiosidades raras. Bakhtin aponta para a importância do discurso das personagens (construídos sob a retórica tardia) que tende a um enciclopedismo, característico ao gênero. Segundo ele, essas características apresentavam-se em outros gêneros da literatura, como a epopeia antiga ou gêneros retóricos. Nas palavras do autor, o romance grego “[...] empregou e refundiu em sua estrutura quase todos os gêneros da literatura antiga” (Bakhtin, 2018, p. 18).

É com base no romance grego que Bakhtin articula os elementos espaço-temporais, apontando as vozes ressoadas no texto, a ideologia circundante e, com isso, as discursividades produzidas, axiologicamente marcadas.

O cronotopo determina a unidade artística de uma obra literária em sua relação com a autêntica realidade. Por isso, numa obra, o cronotopo *sempre inclui o elemento axiológico*, que só numa análise abstrata pode ser destacado do conjunto do cronotopo artístico (Bakhtin, 2018, p. 217, grifo meu).

Nas palavras do filósofo russo, a marca axiológica constitui a unidade cronotópica da obra, que não pode ser desconsiderada. "A arte e a literatura estão impregnadas de valores cronotópicos de diferentes graus e dimensões. Cada motivo, cada elemento da obra ficcional a ser destacado é um valor" (Bakhtin, 2018, p. 217).

Cabe ressaltar que, além do elemento axiológico, o caráter dialógico é constitutivo, posto que há interação entre cronotopos no texto. Ao tratar do cronotopo do autor e do leitor, Bakhtin destaca essas relações como integrantes do autor/intérprete e do ouvinte/leitor. A mobilização heterodiscursiva, os valores, a presença do outro e as relações dialógicas arquitetam a construção cronotópica da obra. Esse caráter dialógico também integra autor e leitor/ouvinte, e esse universo também é cronotópico. A concepção de Bakhtin sobre a relação tempo-espaço não é uma relação abstrata, mas engendrada por discursos sociais que, por sua vez, revelam um posicionamento, axiologicamente marcado. Nessa abordagem, as esferas ideológicas são reveladas e materializadas por meio dos elementos linguísticos.

Nesse cronotopo, além do tempo e do espaço localizado no tempo, há o conhecimento que flui dele. O texto não é morto, pois ressoa as vozes humanas, de forma que, em qualquer parte de sua criação (do manuscrito ao livro), já temos a fronteira entre a natureza morta e a cultura. No tempo situado do texto, temos também o tempo e o espaço daquele que o criou. Esses homens reais – criadores da obra de arte – situam-se em determinado tempo e espaço e encontram-se – criador e ouvinte-leitor – em diferentes cronotopos. Eles recriam, renovam e participam desse mundo representado (a obra).

Bakhtin alerta para não confundirmos o mundo real com o representado, o autor-criador com o autor-pessoa. No entanto, esses estão indissoluvelmente ligados e estão em interação.

A obra e o mundo nela representado entram no mundo real e o enriquecem, e o mundo real entra na obra e no mundo representado tanto no processo de sua criação como no processo de sua vida subsequente, uma renovação permanente pela recepção criada dos ouvintes-leitores (Bakhtin, 2018, p. 231).

O cronotopo do mundo representado é considerado como o cronotopo dos leitores e dos criadores da obra: é a interação entre o universo representado e o universo que representa. Dessa forma, o autor ressalta que estamos diante de dois cronotopos diferentes que estão dialogicamente ligados. O campo da cultura compõe o contexto para a posição que o autor ocupa fora dele. Essa relação do autor com a cultura é dialógica e pressupõe o outro, leitor.

Nessa abordagem alteritária que atravessa toda a teoria dialógica, Bakhtin sinaliza dois mundos: mundo da cultura e da vida, e diante desses dois mundos, o ato da atividade olha como Janus bifronte, ou seja, um olhar em duas direções, que tem como fundamento a articulação entre a teoria, com sua abstração e generalidades, e a vida concreta, constituída de singularidades. Nesse sentido, revela-se também a articulação entre o conhecimento universal e válido para o ser. Nessa abordagem, a teorização não pode apagar o singular. O vínculo entre sujeito concreto e seu agir, do saber teórico e do estético, dos valores e da verdade é construído em um determinado tempo e espaço.

A teoria bakhtiniana nos impulsiona a repensar a narrativa juvenil para além da fruição. Na tessitura narrativa, há sempre a responsabilidade do ser único que assume seu lugar no mundo e, essa unicidade, implica em sua assinatura, seu agir no mundo. Teórico e estético integram o todo de um ato responsável que seu autor assume, integrando o conhecimento, a arte e a vida.

A partir desse constructo teórico-metodológico, analisamos partes da obra de Sarmiento e a primeira página do jornal, assinalando vozes materializadas no texto que encarnam a dor e o sofrimento alheio. O tempo e o espaço dão vazão às esferas ideológicas e ao heterodiscurso na narrativa juvenil, revelando as camadas discursivas que remetem a diferentes ideologias, impregnadas na materialidade linguística.

3 Por dentro da obra *O cometa é um sol que não deu certo*

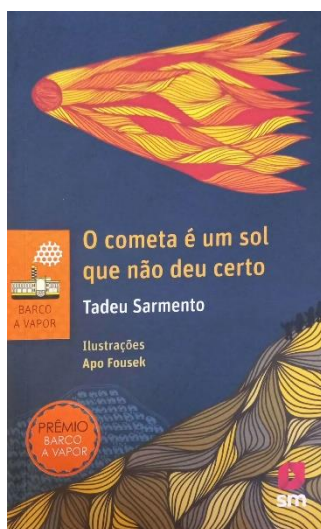
140

Leite

Em *O cometa é um sol que não deu certo*, vencedor do 13º Prêmio Barco a Vapor⁶ em 2017, Sarmiento dá vida e voz ao protagonista Emanuel, um garoto sírio bondoso que “guarda o sol nos olhos como um disco luminoso flutuando na escuridão” (Sarmiento, 2017, p. 9). Como outras crianças sírias, ele vive com sua família (seu pai, Youssef, sua mãe, Hosana, sua irmã grávida cujo marido foi morto em um bombardeio) no campo para refugiados na Jordânia. Apesar das dificuldades nesse ambiente hostil, Emanuel traz consigo a esperança de dias melhores. No campo, vivencia experiências infantis com seus amigos – Kalil, Nabir e a inquieta Amal, por quem nutre um sentimento especial.

Na capa do livro, o texto verbo-visual apresenta o cometa com cores quentes, fazendo alusão às cores do sol, complementando o sentido do título. O fundo com tom azul escuro remete ao céu, e na parte inferior, no canto direito, silhuetas humanas, quase imperceptíveis, estão no topo, como se observassem o cometa. O mesmo traçado de linhas utilizado para o cometa é utilizado para a montanha, como se céu e terra se espelhassem, simetricamente.

Figura 1 – Capa



Fonte: Sarmiento, 2017

⁶ Lançada em agosto de 2004, a Barco a Vapor é a versão brasileira de uma das mais importantes coleções de literatura infantil e juvenil em língua espanhola, criada há mais de trinta anos. O concurso teve origem em 1978 na Espanha e tem a finalidade de revelar novos escritores. Disponível em: <https://barcoavapor.smeducacao.com.br/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Por meio da voz do narrador, Sarmiento apresenta ao leitor a dureza e a hostilidade do campo de refugiados. Com linguagem poética e fluida, revela de maneira desromantizada a condição daqueles cuja pátria lhes fora tirada, mas o ponto de vista do "bom Emanuel" (Sarmiento, 2017, p. 26) é de esperança por dias melhores.

O livro conta com 113 páginas, divididas em nove capítulos, e cinco ilustrações, que sintetizam partes da história, do artista plástico paulista Apo Fousek. Os desenhos de Fousek assemelham-se à xilogravura e colaboram com o texto verbal, completando seu sentido estético, conforme a ilustração a seguir.

Figura 2 - Ilustração



Fonte: Sarmiento, 2017, p. 23

Na ilustração acima, é possível notar a vastidão do campo na parte inferior sob a menina. As barracas do acampamento são numerosas e se opõem à fila de pessoas que habitam o campo. A brincadeira infantil com a pipa é tensionada pelo espaço do acampamento. Brincadeira e sofrimento ocupam o mesmo espaço. A silhueta da menina destaca-se diante das barracas do acampamento. Com a perspectiva utilizada no desenho, a fila de pessoas parece não ter fim. Em busca de suprimentos básicos, as pessoas enfileiradas formam uma espécie de bloco, contrastando com a figura do garoto sozinho com sua pipa.

O espaço da narrativa é o espaço da fome e do medo, que se contrapõe à esperança infantil de Emanuel. Em seu depoimento para a editora, na ocasião da premiação (disponível na plataforma do *YouTube*⁷), Sarmiento comenta o processo de produção da obra e ressalta que sua escrita fora motivada pela fotografia da morte de Aylan Kurdi que circulou na mídia em 2015. O autor revela que escrever o livro foi uma forma de lidar com os sentimentos suscitados pela morte do menino sírio. A partir disso, Sarmiento pesquisou fatos, notícias e informações sobre a situação dos refugiados, que subsidiaram seu processo de criação.

Por meio da voz do narrador, Sarmiento apresenta ao leitor a dureza e a hostilidade do campo de refugiados situado na Jordânia. Três categorias norteiam esta análise: i) a dimensão ideológica na representação do refugiado; ii) a percepção do outro na desromantização do espaço; iii) as relações dialógicas entre a ficção e o acontecimento social. A seguir, apresentamos a análise dos trechos selecionados a partir das categorias levantadas.

4 Dimensão ideológica e o espaço da dor na narrativa juvenil

A linguagem sob a perspectiva bakhtinina não é abordada na imanência da língua, ou seja, de forma abstrata. O tratamento dispensado à linguagem pressupõe a relação eu-outro e seu entorno social. Dessa abordagem dialógica e alteritária, a dimensão ideológica perpassa toda a teoria, posto que a linguagem se materializa em enunciados concretos e, na cadeia discursiva em que se encontram, respondem e retomam outros enunciados, constituídos de vozes sociais. Essas vozes não são neutras, mas estão impregnadas de ideologia (religiosa, cotidiana, científica). Dessa maneira, considerar o outro e compreender a ideologia à qual os sujeitos, historicamente situados, respondem e/ou retomam, nos ajudam a desvelar as camadas discursivas e as valorações que estão materializadas no enunciado.

A partir desse constructo teórico-metodológico, cotejamos trechos da narrativa juvenil *O cometa é um sol que não deu certo* para analisar e verificar as ideologias, as discursividades, as valorações e as tensões que são colocadas na tessitura narrativa.

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2_hx6NO8h98. Acesso em: 16 jan. 2023.

a) Construção da imagem do refugiado na narrativa juvenil

O protagonista Emanuel, garoto sírio, embora viva no ambiente hostil – campo de refugiados –, busca maneiras de aliviar seu sofrimento e de outras crianças com as quais convive no campo. A figura de Emanuel vai, gradativamente, assumindo uma forma de altruísmo e se aproximando do cristianismo, à medida que seu nome, ações e sofrimento remetem à ideologia religiosa, conforme consta na Bíblia Cristã: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz a um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é: Deus conosco" (Bíblia, 2015, Mateus, 1, 23). No livro juvenil, além da referência direta com o nome do protagonista, as ações do menino sírio também estabelecem um diálogo com a figura de Cristo: "Então se agacha e começa a desenhar na areia, com o dedo indicador, o que parece ser um peixe" (Sarmiento, 2017, p. 11).

O diálogo com a ideologia religiosa Cristã é evidente na figura do protagonista. Note-se que o posicionamento valorativo em torno da figura do refugiado ganha um "status" elevado, na medida em que se aproxima da figura divina. Na passagem bíblica, Jesus "[...] escrevia com o dedo na areia" (Bíblia, 2015, João, 8, 6). Enquanto o menino dá forma a seu desenho – um peixe, também símbolo da ideologia religiosa Cristã – Jesus "escreve". Mais adiante, essa aproximação fica ainda mais evidente quando Emanuel ganha um telescópio de Omar (professor de astronomia que também está no campo) e carrega o pesado objeto. Ao ver o sacrifício do menino, um dos guardas do campo, com tom sarcástico e irônico, diz: "– Lá vai o bom Emanuel carregando sua cruz!" (Sarmiento, 2017, p. 94).

A cruz de Emanuel é o telescópio, colocando em tensão o discurso científico e o discurso religioso. Esse embate ideológico e discursivo é também manifestado por meio dos diferentes pontos de vista das personagens. A fala do guarda revela um tom valorativo, mostrando o escárnio e a zombaria, por se sentir superior àquelas pessoas, podendo subjugar-las. Do ponto de vista das crianças, há o reconhecimento do esforço de Emanuel, considerando-o uma espécie de "salvador".

O telescópico que aponta para o céu toma o lugar da cruz, marcando a tensão entre ciência e religião e, ao mesmo tempo, revela a condição dos refugiados, que possuem sonhos, vidas, profissões, ou seja, não são apenas números, mas possuem sua singularidade. Duas visões, dois mundos são apresentados. O texto nos aponta para duas direções: da unidade objetiva e

da singularidade irrepetível. No final da história, o narrador reafirma a resistência e resiliência de Emanuel: "Ainda bem que os dias são grandes o suficiente para que neles também aconteçam coisas boas que ajudam as pessoas a suportar as ruínas. Essa é a mensagem que Emanuel passou enquanto esteve no campo [...]" (Sarmiento, 2017, p. 103). Com suas ações, Emanuel deixa "uma mensagem" que o singulariza e o humaniza. Suas ações mostram a condição de *estar* refugiado, mas de *ser* único, que assume responsável e responsivamente seus atos. Não se trata da romantização da condição do refugiado, pois o narrador recorre ao verbo "suportar" e ao adjetivo "ruínas" para marcar a dureza e o sofrimento de se estar em um campo de refugiados. Nesse ambiente hostil, Emanuel, sua família e seus amigos vivenciam o drama de milhões de pessoas que sobrevivem no campo.

A construção estética da imagem do protagonista, representando milhares de crianças em situação de refúgio, nos coloca frente à questão ética de repensar a condição do outro. Nesse sentido, a narrativa nos fornece indícios para nos aproximarmos desse "outro-refugiado", por encontrar nele a humanidade e o divino; o movimento e a estaticidade nos levam a reconhecê-lo como alguém que sofre e resiste.

b) Discursividades no campo da Jordânia

A relação tempo e espaço na perspectiva do filósofo da linguagem, conforme abordamos, é marcada pela presença de vozes sociais e não ocorre no vazio nem é desvinculada do momento histórico. Essa relação nos fornece indícios para compreender as ideologias, as valorações e as tensões que ocorrem num determinado tempo e espaço, historicamente situados e habitados por sujeitos e, portanto, produzem discursividades, ou seja, as marcas de humanidade assinaladas linguisticamente. Percorremos a narrativa de Sarmiento para verificar as formas discursivas que são produzidas no campo para refugiados, sobretudo, sírios, localizado na Jordânia.

Já no início da narrativa, a voz do narrador revela a dor do outro pelo espaço onde está, espaço que deveria ser transitório, mas para muitos acaba se tornando o mais próximo de um lar. "E como faz calor! A vida por lá é muito difícil; ou as pessoas estão tristes, ou com fome, ou com medo (ou as três coisas juntas). Por isso é bom rir de vez em quando. É o que pensa Emanuel" (Sarmiento, 2017, p. 9).

O adjetivo "triste" e as locuções adjetivas "com fome e com medo" materializam a condição dos refugiados no campo e o ponto de vista do

narrador que, de forma exotópica, encarna a dor do outro, assume sua responsabilidade de apontar a dureza do campo, voltando-se para sua posição. Essa condição e o ponto de vista são tensionados com a ação “rir” do garoto, que sugere a resistência nessas condições.

- Bom, vou indo, então. Até mais – diz Amal.

- Até – responde Emanuel.

Mas ela fica. Amal sempre fica.

Os dois vivem em um campo de refugiados. É um lugar difícil para eles, para as outras crianças e também para os adultos, mas ninguém ali teve escolha” (Sarmiento, 2017, p. 11).

No trecho com discurso direto, as personagens Amal e Emanuel se despedem. A marca de Amal é da não transitoriedade. Enquanto todos ali pensam em sair do campo, “Amal fica”. O uso da forma verbal “fica” marca linguisticamente a condição de permanência de refugiados que não têm para onde ir e, por isso, “ficam” nos campos criados, muitas vezes, como medida provisória, mas que se tornam permanentes. O narrador retoma a condição dos dois amigos e marca, novamente, a indigência do local, com adjetivo “difícil”. A conjunção “mas” introduz o discurso do outro: “ninguém ali teve escolha”.

A marca temporal é destacada pela manifestação popular de 2010 chamada de “Primavera Árabe”. Povos de vários países, inclusive a Síria, manifestavam contra governos autoritários, reivindicando melhores qualidades de vida e liberdade de expressão.

Na cabeça de Emanuel passam muitas coisas, algumas delas bem ruins. É que ele, Amal e Nabir são sírios, como muitos refugiados do campo. Eles fugiram da Síria depois de o ditador do país atacar as pessoas que se manifestavam contra seu governo.

As tropas do exército atiraram em quem pedia liberdade e melhores condições de vida. Isso aumentou a revolta popular contra ele. [...] Na tevê, os repórteres chamam essa manifestação de “Primavera Árabe”. Emanuel achou esse nome bonito” (Sarmiento, 2017, p. 15).

A narrativa retoma esse tempo histórico de 2010. Por meio da reação do protagonista, que “achou esse nome bonito”, há a posição valorativa do narrador em apoio ao movimento. Bakhtin ressalta que a importância do tempo no cronotopo (histórico, da vida) é o ponto para o desencadeamento das cenas no romance. “Dessa forma, o cronotopo como materialização predominante do tempo no espaço é o centro da concretização figurativa, da encarnação para o romance” (Bakhtin, 2018, p. 227).

Além do posicionamento valorativo do protagonista, o trecho aponta para a tensão construída pela manifestação popular "Primavera árabe" e pelo governo autoritário que, em tese, deveria defender seu povo e não o oprimir. "As tropas do exército atiram em quem pedia liberdade". Note-se que a tensão é mantida, pois o exército deveria "lutar" pela liberdade de seu povo, mas a narrativa nos mostra que é justamente o oposto, a liberdade do povo é cerceada por aqueles que deveriam defendê-la.

As incertezas e a vulnerabilidade acompanham os refugiados na narrativa. Ao chegar ao campo de refugiados, lugar e não-lugar, pois é o único local para ir e, ao mesmo tempo, não é um lugar para permanecer, o clima de insegurança persiste.

Dentro do campo, as pessoas também esperam. Aguardam ansiosas as portas do mundo se abrirem para recebê-las. Além do calor e da fome, da constante falta de energia elétrica e do racionamento de água, todos têm medo, vivem nervosos, estão cansados. Mesmo estando lá, temem que um ataque, um bombardeio. No fundo, ninguém se sente seguro (Sarmiento, 2017, p. 20).

Nesse trecho, a descrição do campo marca a falta de recursos básicos, como comida e água para sobrevivência. A tensão se faz presente na hostilidade do local que deveria acolher; o campo é o local da insegurança e não do acolhimento. As pessoas ficam, na esperança de sair, ou seja, são como cometas que se movimentam e não como Sol que possui seu lugar fixo. As escolhas lexicais contribuem com a desromantização do espaço, sinalizando para o leitor as dificuldades de se sobreviver nesse local. Os substantivos fome, medo, ataque e bombardeio revelam o sofrimento de forma gradativa, culminando em "todos têm medo".

O espaço – campo de refugiados – é apresentado ao leitor com toda sua dificuldade e precariedade. As pessoas que ali chegam esperam seu momento de partida. A perspectiva desse "outro-refugiado" é materializada na narrativa, que apresenta as dificuldades em sobreviver no campo sem comida suficiente, sem água, sem segurança. Nesse espaço, essas vozes contribuem para a construção enunciativa, encarnando o sofrimento de quem sobrevive no campo.

c) **Relações dialógicas entre ficção e o acontecimento social**

Conforme abordamos, na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é materializada por meio de enunciados e endereçada a alguém. Esses enunciados respondem e retomam a outros enunciados, posto que as palavras

não são produtos do psiquismo ou de um acontecimento estritamente biológico, mas são um produto de natureza social e, portanto, inserem-se numa cadeia discursiva. Para Bakhtin (2017, p. 11), "[...] a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura". Nessa perspectiva teórico-metodológica, conduzimos esta análise, ao entrelaçar a narrativa à vida vivida, situada e concreta, buscando as relações entre a narrativa e o acontecimento social materializado na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*. A leitura da narrativa convocou de imediato essa relação, como veremos a seguir.

Ao sair do campo, Emanuel e sua família vivenciam o trajeto de milhares de refugiados que, precariamente, cruzam a fronteira em botes:

Da janela do abrigo, ele pensa com tristeza nas crianças que, *como aquele menino do bote, não sobreviveram às diversas formas de intolerância*. Dali, olhando para o céu (sempre o céu) e vendo a noite passar, ele também espera pelos amigos do campo enquanto sonha com um mundo melhor que este. Um mundo onde as crianças não precisem se preocupar com nada além dos estudos e em crescer para se tornar adultos melhores que seus pais. (Sarmiento, 2017, p. 113, grifos meus).

O trecho evoca nossa memória discursiva em torno de milhares de notícias cujos personagens são pessoas reais que se encontram em deslocamento forçado. Nessa passagem, Emanuel é expulso do campo com sua família, e devido à precariedade em que se encontram, a única saída é aventurar-se em alto mar num bote. Ficção e realidade atravessam o texto. O menino do bote a que o narrador se refere, cuja morte perpassa o olhar e a memória do protagonista, nos remete ao acontecimento social, veiculado na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* em 3 de setembro de 2015:

Figura 3 – Primeira página jornal



Fonte: Folha de S. Paulo, 2015

No acontecimento social, materializado na primeira página do jornal, Aylan Kurdi é marcado linguisticamente na legenda como "menino sírio" que estava no barco com "23 refugiados". Na ficção, Emanuel sente a dor do outro, pois "pensa com tristeza" (Sarmiento, 2017, p. 113). A comoção de Emanuel é tensionada pela sua esperança por dias melhores. No enunciado verbo-visual do jornal, essa comoção é materializada na fotografia. Nela, o policial está com o corpo curvado e, em seus braços, segura o corpo sem vida de Aylan. Associamos a fotografia à escultura *Pietà*, de Michelangelo. Na escultura, a mãe curvada segura o filho morto em seus braços, acolhendo-o. Na fotografia, a humanidade é central, não se trata de seres divinos, mas de humanos que se situam historicamente no espaço e tempo da dor e do desespero.

Na ficção, o acontecimento social ganha nuances discursivas com a aproximação do fato às personagens, e o ponto de vista do narrador atesta a "intolerância" como fator principal para a morte de inocentes. As vozes sociais são colocadas na narrativa de forma valorativa.

Enquanto Emanuel é o protagonista na narração, no jornal, Aylan é marcado pela sua nacionalidade: "menino sírio". A pretensa objetividade linguística do jornal, que traz essa tragédia sem a marca de identidade do garoto – o nome próprio –, é incorporada à narrativa com a subjetividade do narrador e do protagonista, que possuem nome, se posicionam, com sua voz marcada no texto. A posição da notícia – na parte inferior do jornal – revela também um posicionamento, pois as notícias que a antecedem tratam de política e de economia. Uma escolha que revela os valores que nossa sociedade capitalista prioriza: o capital em detrimento da vida humana.

Considerações finais

A obra juvenil *O cometa é um sol que não deu certo* perpassa diferentes campos ideológicos (político, religioso, científico). Essa arena ideológica e discursiva contribui para a construção da imagem de crianças refugiadas – materializada na figura do protagonista Emanuel. Nesse sentido, a leitura coloca o leitor diante do outro, sendo levado a um movimento exotópico de reconhecer-se no olhar do outro, de buscar compreender o outro de seu lugar, a partir de sua singularidade, como faz Emanuel.

A imagem do refugiado no menino Emanuel estabelece um diálogo direto com a cultura cristã. Sua resiliência e empatia contrastam com os guardas do campo. A ficção adere à vida na medida em que a dor e o espaço são apresentados de maneira desromantizada. O campo de refugiados é o espaço do medo, da fome e das diferenças que se encontram na dor humana. Nesse sentido, a mobilização do conceito de cronotopo iluminou o percurso teórico-metodológico, apontando para as valorações produzidas no tempo e espaço, historicamente marcados na apresentação e na descrição do campo de refugiados. O posicionamento do autor assume um caráter ético frente aos refugiados que sobrevivem à hostilidade do campo, sem romantizar essa condição. Os elementos enunciativos-linguísticos compõem um todo que atrela a ética à estética, ou seja, vida e arte na obra juvenil.

Nessa arena discursiva, a relação do tempo e espaço produz a discursividade das diferenças, da dor e do sofrimento das pessoas que vivem no campo de refugiados, com destaque para as crianças. Essa discursividade produzida pelo tempo e espaço, historicamente marcados, situa o leitor e estabelece a interação texto-leitor-autor. A narrativa para jovens leitores

aponta para o que é do "outro-refugiado", mostrando as formas de intolerância e os meios de sobrevivência aos quais milhares de refugiados são expostos constantemente. O campo na Jordânia é o espaço do não-lugar, onde as pessoas chegam já pensando em partir. O texto de Sarmiento nos revela essa dureza pelo olhar atento do protagonista Emanuel.

As palavras escolhidas, inclusive o nome do protagonista, mostram a pluralidade de vozes sociais na narrativa. Conforme ressalta Volóchinov (2017), diferentemente do signo abstrato, o signo ideológico é inseparável da ideologia e do posicionamento valorativo. Buscar as relações estabelecidas com o acontecimento social redimensiona a compreensão do texto ficcional no sentido de extrapolar a mera fruição para sensibilizar o leitor para o além do texto. Atravessar a fronteira é um movimento que nos leva ao encontro com o outro e aponta para a vida concreta, situada e irrepetível, privilegiando a voz daqueles que são, socialmente, silenciados.

A crise dos refugiados nos coloca frente a um problema humanitário que não pode ser negligenciado. As discussões em torno dessas questões nos levam ao enfrentamento dessa crise humanitária. Nesse sentido, a narrativa apresenta a dor do outro, sob o ponto de vista de quem ocupa o campo e daqueles que estão fora dele. A subjetividade da narrativa é posta em diálogo com a pretensa objetividade jornalística. Enquanto a narrativa marca a singularidade, a identidade e o posicionamento dos refugiados, o acontecimento social apaga a singularidade, informando a nacionalidade no lugar do nome próprio. O texto verbo-visual do jornal que recupera a trágica morte de Aylan Kurdi é apresentado na parte inferior do jornal, sem destaque, sem humanidade, sem vida.

As vozes sociais materializadas na narrativa proporcionam ao jovem leitor uma reflexão para repensar a condição daqueles que buscam um lar. Diferentemente da pretensa objetividade da notícia, a narrativa humaniza e singulariza o refugiado, conferindo-lhe o protagonismo para ter sua voz situada e axiologicamente marcada.

Referências

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. A Ciência da Literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*.

Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 9-19.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II*. As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, prefácio, notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*: Antigo e novo testamentos. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade bíblica do Brasil, 2015.

FOLHA de S. Paulo. São Paulo, ano 2015, 3 set. 2015. Primeira Página. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20336&keyword=Aylan%2CKurdi&anchor=6000662&origem=busca&originURL=&pd=637735f57eef44b812bee6f8f297384b>.

Acesso em: 11 out. 2022.

MORSON, Gary; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

SARMENTO, Tadeu. *O cometa é um sol que não deu certo*. Ilustrações Apo Fousek. São Paulo: Edições SM, 2017.

TIHANOV, Galin. *Narrativas do exílio*: cosmopolitismo além da imaginação liberal. Série Diálogos dirigida por Maria Isabel de Moura. Trad. Camila Caracelli Scherma; Marina Haber de Figueiredo; Mateus Yuri Passos; Michele Viana Trevisan; Nanci Moreira Branco; Rômulo Augusto Orlandini; Tatiana Aparecida Moreira. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Volóchinov. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

A arquitetura da divulgação científica na esfera educacional: uma análise bakhtiniana

The architectonic of scientific dissemination in the educational sphere: a bakhtinian analysis

Jamille Santos Oliveira

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Urbano Cavalcante Filho

Instituto Federal da Bahia, Brasil

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Universidade de São Paulo, Brasil

1 Introdução

Vivemos numa sociedade em que a tecnologia e a informação estão se modificando de forma veloz e que, em contrapartida, a desinformação, a propagação de notícias falsas, das *fake news*, a negação da ciência têm ganhado espaço. Divulgar a ciência é um meio de combater e alterar essa situação. Diante desse cenário, sabendo da importância da ciência para a vida cotidiana, a formação de sujeitos mais críticos que tenham o conhecimento científico como um meio de transformação social, que se interessem pelo desenvolvimento científico e tecnológico, visando uma participação política que reflita na melhoria da qualidade de vida de sua comunidade, é fundamental.

O contexto escolar, como um dos espaços de formação dos sujeitos, pode contribuir para a construção de uma sociedade que utilize as tecnologias e as informações científicas e que as acesse de forma consciente, responsável e responsiva. Pensando nisso, e sabendo que o livro didático é um recurso pedagógico marcado pela relação dialógica que estabelece com outras esferas

da comunicação, tornou-se muito importante discutir como a Divulgação Científica (doravante DC) apropria-se do discurso de outrem na elaboração de suas propostas de atividades.

Percebendo a relevância de discutir a presença dos gêneros da DC num livro didático de Língua Portuguesa, objetivamos analisar, a partir dos pressupostos da teoria bakhtiniana da linguagem, a arquitetura da divulgação científica materializada nas atividades de leitura do livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental – Anos Finais.

Considerando a diversidade de manifestações discursivas da DC, podemos e devemos perceber a importância de refletir sobre as matrizes ideológicas e os centros valorativos que influenciam a realização da forma arquitetônica desse fenômeno nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Para tal abordagem, a teoria bakhtiniana apresenta importante aparato teórico-metodológico, que permite o estudo da linguagem numa perspectiva sociológica e dialógica considerando os sujeitos situados sócio historicamente no mundo, com seus valores éticos, estéticos, sociais, políticos, ideológicos e culturais.

No Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2020 (Brasil, 2020) – o mais recente –, foram aprovadas seis coleções para integrarem o Guia Nacional do Livro Didático. Elas foram disponibilizadas aos professores das escolas públicas para análise e escolha. Dentre essas, escolhemos para constituir nossa investigação a coleção *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa*, de autoria de Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, da editora IBEP, destinada aos estudantes do Ensino Fundamental - Anos Finais. A coleção está em sua quinta edição¹, estando presente em várias escolas públicas do país.

Reconhecendo a DC como importante para a vida em sociedade, selecionamos como *corpora* cinco atividades elaboradas em torno da leitura e do estudo de um artigo de divulgação científica, presentes no livro do 8º ano. A escolha dessa obra foi orientada pelos seguintes critérios: I) ter sido aprovado no PNLD 2020 – que está em vigor-; II) apresentar propostas de exercícios produzidos a partir de um gênero da DC – artigo de DC.

¹ A publicação da quinta edição da coleção data de 2018. Após passarem por avaliação e seleção, então, integraram o Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2020 (Brasil, 2020), fazendo parte do Guia Nacional do Livro Didático.

Para concretização do nosso estudo, estruturamos o texto em quatro seções: a primeira objetiva apresentar a concepção de divulgação científica assumida neste estudo, bem como discutir sua relevância para sociedade; a segunda seção trata do conceito de arquitetônica e das reflexões teóricas que sustentam nossas reflexões; a terceira tem como proposta delinear as análises feitas de cinco atividades elaboradas em torno da leitura e do estudo de um artigo de DC; e a quarta destina-se às conclusões obtidas no estudo, seguida das referências citadas.

2 Divulgação científica e sociedade

A definição de divulgação científica não é única, e como consequência, encontramos abordagens e definições diferenciadas. Por vezes, ela é identificada como um gênero específico presente em esferas variadas ou até mesmo como uma esfera da comunicação humana. As concepções acerca do seu conceito são “[...] ora divergentes, ora convergentes e/ou complementares” (Cavalcante Filho, 2017, p. 79). Com o fito de explicitar o posicionamento assumido nesta pesquisa, utilizamos a definição de DC proposta por Grillo (2013), de que a divulgação científica, por estar presente em diversas esferas do conhecimento e por materializar-se em gêneros variados para possibilitar o acesso ao conhecimento científico, é “uma modalidade particular de relação dialógica [...] entre a esfera científica e outras esferas da atividade humana” (Grillo, 2013, p. 88). Assim, numa relação dialógica com a esfera científica, outras esferas da comunicação tomam uma posição valorativa na materialização do discurso da DC, que “pode servir de ferramenta de conscientização da sociedade sobre o papel e importância da ciência na atualidade” (Oliveira, 2020, p. 22).

O discurso da DC, ao dialogar com discursos de diferentes esferas, permite que a sociedade tenha acesso à informação científica, seja lendo, seja assistindo ou ouvindo reportagens, notícias, artigos e comentários, por exemplo, tanto na esfera educacional, na midiática, na jornalística, na cultural ou em outras. Esses campos dialogam com o objetivo de realizar a divulgação da ciência em seus variados suportes (jornais, revistas, livros e outros) e contribuem para o compartilhamento de informações de grande relevância social.

O acesso à DC auxilia na percepção de como as pesquisas científicas e os avanços teóricos e tecnológicos refletem no dia a dia. Ir a uma farmácia e comprar um remédio para dor de cabeça, por exemplo, é algo tão simples, porém nem todos lembram do longo processo que, às vezes, envolve um estudo científico para que possamos nos beneficiar de uma medicação. Isso contribui para que os avanços e os benefícios da ciência não tenham a evidência de que necessitam e possibilita a crescente propagação de *fake news*, de indivíduos que em suas redes sociais tentam anular e/ou desmerecer os resultados de pesquisas muito importantes, que podem salvar vidas.

As esferas da comunicação, por meio dos gêneros da divulgação científica e de seus suportes de veiculação, ajudam a publicizar o conhecimento científico e, além disso, atuam na valorização da ciência, no combate à desinformação que tanto maltratam a visão de ciência na atualidade. Cada esfera ideológica, a exemplo da educacional, apropria-se das formas linguísticas que estão à sua disposição, elabora e divulga os gêneros da DC de acordo com seus objetivos, já que

[...] nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mau, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (Volóchinov, 2018, p. 181, grifo do autor).

Assim, as práticas sociais de linguagem não se desvinculam dos sujeitos e sofrem coerções da esfera ideológica, e isso influencia diretamente na divulgação da ciência para a sociedade. Nesse sentido, as escolhas feitas pelo falante/ escritor

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação (Bakhtin, 2016, p. 11, grifo do autor).

No contexto escolar, os gêneros da DC, como as reportagens, os verbetes de enciclopédias, os debates, os seminários, as aulas e outros, adequam-se e buscam estratégias discursivas que possibilitam aos destinatários presumidos, professores e alunos, terem acesso às informações

científicas, sem perder de vista os objetivos pedagógicos que influenciam no trabalho e no estudo desses gêneros.

A escola é um lugar privilegiado no que diz respeito à construção consciente de saberes e de conhecimentos que podem contribuir para uma sociedade mais crítica e informada em relação aos assuntos que envolvem ciência. Além disso, é o local no qual o sujeito passa boa parte da vida, entra em contato com diversas formas de comunicação humana, inclusive, as que se dão com os gêneros da DC.

3 A arquitetônica bakhtiniana e a constituição dos enunciados

Uma noção central nesta investigação é o conceito de arquitetônica. Campos (2012), em seu estudo sobre materiais didáticos de Língua Portuguesa, ao tomar o conceito bakhtiniano de arquitetônica para analisar atividades de leitura de textos verbo-visuais em Livro Didático de Língua Portuguesa (doravante, LDLP) para ensino médio, afirma: “[...] o conceito de arquitetônica, assim, torna-se uma alternativa para pensar o mundo dos sentidos, da diversidade, da cultura, sem precisar eliminar as análises formais, mas entendendo o movimento das relações dialógicas” (Campos, 2012, p. 253). Esse importante conceito não pode ser apreendido sem a realização de um estudo conjunto de algumas obras de Bakhtin e do Círculo, já que não há uma obra específica cuja conceituação apareça de forma evidente. Cavalcante Filho (2017), em sua tese de doutoramento, defende que a compreensão dessa noção resulta do estudo articulado dos quatro primeiros trabalhos de Bakhtin, considerando-os imprescindíveis para se apreender tal conceito. São eles: *Arte e responsabilidade* ([1919] 2011a), *Para uma filosofia do ato* ([1920-4] 2010a), *O autor e a personagem na atividade estética* ([1920-3] 2011b) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* ([1924] 2010b). Essas obras serão fundamentais em nossos estudos, mas consideraremos também outras obras do Círculo nas quais o conceito é retomado, mesmo que implicitamente.

Arte e responsabilidade, escrito em 1919, é um artigo de duas páginas no qual Bakhtin apresenta dois aspectos importantes à arquitetônica: as noções de mecânica e de totalidade (responsabilidade). Na mecânica, os elementos que constituem o todo, apesar de unificados no tempo e no espaço,

tomam as coisas isoladamente, desconsideram o interacional, não penetram na unidade do sentido. Em contrapartida ao que Bakhtin chama de “mecânico”, estão os elementos constituintes de um todo dialógico, arquitetônico, a totalidade que evoca os campos da ciência, da arte e da vida, que adquirem unidade no indivíduo, no mundo da vida e das relações, na unidade da responsabilidade. Nas palavras de Bakhtin ([1919] 2011a):

O indivíduo deve tornar-se inteiramente responsável: todos os seus momentos devem não só estar lado a lado na série temporal de sua vida mas também penetrar uns aos outros na unidade da culpa e da responsabilidade. E nada de citar a “inspiração” para justificar a irresponsabilidade. A inspiração que ignora a vida e é ela mesma ignorada pela vida não é inspiração mas obsessão (Bakhtin, [1919] 2011a, p. XXXIV).

Nesse curto e denso texto, Bakhtin já começa a mostrar a importância do mundo da vida e aprofunda o assunto no ensaio inacabado *Para uma filosofia do ato* – texto que produziu posteriormente, entre 1920 e 1924, e que é mais extenso que o anterior. Essa obra é basilar para o que vem a ser a teoria bakhtiniana e é de suma importância para a constituição do conceito de ato responsável, que é tão importante para a compreensão da noção de arquitetônica.

Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin ([1920-4] 2010a) quer empreender uma filosofia moral e, ao tratar do seu objeto, está falando do mundo em que o ato se orienta sobre o alicerce de sua participação no ser. O termo arquitetônica é utilizado pelo filósofo ao esclarecer o que institui essa filosofia. Nessa obra, também, o filósofo russo coloca em destaque a ética do pensamento teórico e as condições necessárias para isso. Para ele, o ato de pensar uma teoria não é abstrato e parcial, não pode ser comparado à ação, que é um comportamento mecânico, ele é um posicionamento responsável, único, assinado, no qual o sujeito assume e revela seu pensamento frente ao outro.

Esse gesto ético que convoca o sujeito a pensar e a responsabilizar-se inteiramente é o que permeia a reflexão de Bakhtin em *Para uma filosofia do ato* (Bakhtin, [1920-4] 2010a). O ato é regido pela responsabilidade do sujeito, que é convocado a pensar do lugar que ocupa no mundo, pois “O ato de pensar não é fortuito; o sujeito não pensa isto assim como pode pensar aquilo. Não é uma mera opinião. Do lugar de onde pensa, do lugar de onde vê, ele somente pode pensar aquele pensamento” (Amorim, 2018, p. 23).

O sujeito sócio-histórico, como um ser real e único, do seu lugar no mundo, vê e pensa de acordo com a sua opinião, não há álibi para sua existência – eis sua responsabilidade. O pensamento adquire entonação e valor, mas não deve ser confundido com uma simples opinião, já que do lugar que ocupamos e de onde vemos o outro podemos pensar somente um determinado pensamento e não outro. Esse pensamento ganha sentido quando o sujeito assume e imprime valor, reconhece e assina, validando-o com o que só ele possui, pois só ele pode ver e dizer a partir do lugar único que ocupa.

Em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (Bakhtin, [1924] 2010b), o objetivismo abstrato formalista é problematizado, mostrando que seu projeto metodológico se limita à análise do objeto estético e dos aspectos linguísticos formais sem situá-los sócio-historicamente, sem considerar a relação valorativa entre o estético e o cultural, sem observar os posicionamentos axiológicos existentes. Nesse texto, Bakhtin apresenta os conceitos de forma arquitetônica e de forma composicional:

As formas arquitetônicas são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto da vida particular, social, histórica, etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto-satisfazem tranquilamente, são as formas de existência estética na sua singularidade.

As formas composicionais que organizam o material têm um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto, estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica. A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional: assim, a forma da tragédia (a forma do acontecimento, em parte, do personagem - o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada - a dramática (Bakhtin, [1924] 2010b, p. 25).

Para entendermos melhor o que diferencia as duas formas, mas o que também as aproxima, o autor russo apresenta alguns exemplos, como as formas composicionais do romance, do drama, do poema, do conto, da novela e as formas arquitetônicas do trágico, do cômico, do humor, da heroificação, do tipo e do caráter. Essas últimas articulam valores morais e aspectos da vida particular, o social e o histórico, que são axiologicamente voltados para o conteúdo, sendo determinantes na escolha da forma composicional do material.

Assim, objetivamos ultrapassar os limites de uma análise meramente estética, transcrevendo “o acontecimento ético no seu aspecto social, já vivido e avaliado [...], mas também sai dos limites do objeto e introduz o acontecimento em ligações sociais e históricas mais amplas” (Bakhtin, [1920-4] 2010a, p. 43). A noção de arquitetônica privilegia esse enfoque ao atribuir um sentido concreto ao enunciado, que

[...] isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados neutros, nem pode haver; [...] (Bakhtin, [1924] 2010b, p. 46).

Os enunciados são “um conjunto verbal, compreendido linguística e composicionalmente, no todo arquitetônico de um evento esteticamente acabado” (Bakhtin, [1920-4] 2010a, p. 51) que se constroem a partir de um conjunto de relações axiológicas. Desse modo, todo enunciado traz em si uma valoração, um ponto de vista, que, junto com uma rede axiológica, dialoga com o já dito e com a resposta subsequente. A significação vem da interação, da reciprocidade ativa com outros pontos de vista na relação dialógica entre os sujeitos do discurso, autor-criador e destinatário presumido (Volóchinov, 2018). Volóchinov nos diz que toda palavra “é um ato bilateral”, pois

[...] é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro (Volóchinov, 2018, p. 205).

Para que entendamos esse ato, precisamos partir de uma análise que identifique as matrizes ideológicas (avaliações sociais, posicionamento e direção axiológicos) e os centros valorativos (os sujeitos do discurso e seus valores éticos, morais, sociais, ideológicos, históricos e culturais) que influenciam na materialização linguístico-discursiva da DC, na realização da forma arquitetônica e composicional no livro didático a ser analisado. Precisamos compreender os elementos importantes ao conceito de arquitetônica como ato responsável, exotopia, excedente de visão, atmosfera axiológica e autoria.

Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin ([1920-4] 2010a) apresenta o “ato” como uma ação concreta e intencional que propõe unir responsabilidade e resposta, estabelecendo uma relação responsável/responsiva no agir do sujeito. Todo ato faz parte de uma rede de relações axiológicas de inter-relações discursivas antecedentes e subsequentes que formam o todo arquitetônico disposto em torno do ser. Para Bakhtin, os aspectos sociais, culturais, históricos, políticos e ideológicos articulam-se dialogicamente possibilitando a materialização de um ato único, irrepetível. Ele acrescenta:

Para minha consciência ativa e participante, esse mundo, como um todo arquitetônico, é disposto em torno de mim como único centro de realização do meu ato; [...] Em correlação com o meu lugar particular que é o lugar do qual parte a minha atividade no mundo, todas as relações espaciais-temporais pensáveis adquirem um centro de valores em volta do qual compõem num determinado conjunto arquitetônico concreto estável e a unidade possível se torna singularidade real. [...] Este centro não é imanente [...] No interior do sistema, cada componente desta unidade é logicamente necessário mas o sistema em si no seu todo é apenas algo relativamente possível; é somente em correlação comigo, enquanto penso ativamente, somente em correlação com o ato do meu pensamento responsável que tal sistema se incorpora na real arquitetônica do mundo vivido, como seu momento, se enraíza na sua real singularidade, significativa como valor (Bakhtin, [1920-4] 2010a, p. 118-120).

Numa análise exotópica do enunciado, é preciso considerar os centros valorativos, e isso requer um excedente de visão dos seres concretos que estão em confronto, o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o-outro. O autor-criador (centro de valoração), aquele que materializa a forma arquitetônica, enuncia em direção ao outro e proporciona a completude do ato, pois o distanciamento permite ver no outro o que ele não consegue ver em si mesmo, e isso orienta o agir responsivo/ ativo do eu. O autor-criador

[...] ocupa uma posição essencial fora do acontecimento enquanto assistente desinteressado, *mas que compreende o sentido axiológico daquilo que se realiza*; não se submete ao acontecimento, mas participa do seu suceder: pois, sem ter uma participação axiológica em certo grau, não se pode contemplar o acontecimento enquanto acontecimento (Bakhtin, [1920-4] 2010a, p. 36).

O autor-criador não é só aquele que fala/escreve, é aquele que ocupa um lugar enunciativo que traz consigo uma consciência ativa e participante, que vê o mundo como o centro de realização de seu ato. Francelino (2019), ao estudar estilo e autoria em sermões religiosos, acrescenta que

O autor é uma consciência que está sempre em tensa relação com outra(s) consciência(s), de modo que seu dizer configura sempre uma tomada de posição valorativa, de coloração emotivo-volitiva polêmica, plena de combatividade no contexto de um diálogo sempre não-concluído, inacabado. Em outras palavras, vive em tensão na fronteira com as ideias de outros, com a consciência de outros (Francelino, 2019, p. 246).

De acordo com a entonação valorativa, o autor-criador enuncia na direção do outro a partir do seu centro de valor e seleciona os gêneros dentre as infinitas possibilidades de produção e de circulação.

Em *O método formal nos estudos literários*, Medviédev ([1928] 2019), ao abordar o conceito de avaliação social, retoma princípios basilares da arquitetônica, o que estabelece uma relação muito próxima entre os dois conceitos. Segundo o autor, a avaliação social “está presente em cada palavra viva, [...] determina a escolha do objeto, da palavra, da forma e a sua combinação [...], a escolha do conteúdo e da forma, bem como a ligação entre eles” (Medviédev, ([1928] 2019, p. 183-184). Assim como a forma arquitetônica pode utilizar a palavra como material, a avaliação social faz uso dela para se expressar nas formas materiais dos gêneros que aparecem como fundamentais na criação do enunciado, segundo Medviédev ([1928] 2019). O gênero é a realidade social ideológica, é a forma típica de todo enunciado, que como toda obra

[...] entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva como executada, ouvida, lida em determinado tempo, lugar e circunstâncias. Ela ocupa certo lugar, que é concebido pela vida, enquanto corpo sonoro real. Esse corpo está disposto entre as pessoas que estão organizadas de determinada forma (Medviédev, [1928] 2019, p. 195).

Diante do exposto, uma análise dialógica dos enunciados dos livros didáticos, de suas significações e a relação com os aspectos extralinguísticos que influenciam no trabalho com a DC é fundamental para depreendermos a sua arquitetônica no contexto escolar, na observação de suas peculiaridades.

A partir dessa discussão teórica, daremos início à nossa análise para compreender a forma arquitetônica da DC nas atividades propostas pelos livros didáticos de Língua Portuguesa, a escolha dos gêneros que as compõem, a forma que os conteúdos adquirem, suas estruturas composicionais e os confrontos ideológicos entre os discursos constituídos ao longo dos anos.

4 A arquitetura de propostas de leitura e estudo do gênero artigo de divulgação científica

163

●●●●●●●●●●
Oliveira
Cavalcante Filho

A coleção *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa* (Araújo; Oliveira, 2018) possui quatro volumes, um para cada ano da segunda etapa do Ensino Fundamental. Os livros da coleção possuem quatro unidades temáticas, com dois capítulos cada uma. Analisando todos eles, identificamos a presença de gêneros da DC que refletem e refratam de diferentes formas a DC, no entanto, não há um capítulo específico para o estudo desses gêneros. Mesmo assim, constatamos duas atividades da seção “Prática de leitura” que visam o estudo de um artigo de divulgação científica no livro do 8º ano, na unidade temática 3, intitulada “Educação é o caminho”, e no capítulo 6, “Educação na era digital”. Além dessas duas propostas, analisamos mais três atividades elaboradas em torno da leitura e do estudo do artigo.

Todo o capítulo trata da revolução na tecnologia da informação e da comunicação, o uso que é feito dela por crianças e adolescentes e suas consequências para a educação e a saúde desses jovens. Vamos observar a figura abaixo.

Figura 1 – Introdução do capítulo e contextualização da temática

Capítulo 6

Educação na era digital



PARA COMEÇO DE CONVERSA

Nossa sociedade tem vivido, ao longo das últimas décadas, uma revolução na tecnologia da informação e da comunicação. Os adolescentes de hoje já nasceram na era digital.

1. Em sua opinião, a escola tem acompanhado as transformações tecnológicas?
2. Como professores e alunos utilizam a tecnologia em sua escola?
3. Como você usa a tecnologia? Comente.

Você e seus colegas vão ler alguns textos que possibilitam ampliar a reflexão sobre o uso das novas tecnologias.

Para começar, leia a charge a seguir.



4. Responda.

- a) O que você observa na charge? A ilustração e o texto estabelecem relação de reiteração ou complementaridade? Explique.
- b) Qual é a crítica social apresentada na charge? Qual é sua opinião sobre ela?
- c) Além de apresentar crítica, o que pode provocar humor na charge?
- d) Você já presenciou cenas parecidas com essa? Em caso afirmativo, compartilhe a experiência com os colegas.

179

Fonte: Araújo; Oliveira, 2018, p. 179.

Observa-se na introdução do capítulo, na seção “Para começo de conversa”, questões de reflexão, contextualização do tema e leitura de uma charge do cartunista Flamir Ambrósio, publicada originalmente em seu blog, na seção *Geração Z*. No texto, há uma criança que está chorando, pois a senha do wi-fi lhe foi negada na escola.

A charge que vimos acima serve como abertura à temática estudada no capítulo, fazendo uma crítica à necessidade que muitas crianças possuem de estarem conectadas à internet a todo momento. Assim, o enunciado materializado na charge dialoga com o horizonte sócio-histórico-ideológico mais imediato dos seus interlocutores, uma vez que essas leituras iniciais e as questões elaboradas a partir delas contextualizam o tema, problematizam o uso da tecnologia da informação e da comunicação, a dependência de conectividade por crianças e adolescentes e levam o estudante a refletir sobre esses aspectos. Isso fica evidente em questões como: “Em sua opinião, a escola tem acompanhado as transformações tecnológicas?”; “Como professores e alunos utilizam a tecnologia em sua escola?” Como você usa a tecnologia? Comente.” “Qual é a crítica social apresentada na charge? Qual a sua opinião sobre ela?”; “Você já presenciou cenas parecidas com essa?” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 179).

Na sequência, apresenta-se o gênero discursivo infográfico com o título *O uso das tecnologias móveis em sala* (figura 1), de Regiany Silva, publicado no site *Porvir*.

Figura 2 – Introdução do capítulo e contextualização da temática

5. Em 2013, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) lançou um guia com recomendações políticas a governos interessados em incluir tecnologias móveis na escola. O infográfico a seguir explica os motivos e as recomendações:

O USO DAS TECNOLOGIAS MÓVEIS EM SALA
Unesco lança guia com **13 bons motivos** para usar tecnologias móveis na escola e **10 recomendações** para governos

O ACESSO NÃO É MAIS O PRINCIPAL DESAFIO...

Bons motivos

- 1 Amplia o alcance e a equidade da educação
- 2 Melhora a educação em áreas de conflito ou que sofreram desastres naturais
- 3 Assiste alunos com deficiência
- 4 Otimiza o tempo na sala de aula
- 5 Permite que se aprenda em qualquer hora e lugar
- 6 Constrói novas comunidades de aprendizagem
- 7 Dá suporte à aprendizagem in loco

Recomendações

- 1 Criar ou atualizar políticas ligadas ao aprendizado móvel
- 2 Conscientizar sobre sua importância
- 3 Expandir e melhorar opções de conexão
- 4 Ter acesso igualitário
- 5 Garantir equidade de gênero
- 6 Criar e otimizar conteúdo educacional
- 7 Treinar professores
- 8 Capacitá-los usando tecnologias móveis
- 9 Promover o uso seguro, responsável e saudável das tecnologias
- 10 Usá-las para melhorar a comunicação e a gestão da educação

“HOJE AS TECNOLOGIAS MÓVEIS SÃO MUITO MAIS COMUNS, MESMO EM ÁREAS ONDE ESCOLAS, LIVROS E COMPUTADORES SÃO RAROS”

...MAS SIM SOFISTICAR O USO PEDAGÓGICO DAS TECNOLOGIAS

- 8 Aproxima o aprendizado formal do informal
- 9 Provê avaliação e feedback imediatos
- 10 Facilita o aprendizado personalizado
- 11 Melhora a aprendizagem contínua
- 12 Melhora a comunicação
- 13 Maximiza a relação custo-benefício da educação

“NÃO USAR TECNOLOGIAS MÓVEIS É PERDER OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS MUITO RICAS”
Rebecca Otter, Unesco

TECNOLOGIAS MÓVEIS SÃO APARELHOS DIGITAIS, FACILMENTE PORTÁTEIS, USADOS E CONTROLADOS POR UM INDIVÍDUO – E NÃO POR UMA INSTITUIÇÃO –. TEM ACESSO À INTERNET E PERMITE UM AMPLO NÚMERO DE AÇÕES, INCLUSIVE MULTIMÍDIAS

QUESTÕES PARA ANÁLISE:

- a) De acordo com o infográfico, qual é o principal desafio para as escolas usarem as tecnologias digitais? Explique.
- b) Qual é o argumento da representante da Unesco para defender o uso de tecnologia móvel na escola? Você concorda com esse argumento? Por quê?
- c) Qual é a relação entre as imagens e a definição de tecnologias móveis na parte inferior do infográfico?
- d) Tanto nos motivos quanto nas recomendações, a Unesco relaciona o uso de *tecnologias móveis* à promoção de *equidade*. Pesquise o que significa esse termo e comente essa relação.
- e) Você concorda que o uso de tecnologias móveis pode “melhorar a aprendizagem contínua”? Explique.
- f) Uma das recomendações aos governos é “Promover o uso seguro, responsável e saudável das tecnologias”. Em sua opinião, que medidas um governo pode tomar para essa garantia na escola?

SILVA, Regiany. O uso das tecnologias móveis em sala (infográfico). Disponível em: <<https://bit.ly/2BdWUT3>>. Acesso em: 29 set. 2018.

Fonte: Araújo; Oliveira, 2018, p. 180.

O texto verbo-visual apresenta motivos e recomendações para o uso das tecnologias móveis em sala de aula, elaborado com base num guia de utilização de dispositivos móveis em sala de aula da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), publicado em 2013. As questões formuladas para o estudo desse gênero tanto se direcionam para o entendimento do texto, para sua estrutura composicional, para relação entre

o material visual e verbal quanto evocam o estudante a pensar sobre o assunto e posicionar-se em relação a ele.

Analisando o tom emotivo-volitivo das questões elaboradas e a escolha dos gêneros – charge e infográfico – feita pelo autor-criador, percebemos seu posicionamento axiológico diante do tema, visto que o conjunto desses elementos constituintes do enunciado do livro didático e as valorações axiológicas – de aceitação em alguns aspectos e de rejeição em outros – vão moldando a arquitetônica da DC nessa sequência de atividades.

O enunciado do infográfico atribui significado ao uso das tecnologias móveis em sala de aula expressando uma visão de aceitação ao afirmar, por exemplo, que “Amplia o alcance e a equidade da educação”, “Permite que se aprenda em qualquer hora e lugar” e “Melhora a aprendizagem contínua” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 180). Além disso, faz recomendações que podem ser observadas pelo uso dessas tecnologias nas escolas. Essas sugestões e as questões formuladas para a atividade situam-se num contexto sócio-histórico educacional que visa à criação de políticas públicas, à conscientização, à expansão, à equalização, à otimização, à capacitação de profissionais, à melhoria da comunicação e da gestão educacional.

O enunciado proposto nas questões também conduz o sujeito à tomada de uma atitude responsiva ativa em relação ao que é abordado ao levar à seguinte reflexão: “Qual é o argumento da representante da Unesco para defender o uso de tecnologia móvel na escola? Você concorda com esse argumento? Por quê?”, “Você concorda que o uso de tecnologias móveis pode “melhorar a aprendizagem contínua”?” e “Em sua opinião, que medidas um governo pode tomar para essa garantia na escola?” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 180).

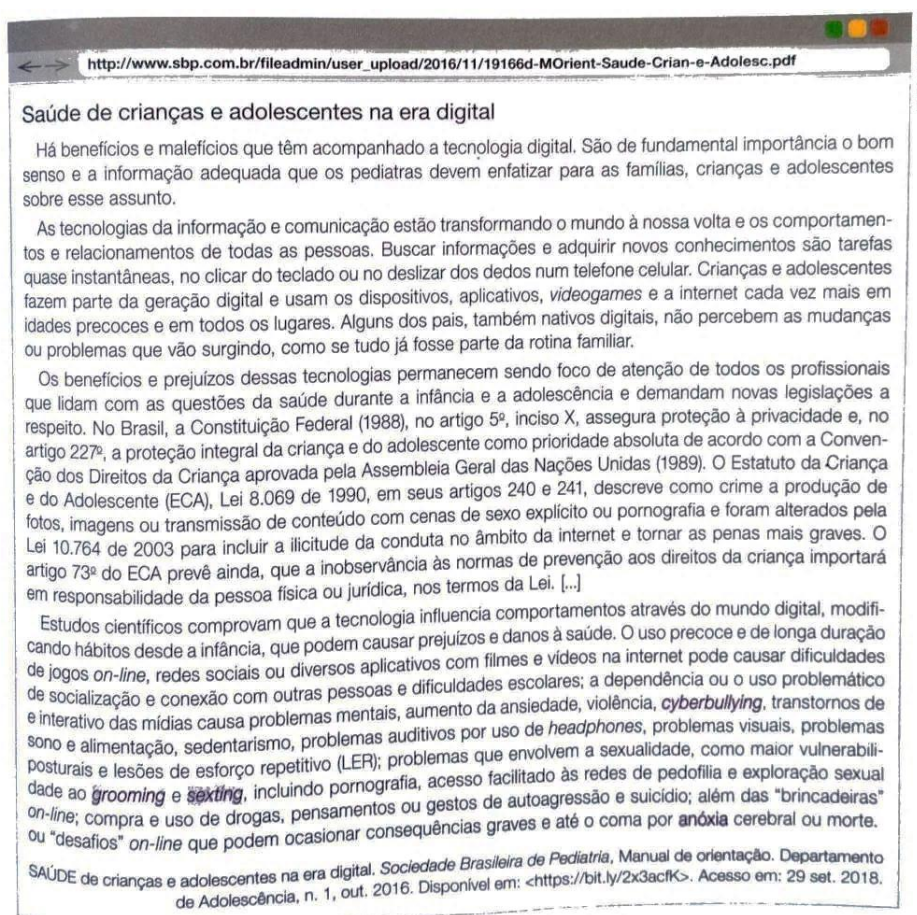
Dando continuidade à análise do capítulo, chegamos à seção “Prática de leitura”, onde se encontra o primeiro fragmento do artigo de divulgação científica *Saúde de crianças e adolescentes na era digital*, publicado originalmente num manual de orientação disponível no site da Sociedade Brasileira de Pediatria. As questões que antecipam a leitura do primeiro trecho do texto estabelecem uma interação entre o livro didático e o estudante de forma similar às perguntas que iniciaram o capítulo. Veja:

Figura 3 - Seção “Prática de leitura” e primeiro fragmento do artigo de DC *Saúde de crianças e adolescentes na era digital*

PRÁTICA DE LEITURA

Texto 1 – Artigo de divulgação científica (fragmento I)

1. Quanto tempo do seu dia você fica conectado?
2. Você já deixou de cumprir suas obrigações para jogar ou navegar em redes sociais? Compartilhe suas experiências com os colegas.
3. Em sua opinião, como a exposição constante a celular, *tablet* ou computador pode afetar a saúde de crianças e adolescentes?
4. Leia o título do artigo de divulgação científica a seguir. Quais informações você acha que encontrará nesse texto?



Fonte: Araújo; Oliveira, 2018, p. 181.

As questões que antecedem a leitura do artigo de DC, presentes na figura acima, levam o estudante a pensar sobre sua rotina de uso da internet, de acesso a jogos e redes sociais e direciona-os para uma reflexão sobre como a exposição excessiva a aparelhos digitais pode afetar a saúde de adolescentes e crianças. Nessa atividade, o autor-criador, ao enunciar na direção do outro,

o estudante, conduz esse sujeito à formação de uma opinião e a posicionar-se como quem tem algo a dizer a partir do seu próprio ponto de vista, de sua visão de mundo.

Essa relação entre o autor-criador e o destinatário presumido influenciou a formulação das questões que antecedem a leitura do artigo, assim como a escolha da temática, do gênero e da própria fragmentação do texto para ser estudado em duas partes. Tal abordagem possibilita-nos entender que a relação do livro didático com a palavra alheia passa por uma complexa cadeia de discursos na qual manifestações axiológicas diversas materializam-se no enunciado do seu autor-criador.

Na primeira proposta de leitura do fragmento de artigo de DC (figura 2), podemos ver que a parte selecionada destaca os malefícios que vêm associados ao uso das tecnologias digitais por crianças e adolescentes. Se originalmente o texto foi publicado num site especializado, tendo como destinatário presumido pessoas adultas especialistas, no livro didático, o mesmo texto passa a ter outro público-alvo – professores e estudantes – e um objetivo didático – ensino de Língua Portuguesa. Quando o discurso de outrem é incluído em outro contexto, mesmo que pouco ou nada seja alterado em sua transmissão, o uso feito da palavra alheia sempre acarretará mudanças semânticas, conforme argumenta Bakhtin (2015):

É necessário observar o seguinte: incluídos no contexto, o discurso do outro sempre sofre certas mudanças semânticas por mais precisa que seja a sua transmissão. O contexto que moldura o discurso do outro cria um fundo dialogante cuja influência pode ser muito grande. Através dos meios correspondentes de molduragem podem-se conseguir transformações muito substanciais de um enunciado alheio citado com precisão. Um polemista de má-fé e finório sabe perfeitamente que fundo dialógico supor às palavras de seu adversário citadas com precisão para deturpar o seu sentido. [...] Inserida no contexto do discurso, a palavra do outro não entra em contato mecânico com o discurso que a moldura, mas numa unificação química (no plano semântico e expressivo); [...] Tanto a informação quanto a molduragem do discurso do outro (o contexto pode começar a preparar de muito longe a inserção do discurso do outro) traduzem o ato único de relação dialógica com tal discurso, relação essa que determina todo o caráter de sua transmissão e todas as mudanças semânticas e acentuais que nele ocorrem durante essa transmissão (Bakhtin, 2015, p. 133-134).

Assim, as escolhas feitas pelo autor-criador do LDLP mostram um posicionamento axiológico contra o uso excessivo da tecnologia digital por crianças e adolescentes, e isso determinou a decisão de estudar essa parte do texto e não outra.

Na subseção seguinte, “Por dentro do texto”, as questões focam na compreensão e, também, na interpretação do texto, já que os questionamentos vão além do que está escrito, buscando se relacionar com a vida e com a opinião do estudante. Isto fica evidente na utilização de expressões como “Em sua opinião”, “Comente”, “Em sua visão”, “Você”, “E seus familiares e responsáveis”. Já na subseção “Linguagem do texto”, a atividade proposta enfatiza as características do gênero artigo de divulgação científica, algumas escolhas lexicais e sua relação com o sentido, a tipologia textual predominante e o uso das aspas nas citações diretas. Nessa seção, é apresentada uma definição para artigo de divulgação científica. Observemos:

2. Leia as informações do quadro a seguir, sobre o gênero textual artigo de divulgação científica.

O *artigo de divulgação* científica permite o acesso do público leitor às pesquisas e seus resultados. É produzido por pesquisadores ou por instituições que se baseiam na ciência em diferentes áreas para realizar a leitura da realidade.

A linguagem em textos desse gênero é marcada pela objetividade, impessoalidade, uso da linguagem formal e da norma-padrão da língua. O artigo de divulgação científica apresenta sequências expositivas e argumentativas, pois o cientista, para delimitar uma situação-problema, parte da sua interpretação da realidade.

Esse gênero organiza-se em parágrafos, mas pode trazer tabelas, imagens, gráficos e infográficos para ampliar a explicação e tornar a informação mais acessível ao leitor.

Costuma conter contextualização, problematização e argumentos (princípio, causa consequência, exemplificação ou autoridade) (Araújo; Oliveira, 2018, p. 183, grifo das autoras).

A escolha por definir artigo de divulgação científica com esses elementos também influenciou a elaboração do enunciado do exercício proposto pelo LDLP, determinando o gênero em estudo, o estilo, dando o tom emotivo-volitivo, a entonação expressiva e a forma composicional. Os elementos apontados na citação acima, como a impessoalidade e a objetividade da linguagem, o autor, o público-alvo, a finalidade e os argumentos utilizados, por exemplo, são estudados no exercício proposto. Considerando o contexto da esfera a partir da qual o autor-criador enuncia, a esfera educacional, no componente curricular em questão, Língua Portuguesa, é possível notar um posicionamento que evidencia uma preocupação com a composição do gênero estudado, a linguagem utilizada, os elementos que garantem a textualidade, a estrutura e a relevância do tema

para a sociedade atual. No entanto, nada é dito sobre a importância da DC para a temática em questão e para a sociedade em diferentes assuntos.

O LDLP em análise define o artigo de DC como um gênero que “permite o acesso do público leitor às pesquisas e seus resultados” e que “É produzido por pesquisadores ou por instituições que se baseiam na ciência em diferentes áreas para realizar a leitura da realidade” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 183). Essa definição, no entanto, não reflete a função social, nem o diálogo estabelecido entre as esferas da comunicação na realização da DC. O acesso às informações científicas, a depender da esfera comunicativa, da intencionalidade discursiva, “pode servir de ferramenta de conscientização da sociedade sobre o papel e importância da ciência na atualidade” (Oliveira, 2020 p. 22), porém isso não é colocado em pauta nem na proposta de atividade, nem na definição de artigo de DC apresentada.

O segundo fragmento do artigo, estudado ainda no mesmo capítulo, também é antecedido na seção “Conversa entre textos” por uma charge, dessa vez, com o tema *Dia das Crianças*, publicada originalmente no blog do cartunista Bruno Galvão.

CONVERSA ENTRE TEXTOS

1. Observe a charge a seguir e responda:



- O que você vê na imagem? Que contraste de cores é possível perceber?
- Qual é o sentido da onomatopeia *click* na charge?
- Que crítica social é feita nessa charge?
- Estabeleça relação entre a crítica apresentada nessa charge e o artigo de divulgação científica “Saúde de crianças e adolescentes na era digital”.

Fonte: Araújo; Oliveira, 2018, p. 184.

Essa charge faz uma crítica ao fato de muitas crianças estarem abandonando os brinquedos para ficarem em aparelhos celulares smartphones e, novamente, traz questões que antecedem a leitura e estabelecem o diálogo entre o leitor e o livro didático. O enunciado da charge carrega um conjunto de valores axiológicos que só podem ser percebidos com o reconhecimento dos elementos visuais que compõem a imagem – crianças e celulares em tons de cinza e brinquedos coloridos – e a percepção dos movimentos dos dedos tocando nas telas dos aparelhos, ratificados pelo uso da onomatopeia “click”. Ao escolher essa charge, o autor-criador assume um posicionamento valorativo de que os aparelhos celulares são prejudiciais às crianças e estão afastando-as de brincadeiras saudáveis.

A leitura da charge e de outros gêneros sobre a mesma temática leva o estudante a relacionar informações diversas sobre um mesmo assunto e a notar como pode ser abordado em vários aspectos, além disso, permite sua

ampliação e aprofundamento. A relação dialógica estabelecida entre os textos é sugerida numa questão da seção “Conversa entre textos”, ao se solicitar que o estudante “Estabeleça relação entre a crítica apresentada nessa charge e o artigo de divulgação científica “Saúde de crianças e adolescentes na era digital” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 184). Essa proposta didática considera o discurso vivo, repleto de significação e vê o estudante como um sujeito sócio-histórico que produz o seu discurso num elo comunicativo com outros discursos, numa relação dialógica com discursos anteriores (Volóchinov, 2018).

Na imagem seguinte, podemos ver a segunda parte do artigo de DC e as questões que antecedem sua leitura:

Figura 5 – Seção “Prática de leitura” com o segundo excerto do artigo de DC Saúde de crianças e adolescentes na era digital



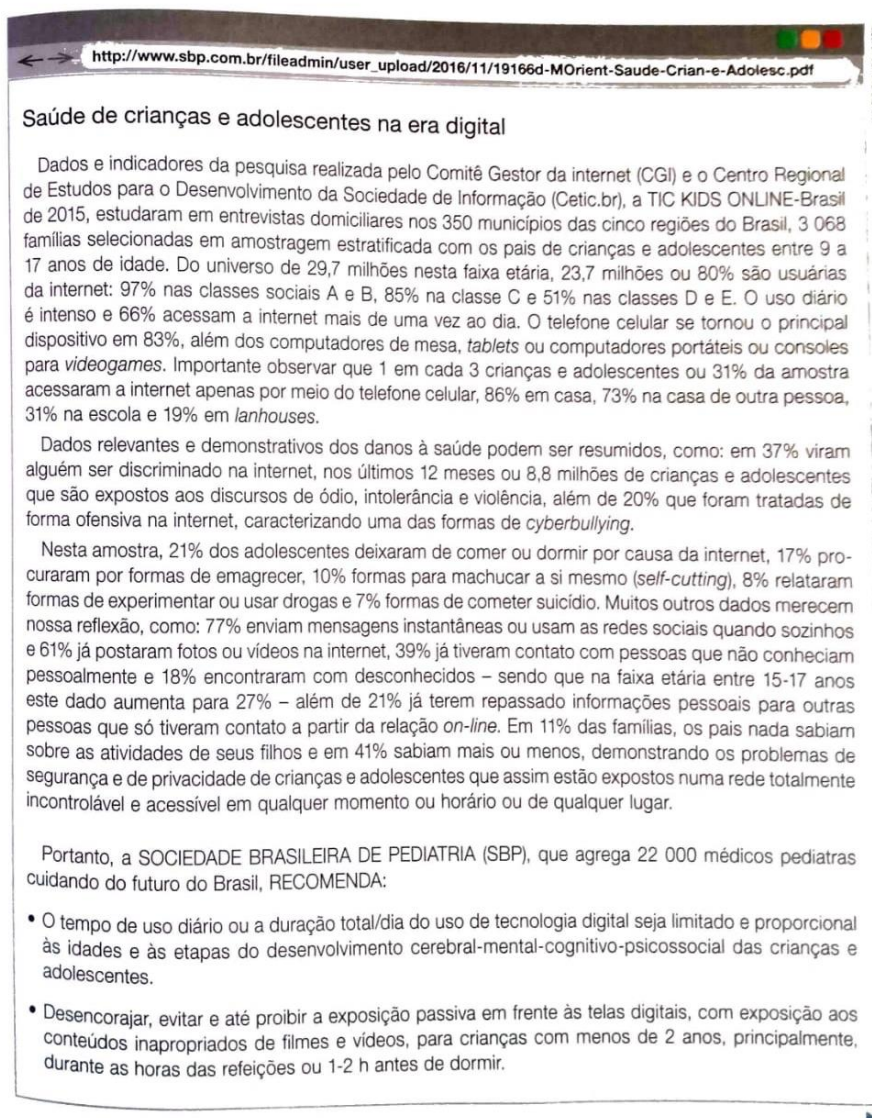
PRÁTICA DE LEITURA

Texto 2 – Artigo de divulgação científica (fragmento II)

No primeiro fragmento, foram apresentados os danos que podem ser causados em crianças e adolescentes em decorrência do longo tempo de conexão à internet.

1. Em sua opinião, qual seria o limite seguro para crianças e adolescentes ficarem conectados? Explique.
2. Em sua opinião, como crianças e adolescentes podem ser protegidos dos perigos da internet?
3. Você acha que utiliza a internet de forma saudável? Compartilhe experiências com seus colegas.

Leia a seguir mais um fragmento do artigo de divulgação científica:



Fonte: Araújo; Oliveira, 2018, p. 184-185.

A divisão do artigo *Saúde de crianças e adolescentes na era digital* em duas partes proporcionou uma análise de diferentes aspectos em

momentos distintos. Nessa segunda seção de “Prática de leitura” do capítulo, o texto em estudo apresenta dados da utilização das tecnologias digitais e das redes sociais de acordo com cada classe social, com os usos e suas consequências negativas, como discriminação, exposição a discursos de ódio, a informações sobre formas de usar drogas e de como cometer suicídio, entre outros. Além disso, faz recomendações aos médicos pediatras e aos pais e responsáveis em relação ao uso das novas tecnologias, das redes sociais e indica medidas de prevenção que podem ser tomadas para evitar situações perigosas e males à saúde.

A subseção “Por dentro do texto”, dessa vez, apresenta questões de compreensão textual, com foco na construção da argumentação, na forma como os dados são explicitados no texto, seu entendimento e das recomendações sugeridas. Como o artigo trata do uso das tecnologias digitais, a atividade possui uma questão que aborda o significado de *hiperlink* e sua função no gênero da DC estudado e outra que procura fazer o estudante entender o que é um *hipertexto* e analisar se o texto lido pode ser um. Vejamos:

6. Releia o trecho atentando-se à expressão destacada e relacionando-a com a imagem reproduzida do site.

[...]

Responda:

a) A expressão destacada trata-se de um *hiperlink*. O que é um *hiperlink*? O que pode indicar que se trata de um?

b) O que ocorrerá se você clicar na expressão destacada, se estiver lendo esse texto no computador ou em dispositivos móveis?

[...]

d) Por que os autores de textos de divulgação científica fazem uso de *hiperlink*?

e) Pesquise o significado de *hipertexto*. De acordo com sua pesquisa, é possível afirmar que o artigo de divulgação científica que você leu é um *hipertexto*? Por quê? (Araújo; Oliveira, 2018, p. 188).

A atividade ainda faz uma relação dialógica de intertextualidade com o cartaz da campanha “Conecte-se ao que importa”, da Associação dos Amigos do Hospital das Clínicas do Paraná, que faz uma crítica aos pais que estão nas redes, entretidos em seus smartphones e não dão a atenção necessária aos filhos. Essa relação é feita com as recomendações e as medidas de prevenção sugeridas no artigo. Observemos na imagem abaixo:

Figura 6 – Cartaz da campanha “Conecte-se ao que importa”, da Associação dos Amigos do Hospital das Clínicas do Paraná

7. Observe a reprodução do cartaz da Campanha “Conecte-se ao que importa”, da Associação dos Amigos do Hospital das Clínicas do Paraná:



- O que você vê na imagem? Qual é o *slogan* da campanha?
- Relacione a frase que compõe o cartaz e a imagem.
- Que objetivo da campanha pode ser deduzido pelo cartaz? Por que é promovida por uma associação ligada a um hospital?
- Que recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria pode se relacionar a essa campanha? Por quê?
- Por que essa atitude do pai do cartaz pode ser prejudicial à saúde da criança de acordo com as informações do artigo de divulgação científica?

Fonte: Araújo; Oliveira, 2018, p. 189.

Os textos verbo-visuais, charges e infográfico, estabelecem uma relação dialógica entre si e com o artigo de divulgação científica estudado, no entanto, apesar de serem um todo de sentido utilizado para articular visões de mundo sobre uma mesma temática, acabam sendo inseridos na atividade com o objetivo de ampliar a discussão presente em outro texto, tendo um papel secundário.

Na subseção “Linguagem do texto”, as questões analisam a fonte dos dados, como essas informações são apresentadas no corpo do texto, sua importância num texto de DC, as formas de citação, a análise das escolhas lexicais e sua relação com o sentido do texto. Logo na sequência, termina o estudo do artigo na seção “Trocando Ideias”, na qual os estudantes são orientados a conversar com os colegas sobre as recomendações feitas pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Para que a conversa não aconteça de

maneira aleatória, o enunciado do livro didático propõem 8 (oito) questões que induzem o estudante a conversar sobre seus hábitos em relação aos usos das tecnologias, principalmente, das telas digitais, bem como a dar sua opinião sobre o assunto.

Figura 7 - Seção “Trocando Ideias”



TROCANDO IDEIAS

 Converse com os colegas sobre as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria.

1. Você ficava em telas digitais (celular, computador e TV) com menos de dois anos de idade? Qual é sua opinião sobre a recomendação de evitar ou proibir crianças dessa idade a ficarem expostas a essas telas?
2. Você costuma fazer as refeições em frente às telas? Isso prejudica sua alimentação?
3. Você tem TV ou computador no quarto? Costuma assistir pouco tempo antes de dormir? Isso prejudica seu sono?
4. Como você vê a orientação de não expor crianças de 0 a 6 anos a cenas violentas de filmes e jogos?
5. Você concorda ou discorda que um longo tempo nas telas pode prejudicar a convivência com familiares e amigos?
6. Você costuma ficar isolado no quarto acessando a internet?
7. Costuma ficar a noite conversando em redes sociais ou aplicativos de mensagens instantâneas? Se a resposta for afirmativa, seus responsáveis sabem? Como eles lidam com essa situação?
8. Você considera que as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria são apenas para as crianças ou elas podem orientar suas ações? Quais você considera importantes para sua saúde física, social e emocional?

Fonte: Araújo; Oliveira, 2018, p. 190

Nas questões acima, o autor-criador leva os estudantes a refletirem sobre suas posturas em relação ao acesso às telas digitais e à internet e como tudo isso afeta na rotina e na convivência com outras pessoas. Além disso, induz a pensar sobre suas práticas, estabelecendo uma relação dialógica com as importantes orientações dadas pela Sociedade Brasileira de Pediatria para cuidados com a saúde física, social e emocional de crianças e jovens.

De fato, a arquitetura da sequência de atividades propiciou leituras de diferentes gêneros que circulam em outras esferas, que utilizam o material verbal e verbo-visual e que são essenciais para que o estudante estabeleça relações e apreenda o sentido de acordo com seu centro de valor, seu ponto de vista, enfim, construindo sua própria opinião, fazendo seu julgamento sobre o assunto.

Assim, notamos que o autor-criador reflete e refrata uma posição axiológica e leva o destinatário a se posicionar, a ter uma atitude responsiva,

a construir um ponto de vista, constituindo-se como autor de enunciados, veiculando sua visão de mundo na sua interação, em uma esfera da comunicação, a esfera educacional básica.

Conclusões

O autor-criador constrói a arquitetura da DC nas propostas de leitura considerando o interacional, convidando o sujeito a pensar do seu lugar no mundo e a responsabilizar-se. A forma como se apropriam da palavra alheia, como enunciam na direção do outro e as formas que esse enunciado toma no contexto da obra revelam como é assimilado pelo autor-criador e, conseqüentemente, mostra seu posicionamento axiológico. As autoras, a partir dos seus centros de valor, construíram seus pontos de vista e expressaram suas visões de mundo. Ao escolherem um artigo de DC que se posiciona contra o uso excessivo e descuidado das tecnologias digitais, elas confrontam os discursos a favor dessas práticas.

O artigo de divulgação científica estudado sofreu deslocamento espaço temporal, já que ele foi publicado em um momento anterior e, posteriormente, foi selecionado para fazer parte do projeto enunciativo-discursivo do autor-criador do livro didático. Com isso, a palavra do outro sofreu coerção, foi reformulada, adquiriu a entonação, de modo que a valoração negativa/positiva de concordância/discordância e aceitação/rejeição ao discurso de outrem tornou-se evidente no todo arquitetônico do enunciado.

A própria estruturação do capítulo nas seções “Para começo de conversa”, “Prática de leitura”, “Conversa entre textos”, “Trocando ideias”, “Reflexão sobre o uso da língua”, “De olho na escrita”, “Na trilha da oralidade” e “Produção de texto” reflete a segmentação tradicional do ensino de Língua Portuguesa em leitura, estudo gramatical e produção de texto (Bunzen, 2006) e – a mais atual – oralidade. O livro didático representa um grupo social marcado pela história do ensino de língua portuguesa, pelas políticas educacionais, bem como por aspectos ideológicos, sociais, culturais, e a junção de todos esses elementos materializa o discurso da tradição do ensino de língua materna.

Em relação à função social da DC, notamos que os gêneros discursivos e o livro didático analisado ajudam a publicizar o conhecimento científico, a

combater a desinformação, no entanto, a valorização da ciência e da própria DC não aparece como algo a ser discutido nas questões de compreensão e interpretação e nas perguntas que orientam a troca de ideias entre os estudantes.

Nossa análise mostra que o posicionamento axiológico assumido pelo autor-criador na construção do enunciado, na escolha dos gêneros, do material verbal e verbo-visual, do conteúdo temático, bem como da estrutura composicional determina a forma arquitetônica das propostas de atividades elaboradas em torno de um gênero da DC.

Referências

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 17-43.

ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo; OLIVEIRA, Tânia Amaral. *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa: 8º ano*. 5 ed. Barueri, SP: IBEP, 2018. Disponível em: <https://pnld2020.ftd.com.br/colecao/tecendo-linguagens/>. Acesso em: 07 maio 2023.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. Hucitec Editora: São Paulo, [1924] 2010b. p. 13-70.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir de Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, [1920-4] 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance: a estilística*. Tradução Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [1919] 2011a. p. XXXIII-XXXIV

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [1920-3] 2011b. p. 3-192.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia Digital - PNLD 2020: Língua Portuguesa*. 2020. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2020_pnld2020-lingua-portuguesa.pdf. Acesso em: 07 maio. 2022.

BUNZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 139-161.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa. *Filologia E Linguística Portuguesa*, v. 14, n. 2, p. 247-263, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v14i2p247-263>.

CAVALCANTE FILHO, Urbano. *A arquitetura da divulgação científica nos enunciados das Conferências Populares da Glória (Séc. XIX)*. 540 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-19062017-114242/publico/2017_UrbanoCavalcanteDaSilvaFilho_VCorr.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

FRANCELINO, Pedro Farias. Estilo e autoria em sermões religiosos: uma análise dialógica. In: BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; FRANCELINO, Pedro Farias (Orgs.). *Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 233-259.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. 333 f. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-04112015-181038/publico//2013_SheilaVieiraDeCamargoGrillo.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. 2 ed. Tradução Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, [1928] 2019.

OLIVEIRA, Jamille Santos. *A divulgação científica e o ensino de língua portuguesa: uma análise bakhtiniana dos gêneros discursivos no livro didático*. 2020. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Ilhéus, BA: UESC, 2020. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201810237D.pdf>. Acesso em: 07 maio 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2 ed. Tradução Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada: notas para uma Educação antirracista em ensino de língua espanhola

The Bakhtin Circle and Applied Linguistics: notes for an anti-racist education in Spanish language teaching

Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho
Instituto Federal Baiano, Brasil
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Urbano Cavalcante Filho
Instituto Federal da Bahia, Brasil
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil
Universidade de São Paulo, Brasil

1 Introdução

No dia 27 de março de 2023, na Escola Estadual Thomazia Montoro, localizada na Vila Sônia, em São Paulo, um estudante de 13 anos esfaqueou quatro professoras e um aluno, resultando na morte de uma das docentes. Não fosse a tristeza e a violência desse fato, reportagens televisivas trouxeram desdobramentos importantes: discentes da unidade escolar informaram que, na semana anterior, o agressor havia brigado com outro aluno da escola, sendo racista ao ofender o garoto, chamando-o de macaco. No dia do ataque, porém, o menino ofendido não foi à aula, mas a professora que faleceu foi justamente quem interveio na briga entre os estudantes, assim como o aluno que foi ferido no ataque, durante a

briga da semana anterior, havia defendido o colega vítima de racismo.¹ Chama a atenção, nesse sentido, que os alvos do ataque tenham sido, inicialmente, pessoas que tiveram posturas antirracistas.

Esse acontecimento está relacionado a um episódio flagrante de racismo na escola, que resultou em uma tragédia. O episódio, assim como outros casos de atentados terroristas nas escolas, os quais estão ligados ao nazismo e ao racismo², evidencia tanto a fragilidade na qual a instituição escolar está imersa como, sobretudo, que a escola não é um espaço à parte da sociedade. Ao contrário, é nela que formamos e somos formados para o convívio social, e, assim sendo, apresenta latentes problemas sociais que precisam ser enfrentados, a exemplo do racismo e de suas variadas formas de apresentação.

Ainda vislumbrando o atentado terrorista na Escola Estadual Thomazia Montoro, chamamos a atenção para o fato de que, nesse caso, o racismo se concretizou quando o agressor ofendeu o outro, chamando-o de macaco. E essa ofensa se deu, nesse episódio, por meio da linguagem. Foi justamente a expressão de uma palavra, dita com teor preconceituoso, que materializou verbalmente o racismo e, para além da violência verbal e psicológica, incorreu, ao mesmo tempo, em desumanização e animalização da pessoa negra.

Decerto, a situação evidencia para toda a sociedade uma necessidade premente: de implementação de uma educação antirracista. Não se trata, por óbvio, da abordagem pretendida em uma ou outra disciplina, mas sim de um compromisso educacional conjunto, que deve ser assumido por todos os espaços de educação formal e não formal. Em nosso caso, por sermos do campo das linguagens, buscamos contribuir, neste texto, com proposições relacionadas à articulação da Linguística Aplicada (LA) com a teoria dialógica da linguagem na promoção de uma educação linguística antirracista. Para tanto, tomamos como ponto de partida possíveis

¹Mais informações sobre esse caso podem ser conferidas em: <https://mundonegro.inf.br/preso-por-atentado-a-escola-em-sp-o-agressor-ja-havia-sido-acusado-de-racismo-e-brigou-com-uma-das-vitimas/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

²Em reportagem veiculada pelo *Portal UOL*, os jornalistas Herculano Barreto Filho e Ana Paula Bimbati evidenciam que, de 2019 a 2023, tem crescido o número de atentados terroristas nas escolas ligados ao nazismo, sobretudo, após a pandemia de covid-19. Os repórteres destacam que, de 15 atentados ocorridos nesse período, ao menos cinco estão expressamente ligados à ideologia nazista, que é também racista, e outros sete episódios se correlacionam ao tema, ainda que de modo não tão explícito quanto os outros. Sobre essa análise, mais informações podem ser consultadas em: <https://abre.ai/f3ek>. Acesso em: 15 mar. 2023.

articulações entre a LA, os estudos de Mikhail Bakhtin e do Círculo de Bakhtin (CB) e uma educação linguística antirracista, em viés decolonial, tendo por diretriz o ensino de língua espanhola como língua adicional.

Objetivamos, desse modo, discutir as contribuições da LA e do CB para pensarmos um ensino de língua espanhola antirracista e decolonial, sobretudo, com base em um viés dialógico, alteritário e responsivo. Elucidamos que, afora casos como o aqui inicialmente relatado justificarem a temática abordada neste estudo, tematizar uma educação linguística antirracista também contribui para discutirmos sobre a pluralidade e a identidade linguística-cultural que envolve essa língua, desde a sua influência negra à indígena, especialmente, ao geolocalizarmos politicamente esse ensino na América Latina.

Nossa proposta é realizar um exercício teórico-reflexivo, pautado, de forma metodológica, em uma revisão bibliográfica dos estudos do ciclo bakhtiniano em diálogo com a LA em viés decolonial, a partir de uma metodologia de discussão teórico-reflexiva direcionada à educação (Ghedin; Franco, 2008). Assim, não tratamos de um objeto de análise específico, mas sim do exercício de refletir sobre o contexto educacional referido, dada a necessidade requerida pela temática do racismo na escola. É preciso, desse modo, que possamos pensar e discutir a educação antirracista que almejamos para, posteriormente, buscarmos práticas que traduzam nossas reflexões.

Para tanto, este texto está estruturado em cinco seções, considerando a presente introdução e as considerações finais. Ademais dessas seções, buscamos apresentar um breve panorama sobre o ensino de espanhol na atualidade brasileira; em seguida, abordamos as possíveis articulações entre a LA e o CB, como base para um ensino dialógico, alteritário e responsivo, que conduza a uma educação antirracista; por fim, discutimos as contribuições de uma educação linguística antirracista, em viés decolonial, no ensino de espanhol, como contributo a uma educação antirracista.

2 O ensino de língua espanhola na educação básica: breve panorama

No Brasil, durante muito tempo, no ensino básico, a língua inglesa manteve sua hegemonia no currículo – cenário este que passou a se modificar a partir do fortalecimento econômico do país e das relações desenvolvidas de

forma mais consolidadas com a América do Sul e com a Espanha. Frente a esse contexto, tivemos, em 2005, a promulgação da Lei 11.611, a qual dispunha como obrigatória a oferta do ensino de língua espanhola nas escolas, sendo facultativa aos discentes a matrícula. Contudo, em 2016, a Medida Provisória – MP nº 746 –revogou a Lei 11.611, e em 2017, a Lei 13.415 colocou a oferta do ensino de espanhol não mais como obrigatória. Com a aprovação da MP 746 (Brasil, 2016) e da Lei 13.415 (Brasil, 2017), aumentaram ainda mais os desafios para os professores de espanhol e para aqueles que se encontram em formação docente, visto que há desde uma escassez no campo de trabalho a, novamente, uma política linguística de desvalorização do espanhol.

Nesta seção, buscamos apresentar um panorama relacionado ao ensino de espanhol na atualidade, considerando que esse ensino se dá a partir de políticas linguísticas e políticas educacionais. Consideramos, igualmente, a necessidade de reformulação do currículo, dado que, conforme indicaremos, a variante linguística privilegiada ainda é a europeia, com todo o seu teor colonialista, racista e brancocêntrico, sendo desconsideradas as variantes de língua espanhola faladas na América do Sul. Destacamos, nesse sentido, a compreensão de Kanavillil Rajagopalan sobre políticas linguísticas no cenário contemporâneo:

Hoje em dia, internacionalmente há pessoas que cada vez mais pensam que a política linguística implica qualquer pensar sobre ensino de línguas no país, quer seja da língua materna, quer seja da língua estrangeira, tem que ser colocado, antes de mais nada, no contexto da macropolítica que o país tem (Rajagopalan, 2012, p. 78).

Rajagopalan (2012) nos fornece, desse modo, um importante ponto para pensarmos o ensino de línguas no país, que é a necessidade de considerarmos que as orientações educacionais são construídas no contexto macropolítico da realidade brasileira. Não há, assim, como desconsiderar o viés político delas, visto que são direcionadas por epistemologias e entendimentos políticos sobre o papel da educação, consequentemente, de cada componente curricular ministrado. Concordamos, nesse sentido, com esse autor, quando analisa que a linguística “engloba uma vasta gama de atividades que vão desde as políticas locais ou pontuais que envolvem o uso da língua às políticas mais complexas e organizadas pelas autoridades governamentais” (Rajagopalan, 2011, p. 126-127).

Por essa perspectiva, tratar do ensino de línguas relacionado às políticas linguísticas é pensar em como o currículo se organiza – desde às orientações gerais a como os professores organizam sua disciplina, considerando, para tanto, o contexto macropolítico do país. Envolve, ainda, a oferta da disciplina, sua ementa, ações de incentivo e o modo como são consideradas três perguntas fundamentais: O que se ensina? Para que se ensina? A quem interessa politicamente a ausência de espanhol do currículo? Conforme a análise de Rajagopalan,

A gente tem que pensar o ensino/aprendizagem de línguas no contexto maior, ou seja, é uma sociedade. Ensino de língua não é brincadeira. Nesse contexto que nós estamos vivendo, o contexto de globalização, países estão investindo pesadamente nesta questão. Então, a gente tem que perguntar para que a sociedade brasileira precisa que seus cidadãos tenham acesso às línguas? Isso é uma questão de geopolítica. Se o Brasil precisa de línguas, então a gente tem que pensar nesta questão. Uma vez estabelecida a prioridade, a gente tem que perguntar: qual a maneira melhor, quais os métodos a serem usados? (Rajagopalan, 2012, p. 79).

Discutir políticas linguísticas pelo viés da geopolítica, considerando o contexto macropolítico do país ao pensar o ensino, permite-nos compreender que as políticas linguísticas envolvem diretrizes, leis ou regulamentos que estabelecem o uso de línguas em um determinado contexto. Elas podem ser usadas para promover o uso de línguas oficiais, para incentivar o uso de línguas minorizadas ou, ainda, para estabelecer regras para o ensino de línguas adicionais. Assim, ao tratarmos do espanhol, não podemos desconsiderar as políticas linguísticas vigentes, bem como as políticas educacionais.

Desse modo, ao discutirmos, aqui, políticas linguísticas relacionadas ao ensino do espanhol, o fazemos pensando no contexto da macropolítica brasileira. Destacamos que, antes de 2005, havia dois Projetos de Leis (PL) que tematizavam o espanhol na educação básica: o PL nº 4.004 (Brasil, 1993), proposto pelo então presidente Itamar Franco, e o PL nº 3.987 (Brasil, 2000), de autoria do então deputado Átila Lira. Esses dois PL foram utilizados também como base para a promulgação da Lei nº 11.161 (Brasil, 2005), conhecida como Lei do Espanhol, a partir da qual foi oficializado no currículo brasileiro o ensino de espanhol, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. A referida Lei dispunha que as escolas brasileiras do Ensino Médio deveriam ofertar a Língua Espanhola no currículo, sendo facultativa aos discentes a escolha pelo idioma. Quanto ao ensino

fundamental, as escolas também poderiam oferecê-lo a partir do 6º ano. Efetivamente, ficou estabelecida a implementação da Lei do Espanhol dentro de cinco anos, e coube aos Conselhos Estaduais de Educação o acompanhamento para a vigência dessa Lei.

Vale destacar que os projetos de leis que antecederam a aprovação da Lei do Espanhol sofreram influência do acordo socioeconômico do MERCOSUL³, visto o Espanhol ser uma de suas línguas oficiais. Esse fato aqui no Brasil consolidou o espanhol como a língua do comércio, do turismo, dos negócios, trazendo uma representatividade muito significativa para a adesão do idioma ao currículo. A Lei do Espanhol foi um marco importante para a retomada do Espanhol no currículo, mesmo sendo de caráter optativo. Percebemos, à época, uma vasta oportunidade de trabalho, dado que, a partir dos anos 2000, vimos uma grande leva de concursos públicos que se acentuaram de forma mais expressiva com a promulgação, em 2005, da Lei 11.161 (Brasil, 2005).

Outra ação importante para o fortalecimento desse novo componente curricular foi a inserção do Espanhol, em 2011, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Essas orientações trouxeram ganhos imensuráveis para a educação brasileira, especialmente, para a pública, pois possibilitou, sobretudo, a ampliação formativa curricular, contribuindo, assim, para a assunção identitária coletiva no intento de que o corpo discente se reconheça latino-americano.

Mais recentemente na história política e educacional brasileira, a luta pela presença do espanhol no currículo teve novos desdobramentos. Em 2016, foi publicada uma Medida Provisória que propunha uma reforma no ensino e que culminou no sancionamento da Lei nº 13.415 (Brasil, 2017), na gestão do então presidente Michel Temer. Nessa reforma, conforme antecipamos na introdução desta seção, a Lei 13.415 (Brasil, 2017) colocou a oferta do espanhol não mais como obrigatória. Essa reforma, inclusive, foi

³“O MERCOSUL é um processo de integração econômica entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, iniciado com a assinatura do Tratado de Assunção, que tem como objetivo a conformação de um mercado comum [...]. Em dezembro de 2005, o Mercosul aceitou o pedido da Venezuela de adesão ao bloco, tendo sido firmado um Acordo Macro e criado um Grupo Ad Hoc para tratar das questões relacionadas. Para aderir plenamente, a Venezuela terá que cumprir o disposto na Decisão CMC 28/05 e, entre outras normativas, adotar a Tarifa Externa Comum do Mercosul, deixando de integrar economicamente a Comunidade Andina das Nações. Enquanto está em processo de adesão, a Venezuela está com o direito de participar de todas as reuniões do Mercosul, com direito a voz”. Disponível em: <http://mdic.gov.br/index.php/comercio-externo/negociacoes-internacionais/799-mercado-comum-do-sul>. Acesso em: 20 out. 2022.

maturada em meio ao contexto de turbulências que afetaram a democracia brasileira, culminando no impedimento da então presidenta Dilma Rousseff em terminar o seu mandato presidencial.

A revogação da Lei do Espanhol, por meio da Lei 13.415 (Brasil, 2017), trouxe várias implicações não apenas no apagamento desse campo do conhecimento no currículo, como também na demissão de professores e, “na melhor das possibilidades”, na migração desses docentes para outras disciplinas, afetando, assim, sua identidade profissional. Pensamos que devido a esse cenário desmotivador, o número da demanda de acadêmicos para a licenciatura em Espanhol também diminuiu, uma vez que as possibilidades laborais ficaram mais restritas. O que temos atualmente em relação aos documentos oficiais são possibilidades de oferta do espanhol conforme orienta a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que traz a seguinte afirmação quanto às línguas adicionais no currículo:

Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino (Brasil, 2018, p. 476).

O retorno da hegemonia do Inglês no currículo, possivelmente, já aponta para o modelo de educação por trás de políticas que restringem o acesso a saberes tão necessários à educação linguística brasileira. Na medida em que a BNCC (Brasil, 2018) diz que o aluno poderá ter outra língua adicional e que, caso opte, que seja “preferencialmente o espanhol”, esse dispositivo de poder já aponta para a obrigatoriedade apenas do inglês, deixando evidente o apagamento do Espanhol no currículo. Essa medida contribui, nesse sentido, para o afastamento da população educacional aos saberes relacionados ao ensino de Espanhol, incorrendo, de outro modo, em aproximação hegemônica à língua e cultura inglesas. Entendemos, nesse viés, que tirar o Espanhol do currículo, ou reduzi-lo, na formação dos discentes, a uma carga-horária muito baixa, é mais uma maneira de legitimar a exclusão de saberes à classe trabalhadora.

3 O círculo de Bakhtin e a linguística aplicada: articulações

188

●●●●●●●●●●
Carvalho
Cavalcante Filho

Talvez soe estranho criticarmos a hegemonia do ensino de língua inglesa e, na seção seguinte, nos voltarmos à teoria linguística russa, também estrangeira, euroasiática, afinal, ambos – língua inglesa e estudos do Círculo de Bakhtin – representam certa tradição científica e, conseqüentemente, hegemonia epistemológica em países que foram colonizados. Reconhecemos, inequivocamente, que, muitas vezes, a tradição pode solapar e promover o apagamento de culturas e de saberes não hegemônicos, com um fazer legitimado por epistemologias racistas e homogeneizantes. Todavia, entendemos que, ainda que o racismo não tenha sido tematizado pelos estudos do CB, essa vertente teórica, que, à época, rompeu com muitos paradigmas tradicionais do campo da linguagem, tem importantes contributos que podem nos auxiliar a compor uma educação antirracista e, sobretudo, uma educação linguística antirracista, a partir de elementos como o dialogismo, a alteridade e a responsividade.

Interessa-nos, assim, buscar possíveis articulações entre o CB e a LA na atualidade, observando como essas articulações possibilitam, a partir do ensino, discutir uma educação linguística antirracista. Embora nosso objetivo não seja apresentar uma língua, acreditamos ser importante iniciarmos esta seção com a compreensão de língua(gem), considerando que somos professoras/es desse campo de ensino, pesquisadoras/es e, antes disso, sujeitas/os da linguagem. Considerando as reflexões do CB, entendemos que a língua(gem) é um evento concreto, plurilinguístico, vivo, de natureza dialógica, ético-política e inacabada. Nessa perspectiva, lidamos com a língua(gem) cotidianamente, ela ocupa um lugar de centralidade nas nossas vidas a partir de construções sociais, que vão se desenvolvendo tendo em vista os espaços ocupados e/ou impostos que nos são colocados socialmente, e isso vai construindo as formas e representações de estar no mundo.

É nessa materialização de estar no mundo que encontramos na LA um campo do conhecimento que vem buscando entender como as pessoas usam os seus discursos em um sistema/mundo ainda baseado em hierarquias epistemológicas. A LA tem buscado acolher, ouvir a voz, representar corpos que insurgem frente a uma sociedade que ainda se mostra racista, machista, feminicida, classista e, sobretudo, epistemicida. Neste sentido, a LA busca atentar-se a sujeitas e sujeitos diversos, que usam uma língua plural e que,

acima de tudo, vivem em contexto também de pluralidades. Essa diversidade latente confronta padrões hegemônicos, inclusive linguísticos, e dá margens às necessárias resistências e re-existências, como a luta antirracista, que busca aporte na insurgência da LA para, justamente, insurgir-se contra o racismo em suas variadas formas e, neste caso, com especial atenção para o racismo linguístico e para a materialização do racismo na linguagem – a exemplo da materialidade que vislumbramos no caso do atentado ocorrido na escola estadual paulista.

Embora a LA seja uma área investigativa nova, surgida por volta de 1940, em seu ciclo de existência, já caminhou com os passos orientados por aquela que é intitulada “sua mãe”, a Linguística. A partir da década de 1970, começou a se desenvolver como campo autônomo, foi amadurecendo, se autoquestionando, indisciplinando, subvertendo, transgredindo, construindo pensamentos que não se encaixavam em determinadas padronizações, justamente, por ater-se à diversidade social. Isso, conseqüentemente, a levou a percorrer caminhos outros. Tais caminhos levaram esse jovem campo de investigação a se ancorar nas teorias sociais, e podemos dizer que essa LA atualmente é uma adulta jovem, trans/indis/interdisciplinar, arrojada, subversiva, transgressiva, dentre outros qualificadores. É, sobremaneira, um campo atento às ins(urgências) sociais e, conforme destaca Silva, “marcado pela ousadia dos que se identificam como linguistas aplicados” (Silva, 2021, p. 17).

Assim, esse campo do conhecimento resiste aos muros separatistas e avança nas travessias fronteiriças de outros campos do conhecimento, trazendo pautas (ins)urgentes e rediscutindo o sujeito e suas línguas/linguagens. Esse desenho da LA na contemporaneidade converge para o que Pennycook (2006) chama de *LA Transgressiva*, enquanto Fabricício (2006) aponta para uma *LA da Desaprendizagem*. Para Moita Lopes (2009), a *LA seria indisciplinar*; já Silva (2021) chama de *LA Arrojada*.

Pennycook (2006) apresenta uma Linguística Aplicada para além da crítica, a transgressiva. Essa LA convoca à transgressão do pensamento tradicional para uma outra lógica, na qual a linguagem é vista como “um ato de identidade que possibilita a existência da língua” (Pennycook, 2006, p. 23). Ainda de acordo com esse autor, o enunciado transgressivo evoca várias acepções, e o ser *transgressivo* remete à ideia de “ter instrumentos políticos e epistemológicos que permitam transgredir os limites do pensamento e da

política tradicionais” (Pennycook, 2006, p. 74). Nesse sentido, o movimento de transgredir significa resistir e romper com o projeto capital vigente; dada a complexidade dessa empreitada, é necessário o agenciamento político e epistêmico para concretizar essa ideia.

Ao considerar que a constituição do sujeito vai incidir na sua produção do conhecimento, conforme Pennycook (2006) destaca, é preciso confrontar a academia ocidental, que lança dúvidas sobre a representação desses sujeitos. A LA transgressiva defende que a lógica social não é apenas a linguagem, conforme o idealismo logocêntrico defende. É necessário entender que esses sujeitos, além do discurso, estão situados territorialmente, possuem corpos, compreendem o tempo por uma outra lógica, além de serem marcados por diferenças raciais, sexuais, socioeconômicas, dentre outras.

Fabício (2006), por sua vez, nos traz a desaprendizagem como possibilidades de construir novos conhecimentos, sobretudo, a partir da lente da Linguística Aplicada. A autora, a partir de teorias foucaultianas, nietzschianas e wittgensteinianas, apresenta procedimentos metodológicos que conduzem à afiliação a uma LA que é constituída a partir de uma prática que se encontra em constante questionamento e, como tal, é problematizadora. Essa LA que propõe a desaprendizagem como possibilidade de conhecimento, antes, está atenta ao fato de a linguagem ser um movimento extremamente político e, como tal, não está destituída de determinada matriz epistêmica, tampouco de neutralidade em relação ao conhecimento produzido, o qual, por vezes, fomenta o apagamento de produções socioculturais e intelectuais de grupos marginalizados, a exemplo do povo negro, como indica Gomes (2017).

Fabício (2006) destaca que a LA, na perspectiva apresentada, aponta descaminhos no processo do conhecer. Entendemos também que pensar a LA na perspectiva do desaprender implica questionar as estruturas já consolidadas, sobretudo, aquelas que se originam do racismo e da colonialidade do saber e do poder, na expressão de Quijano (1997). Igualmente, endossar e considerar as perguntas não respondidas daqueles/as que se encontram às margens possibilita contestar às benesses da elite dominante, que se sustenta no universalismo estruturante.

Ao sugerir que os estudos linguísticos necessitam “responder mais fecundamente” às demandas da contemporaneidade, Fabício (2006, p. 61) faz uma alusão cara ao convocar, no dizer bakhtiniano, à responsividade

como ponto de largada às insurgências contemporâneas postas a partir das transformações sociais e linguageiras. Nesse sentido, Bakhtin destaca a importância da responsividade como um ato potente e dialógico:

Porque ao enunciado daquele a quem eu respondo (com o qual concordo, ao qual faço objeção, o qual executo, levo em conta, etc.) já está presente a sua resposta (ou compreensão responsiva) ainda está por vir. Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda sorte de subterfúgios). Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado. (Bakhtin, 2011, p. 302).

Bakhtin (2011), ao tratar sobre a responsividade ou, ainda, falar sobre compreensão responsiva, nos dá uma dimensão fundamental da dialogicidade: a interação com o outro, a comunicação que se efetiva a partir desse outro com quem dialogamos. O dialogismo é a espinha dorsal das reflexões do CB, visto que todos os demais postulados estão ligados ao dialogismo. E por ser um tema tão caro, Faraco (2009) observa que “há uma grande identificação do pensamento do Círculo de Bakhtin com a metáfora do diálogo. E isso a tal ponto que já se tornou habitual e generalizado designar esse pensamento pelo termo de dialogismo” (Faraco, 2009, p. 60). Para o CB, o diálogo assume fundamental importância diante da necessidade de atenção ao que ocorre no interior desse diálogo, ou seja, as significações ali contidas.

Partindo da compreensão de que nas relações dialógicas a linguagem vai constituindo o sujeito, ao tempo também que essa é constituída pelo sujeito, o caráter social da língua possibilita um território de encontro desse sujeito com o outro, consigo mesmo e com diversas formas de materialidade discursiva. Neste momento, entra em cena, de acordo com Volóchinov ([1970] 2018), o dialogismo, ou seja, o diálogo enquanto interação discursiva tanto pode ser eu com o outro quanto pode ser eu comigo mesmo, destacando que esse outro pode ser qualquer enunciado, a exemplo de um livro ou qualquer materialidade discursiva ou representação enunciativa. Portanto, para Volóchinov ([1970] 2018), o movimento dialógico se dá em diferentes esferas sociais, as quais ocorrem sob as diversas orientações ativas do sujeito:

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas de interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento de comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também impressa, sob diversas formas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva. (Volóchinov, [1970] 2018, p. 219).

Nessa vertente, partimos da compreensão de que a dialogia está presente em todas as experiências sociais do sujeito e se caracteriza como um traço decisivo da linguagem, visto que essa linguagem é atravessada tanto pelas vivências dos sujeitos, quanto pelas vivências do outro. Cada palavra carrega um pouco do eu e do outro, e desse encontro, surgem os consensos, as concordâncias, discordâncias, objeções, contradições, contrapontos, dentre outras reações. Esse processo gera uma tensão típica de interação social, afinal, a despeito das diferenças, divergências, ideologias, é o que produzirá sentido para o outro e diante do outro.

Entendemos ainda que Bakhtin e o CB trouxeram contribuições caras que possibilitam compreender a necessidade, através do conceito de dialogismo, de visibilizarmos alteridades outras que, no decurso da História, foram reiteradamente apagadas, a exemplo da mulher negra. Dessa forma, a dialogicidade pode ser vista como um elo entre uma LA pautada na desaprendizagem, como propõe Fabrício (2006), e uma LA indisciplinar, como defende Moita Lopes (2009). Na primeira, ver o outro ou se perceber como esse outro é importante para que possamos questionar aquilo que está dado, que está posto à mesa de saberes, culturas e conhecimentos. Nesse sentido, possibilita questionarmos: onde estão os saberes outros? A partir daí se inicia o processo de desaprendizagem para novas aprendizagens, para conhecimentos outros. Já na segunda, é fundamental para a constituição de uma LA indisciplinar o reconhecimento da diversidade e da pluralidade social. Isso, obrigatoriamente, inclui a percepção dos sujeitos intitulados como “os outros”, os quais, a rigor, compõem minorias sociais que são populacionalmente maiores, mas que foram sequestradas pelo domínio colonialista e apresentadas sob a condição da outridade (Carneiro, 2005) e/ou da subalternidade, conduzidas à invisibilidade social.

Frente a esse contexto social, Moita Lopes (2009) nos convida a pensar uma LA indisciplinar, como uma área nômade e mestiça de saberes, demarcada, especialmente, pela ousadia de pensar diferente, extrapolando os cânones já instituídos. Essa LA se transforma continuamente à medida que atravessa as fronteiras disciplinares, sempre atenta aos sujeitos sociais, às questões que os atravessam, com maior atenção às produções discursivas desses indivíduos. Para o autor, o fato de a LA estar constantemente se repensando é resultado de uma sociedade também reflexiva, cabendo aos pesquisadores traçar os seus caminhos, tendo em vista as demandas cotidianas que nos são postas – e, nesse sentido, destacamos que este estudo se origina da demanda de uma educação antirracista e, mais especificamente, de uma educação linguística antirracista a partir do ensino do espanhol.

Para Moita Lopes (2009), é necessário reteorizar o sujeito da LA, o que significa compreender que esse sujeito tem gênero, raça e sexualidade. Isso implica uma atenção às práticas discursivas, visto que as condições de conhecimento e de poder estão subjacentes a tais práticas, inter-relacionando as questões linguísticas à política. Nessa conjuntura, a LA indisciplinar assume como desafio a compreensão do outro em via fronteiriça. O pensar e o agir fronteiriço exigem, igualmente, uma postura dialógica e alteritária, filiando-se à perspectiva do dialogismo bakhtiniano no reconhecimento indisciplinar desse outro, que se apresenta nas fronteiras geoespaciais da sociedade.

Em paralelo, ao pensar uma LA arrojada, Silva (2021) destaca que a/o linguista aplicada/o precisa agir a partir dos problemas reais, observando as manifestações linguistas, atendo-se às aflições que atingem os sujeitos sociais, especialmente, as pessoas que são reiteradamente invisibilizadas na sociedade – e isso, em nosso entendimento, requer uma postura baseada na alteridade, como propõem os estudos do CB. Pensar uma LA arrojada é legitimar as “práticas representativas” das comunidades subalternizadas, dando visibilidade às suas produções, possibilitando a participação desses corpos nos diversos espaços sociais e de poder. Desse modo, Silva (2021) defende a LA arrojada, sobretudo, pela possibilidade de ousar outros modos de fazer pesquisa, com o atrevimento de que o/a pesquisador/a pode se inserir textualmente em sua própria pesquisa.

O *modus operandi* proposto por Silva encontra acolhimento no pensamento intelectual negro, visto que, como indicam Barbosa e Oliveira

(2020) e Nascimento e Santos (2018), a produção da intelectualidade negra é entremeada pela abordagem de problemáticas sociais entrecruzadas pelo viés da racialidade. Essa perspectiva nos conduz, por sua vez, à necessidade de um olhar alteritário, como proposto nos estudos bakhtinianos, em relação a perceber a produção desses conhecimentos outros, de sujeitos outros. Entendemos ser essa a base epistemológica uma Linguística aplicada da (ins)urgências, a qual se propõe a ser um espaço plural para vozes historicamente silenciadas, a fim de que epistemologias que não possuem seus saberes catalogados pela academia possam ser (re)conhecidas socialmente.

Pensar o outro tem sido um debate constante e necessário, sobretudo, no intuito de reparar as atrocidades sofridas por pessoas que foram subalternizadas no decurso da história. Essa revisitação permite, por exemplo, a nós, mulheres negras e homens negros, a deslocação de objetos a sujeitos da nossa própria história. Entretanto, na contemporaneidade, o corpo negro ainda é um território de luta. O CB entende que o sujeito não deveria ser pensado como um objeto de estudo, mas como um corpo que, a despeito de sua individualidade, vivencia relações alteritárias. A esse respeito, Bakhtin (2017) tece as seguintes considerações:

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminada na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro). (Bakhtin, 2017, p. 38).

Para Bakhtin (2017), a alteridade diz respeito ao processo de encontro e de confronto com o outro pela linguagem, incluindo esse outro que nos constitui. É, portanto, uma via dialógica e social que se constitui na interação, por intermédio das palavras e da enunciação. Desse modo, o dialogismo, orientado à alteridade, apresenta-se similar a um jogo, em movimentos de tensão, de transformação e de subversão de sentidos. Essa disputa envolve, ainda, a representatividade e relações de poder, concernentes a quem narra e a quem é narrado, a palavra do outro responde, dialogicamente, a resposta a uma nova palavra nossa. Assim, as relações sociais correspondem a práticas de linguagem baseadas em relações de poder, possibilitando representações

que estão envoltas de pluralidades significativas. Lutar por uma educação antirracista, sobretudo no campo da linguagem, é possibilitar que mais representações antirracistas sejam socialmente validadas.

Sabemos que não basta compreender que a língua é um território de poder que determina os acessos pelos sujeitos; antes, é necessário também combater o projeto de língua a serviço do capitalismo, que diz quais conhecimentos são válidos, quem pode produzir tais conhecimentos, onde tais/quais conhecimentos podem ser publicados. Talvez uma das maiores atrocidades desse sistema-mundo é provocar a dissensão entre os pares, os iguais; brigamos entre nós, conosco, muitas vezes, não enxergando o verdadeiro inimigo. É preciso, portanto, resistir a essas forças centrípetas que nos empurram uns contra os outros, como nos diz Bakhtin: “O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter” (Bakhtin, [1920] 2010, p. 129).

Nesse sentido, o constituir-se a partir dos sujeitos e com os sujeitos, ou ainda, o “eu-para-mim”, o “eu-para-o-outro” e o “outro-para-mim” envolve uma trama política demarcada por espaços de luta e, conseqüentemente, de poder. Nessa luta, é fundamental que busquemos, a partir da linguagem, de forma dialógica, responsiva e alteritária, construir enfrentamos à lógica racista e colonial, inclusive (e, talvez, sobretudo), no âmbito das linguagens e dos discursos.

4 Por uma educação linguística antirracista: um exercício de reflexão crítica em direção a uma prática transformadora

O episódio de violência racista na escola, apresentado na introdução deste artigo, explicita, de modo incontornável, a necessidade de, cada vez mais, amplificarmos o debate sobre o racismo nas instituições escolares, como uma temática urgente a ser incorporada por um viés intercultural. Indicamos, a partir de Walsh (2019), que a interculturalidade “representa uma lógica, não simplesmente um discurso, construída a partir da particularidade da diferença” (Walsh, 2019, p. 15). Como apontado por Nascimento (2019), a linguagem funciona como materialização do domínio pretendido pelo racismo, daí ser a linguagem material propulsora das violências que envolvem o racismo e, acrescentamos, daí ser também a

linguagem e a cultura elementos que possibilitam práticas educativas antirracistas.

Nesse sentido, ao considerarmos o ensino de língua espanhola sob a égide da Lei 10.639 (Brasil, 2003) e da Lei 11.645 (Brasil, 2008), entendemos que o ensino dessa língua, desenvolvido no campo da linguagem e na área da linguística, pode (e deve) contemplar uma abordagem intercultural, ancorada em uma linguística antirracista. Entendemos que falar em linguística antirracista implica uma abordagem que vai desde a discussão sobre políticas linguísticas e o ensino de língua espanhola a, efetivamente, o delineamento de um conteúdo de língua espanhola pautado em viés intercultural antirracista. Compreendemos, desse modo, que a proposição de uma linguística antirracista passa pelo caminho de políticas linguísticas para o ensino de língua espanhola e, igualmente, por uma educação linguística crítica até chegarmos à linguística antirracista.

Dadas as questões aqui levantadas, podemos dizer que enfrentamento é a palavra de ordem quando falamos sobre as políticas que envolvem a educação linguística em Língua Espanhola. Os desafios iniciais apresentam-se, desse modo, em enfrentar as atuais políticas linguísticas, bem como nos resultados advindos desse dispositivo de poder, quer seja no apagamento do Espanhol no currículo, quer seja na permanência ou no ingresso no mundo do trabalho, especialmente, quando nos referimos às implicações profissionais na carreira docente, o que, conseqüentemente, leva à precarização do nosso ofício.

Entretanto, acreditamos na educação linguística crítica e, sobretudo, na linguística antirracista, pois nos move a acreditar na emancipação, na pluralidade linguística, na crítica, na desconstrução, no rompimento, no pensar desde e com o outro, considerando, nesse processo, as implicações do debate racial. Também nos move no nosso fazer pedagógico cotidiano, a fim de que possamos nos permitir o desafio constante de desenvolver a pedagogia do pensamento crítico contra o epistemicídio (Carneiro, 2005), a favor da pedagogia das mulheres pretas, a favor de uma educação que promova o acesso à cidadania e, sobretudo, o respeito às identidades sociais, sejam elas de raça, sejam de gênero, sejam de classe social, dentre outras. A partir desse cenário, Gomes (2017) nos traz alguns questionamentos:

A educação, entendida como processo de humanização, tem sido sempre uma experiência edificante? É possível educar para a

diversidade em uma sociedade marcada pelo colonialismo, pelo capitalismo, pelo machismo e pelo racismo? Se os movimentos sociais reeducam a sociedade e a escola, que saberes eles têm trazido para o campo educacional? Qual tem sido o lugar ocupado por esses saberes no cotidiano da escola, dos currículos e das políticas educacionais no século XXI? Afinal, que caminho poderia ser trilhado para se construir uma nova teoria crítica da educação que se debruce com seriedade sobre as questões aqui colocadas? (Gomes, 2017, p. 43).

Diante da provocação trazida por Gomes e entendendo também a educação como um processo de humanização, acreditamos que existem caminhos teórico-metodológicos que se dispõem a pensar os sujeitos e as sujeitas a partir do seu entorno, das suas pautas, das suas epistemologias, das suas dores e amores – e isso também é humanizar a educação. Há, nesse viés, a possibilidade de pensarmos a educação de modo entrecruzado às questões raciais, trazendo à escola uma temática que, pelo controle social, tende a não ser abordada nas aulas, ainda que seja urgente discutirmos esse tema. Decerto, apresentar essas percepções é ver a humanidade naqueles e naquelas que estão aprendendo e ensinando.

Voltamos, então, à pergunta de Gomes (2017), sobre qual seria o caminho teórico que daria o devido trato a uma educação crítica. Entendemos que um dos caminhos para a aprendizagem da língua espanhola seria pensar, inicialmente, em uma Educação Linguística em perspectiva crítica, o que vai dialogar com a Linguística Aplicada (LA) na contemporaneidade, tendo por base os estudos do CB, que nos conduz a uma linguística antirracista. Esse diálogo se dá por meio da proposição do pensamento crítico, visto que esses constructos teóricos têm se mostrado atentos às insurgências das demandas sociais, a exemplo da decolonização da língua e, em se tratando da abordagem antirracista, especialmente, dos desdobramentos do racismo na linguagem.

Acreditamos que, a par da dialogia, essas discussões vão se movimentar responsiva e responsavelmente, na perspectiva bakhtiniana, no sentido de entender as alteridades envolvidas no processo educacional e de potencializar, sobretudo, a construção de um currículo que dialogue com epistemologias outras, especialmente, nesse caso, com epistemologias antirracistas e decoloniais. Alocar nosso olhar para o papel do professor na educação linguística crítica e, conforme defendemos aqui, em uma educação linguística antirracista, nos mobiliza a pensar sobre a importância da responsabilidade no ato de ensinar, nos faz também refletir sobre a

potencialidade que as aulas de Espanhol podem agregar ao currículo escolar, incluindo, necessariamente no bojo do conteúdo das aulas, discussões que encaminhem a uma formação antirracista. Esse viés educacional também nos possibilita uma compreensão macro sobre a importância desse campo do conhecimento na formação de sujeitos aprendizes de uma segunda língua. Isso porque entendemos que as aulas de espanhol podem contribuir significativamente para promoção da cidadania, bem como do respeito aos saberes dos estudantes, do diálogo com as alteridades, da reconexão com as comunidades tradicionais e ancestrais e, sobretudo, da assunção do protagonismo discente.

Todos os pontos aqui elencados, vale destacar, são possibilidades reais de acontecer na nossa práxis pedagógica, especialmente na rede pública, onde, geralmente, nossa liberdade não é cerceada (ou, ao menos, não deveria ser; ao contrário, abordagens antirracistas deveriam ser celebradas e incluídas, não ceifadas ou condenadas). Pela nossa experiência docente e considerando o nosso compromisso ético, podemos afirmar que é possível acreditar e praticar uma educação linguística crítica e, sobretudo, uma educação linguística antirracista em Língua Espanhola.

A par das abordagens aqui citadas, outra questão importante na educação linguística é problematizar o lugar das epistemologias nas discussões presentes na sala de aula. Não podemos desconsiderar o fato de que a escola sempre validou/valida a dominação epistemológica hegemônica, a qual se ancora na concepção de conhecimento europeu, negando as demais formas de saberes, o que configura um totalitarismo epistêmico. Lembramos, nesse sentido, que a escola surgiu para atender ao projeto colonial burguês, vale destacar que, na perspectiva da educação crítica, a escola é um espaço de tensão onde professores e alunos constantemente estão expostos às tensões sociais. Desse modo, ao trazermos a proposta de uma educação linguística antirracista, reiteramos o espaço de que, em meio a essas tensões sociais, há um destaque para as tensões raciais, considerando as racialidades e o antirracismo como pontos fulcrais para a construção de uma formação educacional emancipadora e antirracista.

Esse lugar de desconstrução é muito desafiador, sobretudo, para nós docentes, que viemos de uma formação colonial, unilateral, brancocêntrica. Ferreira (2018) nos chama a atenção para a importância de pensar a prática

da educação crítica trazendo sempre o recorte social e racial, especialmente, para a construção do empoderamento dos(as) discentes:

199



Carvalho

Cavalcante Filho

Entendo que a educação linguística crítica é uma prática exercida cotidianamente, seja através da literatura adotada para as minhas práticas docentes em sala de aula, como também na minha postura com quem interajo. A educação linguística crítica pode colocar em xeque o *status quo*, desconstrói discursos racistas, homofóbicos, xenofóbicos, misóginos e classistas. E, através das reflexões que ocorrem a partir da observação das práticas sociais e do nosso cotidiano, podemos construir e reconstruir práticas de empoderamento e críticas através da linguagem. (Ferreira, 2018, p. 42).

Vale destacar também que pensar o ensino sob a perspectiva crítica antirracista traz ganhos para além do social, tanto para os nossos alunos e alunas, quanto para nós docentes. Nascimento (2019), ao discutir língua, raça e racismo, analisa:

A língua tem cor? Em si, [...] nenhuma língua tem cor porque nenhuma língua existe em si. Entretanto, ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele (Nascimento, 2019, p. 21).

É no espaço de confirmação que as línguas vão adquirindo, a partir de projetos de poder coloniais, cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe e que vamos encontrar desafios e brechas para a resistência. Desse modo, uma linguística antirracista busca confrontar os contornos dados às línguas e, justamente, a partir da linguagem, subverter, questionar e tensionar esses projetos de poder hegemônicos, engendrados pela branquitude.

Hooks (2017), também ao discutir sobre linguagem e colonização em relação aos contextos afro-ingleses, analisa, em relação aos africanos escravizados:

eu os imagino ouvindo inglês falado como a língua do opressor, no entanto eu os imagino também se dando conta de que essa língua precisaria ser possuída, tomada, reivindicada como um espaço de resistência. [...] Possuindo a língua compartilhada, povos negros poderiam encontrar de novo uma maneira de fazer comunidade, e um sentido para criar a solidariedade política necessária para resistir. (Hooks, 2017, p. 859).

Defendemos, nesse sentido, que construir uma educação linguística antirracista diz respeito a, a partir de uma língua, construir estratégias de resistência e de enfrentamento ao racismo e às suas variadas formas de

manifestação. Há, por um lado, a criticidade em perceber a realidade sociorracial na qual o sujeito se insere e, por outro, a criação de uma consciência e da necessidade de enfrentamento ao racismo. É, sem dúvida, um desafio. Todavia, possível de ser vencido e modificado.

Para Souza Neto (2021), é preciso observar que, ao longo do tempo, “muitas práticas da educação linguística foram e continuam sendo racistas, pois, ou invisibilizaram outras pesquisas e pesquisadores, ou, de alguma maneira, ajudaram na negação da subjetividade e da construção de identidades” (Souza Neto, 2021, p. 180), sobretudo, através da língua. Desse modo, quando falamos em uma linguística antirracista, evocamos os estudos de Nascimento (2019), de Ferreira (2018), de Souza Neto (2021), de Gomes (2017), dentre outros, os quais trazem contribuições que nos permitem pensar e reafirmar a necessidade de, nas escolas e nas aulas de língua espanhola, nos pautarmos por uma linguística antirracista. Coadunamos, nesse sentido, com as proposições de Souza Neto:

defino educação linguística antirracista como um modo de vida, uma abordagem sócio-político-pedagógica interdisciplinar, uma força de múltiplas ações combativas que busca agir contra todas as formas de racismo manifestado na língua(gem) através de práticas de entrincheiramento do racismo como força organizacional e estrutural da sociedade, de evidenciação e enfrentamento da branquitude [...], bem como de proposições de intervenção didática e política no que tange o uso da língua(gem). (Souza Neto, 2021, p. 182).

Acreditamos, ainda, que, nesse sentido, a educação linguística antirracista atende às demandas sociorraciais contemporâneas, sendo um importante instrumento de aporte para aulas de línguas adicionais mais críticas e atinentes à realidade social vigente. Isso porque essas tensões impulsionadas pela educação linguística antirracista nos conduzem à necessária discussão sobre currículo e racismo, entendendo que o enegrecimento do currículo de língua espanhola pode fissurar epistemologias hegemônicas e apresentar narrativas outras que compartilham memórias, culturas, vivências e resistências daqueles que foram outrora subjugados e agora podem, também, narrar suas próprias memórias.

Considerações finais

Diante das discussões aqui levantadas, ao falarmos em como a LA auxilia na percepção do mundo e das mudanças num contexto em que a

linguagem assume protagonismo, e disso deriva a responsividade às práticas sociais, podemos perceber os possíveis diálogos e articulações entre os pressupostos bakhtinianos e a LA contemporânea para a constituição de uma educação linguística antirracista. Nesse caso, a LA das (ins)urgências nos remete tanto à dialogicidade quanto à alteridade, à responsabilidade, à responsividade, à ética e à política – noções fundamentais para os estudos do CB. Destacamos, assim, como tanto a LA quanto o CB, mais especificamente, a partir dos estudos de Bakhtin, questionam a narrativa universalista de conceber o ser e seus saberes. Desse modo, não se propõem apenas em pensar o campo linguístico, mas se atêm, sobretudo, ao diálogo entre o social, o cultural, o político, pensando em como essa interseccionalidade atravessa os sujeitos do discurso.

A interseccionalidade de classe, gênero e raça que também atravessa a aprendizagem de uma língua é de grande importância e ganho no processo da educação linguística. Possibilita, assim, ampliar o olhar para as aproximações entre as identidades, tanto da língua materna quanto da língua adicional. É válido pontuar também que podemos falar em ganho do currículo ao pensarmos sobre o ensino do espanhol a partir da perspectiva de uma educação linguística antirracista em Língua Espanhola, ao tempo em que nos convida a pensar um ensino na perspectiva decolonial. O engajamento propiciado pela presença do Espanhol no currículo pode oportunizar uma educação linguística antirracista, sobretudo, na rede pública, na qual os sujeitos e sujeitas aprendizes têm a oportunidade de ampliar o seu conhecimento, de questionar narrativas que, ao longo da história, ocultaram fatos imprescindíveis para a sua compreensão de classe, raça e gênero. Ademais, há ainda o direito à pluralidade linguística, a partir de políticas linguísticas e educacionais que possibilitam o contato com línguas tão próximas ao nosso povo, à nossa cultura, à nossa identidade, a exemplo do Espanhol.

Uma LA (ins)surgente se pensa também enegrecida, daí a importância dos estudos raciais para desbranquear a Linguística, ao tempo que essa reconfiguração possibilita uma preocupação da ciência com os corpos não brancos. Desse modo, quando propomos uma educação linguística antirracista, visamos a contribuir com a publicização de conhecimentos e saberes também produzidos por mulheres negras que possam ensinar, no campo educacional, resistências a um currículo racista, incluindo discussões no âmbito da Linguística Aplicada, sobretudo, visando à educação linguística

antirracista. Acreditamos, desse modo, que isso auxilia que assumamos uma postura decolonial, alteritária, antirracista, que nos permita perceber “os outros” que compõem a sociedade – incluindo, assim, as mulheres negras, colocadas nessa categoria de subalternidade. Desse modo, entendemos que urge uma reapropriação da linguagem, das relações entre língua(gens) e raça, visando à constituição de uma educação linguística antirracista.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 21-56.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, [1920] 2010.
- BARBOSA, Lia Pinheiro; OLIVEIRA, Franciane da Silva Santos. Epistemologias marginalizadas: a questão racial no debate sociológico latino-americano. *Afro-Ásia*, [s. l.], n. 62, p. 338-390, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77068103009>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRASIL. *Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005*. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, DF, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm. Acesso em: 18 abr. 2023.
- BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Reforma do Ensino Médio. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 05 de out de 2022.
- BRASIL. Secretaria Especial da Presidência da República. *Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016*. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=MPV&numero=746&ano=2016&ato=762ITUE1EeZpWT31a>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 10.639/2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <https://abre.ai/g4t6>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 11.645/2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. BRASIL. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 12 ago. 2023.

BRASIL. *Projeto de lei n. 4.004/1993*. Torna obrigatória a inclusão do ensino de língua espanhola nos currículos plenos dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus. Comissões de educação, cultura e desportos. Brasília, DF, 1993. Disponível em: <https://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD10SET1993.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. *Projeto de lei n. 3.0987/2000*. Dispões sobre a obrigatoriedade da inclusão do ensino de língua espanhola no ensino fundamental e médio. Câmara dos Deputados. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <https://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD10MAR2001.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*. 2005. 339 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2005.

FABRÍCIO, Branca. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-66.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação linguística crítica e identidades sociais de raça. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MÓR, Walkíria Monte (org.). *Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês*. São Paulo: Pá de Palavra, 2018, p. 39-46.

GHEDIN, Evandro; FRANCO Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em Educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1994] 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Pilar (org.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCIMENTO, Larissa; SANTOS, Michelle. A linguagem da mulher negra: Vozes que transcendem o silenciamento. *Revista Água Viva*, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 1-21, 2018. DOI: 10.26512/aguaviva.v3i3.12029.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). *Por uma linguística indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *Anuário Mariateguiano*. Lima, v. 9, n. 9, p. 113-121, 1997. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/6042/1/RFLACSO-ED44-17-Quijano.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. A norma linguística do ponto de vista da política linguística. In: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 121-128.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. Entrevista com Kanavilil Rajagopalan: Ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. [Entrevista concedida a] SILVA, Kléber Aparecido da; SANTOS, Leandra Inês Seganfredo; JUSTINA, Olandina

Della. *Revista De Letras Norte@mentos*, [s. l.], v. 4, n. 8, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/6778>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SILVA, Wagner Rodrigues. Por uma linguística aplicada arrojada. In: SILVA, Wagner Rodrigues (org.). *Contribuições sociais da linguística aplicada: uma homenagem a Inês Signorini*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 17-30.

SOUZA NETO, Maurício José de. Por que pensar hoje em uma educação linguística antirracista? Limites, tensões e possibilidades. *Paraguaçu*. [S. l.], v. 1, n. 1, p. 168-191, 2021. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/revistaparaguacu/article/view/2042>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, [1970] 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas*, Pelotas – RS, v. 05, n. 1, p. 6-38, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Mulheres

"Nunca encostei o dedo nela. Eu sou mãe.": alteridade e emoção construindo a orientação argumentativa na entrevista para o Fantástico do casal Nardoni

"I never laid a finger on her. I am a mother.": otherness and emotion building the argumentative orientation in the Nardoni couple's interview for Fantástico

Maria das Graças Soares Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil

Karla Stéphaney de Brito Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil

1 Introdução

Na noite do dia 29 de março de 2008, no edifício London, em São Paulo, a criança de 5 anos, Isabella Nardoni, foi arremessada pela janela do sexto andar. Esse assassinato brutal marcaria todo o Brasil e mudaria para sempre a vida do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta da criança.

Alegando, inicialmente, que um ladrão teria entrado no apartamento e jogado a sua filha pela janela, o pai e a madrasta de Isabella foram considerados culpados em um júri popular, após a investigação constatar, com uma série de provas, que eles foram os verdadeiros responsáveis pelo ato. Ainda durante as investigações, o casal Nardoni concedeu a primeira entrevista para darem as suas versões à mídia. A entrevista foi exibida no

Fantástico, da rede Globo, no domingo do dia 20 de abril de 2008, e foi feita pelo jornalista Valmir Salaro. Nessa ocasião, os entrevistados negaram todas as acusações. Mais tarde, essa entrevista seria disponibilizada na Globoplay, o que possibilitou a transcrição e a normatização dela para a composição do material analisado neste artigo.

Diante do contexto exposto, este trabalho tem como objetivo analisar a entrevista do casal concedida ao Fantástico, a fim de investigar como se constrói a orientação argumentativa nas respostas de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá, em relação à alteridade e à emoção.

Com o intuito de alcançarmos esse objetivo, partimos da seguinte questão geral de pesquisa: de que forma os movimentos de emoção e de alteridade presentes no discurso dos entrevistados contribuem para a construção da orientação argumentativa estabelecida a partir dos pensamentos, das opiniões, das crenças dos sujeitos em questão, participantes dessas relações dialógicas?

Para respondermos a isso, a pesquisa fundamenta-se na análise dialógica do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2003, 2010) com o conceito de alteridade, em diálogo com a teoria da emoção de Plantin (2011), no que concerne ao tratamento dos dispositivos enunciativos, quais sejam, a análise dialógica valorativa da alteridade, abordando os pares *eu para mim*, *eu para o outro* e *o outro para mim*, correlacionando-os e analisando-os do ponto de vista argumentativo; e, da emoção, abordando os termos de emoção e a sua construção na argumentação emocional. O *corpus* é composto pela entrevista de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, a respeito do caso Isabella Nardoni, disponível no site Globoplay¹.

Vale ressaltar que este trabalho se justifica por uma relevância social, uma vez que o caso Isabela Nardoni ficou muito conhecido no Brasil, por ser um assassinato de uma criança cometido pelo próprio pai. Trazer a temática novamente em pauta é importante para despertar a luta contra a violência infantil, tão comum no país. Outra relevância é para os estudos linguísticos, pois este artigo apresenta a junção de duas teorias, a alteridade bakhtiniana e a emoção plantiniana na sua análise, auxiliando outros pesquisadores que desejem estudar mais sobre qualquer uma delas.

¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/818164> Acesso em: 29 mar. 2023

Por fim, este artigo está organizado em quatro partes, além da introdução e das referências: (a) aporte teórico, descrevendo a alteridade e a emoção; (b) metodologia, apresentando os principais métodos necessários para a realização do trabalho; c) análise, descrevendo, analisando e interpretando as marcas linguísticas que evocam a presença de termos emotivo-volitivos, da alteridade e da emoção; e (d) considerações finais, retomando os resultados apresentados e discutidos nas análises, destacando os seus principais pontos.

2 Aporte teórico

Nesta seção, são apresentadas as abordagens teóricas da alteridade bakhtiniana e da emoção plantiniana, as quais ancoram a análise do *corpus* e orientam a constituição da visada argumentativa que pretendemos demonstrar, em cumprimento do objetivo anunciado na introdução.

2.1 Alteridade

Bakhtin aborda a relação do sujeito com o outro em toda a sua obra, sempre destacando como a relação de alteridade se constitui. Em seus estudos, o autor leva em conta três momentos fundamentais:

eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivo centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (Bakhtin, 2010, p. 114-115).

Dessa maneira, Bakhtin apresenta como toda a relação entre os sujeitos é afetada pelos momentos emotivo-volitivos existentes no mundo e a sua relação com o outro. Quando um age, o outro se altera e vice-versa. O processo de construção identitária do sujeito se dá pelas relações de troca, como é explicado pelo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe, 2009):

o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões, dizeres. A Alteridade é fundamento da identidade. Relação é

a palavra-chave na proposta de Bakhtin. *Eu apenas existo a partir do outro* (GEGe, 2009, p. 13-14, grifos nossos).

209



Rodrigues
Silva

As relações na vida, portanto, são pensadas na relação que o indivíduo tem com o outro. Sendo assim, esses dois centros de valores estão envolvidos e arranjados. Como explica Bakhtin (2010):

O mais alto princípio arquitetônico do mundo real do ato realizado ou ação é a contraposição concreta arquitetonicamente válida ou operativa entre eu e o outro. A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam (Bakhtin, 2010, p. 91).

Essa complexa relação do eu com outro é construída desde o momento do nascimento, o filósofo explica que tudo o que é dito, pensado vem de um outro.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (Bakhtin, 2003, p. 378).

Faraco (2009) explica que o mesmo mundo recebe valorações distintas, pois são constituídas dos nossos próprios atos, com nossas características emotivo-volitivas, de um sujeito único.

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos (Faraco, 2009, p. 21-22).

Nessa direção, evocamos Amorim (2001), que explica a manifestação da alteridade de duas maneiras: (1) nas relações entre as pessoas do discurso (eu / tu / ele), perspectiva benvenistiana; e (2) nos textos polifônicos ou dialógicos, abordagem bakhtiniana, em que há a presença de um discurso no interior do discurso.

No que diz respeito às relações entre as pessoas do discurso, a autora esclarece a relevância das posições enunciativas, ou seja, a noção subjacente

aos termos de “pessoa”, aquele(a) que está em posição de falar (o eu e o tu), e a “não-pessoa”, aquele(a) que não está em posição de falar (ele). Ademais, ela chama a atenção para não se confundir essas noções “com a ideia de indivíduo, pessoa psicológica, pessoa física/jurídica e outras do senso comum.” (Amorim, 2001, p. 99).

No que concerne à segunda forma de alteridade (polifonia e dialogismo), encontramos em Volóchinov (2021, p. 253) uma observação relativa às “formas sintáticas, por exemplo, do discurso indireto ou do discurso direto, isto é, na percepção avaliativa ativa do discurso alheio”. O autor explica que está longe de afirmar que essas formas sintáticas “expressam de modo imediato as tendências e as formas da percepção avaliativa ativa do enunciado alheio [...] elas são apenas padrões de transmissão”. Mais adiante, Volóchinov (2021) postula que

tudo que há de essencial na percepção avaliativa ativa do discurso alheio, tudo que pode ter alguma significação ideológica se expressa no material do discurso interior [...] é no contexto desse discurso interior que ocorre a percepção do enunciado alheio, a sua compreensão e avaliação, isto é, a orientação ativa do falante (Volóchinov, 2021, p. 254).

O interlocutor que assume o papel de locutor enuncia a réplica que decorre de uma percepção ativa intradiscursiva, a qual reflete, segundo Volóchinov (2021, p. 254), “o contexto real e comentador” e a “réplica interior”.

Essas ferramentas teóricas, assim como a reflexão desenvolvida na seção a seguir permitem-nos desenvolver a análise.

2.2 Emoção

A palavra emoção vem do latim *emotionem*, que significa mover de dentro para fora, e está relacionada a um “estado” mental e fisiológico que provoca muitas reações motoras e glandulares. As emoções eram extremamente úteis no início dos tempos, quando por meio delas o ser humano foi capaz de preservar a vida, pois por sentirem medo e raiva, os primeiros seres humanos lutavam a fim de guardar as suas vidas dos animais selvagens.

As emoções sempre despertaram curiosidade e foram alvo de diversos estudos no decorrer dos tempos. Desde a era greco-romana já eram estudadas,

e a título de ilustração, evocamos as considerações do filósofo Aristóteles (2000), que estabeleceu em seus escritos quatorze paixões (pathos): cólera, calma, amor, ódio, confiança, temor, vergonha, impudência, favor, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo.

Para Emediato (2007), a emoção está relacionada a alguma agitação da mente ou do espírito e possui uma situação que a induz, que pode ser física ou psicológica, podendo ser causada por:

dor, ciúme, alegria, amor, angústia, ansiedade, arrependimento, decepção, esperança, euforia, indignação, inveja, medo, orgulho, paixão, paz, preocupação, pânico, raiva, remorso, resignação, riso, saudade, culpa, surpresa, susto, tristeza, tédio, vergonha, ódio etc (Emediato, 2007, p. 290).

De acordo com Rodrigues *et al.* (2017, p. 34-5), a emoção é muito recorrente na vida do ser humano e “está presente na linguagem de todos, nas mais variadas situações enunciativas, na expressão subjetiva de sentimentos e atitudes os mais variados, como o amor, o ódio, o desespero, a alegria, a felicitação, os pêsames, a acusação etc.”

Nessa esteira, Plantin (2010), que também se dedica aos estudos da emoção, explica que o enunciado emocional é “uma forma que liga um termo emocional (verbo ou substantivo), um lugar psicológico (às vezes, chamado de experienciador) e uma fonte de emoção”² (Plantin, 2010, p. 145, tradução nossa). O termo que desperta emoção nem sempre está explícito; o experienciador, que sente a emoção, é, necessariamente, um ser animado, e a fonte de emoção desperta a emoção em alguém.

3 Metodologia

Este artigo tem sua origem em uma pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista. Nessa direção, primeiramente, compreendemos os fenômenos, para, em seguida, realizarmos uma interpretação sobre eles.

Em relação ao método, utilizamos o método indutivo, com o procedimento técnico de estudo bibliográfico, documental e descritivo, sempre buscando descrever as propriedades importantes para interpretar os

² No original : une forme liant un terme d’émotion (verbe or substantif), un lieu psychologique (dit parfois expérienceur), et une source de l’émotion” (Plantin, 2010, p. 145).

fenômenos linguísticos. Em razão disso, apoiamo-nos em livros, periódicos e outros materiais como fonte de estudo.

Quanto ao *corpus*, esse consiste na entrevista com Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni, a qual foi exibida e produzida pela rede Globo, exibida à época dos fatos no programa Fantástico, mas atualmente é disponibilizada gratuitamente no site oficial da Globoplay³. A entrevista foi exibida no dia 20 de abril de 2008 e foi a primeira entrevista exibida em rede nacional acerca do caso. O vídeo da entrevista disponível no Globoplay tem a duração de 35 minutos e 58 segundos e tem por título “Pai e madrasta de Isabella dão entrevista exclusiva”. A escolha da entrevista se deu pela grande repercussão midiática do caso em questão.

Como o *corpus* é um texto oral, ele foi transcrito e normatizado em consonância com as normas do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC), a fim de ser padronizado e de se manterem questões relevantes da oralidade. Ademais, é importante relatar que, na transcrição, foram acrescentados sinais que não estavam dispostos no NURC, são eles: o sinal ↗ para entonação ascendente e ↘ para entonação descendente e o uso da letra Courier New, para facilitar a visualização.

Toda a análise foi dividida em excertos e cada um deles possui uma ou mais perguntas que se completam, realizadas pelo entrevistador Valmir Salaro, e as respectivas respostas a esses questionamentos pelos entrevistados, o casal Nardoni. A numeração dos excertos segue a ordem linear que se seguiu na entrevista. Os termos destacados em vermelho representam os termos de emoção, enquanto os destacados em negrito são termos que auxiliam a análise da alteridade. Toda a análise é realizada seguindo a ordem em que os fenômenos linguísticos aparecem nas respostas dos entrevistados. Para a análise de emoção, utilizamos quadros que destacam o “termo de emoção”, “experienciador”, “fonte da emoção” e “orientação argumentativa”, seguindo a proposta de Plantin (2011), a fim de didatizar a explicação; para a análise da alteridade, a discussão foi dividida nos pares *eu para mim*, *eu para o outro* e *o outro para mim*, a fim de auxiliar na compreensão do estudo proposto.

³ Disponível em : <https://globoplay.globo.com/v/818164/?s=0s> Acesso em : 29 mar. 2023

4 Análise

Para melhor organização, a entrevista analisada foi separada em excertos, mantendo a ordem linear em que foi realizada.

Excerto 1

Valmir Salaro: então... como é que vocês estão se sentindo depois da morte da Isabela... uma morte tão trágica↗

Anna Carolina Jatobá: **sofrendo** muito↗ ... contu::do... com o que a população fa::la ao **nosso** respeito... pelo pré julgamento... e pela própria população já ter condenado a gen::te ((responde com voz de choro))sendo que **nós somos**↗ totalmente inocen::tes...

Alexandre Nardoni: é... **nós somos** uma **família** assim... eu e minha espo::sa Ana Caroli::na... como **podemos** dizer↗ uma **família** como qualquer uma outra↗ entendeu↗ **somos** muitos apegados... à **família**... **somos/a nossa família** **somos** todos unidos... né↗ e:: as **nossas** crianças↗ é:: **nossos** filhos↗ tanto a Isabela... quanto o Pietro e o Cauã... é:: tudo na nossa vi::da... minha e da minha esposa... entendeu↗

Anna Carolina Jatobá: Com certeza...

Alexandre Nardoni: e:: sempre foi feito TUDO ... para as **nossas** crianças... para os **nossos** filhos... e::

Anna Carolina Jatobá: o que faz pra ela sempre foi feito pra todos... nunca teve diferença... entre nenhum dos três... sempre... sempre... tudo foi sempre igual↗ pros três... sempre...

O jornalista inicia a entrevista questionando a madrastra e o pai da Isabella Nardoni sobre como eles estão se sentindo depois da morte trágica da menina. A própria pergunta realizada pelo entrevistador já é uma pergunta de teor emocional, da qual subjaz uma expectativa de resposta também emocional.

Na resposta de Anna Carolina, percebemos o uso do termo emocional “sofrendo”, que no primeiro momento, parece ser em relação à perda da criança, mas ao analisarmos com mais cautela, percebemos que é em relação ao julgamento que a mídia faz do casal. Isso se faz evidente quando ela diz que estão sofrendo com “o que a população fa::la ao nosso respeito... pelo pré julgamento... e pela própria população já ter condenado a gen::te”. Dessa maneira, notamos que a emoção de dor, tristeza, é causada não pela perda da enteada, mas pela representação, ou seja, pelo julgamento que a população faz deles, em decorrência do crime por eles cometido. Assim, para Plantin (2011), temos:

Quadro 1- Análise emocional do discurso da Anna Carolina Jatobá excerto (1), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
Sofrendo	Anna Carolina	a população	Mostrar a sua dor, tristeza em estar sendo acusada e pré-julgada injustamente pela sociedade.

Fonte: elaboração própria

O termo de emoção “sofrendo”, dito pela Anna Carolina, passa a emoção de dor e de tristeza. Essa emoção é oriunda da fonte de emoção “população”, pois são as pessoas que estão a julgando. A entrevistada usa dessa emoção no seu discurso, provavelmente, para despertar uma pena nos espectadores, que conhecerão a dor e a tristeza da entrevistada.

Em relação à alteridade, essa é evidenciada nos pares: “eu para mim”, “o outro para mim” e “o eu para o outro”. Constatamos que no par “eu para mim”, tanto a Anna Carolina como o Alexandre se consideram como uma família unida que faz tudo para os filhos. Isso fica evidenciado pelo uso da primeira pessoa do plural na fala dos dois e pela repetição do lexema “família”. No par “o outro para mim”, o sujeito Anna Carolina vê o outro “sociedade” como responsável por um pré-julgamento dela e do seu marido, já os condenando pela morte da enteada. Devido a essa visão, o par “eu para o outro” é preenchido tanto pela Anna Carolina como pelo Alexandre, como uma resposta tentando demonstrar a inocência do casal por meio do argumento de união familiar deles.

Ao vermos a alteridade dos entrevistados, notamos que apesar do jornalista ter questionado como eles se sentem ao perder o “outro”, Isabella Nardoni, eles respondem se desviando do foco da questão, ou seja, eles se vitimizam, ao expressarem o próprio ponto de vista acerca do sentimento decorrente do julgamento pelo “outro”: a sociedade. Desse modo, os sujeitos tiram o foco da morte da criança, que é a verdadeira vítima da história, e se colocam como vítimas da sociedade.

Excerto 2

215

Rodrigues
Silva

Valmir Salaro: vocês estão sendo acusados de um crime grave... como é que é... suportar essa acusação?

Alexandre Nardoni: olha tá muito **difícil**... é: ... isso... porque... saben::do... é:: como **nós somos** com **ossos** filhos... e a **ossa família** também... **ossos** amigos... sabendo como **nós somos**... é: a **gente** sempre **fomos** ... sempre **unidos**... sempre teve ... é: sempre se reunimos todos os finais de semana para estar almoçando **juntos**...

Anna Carolina Jatobá: sempre fomos muito **família**...

Alexandre Nardoni: sempre fomos **família**... sempre almoçamos **juntos**... jantamos **juntos**... todos **unidos**... entendeu? então... é: essa/as pessoas estão falando algumas coisas... que... eles não conhecem? como nós somos... entendeu? é:

Anna Carolina Jatobá: eles sabem ao **osso** respeito através da mídia? que tudo tem tudo... tudo que falam ao **osso** respeito... a maioria das coisas... são tudo inventadas mesmo porque não... ninguém conhece a gente... a **ossa família** a fundo... entendeu?

Nesse excerto, o jornalista Salaro segue perguntando uma questão de cunho emocional, a respeito de como é que eles estão suportando a acusação de ter matado a filha do Alexandre Nardoni. Na resposta, o sujeito Alexandre responde com teor emocional, recorrendo ao termo “difícil”, contudo, mais uma vez, fica evidente que a dificuldade, a dor, a tristeza não está relacionada diretamente à morte da filha de cinco anos, mas, sim, à forma como a mídia não os conhece, logo, não sabe que eles são muito unidos.

Quadro 2- Análise emocional do discurso da Alexandre Nardoni excerto (2), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
Difícil	Alexandre Nardoni	as pessoas (sociedade)	Mostrar a sua dor, tristeza em estar sendo acusado por pessoas que não os conhecem de verdade.

Fonte: elaboração própria

O uso do termo de emoção “difícil” mostra que o experienciador está sentindo uma emoção de dor, tristeza por estar sendo acusado pela sociedade por algo que ele relata que não aconteceu. Assim, ao dizer que “tá muito **difícil**...”, o experienciador deseja, possivelmente, despertar uma emoção de pena por estar sendo acusado sem o conhecerem verdadeiramente.

A alteridade é preenchida no par “eu para mim” e “eu para o outro”, pois eles veiculam uma autorrepresentação de que são “pessoas família”, muito unidas. Essa pseudoverdade em que eles acreditam, tentam fazer os outros filhos, a família e os amigos também considerá-la crível. A repetição dos verbos e dos pronomes em primeira pessoa do plural e dos lexemas “família”, “unidos” e “juntos” (em negrito no excerto) mostra a tentativa do casal em construir uma imagem positiva para a sociedade. Essa reação também é uma resposta ao par “outro para mim”, pois o casal acredita que os outros, “as pessoas” e “a mídia”, estão a julgá-los como os verdadeiros culpados pela morte da criança, instaurando, dessa forma, um embate entre dois centros de valores opostos presentes no “eu para o outro” e “o outro para mim”.

Desse modo, enquanto a sociedade clamava por justiça e queria um julgamento justo acerca do assassinato da criança, Isabella Nardoni, o pai e a madrasta se preocupavam não em demonstrar seus sentimentos de luto pela filha morta, mas em construir uma imagem de inocentes perante o outro: a sociedade brasileira.

Excerto 3

Valmir Salaro: a responsabilidade mais é da imprensa pra vocês↗

Alexandre Nardoni: é:: não digo responsabilidade de ninguém↗ entendeu↗ eu acho assim é:: ... eu não posso falar que a responsabilidade é tanto da mídia... quanto a responsabilidade é da polí::cia... a gente não pode estar falando isso... porque... é:: a gente ia tá... fazendo um julgamento também↗ entendeu↗ e mais... é assim... e tão↗ mostrando... é:: eu e minha esposa... de uma tal maneira... explorando assim a nossa imagem de uma tal maneira... na televisão... que eles não conhecem a gente pra estar falando o que falam... entendeu↗ então... eu acho assim... eles tinham que conhecer ao menos... um pouquin::ho... pra eles estarem fazendo esse julgamento↗ se ele soubessem como... como era a nossa vida... a gente vive sempre em harmonia... sempre brincando... todos brincando é:: no apartamento...

Anna Carolina Jatobá: eu sempre ficava cantando... com os três... com o Pietro... Cauã... pulando ...

Alexandre Nardoni: sempre foi feito tudo pra as crianças entendeu↗ tudo... tudo... “ah vamos brincar pai↗ vamos... ah... vamos brincar... tia Carol↗” porque a Isabela sempre chamava minha esposa...

Anna Carolina Jatobá: É... pra Isa... **eu não sou do jeito que as pessoas estão falando...** sempre fui a tia Carol... sempre... pra sempre...

No excerto 3, a fim de convencer o outro de que eles não são ruins como a mídia está afirmando, o casal começa a descrever situações positivas que passaram com a criança. Dessa maneira, Alexandre Nardoni afirma que eles sempre viveram em harmonia, sempre brincando, cantando, pulando,

ações que compõem um campo semântico positivo, a fim de afastá-los da imagem de assassinos. Aliado a isso, temos também o uso do discurso reportado da Isabella Nardoni e o uso do referente “tia Carol”, a fim de aproximar o discurso deles com o da criança morta, como uma forma de resgatar a imagem dela e induzir a sociedade a acreditar que Isabella concordaria com eles. Em todo tempo, até mesmo quando recorrem ao outro “Isabella Nardoni”, é para buscar o convencimento do outro “a sociedade”.

Seguindo, o casal continua com a resposta emocional de que ficaram tristes pelo tratamento das pessoas com eles. A fala da Anna Carolina no trecho “**eu não sou do jeito que as pessoas estão falando**” demonstra a emoção de preocupação, angústia em querer preservar a sua face positiva, que está manchada perante a sociedade brasileira. Segundo Plantin (2011), temos:

Quadro 3- Análise emocional do discurso da Anna Carolina Jatobá, excerto (3), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
-----	Anna Carolina Jatobá	as pessoas (sociedade)	Mostrar a preocupação, a angústia, querendo provar para a sociedade que ela não é capaz de matar, como está sendo acusada.

Fonte: elaboração própria

Nesse excerto, não há um termo de emoção exato que marque a emoção do experienciador, mas toda a fala da Jatobá. Percebemos que em toda a sua resposta “É... pra Isa... **eu não sou do jeito que as pessoas estão falando...** sempre fui a tia Carol... sempre... pra sempre...”, o experienciador demonstra uma emoção de angústia para se vitimizar para a sociedade, a fim de mostrar que ela não é a culpada da morte de sua enteada, como estão a acusando.

Excerto 4

218

Rodrigues
Silva

Valmir Salaro: então como é que vocês veem essa acusação tão violenta da polícia... dizendo que vocês mataram a Isabela↗

Anna Carolina Jatobá: isso dói... isso dói...

Alexandre Nardoni: acaba com a gente... porque a nossa vida... já acabou né↗ acabaram com a nossa vida...

Anna Carolina Jatobá: destruíram a nossa vida em segundos... em segundos destruíram...

Alexandre Nardoni: e essas acusações... assim... meu... não nem tem como explicar↗ destruíram nossa vida... praticamente...

Anna Carolina Jatobá: destruíram a nossa família...

[...]

Valmir Salaro: e vocês afirmam e reafirmam que uma terceira pessoa entrou e matou a Isabela↗

Alexandre Nardoni: isso...

Anna Carolina Jatobá: com certeza...

Valmir Salaro: por que alguém agiria com tanta brutalidade↗

Anna Carolina Jatobá: é o que a gente se pergunta também... todas as noites... todos os dias...

Alexandre Nardoni: é:: a gente fica analisando assim... parando para pensar... como alguém poderia fazer isso com uma criança↗ principalmente com a Isabela... que é uma criança... dó::cil... é uma criança...

Esse excerto é composto por três perguntas do jornalista Valmir Salaro. À primeira, que questiona como eles veem essa acusação de terem matado a Isabella, Anna Carolina responde com um teor emocional de dor e tristeza. É interessante percebemos que, mais uma vez, a dor é em relação às acusações e, não, em terem perdido a criança. Isso fica claro quando Alexandre diz “e essas acusações... assim... meu... não nem tem como explicar↗ destruíram nossa vida... praticamente...”. Ou seja, eles carregam um sentimento de tristeza, de vida destruída devido às acusações realizadas pela polícia, mídia e sociedade. Temos, portanto, de acordo com Plantin (2011):

Quadro 4- Análise emocional do discurso da Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni, excerto (4), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
Dói Destruíram	Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni	Polícia, mídia, sociedade	Demonstrar a dor e a tristeza que estão sentindo devido às acusações, a fim de se colocarem como vítima.

Fonte: elaboração própria

Os termos de emoção “dói” e “destruíram”, usados pelo casal, demonstram a tristeza que eles estão sofrendo em estarem sendo acusados pela polícia, mídia e sociedade. Essas emoções continuam por toda a entrevista, em uma forma do casal de se vitimizar.

Quanto à alteridade, percebemos que na relação o “outro para mim”, o casal coloca a culpa pela destruição da vida deles no outro, a polícia, a sociedade, a mídia, ficando implícito no trecho “destruíram a nossa vida em segundos... em segundos destruíram...”. Além disso, em outra relação “outro para mim”, os entrevistados colocam a culpa pelo assassinato da criança em uma terceira pessoa, quando questionados na segunda pergunta do jornalista. Na relação, “eu para o outro”, o casal se mostra destruído com as acusações e indignado com o fato de uma pessoa ter sido capaz de matar a criança tão brutalmente.

Quando questionados sobre o porquê alguém agiria tão brutalmente com a Isabella, eles dizem que também não compreendem como isso foi acontecer. No trecho “**como alguém poderia fazer isso com uma criança**”, o pai da menina se mostra indignado com a pessoa que fez isso com a sua filha, ainda mais sendo a criança tão dócil. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 5- Análise emocional do discurso de Alexandre Nardoni, excerto (4), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
-----	Alexandre Nardoni	o assassino da Isabella	Demonstrar raiva e indignação por alguém ter matado sua filha de forma tão cruel, mesmo ela sendo tão dócil e assim, afastar a sua própria imagem da do assassino.

Fonte: elaboração própria

O termo de emoção na parte final do excerto não é composto por apenas um termo, mas por toda resposta do Nardoni: “é:: a gente fica analisando assim... parando para pensar... **como alguém poderia fazer isso com uma criança**” principalmente com a Isabela... que é uma criança... dó::cil... é uma criança...”. Assim, o experienciador está demonstrando a

emoção de raiva e indignação por ter tido a sua filha morta por um desconhecido que entrou no seu apartamento. Ao evocar esse sentimento, Nardoni se afasta, conseqüentemente, da imagem de assassino da criança.

Excerto 5

Valmir Salaro: como vocês estão suportando essa carga de acusação... que é uma acusação grave... e você... ter asfixiado a Isabella... ((apontou para a Anna)) e você ((apontou para o Alexandre)) ter jogado da janela... a criança...

Anna Carolina Jatobá: uma coisa terrível né? é horrível...

Alexandre Nardoni: isso não exis::te...

Anna Carolina Jatobá: nunca encostei um dedo nela... eu sou MÃE... você acha que o que eu não quero pros outros... eu vou querer pros meus filhos... isso não tem cabimento que tão falando... não existe... nunca existiu...

Alexandre Nardoni: eu nunca... é::

Anna Carolina Jatobá: nunca encostei um dedo ne::la... tanto Alexandre...

No excerto 5, Salaro questiona sobre como o casal está suportando a carga de acusação e deixa explícito para o público qual é a acusação de cada um: a de Jatobá é de ter asfixiado a criança e a do Nardoni é de ter jogado a criança da janela.

Para argumentar que não foi a responsável pela asfixia da menina, Jatobá usa o discurso emocional da maternidade. Por esse motivo, quando ela evoca o lexema “MÃE”, ela traz a ideia do significado de mãe na sociedade ocidental, de que a mãe é a pessoa que mais protege e se importa com o seu filho, incapaz de fazer o mal. Além do mais, é interessante ressaltarmos que, na própria transcrição, esse lexema está em maiúsculo para enfatizar a fala de Jatobá, intensificando a sua argumentação.

Ilustramos com o seguinte quadro, inspirado em Plantin (2011):

Quadro 6- Análise emocional do discurso de Anna Carolina Jatobá, excerto (5), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
Mãe	filhos e enteada	Anna Carolina Jatobá	Afastar a acusação dela, com a evocação do sentimento maternal, pois uma mãe não faria mal aos seus filhos (incluindo a Isabella, que ela considera filha).

Fonte: elaboração própria

O uso do termo de emoção “mãe” é experienciada pelos filhos e enteada da fonte de emoção, Jatobá. Ao usar esse termo, a fonte da emoção desperta um sentimento de confiança nas crianças, de que elas não precisavam temer a própria mãe/madrasta. Quando Anna Jatobá afirma que “eu sou MÃE”, ela está argumentando para Valmir Salaro e também para a sociedade, espectadores da entrevista, que ela não seria capaz de um ato desses, que não vai de encontro com o papel de uma mãe.

Excerto 6

Valmir Salaro: O sonho dela era morar com você?

Anna Carolina Jatobá: o sonho dela era morar com a gente...

Alexandre Nardoni: na quarta-feira... mesmo que ela esteve... com a gente... ela pediu... “papai... eu quero tanto morar com vocês...”

[...]

Anna Carolina Jatobá: tudo o que ela queria... ela sempre teve... da maneira que ela quis o quarto a gente decorou tudo do jeitinho que ela quis...

Alexandre Nardoni: não só em material... mas em **amor** também assim... né? meu **amor**... por ela assim é:: meu... é uma coisa inexplicável... entendeu? pelos meus filhos... é... meu meus filhos pra mim... é TUDO na minha vida... eu... como eu posso dizer? é:: meus filhos... é:: se eu pudesse não trabalhar para ficar com eles... o tempo inteiro... eu faria isso entendeu?

Anna Carolina Jatobá: o **amor** que eu sinto pela Isa vai ser eterno... vou amar ela pelo resto da minha vida... do mesmo jeito que eu amo meus filhos...

Alexandre Nardoni: é:: nossos filhos são tudo... nossa vida... tudo...

Anna Carolina Jatobá: eu falo brincando que com ela... que ela era minha filha postiça... porque duas vezes... assim ela eu senti que ela tinha vergonha de nós duas vezes... mas duas vezes a gente pegou ela me chamando de mamãe ... aí até eu falei assim... eu e a gente tá brincando a gente tava brincando de um corre atrás do apartamento... aí ela pegou assim “aí papai... não bate na mamãe” aí eu fiquei espantada olhando assim pra ela e falei “mamãe?” aí ela falou “não tia Carol... é que você é como se fosse a minha segunda mãe” ((começa a chorar))

Nesse excerto, o casal começa a sua narração de como a Isabella era bem tratada, tinha ganho um quarto na casa deles do jeito que ela queria. Em seguida, os entrevistados mencionam o amor pela Isabella e pelos outros filhos, a fim de convencer o público (uma vez que a entrevista passou em rede nacional) de que eles não seriam capazes de matar a criança. Seguindo os estudos de emoção, temos:

Quadro 7- Análise emocional do discurso de Alexandre Nardoni e Anna Carolina, excerto (6), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
amor	Alexandre Nardoni e Anna Carolina	Isabella e seus outros filhos	Mudar a representação que é feita acerca deles (o casal), isto é, de assassinos, tentando construir uma imagem de pai amoroso, incapaz de matar e de madrasta que considerava a enteada como filha.

Fonte: elaboração própria

O termo de emoção “amor”, usado pelos experienciadores “Alexandre e Anna Carolina”, evoca a emoção do sentimento amor e carinho que o casal sentia ao olhar para a fonte de emoção “Isabella e seus outros filhos”. Ao falar desse sentimento, os entrevistados intencionam construir a imagem de pais amorosos e afastar a imagem negativa que lhes foi construída.

Percebemos no discurso de Anna Carolina Jatobá a intenção de construir uma imagem de madrasta boa, incapaz de matar a enteada. Para isso, ela descreve, no par “eu para mim”, uma pessoa boa que via a enteada como uma filha, ou como ela a chama, “filha postiça”. Já no par “eu para o outro”, a madrasta se descreve como alguém muito de família, unida aos filhos, enquanto no par “o outro para mim”, o outro discutido é a Isabella. A imagem dela é posta pela Jatobá, a fim de mostrar que a menina também considerava a madrasta como uma mãe. Para passar veracidade para a sua fala, a madrasta usa o discurso reportado para convencer de que a criança a amava e se sentia segura com a madrasta.

Ao descrever a imagem de uma família acolhedora, que se importava com os detalhes pedidos pela filha e até como a criança se sentia em relação à madrasta, o casal está aproximando as suas próprias imagens com as de vítima da sociedade, por ter perdido a filha e por estar sendo acusado injustamente e, conseqüentemente, afastando, tentando apagar a imagem de assassinos.

Excerto 7

223

Rodrigues
Silva

Valmir Salaro: como foi essa semana na cadeia... pra vocês que nunca tiveram contato com esse mundo↗

Alexandre Nardoni: é uma coisa que não tem como explicar isso... é uma coisa assim que nós estamos passando.... não só assim nós temos ficado preso... mas muitas outras coisas assim que estão julgando a gente por uma coisa que nós não fizemos....

Anna Carolina Jatobá: para mim foi momentos **horríveis**...

Alexandre Nardoni: não tem nem como explicar isso... as pessoas que conhecem a nossa família que estão próximos da gente... é por isso que nós estamos tentando explicar para o Brasil... mais ou menos como nós somos... como nossa família é... porque as pessoas não conhecem as pessoas que estão próximas da gente sabe como nós somos... sabe que isso... meu... NÃO EXISTE

Salaro, nesse excerto, pergunta como foi a semana na prisão para eles, que nunca tiveram contato com esse mundo. Anna Carolina responde com o termo de emoção “horríveis”, a fim de demonstrar a sua dor e, até mesmo, despertar pena no auditório. Alexandre responde, mais uma vez, com a indignação de estarem sendo julgados por pessoas que não os conhecem verdadeiramente.

Quadro 10- Análise emocional do discurso de Anna Carolina, excerto (7), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
horríveis	Anna Carolina	prisão	Mostrar a sua dor em estar sofrendo na prisão, a fim de despertar pena no auditório.

Fonte: elaboração própria

O termo de emoção “horríveis” caracterizando os “momentos **horríveis**...”, ditos pelo experienciador Anna Carolina, mostra como ela ficou ao estar na fonte de emoção “prisão”. Ao fazer essa escolha lexical, a entrevistada está demonstrando o quanto sofreu e está sofrendo, a fim de despertar algum sentimento de empatia, solidariedade no entrevistador e nos espectadores.

Excerto 8

224

Rodrigues
Silva

Alexandre Nardoni: olha nós **não vivemos mais**↘

Anna Carolina Jatobá: não tem como... **nem dormir** a gente não consegue dormir... **comer** a gente não consegue se **alimentar** mais direito...

Alexandre Nardoni: nós **não dormimos**... nós **não nos alimentamos**... é:: nós praticamente **não vivemos mais nossa vida** praticamente...

Anna Carolina Jatobá: nossa vida praticamente acabou...

Alexandre Nardoni: acabou... no dia que... teve o velório da minha filha que nós chegamos lá depois de ter saído da delegacia... **eu fiz uma promessa pra ela... em cima do caixãozinho dela... que:: eu não ia... ficar sossegado enquanto não encontrar o assassino que fez isso com ela... que fez essa brutalidade com ela...** e falei para ela que enquanto isso não acontecesse... eu ia tá::... indo atrás pra tá/ que:: essa promessa eu falei para ela “filha ... é:: quan::do... o papai vai prometer uma coisa pra você... o papai não vai ficar não vai se sossegar enquanto é:: ... não encontrar o assassino que fez isso com você... essa brutalidade” ... e quando ela foi enterrada também assim ... que eu queria ter... entrar junto com ela ... dentro de onde ela foi enterrada... assim... que pra mim ali... é:: para mim ali... tá junto com ela...

[...]

Alexandre Nardoni: e eu queria dizer pra vocês que a nossa fé em Deus assim é inabalavelmente... inabalável... Deus... Deus é a nossa testemunha::ha...

Anna Carolina Jatobá: nossa maior testemunha...

Alexandre Nardoni: nossa maior testemunha ... e ele vai mostrar... pras pessoas... quem é:: ... eu quero que ele mostre pras pessoas essa pessoa... que fez essa crueldade com a minha filha... entendeu↗ é o que eu mais espero...

Esse excerto apresenta o final da entrevista, quando Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá já estão muito emocionados. Com a intenção de fazer com que o público sinta pena, o casal descreve sua situação, que não consegue mais fazer o básico do ser humano diante de tanta tristeza, como dormir ou se alimentar.

Movido por esse sentimento de pena que o público sentirá, Alexandre também realiza a descrição da cena emotiva que ele faz ao ver a sua filha no caixão. Ele promete, como um pai repleto pelo sentimento de sede de justiça e vingança, que só irá sossegar quando encontrar o verdadeiro assassino, responsável pela morte da pequena Isabella. Ao descrever essa cena e ao narrar que também queria ser enterrado junto à filha, Alexandre está construindo uma imagem contrária a que está sendo acusado, conivente com a representação de um pai na sociedade ocidental, daquele que morre para proteger os seus filhos e sofre muito com a perda de algum deles. Vejamos, a seguir, um quadro que mostra os detalhes da evocação do sentimento de vingança realizado pelo entrevistado.

Quadro 11- Análise emocional do discurso de Alexandre Nardoni, excerto (8), em conformidade com os postulados de Plantin (2011)

Termo de emoção	Experienciador	Fonte de emoção	Orientação argumentativa
-----	Alexandre Nardoni	o assassino da criança	Mostrar o seu sentimento de sede de justiça e vingança em ver a sua filha de 5 anos morta em um caixão por alguém que ainda está solto.

Fonte: elaboração própria

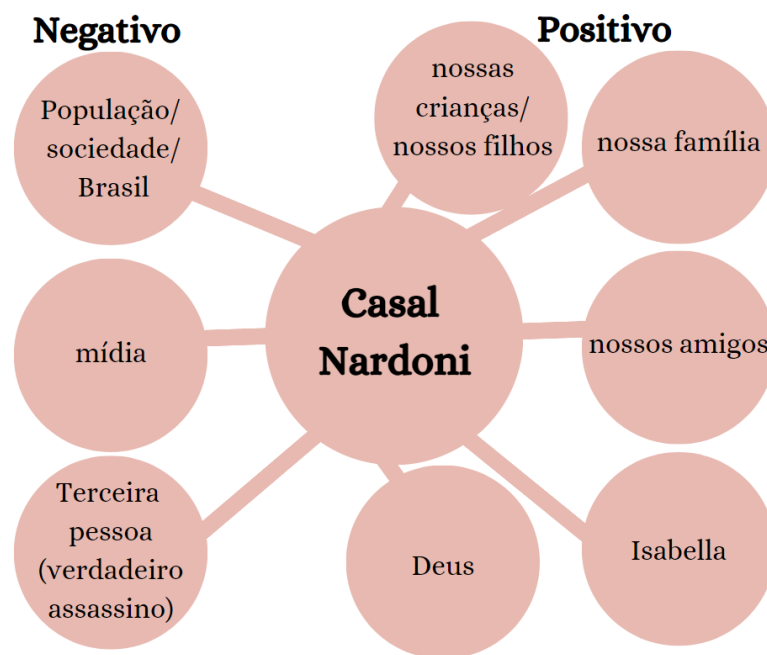
Para esse sentimento de sede de justiça evocado por Alexandre Nardoni, despertado pela raiva que ele sente pelo assassino de sua filha, não há apenas um termo de emoção e, sim, toda a descrição da cena do velório de Isabella.

No fim da entrevista, Alexandre Nardoni recorre à imagem de Deus como figura de testemunha. Ao fazer isso, Nardoni está despertando a imagem de alguém de confiança, pois usa o nome de Deus e descreve a sua fé e o seu pedido para que Ele possa revelar quem é o verdadeiro culpado. Usar esse argumento emocional de evocar uma entidade maior, cristã, em um país majoritariamente cristão, tem um grande impacto, já que se espera que não se use o nome de Deus em vão.

Quanto aos pares da evocação do outro no discurso, notamos que, no par eu para mim, é descrito um pai que não consegue mais dormir ou se alimentar devido à grande tristeza em ter perdido a filha e, por esse motivo, só vai descansar quando ver a justiça sendo feita. O outro par principal desse excerto é o par eu para o outro, que mostra o pai da criança realizando uma promessa para o “outro” filha morta no caixão e o “outro” Deus. Tanto à relação da filha morta quanto à imagem de Deus, o entrevistado recorre para demonstrar e clamar por uma sede de justiça em condenar o verdadeiro culpado pela morte da menina e, conseqüentemente, comprovar a inocência dele e da sua esposa.

Por fim, observemos, a seguir, o esquema dos principais “outros” evocados no discurso do casal durante toda a entrevista.

Figura 1- Principais “outros” evocados no discurso do casal entrevistado



Fonte: elaboração própria

Desse modo, notamos que as representações dos filhos do casal, da família, dos amigos, da própria Isabella e de Deus são resgatadas e colocadas por eles como preservação de face positiva, pois são as pessoas que os conhecem, sabem como eles são realmente. Enquanto as representações da população brasileira, da mídia e da terceira pessoa são colocadas em um lado negativo, pois tanto a população como a mídia são os que os julgam sem os conhecer, a terceira pessoa é o indivíduo que verdadeiramente matou a criança deles.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos a primeira entrevista do casal Nardoni, concedida ao Fantástico. Nosso olhar foi direcionado à alteridade e à emoção com o propósito de compreender como se construiu a orientação argumentativa.

Com o intuito de alcançarmos esse objetivo, partimos da seguinte questão geral de pesquisa: de que forma o movimento de emoção e de alteridade presentes no discurso dos entrevistados contribuem para a construção da orientação argumentativa estabelecida a partir dos pensamentos, das opiniões, das crenças dos sujeitos em questão, participantes dessas relações dialógicas e valorativas?

No que diz respeito às emoções evocadas por Alexandre Nardoni, essas foram de dor e tristeza por estarem sendo julgados injustamente pela sociedade, acusados por pessoas que não os conhecem de verdade. Outra emoção que se repete nas respostas dadas pelo casal é o sentimento de amor, para isso, eles descrevem como amam os seus filhos e como seriam incapazes de cometer qualquer maldade que os fizessem mal. Também há o sentimento compartilhado de despertamento de pena, evocando sentimentos maternos e uma possível emoção de dor que Isabella Nardoni estaria sentindo em um outro plano por eles estarem sendo acusados pela polícia, para, assim, se afastar da imagem de assassinos. Desse modo, percebemos que todas as argumentações emocionais usadas por eles foram com a intenção de persuadir o auditório de que eles são pessoas incapazes de cometer o assassinato, e que por isso, a acusação da sociedade é injusta. Em nenhum momento é demonstrado um discurso emotivo voltado para a dor ou tristeza de ter perdido a criança, sem que o sentimento fosse usado como ponte para construir uma imagem de vitimismo dos entrevistados.

No que tange à alteridade, o casal, em relação ao “eu para mim”, se considera uma família unida, que faz de tudo pelos filhos. A madrasta se considera bondosa, via a enteada como uma verdadeira filha. Já no par “outro para mim”, o casal descreve o outro “a sociedade e a mídia” como instâncias que os veem como assassinos, que realizam pré-julgamento, responsável pela destruição da vida do casal. O outro recorrido Isabella Nardoni, por sua vez, é descrito como alguém que amava a família paterna, ao ponto de já ter chamado a madrasta de “mãe” e de ter intenções de morar com eles. Além disso, há o uso do recurso discurso reportado “Tia Carol” da Isabella, lexema que remete à família, ao qual subjaz a noção de aproximação parental, servindo de argumento para sustentar a representação de que a menina era bem cuidada e amada pelos acusados de assassinato. Quando os entrevistados recorrem ao outro “assassino de Isabella”, eles apenas querem depositar a culpa nele e se considerarem inocentes. Por fim, no par “eu para o outro”, o casal realiza uma resposta às acusações da sociedade, demonstrando por meio da descrição de lembranças felizes familiares e da repetição dos termos “família”, “unidos” e “juntos” que são muito “família” e que possuem valores que conflitam com a noção de assassinos. Ademais, se mostram destruídos pelas falsas acusações e indignados pelo fato de alguém ser capaz de matar tão brutalmente uma criança tão meiga como Isabella, além de evocar a imagem de Deus, solicitando que Deus os ajude a revelar a verdade sobre o

assassino do caso. Esse par “eu para o outro” é o par mais recorrente na entrevista, pois a todo tempo, o casal busca se vitimizar, tentando se afastar da imagem posta pelos veículos midiáticos. Até mesmo quando recorre aos “outros”, parece-nos que eles tentam persuadir e convencer o auditório de que são inocentes.

Referências

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.
- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio Michel Meyer. Tradução do grego Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.
- EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (Orgs.). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 290-309.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo*. As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GLOBOPLAY. *Pai e madrasta de Isabella dão entrevista exclusiva*. São Paulo: Fantástico, 2008. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/818164/?s=0s>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO- GEGe. *Palavras e contra palavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bahktin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.
- PLANTIN, Christian. As razões das emoções. Tradução Emília Mendes. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. (Orgs.). *As emoções no discurso*. V.II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 57-80.
- PLANTIN, Christian. *Les bonnes raisons des émotions*. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Bern: Peter Lang, 2011.
- RODRIGUES, Maria das Graças Soares; SILVA NETO, João Gomes; COSTA, Alessandra Castilho da; FABIANO-CAMPOS, Sulemi. Ateliê de escrita: a emoção como fonte motivadora. In: MARQUESI, Sueli; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria. *Linguística textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 33- 47.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3.ed. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

A voz da mulher na poesia: uma questão de estilo na perspectiva bakhtiniana

The woman's voice in poetry: a matter of style in bakhtinian perspective

Miriam Bauab Puzzo
Universidade de Taubaté, Brasil

1 Introdução

Atualmente, as mulheres têm se tornado protagonistas em várias áreas no contexto social. Seu papel tem se revelado ativo em campos anteriormente reservados aos homens, principalmente, as afrodescendentes, que se projetam no campo literário.

Tendo em vista essa questão, o objetivo deste artigo é discutir a presença de vozes líricas que se projetam nos dias de hoje, como recurso para traduzir os conflitos existenciais decorrentes dos embates enfrentados no contexto social. A teoria que fundamenta este artigo, na perspectiva da análise dialógica de Bakhtin e do Círculo, ilumina aspectos discutidos na concepção da linguagem poética atual, entre eles, o estilo. Na vertente dialógica bakhtiniana, a concepção de estilo opõe-se àquela da estilística subjetiva e idealista que predominou até recentemente na análise da poesia ou à visão formalista, que privilegiava a forma em detrimento do conteúdo e das relações sociais, como discutem Bakhtin ([1953] 2016) e Volóchinov ([1926] 2019). Nessa concepção discursiva, toda forma enunciativa,

inclusive a poética, decorre das relações dialógicas constituídas pelo contexto social na própria linguagem, como postulam os membros do Círculo.

Nessa perspectiva, as transformações sociais decorrentes da industrialização, da tecnologia e da economia são responsáveis pelas novas formas de atividades e pelos novos modos de atuação do ser humano em seu ambiente. Como consequência, a língua/linguagem sofre também transformações em função das necessidades imediatas, exigidas pelo contexto social, afetando as novas formas de produção comunicativa.

Desse modo, os valores se alteram, modificando a atuação do homem e sua forma de relacionamento em sociedade, como pontua Bauman (2007) em suas reflexões sobre essa questão em *A vida líquida*. A rapidez do desenvolvimento social propiciada pela ciência e pela tecnologia de modo a facilitar o trabalho, diminuindo o tempo para sua execução, afeta de modo crucial a produção cultural, conforme discute Benjamin em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (2018). De forma semelhante, a cultura literária, antes restrita a uma classe social privilegiada, expandiu sua difusão, permitindo a inclusão de uma parcela da sociedade, antes restrita ao trabalho doméstico, como a das mulheres e a dos trabalhadores braçais das periferias. O desenvolvimento de novos meios de comunicação, entre eles os celulares e os computadores, ampliou as possibilidades de interação pelas redes sociais.

Assim, considerando essas transformações e entendendo o estilo na perspectiva discursiva relacional, observa-se que a poesia contemporânea expressa os conflitos existenciais imediatos, expondo de modo contundente uma visão de mundo particular, mobilizada pelas condições sociais.

Além disso, as vozes de mulheres antes silenciadas se fazem presente na produção poética de modo mais atuante. Se, ainda no século XX, poucas mulheres circunscritas ao ambiente doméstico, como Cora Coralina e Adélia Prado, ousaram se dedicar à produção poética, no século XXI, Conceição Evaristo torna-se representante da mulher negra, cuja voz ficou silenciada durante séculos na literatura brasileira.

Portanto, para investigar as peculiaridades estilísticas dessa produção mais recente das mulheres, foram selecionados, como objetos de análise, alguns poemas de Conceição Evaristo da coletânea *Poemas de recordação e outros movimentos* (2021), cuja voz poética expõe os conflitos vivenciados pelo sujeito lírico em relação ao seu contexto sócio-histórico. Os poemas

“Vozes-mulheres” e “Da calma e do silêncio” são exemplares desse embate registrado pela voz lírica da poeta

231

●●●●●●●●●●
Puzzo

Distanciando-se da poesia que trata de questões mais abstratas e filosóficas, a autora mergulha nas questões cruciais que estão voltadas para os conflitos sociais imediatos, refletindo e refratando os problemas da escravidão, do preconceito social e das relações sociais que afetam o sujeito lírico.

Opondo-se a uma literatura circunscrita ao sentimento subjetivo, num mundo concebido pela imaginação criativa, os poemas contemporâneos de Evaristo expressam de modo concreto as relações dialógicas que se instituem entre o eu-poético e os conflitos decorrentes dos embates enfrentados pelas diferenças de gênero, culturais e ideológicas.

Se mesmo a poesia simbolista, como expressão de um mundo subjetivo distante do contexto imediato, decorre das relações entre o autor e o contexto social, como concebe Adorno (2003) ao tratar da lírica no conhecido ensaio “Palestra sobre lírica e sociedade”, a poesia moderna e contemporânea expressa na voz das mulheres poetisas sua vivência lírica, no ambiente mais prosaico, como os poemas de Cora Coralina e de Adélia Prado comprovam. A partir do conceito que fundamenta a teoria bakhtiniana, ou seja, a duplicidade intrínseca da linguagem, a poesia se insere no contexto social por meio dos conflitos sociais expressos pelo sujeito lírico. O conceito de arquitetônica discutido por Bakhtin (2010) em seu ensaio de 1920 *Para uma filosofia do ato responsável* ilumina questões relativas à construção autoral, numa perspectiva triádica, ou seja, o autor responsável por sua criação estabelece um processo complexo de construção em que o sujeito responde às suas angústias existenciais, responde ao outro e ao contexto social imediato.

Desse modo, a teoria dialógica da linguagem fundamenta a discussão a respeito do conceito de gênero discursivo na poesia, e suas características, entre elas o estilo, a responsabilidade e a responsividade valorativa autoral que se manifestam no tema, nas imagens e no ritmo desse discurso lírico.

Assim, este artigo apresenta a princípio a teoria que o fundamenta, discutindo os conceitos teóricos que são retomados na análise. A seguir, uma breve notícia da autora e de sua peculiaridade estilística, analisando na sequência os poemas selecionados para, finalmente, concluir.

2 A poesia como gênero discursivo

232

Puzzo

A questão da lírica e da poesia tem sido tratada sob várias perspectivas teóricas, e cada uma delas destaca questões distintas, seja ela a inspiração divina, considerando o poeta um ser privilegiado pelos deuses, em sua genialidade subjetiva, como entende o romantismo, seja ela a manifestação subjetiva de natureza psíquica, como propõe a estilística alemã. Numa perspectiva materialista marxista, a origem da poesia resulta do trabalho coletivo dos primeiros agrupamentos humanos em sua atividade agrícola. Sob essa ótica, a produção poética concretizada pelo ritmo das canções seriam formas de motivar o movimento do trabalho na plantação e na colheita.

Se as origens do canto surgiram da manifestação dolorosa do trabalho humano, na luta pela sobrevivência, os gritos expressivos decorrentes desse esforço originaram as primeiras emissões vocais responsáveis tanto pela estruturação da língua quanto pela criação da palavra cantada. É essa a base de toda a criação popular espontânea que constitui a manifestação popular de arte, pois o ritmo associado aos sons vocais acaba compondo a base da canção.

Todas essas formas de concepção estão vinculadas às origens da linguagem oral, como postula Volóchinov em seu ensaio “A palavra na vida e a palavra na poesia” ([1926] 2019). De acordo com o autor, a necessidade de comunicação que está na raiz da linguagem humana surgiu da necessidade de troca de informações e de partilha das emoções experimentadas no cotidiano do homem primitivo em seus primeiros agrupamentos coletivos. Também está relacionada ao trabalho, à economia primitiva dos primeiros agrupamentos humanos. Dessa forma, como a linguagem se constitui na duplicidade eu/outro, o contexto social está inexoravelmente presente na expressão humana, seja ela na comunicação imediata ou artística. Assim, o discurso poético, como expressão da emoção, do sentimento de um sujeito ficcional, também apresenta os conflitos sociais do sujeito lírico, que se refletem e se refratam na linguagem. Portanto, a questão do estilo é uma questão fundamental da teoria dialógica, seja ele relativo ao gênero discursivo seja ele referente à produção poética. O conceito de arquitetônica como fundamento da concepção dialógica bakhtiniana, discutido nos primeiros textos de Bakhtin, como *Para uma filosofia do ato responsável*

([1920] 2010), estrutura a concepção dialógica de estilo como um ato responsivo e responsável do autor criador.

233

●●●●●●●●●●
Puzzo

Na literatura contemporânea, essa questão se torna mais evidente pelas transformações sociais, premidas pela tecnologia, pelos meios de comunicação e pelo sistema econômico, como discute Bauman (2007). Apesar das inovações, aquele sentimento doloroso motivador da canção inaugural ainda permanece ao longo do tempo, embora não mais vinculado ao esforço humano no desempenho do trabalho braçal, visto que a máquina o substituiu na modernidade. O sentimento que acompanhou o homem em sua manifestação artística, ao longo do tempo, não resulta mais da dor imediata de um esforço corporal, mas expressa o drama ficcional resultante de conflitos, de embates sociais recriados pelo autor na arte. É o que justifica a criação ficcional, seja ela prosaica ou lírica, como expressão do sujeito situado em um contexto social, no qual se sente premido pelas circunstâncias de um mundo em que sua voz procura entrar em sintonia com a coletividade da qual se encontra isolado ou da qual procura ser porta-voz.

Em várias obras de autores atuais, são expostas questões vivenciadas por uma coletividade cuja voz não se faz ouvir, como ocorre nos romances de Itamar Vieira Junior, nos poemas de Elisa Lucinda, Mel Duarte ou Conceição Evaristo. Sob esse aspecto, a questão do estilo torna-se fundamental e suscita pesquisas que consigam evidenciar um novo modo de expressão que se concretiza em princípios inovadores nos temas e no estilo.

3 A teoria discursiva e a concepção de gênero

Na discussão a respeito de enunciado e gênero discursivo, os membros do Círculo ampliam a concepção da língua em seu uso, a partir da comunicação oral como recurso de interação entre os seres humanos. Contrapondo-se a modelos instituídos pelas teorias vigentes no final do século XIX e início do XX, tais pesquisadores repensam a linguagem em sua relação com as necessidades de produção coletiva e de troca de informações. Para eles, a linguagem não se isola de suas condições sociais, o ser humano, como um ser que vive e sobrevive em comunidades, necessita da linguagem como veículo de comunicação, reagindo ao meio e respondendo a ele. É dessa relação tensa com o ambiente social que a linguagem se constitui em suas diversas formas de produção, circulação e recepção. Considerando essa

noção primária e imediata de comunicação é que os membros do Círculo pensam o gênero discursivo e o enunciado concreto, resultantes da relação do homem com seu contexto social.

Assim, ao tratar do gênero, em especial, na expressão artística, Medviédev, em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, pontua:

A totalidade de qualquer tipo, isto é, de qualquer gênero orienta-se na realidade de forma dupla, e as particularidades dessa dupla orientação determina o tipo dessa totalidade, isto é seu gênero.

Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz de dentro, por meio de seu conteúdo temático (Medviédev, [1928] 2012, p. 195).

Essa relação intrínseca do gênero com o contexto social, com o outro a que se destina, seu possível leitor, é condição essencial para sua concretização. De forma semelhante, Volóchinov, ao tratar da linguagem na vida e na lírica, observa a importância do contexto, do ambiente externo, do possível destinatário na produção do enunciado, seja na vida cotidiana, seja na poesia. Em *A palavra na vida e a palavra na poesia* ([1926] 2019), o autor conceitua o enunciado em função dessa dupla orientação, que torna cada enunciado irrepetível, ainda que as palavras sejam as mesmas. O ambiente de produção, o destinatário e o tema imediato que se expressa no enunciado decorrem desse momento vital único, desse processo continuamente transformador e dinâmico.

Para Volóchinov,

Na poesia, a palavra também é o “roteiro” do acontecimento, pois a percepção artística o interpreta, ao adivinhar com precisão nas palavras e formas da sua organização as inter-relações vivas e específicas do autor com o mundo representado por ele, e ao entrar nessas inter-relações como o terceiro participante, o ouvinte (Volóchinov, [1926] 2019, p. 134, ênfase do autor)

Sistematizando esse conceito, Bakhtin retoma a questão do gênero discursivo em suas peculiaridades, caracterizando-o de modo mais explícito. Amplia suas características, além dos elementos essenciais que o compõem. No ensaio *O gênero do discurso* ([1952-1953] 2016), o autor acrescenta características essenciais ao gênero, entre elas, o posicionamento axiológico do enunciatador, sua responsabilidade e sua responsividade diante do que expressa, o estilo em sua dupla constituição genérica e individual, em função

da proposta comunicativa. A questão da responsabilidade do sujeito, que responde ao outro e ao contexto, já havia sido discutida em seus primeiros textos – *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, [1920] 2010) e também em *O autor e a personagem na atividade estética* (Bakhtin, [1975] 2003).

Ao analisar o poema “Separação” (1830), de Pushkin, para exemplificar o conceito de arquitetônica, o autor demonstra o processo triádico (três centros de valor) que constitui a produção artística. Nessa concepção, em torno do processo de criação, o autor, a princípio identificado com seu objeto de forma empática, distancia-se dele para poder representá-lo esteticamente. Nesse movimento, o autor, com sua proposta, desloca-se da visão subjetiva para observar contemplativamente seu objeto e representá-lo, considerando o destinatário de sua produção. Portanto, o movimento descrito por Bakhtin decorre de três etapas vivenciadas pelo autor: eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, que resultam na arquitetônica de sua produção. Nesse processo, o autor desempenha um papel de responsabilidade ética, respondendo ao contexto social. Dessa forma, o sujeito está comprometido com suas respostas, que se concretizam em sua obra, diante dos desafios que enfrenta em seu contexto social. O que Bakhtin postula é a não indiferença no processo criativo, e é esse posicionamento axiológico que o autor expressa em seus enunciados, representado no tom valorativo, que os constitui. Se a princípio, Bakhtin escolhe um poema para ilustrar sua teoria, quando trata dos gêneros do discurso, essa questão se amplia para todas as formas de comunicação, quando identifica o tom valorativo presente nos enunciados concretos.

A partir dessa perspectiva genérica, na análise dos poemas de Conceição Evaristo, observa-se essa produção poética como resposta do sujeito lírico ao sofrimento imposto a uma coletividade étnica transportada da África para o Brasil, subjugada pelo poder de senhores, em cujas mãos se tornavam objetos de comando e de desejo. É a esse processo dramático que o eu-lírico se refere como parte intrínseca de sua constituição como sujeito social. Algumas informações sobre a autora explicitam seu papel de porta voz de seus antepassados, cujo percurso se encontra entranhado e marcado no trajeto vital da autora.

4 Conceição Evaristo e seus poemas

236



Puzzo

Nascida na década de 1940, a mineira Conceição Evaristo teve uma aprofundada formação acadêmica, com doutorado em Literatura Comparada. É escritora de muitos contos, de poemas publicados em coletâneas e de dois romances, *Ponciá Vicêncio* (2017), traduzido para o inglês e o francês, e *Becos da memória* (2017). Os poemas, escritos numa linguagem aparentemente simples, dialogam com a literatura instituída, refletindo e refratando as formas expressivas na produção de sentido. Reproduzem imagens consagradas, que se inserem em outro contexto poético com temas inusitados, expressos por um sujeito lírico sofrido, cuja força reproduz imagens de resistência e de superação: “sou eternamente naufraga/ mas os fundos oceanos não me amedrontam/e nem me imobilizam” (Evaristo, 2021, p. 11).

A autora afrodescendente faz emergir no ritmo e no tom a voz por tanto tempo sufocada de uma mulher cujo sofrimento expressa a dor coletiva de uma comunidade silenciada. Como afirma Wagner Amaro, editor da Malê, na orelha do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2021): “Conceição poetiza com(sic) muitas, mas o faz a partir de uma experiência, ainda e infelizmente, pouco comum para os que iniciam a vida nas classes sociais menos favorecidas: a mobilidade para condições de vida mais justas”. Nessa única obra de poemas, Evaristo trata de questões relativas à sua origem africana, cujas ancestrais, subjugadas pelo sistema escravocrata do Brasil colonial, ainda repercutem na sua geração e refletem na identidade lírica. Sob esse ângulo, os poemas selecionados para análise expressam essa voz, que ecoa em uníssono com a coletividade das mulheres sem voz, sufocadas pelas condições de submissão e de silenciamento a que foram ou à qual ainda se encontram condenadas. Dentre os poemas selecionados, alguns tratam dessa condição de silenciamento da mulher que ainda procura encontrar uma forma de consolidar sua identidade vital de mulher liberta. Do conjunto de poemas escolhidos como objeto de análise, destacam-se: “Vozes mulheres”, “Da calma e do silêncio”, “A roda dos não ausentes”, “Amigas”, “Eu-mulher”, “Fêmea-fênix” e “Certidão de óbitos”.

5 A voz que ecoa na lírica

237

●●●●●●●●●●
Puzzo

O primeiro poema selecionado apresenta um título que, de certo modo, tematiza e expressa a proposta poética da autora. “Vozes-mulheres” metaforiza um modo de sentir e de vivenciar esteticamente uma visão coletiva familiar. Na voz do sujeito lírico, há a recuperação de um passado que ficou silenciado pelo sofrimento e pela impossibilidade de expressão. Ao recriar imagetivamente a infância de sua bisavó, vinda nos porões do navio que a trazia da África, remete a sua origem ancestral e ao sofrimento a que foi submetida desde seus primeiros anos. A privação da liberdade e da possibilidade de experienciar o florescimento da vida se concretiza em versos: “nos porões do navio. / ecoou lamentos /de uma infância perdida” (p. 24).

Seguindo a sequência evolutiva de sua geração, o eu-lírico retoma a voz da avó, subjugada pelo senhor ao qual devia obediência total, registrada nas imagens de repercussão sonora do sofrimento, como evidencia o trecho: “ecoou obediência/aos brancos-donos de tudo” (p. 24).

A seguir, a voz da mãe, uma escrava liberta cuja vida se arrasta no trabalho, em condições de vida precárias, ressoa no registro do sujeito lírico: “ecoou baixinho revolta/ no fundo das cozinhas alheias/ debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos/ pelo caminho empoeirado/ rumo à favela” (p. 24).

Na enumeração de ações quase prosaicas, o lirismo emerge pelo ritmo e pelas imagens estigmatizadas do trabalho dedicado ao bem-estar alheio.

Na voz do eu-lírico, ainda se encontram os resquícios do sofrimento herdado: “ecoa versos perplexos/ com rimas de sangue/ e fome” (p. 24-25). Em imagens contundentes, o processo criativo dos versos e das rimas estão enredados no sofrimento e na dor física, resultantes do sangue e da fome de seus antepassados.

Atualizado pela nova geração, o comportamento do sofrimento antigo se renova em novas formas de reação, ao mesmo tempo em que expressa a dor ancestral nas vozes que ressoam em uníssono, congregando tempo e espaço, passado, presente e futuro, mas com a vivência em um espaço livre: “A voz de minha filha/ recolhe todas as nossas vozes/ recolhe em si/ as vozes mudas caladas/ engasgadas nas gargantas.... Na voz de minha filha/ se fará ouvir a ressonância/ o eco da vida-liberdade” (Evaristo, 2021, p. 24).

Portanto, o sujeito lírico, ao recompor um trajeto situado no passado, cujos ecos ressoam no presente, procura resgatar sua identidade, constituída pelos fatos dolorosos que ainda se fazem sentir. Dessa forma, responde de modo ativo, ao expor um sofrimento desconhecido e silenciado, motivador de novas possibilidades de respostas antes desconhecidas, que se concretizam no presente anunciando um futuro promissor de “vida-liberdade”.

No poema “Da calma e do silêncio”, o lirismo concebido como um ato antropofágico é concretizado em imagens físicas relativas ao ato de consumir os alimentos: “morder”, “mascar”, “rasgar” (p. 121), não o alimento, mas o verbo. A palavra poética expressa em imagens contundentes um processo de conhecimento profundo para atingir “o âmago das coisas” (p. 121). O tom se modifica pela cadência, pela lentidão em que se evidencia a descoberta da poesia que está sendo explorada, vivenciada intensamente pelo instante de recolhimento e de prazer estético.

Nesse espaço silencioso, o sujeito lírico está em busca da descoberta de um mundo inexplorado, só possível de ser alcançado no recolhimento, na quietude do silêncio: “Caminhar para quê?/ Deixem-me quedar,/ deixem-me quieta,/ na aparente inércia./ Nem todo viandante anda estradas,/ há mundos submersos,/ que só o silêncio/ da poesia penetra.” (Evaristo, 2021, p. 121)

Na percepção do sujeito lírico, a atividade poética ganha estatuto de autoconhecimento, de revelação, constantemente reproduzido nas metáforas poéticas ao longo do tempo. Entretanto, esse processo difere das imagens abstratas em que a metafísica é processada. Neste poema, a materialidade física, a corporalidade das imagens remete à interioridade identitária. O conhecimento das coisas em sua concretude está associado a uma visão identitária da existência, só apreendida a partir dos objetos, visualizados e introjetados no silêncio e na lentidão do ritmo. Assim, o poema expressa nas imagens um processo estético de autoconhecimento e do estar-no-mundo.

Em “A roda dos não ausentes” (Evaristo, 2021. p. 12), o sujeito lírico expressa o desejo de se encontrar, de se identificar nos fragmentos das lembranças revividas: “Há tempos treino / o equilíbrio sobre/ esse alquebrado corpo, / e, se inteira fui, / cada pedaço que guardo de mim / tem na memória o anelar / de outros pedaços.”

Em seus versos finais, as imagens sugerem a recomposição de uma identidade pela reconstrução dos fragmentos “Traço então a nossa roda gira-

gira/ em que os de ontem, os de hoje, / e os de amanhã se reconhecem / nos pedaços uns dos outros. / Inteiros” (Evaristo, 2001, p. 12).

239

●●●●●●●●●●
Puzzo

O poema de Evaristo concretiza o que Bakhtin ([1975] 2003b, p. 348) concebe como característica da vida dialógica, expressa nas palavras: “O homem participa todo e com toda sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com os atos. Ele se põe todo na palavra”.

Assim, as imagens relativas à corporalidade física do sujeito lírico predominam na maioria dos poemas de Evaristo, cujos pés se encontram fincados no solo onde caminham.

Dessa forma, a dor física está associada ao sofrimento ancestral, que constitui sua identidade e sua memória como se em seu corpo pudesse encontrar as marcas de seus ancestrais que a constituem, num processo autofágico, de morder, mascar e rasgar elementos substanciais do corpo, onde procura encontrar as respostas para sua angústia existencial.

Essa mesma característica pode ser identificada no poema “Amigas” (Evaristo, 2021, p. 31), cuja estrofe inicial reproduz imagens do sofrimento corporal exposto ao trabalho árduo na busca de sua identidade: “Trago na palma das mãos/ não somente a alma,/ mas um rubro calo,/ viva cicatriz, do árduo/ refazer de mim.” A estrofe final expressa esse esforço de resgatar pelas partes encontradas uma unidade consistente: “Tenho a calma de uma mulher/ recolhendo seus restantes pedaços. / E com o cuspo grosso de sua saliva,/ uma mistura agri-doce,/ a deusa artesã cola, recola,/ lima e nina o seu corpo mil partido./ E se refaz inteira por entre a áspera/ Intempérie dos dias”

A predominância de imagens referentes ao próprio corpo revela a proximidade lírica com sua natureza concreta. No poema “Eu-mulher”, as imagens são compostas de partes do corpo e de seu funcionamento para desvendar sua capacidade gerativa de novos seres:

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
Violento os tímpanos do mundo.

Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

240



Puzzo

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo (Evaristo, 2021, p. 23).

Esse poema ilustra de modo exemplar o estilo poético de Evaristo, demonstrando uma voz poética possante, cujo ritmo é constituído de versos breves em sequência, compostos por períodos verbais curtos: “Antevejo./ Antecipo./ Antes-vivo”. Esses versos se completam na estrofe seguinte ou por frases nominais numa sequência que simula um ritmo fragmentado, sugerindo os impactos e os golpes da vida: “Eu-fêmea-matriz/ Eu força-motriz,/ Eu-mulher”. A esses fragmentos seguem versos mais longos que centralizam uma conclusão semântica e rítmica, em uma espécie de solução.

No poema “Fêmea-fenix”, como a metáfora do título indica, a figura da mulher que vence o medo, contra os percalços íngremes e ameaçadores, demonstra uma força resistente que se revigora a cada perigo iminente. O ritmo recorrente pelos versos que se alternam ora com frases completas, ora com frases truncadas que se completam nos versos seguintes, expõe, pela estruturação sintática, o movimento oscilatório e instável das crises vitais a que o sujeito lírico sobrevive. O poema reproduzido evidencia esse processo que é recorrente:

Navego-me eu-mulher e não temo,
Sei da falsa maciez das águas
E quando o receio
Me busca, não temo o medo,
Sei que posso me deslizar
Nas pedras e me sair ilesa,
com o corpo marcado pelo odor
da lama.

Abraso-me eu mulher e não temo,
sei do inebriante calor da queima
e, quando o temor
me visita, não temo o receio,
sei que posso me lançar ao fogo
e da fogueira me sair inunda, (sic)
com o corpo ameigado pelo odor
da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,
Sei do cativante vazio da miragem,
E quando o pavor
Em mim aloja, não temo o medo,
Sei que posso me fundir ao só,
E em solo ressurgir inteira
Com o corpo banhado pelo suor
Da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,
Na vital carícia de meu cio,
Na cálida coragem de meu corpo,
No infindo laço da vida,
Que jaz em mim
E renasce flor fecunda.
Vivifico-me eu-mulher.
Fêmea. Fênix. Eu fecundo (Evaristo, 2021, p. 28).

Nesse poema, o sujeito lírico enfrenta as ameaças e, em aparentes quedas, renasce dos escombros resultantes de cada uma delas: da lama, da chama, do suor, da faina. Igualando-se à mítica fênix, renasce e reproduz a vida, como a última estrofe e o último verso afirmam.

Nesse ritmo instável em que o poema se equilibra, o sujeito lírico reproduz o processo regenerativo de uma coletividade que é constantemente referida e que mimetiza em sua própria experiência lírica, pela qual se torna uma personagem de si, mas cujo papel poético é o de representante de uma comunidade que resistiu ao tempo e ao sofrimento que lhe foi imposto, como as vozes que emergem no poema “Vozes mulheres” expressam.

Ao resgatar o passado, os poemas recuperam o presente em que o passado ainda persiste, como o poema “Certidão de óbito” exemplifica:

Os ossos de nossos antepassados
Colhem as nossas perenes lágrimas
Pelos mortos de hoje

Os olhos de nossos antepassados,
Negras estrelas tingidas de sangue,
Elevam-se das profundezas do tempo
Cuidando de nossa dolorida memória.

A terra coberta de valas
E a qualquer descuido da vida
A morte é certa
A bala não erra o alvo, no escuro
Um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
Veio lavrada desde os negreiros (Evaristo, 2021, p. 17).

O estilo se caracteriza, portanto, nesse processo dialógico, em que o sujeito lírico, ao compor os poemas, responde ao contexto sócio-histórico problemático, marcado pela descendência de uma população escravizada, submetida ao sofrimento físico e moral, cujo resultado ainda se faz presente na memória e no contexto social, como o título desta coletânea, “Poemas da recordação”, sugere.

Ao nos debruçarmos sobre a lírica dessa coletânea de Conceição Evaristo, é possível recompor em seu estilo uma imagem corporal pujante do sujeito lírico, cujas raízes são constantemente referidas em metáforas compostas por elementos concretos da corporalidade feminina, reveladores de um processo de destruição e de recomposição do corpo físico, imagetivamente representante do sofrimento psíquico e moral. O ritmo entrecortado por versos curtos, cujo sentido se completa nos versos posteriores, mimetiza o processo de fragmentação física do sujeito lírico em busca de sua unidade identitária. A origem dessa fragmentação é marcada pela ancestralidade do sofrimento escravo a que seus antepassados estiveram submetidos. Nos poemas, o peso desse passado é resgatado e ressignificado, numa tentativa de superação e de resistência.

É possível, portanto, recompor uma imagem do sujeito lírico nos poemas analisados pelo sofrimento partilhado. Seus laços de pertencimento a uma ancestralidade subjugada de modo violento são tematizados poeticamente e traduzidos por imagens físicas, de uma corporalidade concreta, marcada pela dor coletiva silenciada. Ao resgatar esse passado trágico, o ritmo fragmentado expõe a dor de um sujeito dilacerado que procura encontrar seus laços identitários dispersos no silenciamento de seus antepassados. A voz que emerge nos poemas evidencia o desejo de expor o drama existencial com a força de seu corpo, que resiste às constantes ameaças concretizadas em imagens devastadoras, como o poema “Fênix” ilustra.

Palavras finais

A teoria dialógica da linguagem ilumina concretamente não apenas o estilo de Evaristo, mas também seu processo de construção poética. Como afirma Bakhtin, o enunciado concreto, neste caso, o poema, realiza-se na materialidade linguística, cujos recursos convergem para o tema de cada poema, como procuramos demonstrar. Complementarmente, o processo de

composição dos poemas e a recorrência de recursos expressivos, como o ritmo e a expressividade da linguagem, compõem uma imagem autoral poética, que pode ser delineada a partir do conjunto dos poemas selecionados para análise

Nos exemplares selecionados, a voz lírica da mulher descendente de uma população subjugada pela escravidão torna-se uma marca de sua identidade. Em sua voz, expressa as vozes silenciadas de uma coletividade que não conseguiu fazer-se ouvir. O sofrimento e a dor silenciada ecoam na voz lírica de Conceição Evaristo. A análise dos poemas permite observar os reflexos desse sofrimento reprimido ao longo do tempo, refratados no ritmo impactante e fragmentado dos versos e das imagens contundentes do sofrimento corporal que sobrevive e ressurge mais forte.

Na perspectiva de Bakhtin, o conceito de arquitetônica é fundamental na concepção do ato autoral e de sua responsabilidade ética como sujeito. Assim, na concepção discursiva de estilo, concebido em sua duplicidade constitutiva, observa-se a relação entre o sujeito lírico e o outro que o constitui, a partir do contexto social em que se encontra. O diálogo que os poemas desta coletânea estabelecem com o mundo exterior é uma resposta de resistência, ao demonstrar a força de sua voz, que apesar de reproduzir a dor e o sofrimento passado revivido, procura extrair desse processo uma transformação regeneradora.

Apesar de cada poema expressar um tema particular, há certa recorrência no tom da autora, como poeta que expressa um posicionamento valorativo diante do contexto social em que se encontra. A linguagem poética reflete a dor antiga transformada e refratada nos poemas em imagens consistentes, que sugerem a energia vital que se modifica ao longo do tempo, num processo de constante renovação. A autora responde ao contexto social imediato, o expõe em imagens o passado, mas reage a ele de modo contundente, afirmando-se positivamente como uma resposta ao contexto atual ainda ameaçador.

De acordo com a perspectiva dialógica, o estilo do autor, como um sujeito comprometido com o contexto social, expressa seu posicionamento valorativo em relação ao mundo representado em sua produção estética. O sujeito criador não é um ser indiferente ao mundo, ele se manifesta com seus valores, seu modo de pensar e de sentir em relação ao outro. Portanto, o autor criador, no processo de composição poética, distancia-se de sua realidade

concreta para recompor seu objeto estético e, nesse movimento, expressa seu posicionamento axiológico em relação ao objeto reproduzido.

244

●●●●●●●●●●
Puzzo

Ao retomar o conceito de arquitetônica na perspectiva de Bakhtin, observa-se na composição dos poemas de Evaristo sua responsabilidade ética e estética, como sujeito compromissado com o outro, seu semelhante. Em sua proposta, resgata a memória de um passado que se presentifica no contexto social em ações que demonstram, ainda, a permanência de concepções discriminatórias em relação aos afrodescendentes. Dessa forma, a autora responde ao contexto social do passado no momento presente, aguardando respostas futuras de seus leitores.

Portanto, concebe o estilo como resultado da relação do sujeito com o outro. Os poemas representam uma resposta a esse contexto, demonstrando o papel ético e estético do sujeito artístico cuja recordação expõe o desejo de evidenciar um passado conhecido pelo sofrimento e pela dor, cujas consequências ainda persistem em atos de violência na sociedade atual.

Referências

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [1975] 2003a, p. 5-20.

BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [1975] 2003b, p. 348.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, [1952-1953] 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, [1920] 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2007.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução Gabriel Valadão Silva, São Paulo: L&PM, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

MEDVIÉDEV, Pavel. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução Ekaterina V. Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Editora Contexto, [1928] 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização, tradução, introdução e notas Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Ed. 34, [1926] 2019a p. 109-146.

VOLÓCHINOV, Valentin. O que é a linguagem/língua? In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização, tradução, introdução e notas Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Ed. 34, [1930] 2019b, p. 234-265.

245



Puzzo

Poesia feminina negra: *Do velho ao jovem*, de Conceição Evaristo e *Quem sou eu*, de Cristiane Sobral, em uma perspectiva dialógica

Black female poetry: Do velho ao jovem, by Conceição Evaristo and Quem sou eu, by Cristiane Sobral, in a dialogic perspective

Luciana Taraborelli
Universidade de São Paulo, Brasil

1 Introdução

Tendo em vista o avanço de pesquisas que abordam temas como relações étnico-raciais, literatura afro-brasileira, questões ligadas ao gênero nas mais diversas áreas do conhecimento e políticas públicas que trazem à pauta a participação dos negros e das minorias na vida cultural brasileira, somando-se aos avanços nas leis – como a promulgação da lei 11.645/2008, que alterou a lei 10645/2003 e estabeleceu o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas –, faz-se necessário voltarmos nosso olhar para o lugar que ocupa a escrita feminina negra na literatura brasileira contemporânea e para o que a voz dessas mulheres que viveram e ainda vivem a discriminação tem a nos dizer.

Essa mudança de paradigma, uma vez que se trata de uma escrita não hegemônica, é muito significativa para repensarmos a forma como as mulheres negras sempre foram representadas em nossa literatura. Escritoras negras foram ignoradas como uma forma de silenciamento de suas vozes e,

ainda hoje, não encontram ou encontram pouco espaço no circuito editorial hegemônico, conseqüentemente, têm pouco espaço na esfera educacional. Portanto, voltar o olhar para a poesia de autoria negra feminina é dar voz às vozes caladas ao longo da tradição historiográfica da literatura brasileira por um cânone hegemônico.

Como vozes negras, representativas da literatura brasileira contemporânea, elegemos duas grandes escritoras brasileiras vivas, Conceição Evaristo (1946) e Cristiane Sobral (1976), para estudarmos seus poemas e compreendermos de que forma elas apresentam, na materialidade linguístico-discursiva, a valorização de homens e mulheres negros. Desse modo, este artigo tem por objetivo analisar as relações de alteridade manifestadas no poema *Do velho ao jovem*, de Conceição Evaristo ([2017] 2021), retirado da obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, e no poema *Quem sou eu*, de Cristiane Sobral (2017), retirado da obra *Terra Negra*. Memória e a ancestralidade são as categorias que direcionam nossa análise.

A escolha das escritoras justifica-se, pois elas refletem em seus escritos a resistência a uma sociedade hierárquica e desigual, a insubmissão e a luta de tantas outras vozes de mulheres negras contra a injustiça social, contra o preconceito e o racismo há muito tempo estruturado na sociedade brasileira e, ainda, por buscarem nas raízes africanas a força para reafirmar o lugar do sujeito por meio de uma voz de resistência.

A escrita de Evaristo e de Sobral colabora para desconstruir estereótipos naturalizados na sociedade brasileira, que costuma atribuir à mulher negra competências em outras áreas que não a da produção intelectual. É comum atribuir a elas competências no âmbito da culinária, da música, da dança ou subjugá-las a atividades subalternas, geralmente, serviços braçais, ou à exploração dos corpos, herança infeliz da escravização do povo negro no Brasil. É preciso – e urgente – afirmar a competência escritora da mulher negra e dar voz às vozes marginalizadas, que sempre tiveram o acesso ao mundo das letras negado. Soma-se a isso a necessidade de promover a reflexão sobre os conteúdos e os usos sociais dos textos poéticos, uma vez que, por meio da literatura, os sujeitos antes silenciados têm espaço para despertar uma consciência crítica em relação à superação das desigualdades, considerando dois eixos norteadores da teoria de Bakhtin e o Círculo: as relações dialógicas e a alteridade.

Duas são as perguntas que nos direcionam: Como ocorre a construção do sujeito negro no texto poético de Evaristo e Sobral, considerando a relação *eu-outro*? Como o *outro*, que participa do processo de construção dessa identidade, é representado na materialidade linguístico-discursiva do texto?

Partimos de uma pesquisa bibliográfico-documental, cuja orientação teórico-metodológica concerne à Análise Dialógica do Discurso, na perspectiva de Bakhtin e do Círculo. A análise foi embasada por dois eixos norteadores da teoria bakhtiniana: relações dialógicas e alteridade, postulados por Bakhtin (2016, 2017, 2018, 2020) e Volóchinov (2017).

Este artigo está organizado em três seções que se complementam: na primeira seção, situamos a literatura de Evaristo e de Sobral no âmbito da literatura afro-brasileira como um espaço de fala; na segunda seção, apresentamos os eixos norteadores da teoria bakhtiniana: relações dialógicas e alteridade; e, na terceira seção, apresentamos um exercício de análise do poema *Do velho ao jovem*, de Conceição Evaristo e do poema *Quem sou eu*, de Cristiane Sobral. Finalizamos com as considerações finais.

2 Literatura negra feminina: espaço de fala para vozes historicamente silenciadas

Conceição Evaristo e Cristiane Sobral são escritoras brasileiras vivas e atuantes na literatura afro-brasileira, comprometidas com o *ser mulher negra* e com suas vivências na sociedade. Suas escritas reconstroem o lugar da mulher negra, devolvendo seu lugar de sujeito e superando os estigmas negativos que historicamente lhe foram atribuídos. Por isso, situaremos, de forma breve, o lugar que ocupa essa escrita na esfera literária.

O uso do termo “afro-brasileira” para designar a produção das autoras mostra que essa literatura difere da literatura canônica, uma vez que está voltada para a produção de autores negros e para a condição do negro na sociedade brasileira.

Os conceitos de literatura negra e de literatura afro-brasileira ainda geram polêmica entre os críticos literários e, embora não sejam o foco deste trabalho, é necessário compreendê-los para situar os poemas selecionados. Segundo Lobo, em *Crítica sem juízo*:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal,

utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ele se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (Lobo, 2007, p. 315).

Duarte (2011) defende uma literatura afro-brasileira mais flexível, na qual mais importante que a cor da pele do autor é o lugar do qual ele fala e expõe sua visão de mundo, pois não basta somente olhar para cor da pele e para o lugar de fala do sujeito, há de se considerar vários fatores que constituem o que podemos chamar de literatura afro-brasileira, como: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

A temática, na concepção do autor, engloba todo um universo afrodescendente, a saber, a problemática da escravização dos povos africanos, questões sociais vividas na contemporaneidade relacionadas à exclusão, ao racismo, à miséria, mas também à cultura (danças, lendas, mitos e toda tradição oral), à religião e ao reconhecimento de heróis, como Zumbi dos Palmares e Dandara.

A questão da autoria, embora complexa, uma vez que a temática afro-brasileira pode ser adotada por autores não negros, da mesma forma que autores negros não necessariamente precisam se enquadrar como escritores de uma literatura afro-brasileira, procura considerar a interação entre escrita e experiência. Escrita que representa uma coletividade e que se inscreve como voz que representa o povo negro, suas tradições e resgata a ancestralidade africana, dando-lhe continuidade. Soma-se a isso a experiência vivida do próprio escritor que alia experiências autobiográficas à ficção. Segundo Duarte (2011), essa experiência que compõe o fator autoria tem em Conceição Evaristo sua melhor representação, uma vez que a autora cunhou o termo “escrivência” em 1994, em sua dissertação de mestrado.

O autor defende, ainda, que a autoria está inteiramente interligada à questão do ponto de vista, ou seja, do posicionamento axiológico do escritor e dos valores que sua obra propaga em relação às questões afrodescendentes. Evaristo (2009) compartilha da importância do ponto de vista como um dos elementos que constituem a literatura afro-brasileira, mas acrescenta um elemento a mais: a condição da subjetividade própria do “corpo-mulher-negra em vivência”:

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita

afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjatividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (Evaristo, 2009, p. 18).

Assim como Evaristo, que traz sua subjatividade de mulher negra em uma sociedade racista para sua obra, Sobral reforça essa subjatividade em seus poemas, marcando o lugar de sua escrita na literatura. No poema “Poesia preta feminina”, por exemplo, a autora afirma que o texto representa a diversidade e pretende escrever uma história que não aquela representada historicamente, como a que subjuga o povo negro. Em seus versos, lemos: “Representa nossa subjatividade/tem a atitude da nossa gente/ A rezar nos passos da diáspora/ Reinventando o compasso da história” (Sobral, 2017, p. 92).

Em relação ao fator linguagem, Duarte (2011) destaca uma discursividade baseada no ritmo, entonação, escolhas lexicais e uma semântica que são marcadas pelas origens e heranças africanas. O último fator levantado pelo autor refere-se ao público que é formado por negros e afrodescendentes que anseiam por uma representação e afirmação identitária. Para Duarte (2014, p. 399): “[...] da interação dinâmica desses cinco grandes fatores - temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público-, pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude”.

Para Zilá Bernd (1988), ao pensar em uma literatura escrita por negros, importa mais que a cor da pele, o sujeito assumir-se como pessoa negra: “Assumir a condição negra e enunciar um discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um dos seus marcadores estilísticos mais expressivos” (Bernd, 1988, p. 22).

Destacamos que há, na literatura afro-brasileira, uma mudança de paradigma em relação a como o negro sempre foi representado nos cânones. A consciência e o reconhecer-se negro muda o foco do negro que sempre foi tema e objeto, ou seja, personagem das narrativas, para uma escrita a partir dele, para a literatura do negro. Segundo Bernd:

Esse *eu* lírico em busca de uma identidade negra instaura um novo *discurso* – uma semântica do *protesto* – ao inverter um esquema onde ele era o Outro: aquele de quem se condoíam ou a quem criticavam.

Passando do *outro* a *eu*, o negro assume na poesia sua própria fala e conta a história do seu ponto de vista. Em outras palavras: esse *eu* representa a tentativa de dar voz ao marginal, de contrapor-se aos estereótipos (negativos e positivos) de uma literatura brasileira legitimada pelas instâncias de consagração (Bernd, 1988, p. 50).

Cuti¹, em seu livro *Literatura negro-brasileira* (2010), defende o uso do termo “literatura negro brasileira”, por considerar que o termo “afro-brasileira” é muito abrangente, pois engloba indivíduos que, devido à cor da pele, não sofrem preconceito. Segundo o autor: “Afro-brasileiro, expressão cunhada para a reflexão dos estudos relativos aos traços culturais de origem africana, independeria da presença do indivíduo de pele escura, e, portanto, daquele que sofre diretamente as consequências da discriminação” (Cuti, 2010, p. 39). O autor defende que usar a nomenclatura “literatura negra” fortalece a simbologia de luta e de combate que o termo “negro” representa:

[...] A palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão “afro-brasileiro” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira. Remete-nos, porém ao continente pela via das manifestações culturais. Como literatura é cultura, então a palavra estaria mais apropriada a servir como selo” (Cuti, 2010, p. 40).

Como pudemos ver brevemente, não há um consenso sobre a nomenclatura que se deve atribuir à literatura produzida por autores negros. O importante é compreender o potencial que ela carrega para mudar um padrão já estabelecido na literatura canônica e reescrevermos a história, portanto, corroborarmos o ponto de vista de Cerqueira:

Mais importante que a denominação mais adequada para a literatura produzida por negros, negras e afrodescendentes é mostrar que essa literatura caminha na contramão do padrão ainda vigente no circuito literário que trata o negro apenas como tema da literatura. Tendo como intuito, então, conceber a prática da escrita literária como um espaço propício à enunciação das vivências, dos valores e das lutas dos homens e mulheres negros e afrodescendentes (Cerqueira, 2022, p. 26).

Não se trata de atribuir um adjetivo à escrita de Conceição Evaristo e de Cristiane Sobral para isolá-las em um nicho literário, uma vez que sua produção está inserida na especificidade da literatura afro-brasileira. Situar a escrita das autoras como pertencente à literatura afro-brasileira é reconhecer o fato de que recuperam a ancestralidade, pela descendência de povos

¹ Cuti: pseudônimo do escritor Luiz Silva.

africanos e pela condição diaspórica desses povos que trouxeram consigo as tradições africanas, resgatam a cultura negra, a forte influência da tradição oral e uma sabedoria que não é a da cultura do texto escrito e direcionam seus textos para um novo olhar que não o do cânone estabelecido, valorizando as lutas e as vivências de homens e de mulheres afrodescendentes.

O termo *literatura afro-brasileira* marca, portanto, um posicionamento ideológico-axiológico de resistência e de afirmação, que não se pode deixar de considerar. Ainda hoje, embora tenha havido muitos avanços, a mulher negra precisa reivindicar seu lugar e sua representação humana, uma vez que, desde o processo de escravização, foi vista apenas como um corpo-objeto, e a literatura configura-se como um dos espaços por meio do qual essa reivindicação é feita.

Diante da constatação de a literatura ser um espaço de fala para vozes historicamente excluídas, há de se perguntar: onde estão as escritoras femininas negras nessa história? Ao visitarmos a *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi (1996), que faz um recorte temporal desde o período do Brasil colonial até o que o autor chamou de Tendências contemporâneas, que compreendem a prosa ficcional entre os anos 70 e 90 e a poesia até os anos de 1970, notamos a predominância de autores masculinos brancos. São citadas escritoras femininas, mas nem todas mereceram o mesmo espaço. Enquanto umas receberam espaço com análises, outras são apenas citadas como pertencente a uma determinada escola literária, caso de Auta de Sousa, no século XIX. Outras sequer são mencionadas, como Maria Firmina do Reis, autora do romance *Úrsula*, de 1839, considerada a primeira romancista e mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil. Evaristo e Sobral também não estão incluídas no levantamento de Bosi (1996).

A partir da década de 1980, a literatura escrita por mulheres negras ganha mais espaço na produção literária, pois escritores afrodescendentes lutam para adquirirem visibilidade, espaço e reconhecimento da produção literária. Na trajetória de escritores ligados à etnicidade afro-brasileira, a organização Quilombhoje² tem importante papel, pois reúne o trabalho de poetisas e de prosadores negros e incentiva estudos e pesquisas na área da

² O Quilombhoje Literatura foi fundado em 1980, por escritores negros, com o objetivo de discutir e incentivar a experiência afro-brasileira na literatura e é o responsável pela organização dos *Cadernos Negros*. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje>. Acesso em 09 jul. 2023.

literatura e cultura negra. Além disso, a série *Cadernos Negros*³ configura, desde 1978, um espaço para a literatura afro-brasileira e para a divulgação do trabalho de muitos escritores negros. A série é de grande importância, pois, por meio da literatura, procura desconstruir estereótipos estabelecidos em relação aos negros. Evaristo publica pela primeira vez no *Cadernos Negros* número 13 em 1990 e Cristiane Sobral, no *Cadernos Negros* número 23, no ano 2000.

3 O poema à luz das relações dialógicas e da alteridade

O texto poético, inserido em um contexto de produção no qual se busca a afirmação da escrita de autoria feminina negra, configura-se como enunciado concreto, único, irrepetível e atravessado pelo mundo da cultura, com o qual mantém relações dialógicas.

Para Bakhtin, a linguagem é essencialmente dialógica, ela está nos eventos da vida vivida, portanto, não é abstrata. É atividade humana e, como atividade, enuncia uma posição semântico-axiológica que se concretiza em atos singulares, em atos únicos, que não significam atos isolados. Sendo assim, os poemas como atividade humana única e singular marcam a posição do falante em relação ao outro. Nas relações dialógicas, dá-se o encontro das posições axiológicas, a contraposição de centos de valores.

Em *Para uma filosofia do ato responsável* ([1920-1924] 2020), Bakhtin ([1920-1924] 2020, p. 143) afirma sua posição pautada no singular, no evento único, no irrepetível: “o dever concreto é um dever arquitetônico: o dever de realizar o próprio lugar único no evento único do existir; e ele é determinado antes de tudo como oposição valorativa entre o eu e o outro”.

Dessa forma, segundo o filósofo russo, todo ato é responsável, e o enunciado como ato responsável não pode ser neutro, não pode deixar de enunciar posições valorativas: “[...] a vida conhece dois centros da valores, diferentes por princípios, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno

³ A série *Cadernos Negros* foi criada em 1978 por oito participantes: seis homens e duas mulheres, a saber, Cuti, Oswaldo de Camargo, Henrique Cunha Jr., Eduardo de Oliveira, Angela Galvão, Jamu Minka, Hugo Ferreira e Célia Pereira, com intuito de publicar a produção literária afro-brasileira. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literaafro/resenhas/poesia/1038-cadernos-negros-40>. Acesso em 15 dez. 2022.

destes centros se distribuem e se dispõem os momentos concretos do existir” (Bakhtin, [1920-1924] 2020, p. 142).

É na relação entre o eu e ou outro que se constroem as relações dialógicas. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin ([1963] 2018, p. 209) postula que “[...] toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo, de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.) está impregnada de relações dialógicas”. No rascunho *Reformulação do livro sobre Dostoiévski*, Bakhtin afirma que a palavra é dialógica, uma vez que faz parte da vida e essa é dialógica por natureza. Dessa forma, não podemos analisar a palavra como signo isolado nem dissociá-la da vida:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin, 2011, p. 348).

E aqui cabe ratificar que as relações dialógicas que pretendemos considerar para o estudo do poema não estão no âmbito do sistema abstrato da língua, que exclui as situações de produção, ficando apenas na imanência da língua, no âmbito do verbal. A respeito das relações dialógicas no que concerne aos elementos do sistema da língua, Bakhtin nos adverte:

Na linguagem, como objeto da linguística, não há nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua (por exemplo, entre as palavras no dicionário, entre os morfemas, etc.) ou entre os elementos do “texto” num enfoque rigorosamente linguístico deste. Elas tampouco podem existir entre as unidades de um nível nem entre as unidades de diversos níveis. Não podem existir, evidentemente, entre as unidades sintáticas, por exemplo, entre as orações vistas de uma perspectiva rigorosamente linguística (Bakhtin, [1963] 2018, p. 208-209).

As relações dialógicas postas por Bakhtin são relações de sentido entre os mais diversos enunciados que ocorrem na comunicação discursiva. Portanto, considerando o gênero em estudo, não pretendemos buscar significações e construções de sentido que funcionem apenas no âmbito linguístico de cada verso, mas que se constituam como relações dialógicas considerando o social e o extralinguístico, no sentido exposto por Bakhtin:

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa

comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem (Bakhtin, [1963] 2018, p. 209).

255

●●●●●●●●●●
Taraborelli

Essa relação eu-outro, posta nas relações dialógicas, é retomada por Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2017) no aspecto de que a palavra é orientada pelo outro. Sem o outro, não há sentido para a minha palavra (para o eu no mundo), para o autor: “Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é a ponte que liga o eu ao outro” (Volóchinov, [1929] 2017, p. 205).

Nosso olhar sobre o texto poético se manterá atento ao que se constrói nas relações dialógicas, porque é na relação com a palavra do outro que significamos os nossos enunciados, não partimos do zero, estamos sempre respondendo a outros enunciados.

Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. [...] Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva (Bakhtin, [1979] 2016, p. 62).

E, ao responder, nos posicionamos. Bakhtin deixa clara essa ligação entre os enunciados: “[...] o enunciado é um elo na cadeia discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (Bakhtin, [1979] 2016, p. 62). Ele nos chama a atenção para o fato de que o elo não se constitui somente com enunciados anteriores ao nosso, mas também com os subsequentes.

Também Volóchinov ([1929] 2017) trata das atitudes responsivas presentes nos enunciados, que surgem na relação entre dois interlocutores. A palavra é sempre direcionada a alguém, portanto, há de se considerar o outro naquilo que vamos dizer, mesmo que ele não esteja fisicamente presente como num diálogo face a face. Na ausência do interlocutor real, Volóchinov considera que o enunciado seja dirigido e responda ao interlocutor médio de determinado grupo social com o qual dialogamos.

A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois sem

ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco figurado (Volóchinov, [1929] 2017, p. 204-205, grifos do autor).

256

●●●●●●●●●●
Taraborelli

Portanto, não seria diferente com o texto poético. Como enunciado na cadeia de enunciados, o poema também considera seu interlocutor, próximo ou historicamente distante, responde, reflete e refrata uma posição axiológica. Muitas vezes, essa posição axiológica em resposta assumida pelo sujeito, dada a especificidade do gênero, pode se manifestar na articulação entre conteúdo, material e forma, por exemplo, na articulação de sons, forma gráfica distribuída na folha em branco, no enunciado verbo-visual, levando em consideração enunciados extraverbais, conforme ocorre no trecho a seguir, extraído do poema *Do velho ao Jovem*, de Conceição Evaristo (2021, p. 88):

Infinitas são as personagens:
Vovó Kalinda, Tia Mambene,
Primo Sendó, Ya Tapuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,
E também de Santana e de Belô
e mais e mais, outras e outros...

Isso também ocorre no trecho do poema *Quem sou eu*, de Cristiane Sobral (2017, p. 62):

Sou negra
Sou mulher
Aqulture, Nzinga, Dandara
Empoderada ainda por muitas outras
Com orgulho!

Assim como as relações dialógicas, a problemática da alteridade é fundamental no pensamento bakhtiniano. Bakhtin a retoma, anos antes de sua morte, nos escritos denominados *Fragmentos dos anos 1970-1971*. Para ele, a relação de alteridade é tão forte que já está posta desde o nosso nascimento, desde o momento em que recebemos uma das nossas marcas de singularidade, nosso nome:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha, mãe, etc.) com sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonicidade para a formação da noção de mim mesmo (Bakhtin, [1979] 2017, p. 29-30).

Por meio da alteridade, nos constituímos como sujeitos únicos. Dessa forma, também o outro existe para mim, tal como ele é a partir do lugar que ocupo no mundo, do meu centro de valor.

O simples fato de que eu, a partir de meu lugar único no existir, veja, conheça um outro, pense nele, não o esqueça, o fato de que também para mim ele existe - tudo isso é alguma coisa que somente eu, único, em todo o existir em um dado momento, posso fazer por ele: um ato do vivido real em mim que completa a sua existência, absolutamente, profícuo e novo, e que encontra em mim somente a sua possibilidade (Bakhtin, [1920-1924] 2020, p. 98).

Lembramos ainda que esse outro, seja real, seja abstrato, é imprescindível para se ter uma estética. A estética tem sempre uma relação de alteridade, pois o eu consigo mesmo não produz uma estética. Segundo Amorim (2004), não há como não considerar a relação de alteridade (eu-outro), uma vez que ela é um traço fundamental da linguagem:

A alteridade sob a forma de diálogo e da citação é, pois, o traço fundamental da linguagem. Não há linguagem sem que haja um outro a quem eu falo e que é ele próprio falante respondente, também não há linguagem sem a possibilidade de falar do que um outro disse (Amorim, 2004, p. 97).

Além de considerarmos as relações dialógicas e a alteridade como eixos norteadores que lançam luzes sobre nossa análise, é importante compreendermos que os poemas se situam no campo da cultura, mais especificamente, da Literatura, o que reforça a articulação vida-arte. Não podemos pensar o texto poético de forma isolada da sua esfera ideológica (a Literatura), da sua temporalidade e da vida que a alimenta, porque “O poeta escolhe as palavras não do dicionário, mas do contexto da vida, onde elas se segmentam e se impregnam de avaliações” (Volóchinov, 2019, p. 131). Portanto, a análise que propomos não toma o texto poético isolado, mas considera-o dentro da cultura de uma época, da época em que autoras negras buscam construir uma outra história: aquela que as representa.

4 Exercício de análise dos poemas⁴ "Do velho ao jovem", de Conceição Evaristo e "Quem sou eu", de Cristiane Sobral

258

●●●●●●●●●●
Taraborelli

O poema *Do velho ao Jovem* (Evaristo, [2017] 2021) é composto por sete estrofes, irregulares em relação ao número de versos, arquitetonicamente organizadas em torno de dois sujeitos: o velho e o jovem. Essa organização, que em princípio, poderia gerar uma tensão entre os sujeitos, uma vez que estão inseridos em uma sociedade capitalista que visa àquilo que o sujeito pode produzir, desprezando aquele cuja força de trabalho não é mais produtiva, está pensada de modo a valorizar a cultura dos povos de matrizes africanas, colocando em evidência a figura do ancestral e a sua história por meio da memória. Desta forma, reverte uma cultura de menosprezo ao velho, colocando-o como peça fundamental na construção da identidade das novas gerações.

O velho é descrito como história viva. A história se personifica na pessoa do velho. É ele mesmo passado e presente, pois carrega a sua história e a do povo negro no seu próprio ser. Não há livros que retratem a sua trajetória e a de tantos outros negros; a história está encarnada, está nas rugas da pele, “Na face do velho/as rugas são letras/ Palavras escritas na carne” (2021, p. 88). Cada ruga, formada com passar do tempo, representa uma vivência pessoal e única, mas também histórica, pois o negro, ainda hoje, no Brasil, sofre a subjugação e as consequências de um passado de escravidão. Não há letras, livros ou história oficial suficientes que possam expressar toda a vivência vincada, como se tatuada na sua própria pele: “O que os livros escondem, as palavras ditas libertam” (2021, p. 88).

O velho é a história que está viva e carrega toda memória de seu povo enquanto vive, mas sua história não morre com ele, pois seu legado é transmitido ao jovem num movimento que nomeia o poema “Do velho ao jovem”. Muito mais que mera transmissão de cultura e ensinamentos, é perceber que esse jovem também se constitui como sujeito a partir do outro – o velho, e de toda a história de seu povo num processo de alteridade.

Na sequência, é apresentado o outro – o jovem. Essa outra face é fresca, ainda não possui o vinco das vivências como no velho; ainda não possui as marcas que ficam na pele e, mais profundamente, na alma.

⁴ Os poemas constam dos anexos.

Enquanto o velho traz consigo as marcas da vivência, o jovem traz os olhos que brilham, vislumbrando todo um devir. Junto com o que há pela frente, há as dúvidas, próprias da juventude, fruto da pouca experiência, daquilo que ainda está fresco, não consolidado, não maturado, não formado, não constituído por completo. O jovem vivencia o processo de constituição da sua identidade, das rugas que também marcarão a sua face, tendo como referente os seus ancestrais.

Velho e jovem são apresentados separadamente, mas na terceira estrofe, há uma fusão representada no verso “O velho tempo se funde-se ao novo” (2021, p. 88), que vai culminar na constituição do jovem e mostrar o quanto ele carrega consigo da herança de uma cultura. Essa fusão é expressa, na materialidade linguística, pelo verso “Nas mãos entrelaçadas” (2021, p. 88). Note-se que o adjetivo empregado não é “juntas” nem “unidas”, mas, sim, “entrelaçadas”, como numa trama que compõe o todo de um tecido a ponto de não podermos separá-las.

Como ocorre em todo enunciado concreto, forma e conteúdo estão organizados não de modo isolado, mas formando um todo valorativo cujo ponto forte está na quinta estrofe, pois contém um número maior de versos e apresenta a convocação dos ancestrais, mostrando, de forma mais detalhada e enfática, como o processo de construção desse sujeito ocorre por meio da alteridade, representada pelos ancestrais. O outro, nesse processo, é representado, na materialidade linguística do texto, pelos nomes dos familiares e de pessoas que povoam a memória do sujeito.

Destaca-se também a importância da família, pois são apresentados os muitos personagens da história que não tem fim. Esses ancestrais são nomeados e estão ordenados de forma hierárquica, em sinal de respeito, começando pelo mais velho até que não seja possível nomeá-los, pois são muitos e deixam sua marca, como no verso: “Nos olhos do jovem/também o brilho de muitas histórias” (2021, p. 89). Essas vozes ancestrais, guardiãs da memória, são importantes para a formação da identidade do jovem e para a perpetuação da cultura africana, constitutiva da sociedade brasileira. Dialogam claramente contra um apagamento social da figura do velho.

Ao fazer referência ao RAP (*Rhythm and poetry*), ritmo que surgiu na Jamaica nos anos 1960 do século XX e chegou aos Estados Unidos na década de 70 pela bagagem de imigrantes jamaicanos, carregando em sua origem uma música de luta e de resistência, o poema dialoga com a cultura negra,

resgata a luta e a história do seu povo por meio da arte (música e poesia). Os ensinamentos do velho estão agora atualizados nas palavras do jovem, na letra do rap. Assim como na segunda estrofe “não há quem ponha ponto final na história”, não há “quem ponha um ponto final no rap” (2021, p. 89).

Por fim, há um alerta: “é preciso eternizar as palavras/da liberdade ainda e agora” (2021, p.89) para que a liberdade do povo negro seja preservada, para que o passado de escravidão e de subjugação não se repita. O uso dos adjuntos adverbiais de tempo “ainda e agora” marca essa necessidade e urgência. “Ainda”, pois o negro ainda sofre as consequências da escravidão, e “agora”, pois não se pode deixar para amanhã, a luta pela liberdade não pode esperar. É com essa memória que o pedido para eternizar as palavras de liberdade dialoga. É também dessa história que se constitui o jovem.

As palavras da liberdade são eternizadas na transmissão do velho ao jovem. O jovem, nesse processo identitário, ressignifica e transmite sua tradição por meio da cultura, da música e da poesia, representadas no poema pelo rap, ao mesmo tempo que valoriza seus ancestrais.

O poema a seguir, *Quem sou eu* (2017), de Cristiane Sobral, é de grande importância para nossos estudos, pois ressignifica a imagem na mulher negra forjada e estereotipada desde a colonização do Brasil. Passemos à sua análise.

Nesse poema, forma e conteúdo estão organizados de modo a nos apresentar dois olhares valorativos que se tensionam: o olhar do eu que já anuncia quem é desde o título e o olhar do outro representado pela sociedade, posto logo de início na primeira estrofe. Ou seja, a primeira estrofe traz o posicionamento valorativo da sociedade, e esse vem em primeiro, mostrando a força histórica de valorização do olhar do branco em detrimento da subjetividade da mulher negra.

A forma como a mulher negra é vista socialmente materializa-se no texto por meio dos adjetivos: exótica, morena e mulata. Entretanto, esses adjetivos, por meio dos quais costumam-se referir às mulheres negras, não correspondem com a visão que o eu poético tem de si, a ponto de ele ignorar esses predicados, sob a forma metafórica da surdez no verso “meu aparelho que nem uso está com defeito”(2017, p. 62). Ao mesmo tempo em que não se reconhece neles, negando-os, reverte a seu favor a invisibilidade do negro presente na sociedade. O eu poético faz questão de desaparecer quando visto

sob as formas exótica, morena e mulata, pois se não se reconhece nelas, assim, conseqüentemente, não existe e prefere não existir sob esse olhar. Não é esse eu que ele assume. Essa postura indica uma assinatura, um posicionamento, que só é possível diante de uma posição em relação ao olhar do outro, em uma relação alteritária.

Na segunda estrofe, o eu poético reafirma que não é morena, negando o atributo dado pelo olhar do outro para, na sequência, apresentar-se como se reconhece: linda, rainha e bela. O sujeito sócio- histórico portador de valores éticos mostra quem é. Agora, seus ouvidos estão abertos, pois os chamados estão em consonância com a visão que o sujeito tem de si. Soma-se aos predicados anteriores o termo "bela", como todas as mulheres que se querem belas, são elas que se reconhecem assim. Ao final da estrofe, reforça-se a subjetividade como assinatura, o seu amor-próprio: "Amo ser quem sou" (2017, p. 62).

Assim, a mulher negra é vista sob dois centros de valores, o historicamente construído (exótica, morena e mulata) e o que se afirma a partir da negação (linda, rainha e bela). A relação de alteridade reforça a afirmação do sujeito (*Quem sou eu*) mostra como o sujeito se reconhece: negra. Na terceira estrofe, o sujeito existe, ao contrário do que ocorre na primeira estrofe, na qual desaparece, mostrando na estrutura composicional do poema os dois pontos valorativos e, além de existir, ele se faz presente com "toda a negritude do meu ser" (2017, p. 62) e se mostra ao outro "desfilando com alegria minha negritude" (2017, p. 62), exibindo com orgulho a cor da sua pele e toda a cultura que ela representa.

A afirmação se intensifica quando, antes da sua condição de mulher, está o seu ser negro. "Sou negra/ sou mulher". A mulher que se afirma ser não é a constituída pelo olhar que subjuga, exclui, maltrata, apaga, ainda muito presente na sociedade contemporânea, é a mulher rainha, poderosa, constituída por ancestrais fortes, como Aqualtune, congolesa escravizada no Brasil e líder quilombola; Nzinga, rainha africana, símbolo de resistência ao colonialismo português; Dandara, guerreira negra, símbolo de resistência contra o regime escravocrata no Brasil e figura fundamental na formação do Quilombo dos Palmares. E não só por elas, pois afirma que é empoderada por muitas outras que lutaram para garantir sua identidade e seu espaço, a fim de exigir uma sociedade mais igualitária. No último verso, o termo "Com orgulho" (2017, p. 63) afasta todo tipo de vergonha que lhe possa ser imposta

devido à sua origem e afirma seu lugar sócio-histórico, seu posicionamento axiológico.

Note-se que a voz do outro, ao chamar o eu poético de morena e mulata, incide sobre ele o olhar da sociedade, e é a partir desse olhar do outro que o sujeito se posiciona, negando e afastando-se de uma construção historicamente perpetuada. Essa relação de alteridade tem papel importante na construção do sujeito. Os centros de valores são diferentes, o que causa uma tensão ao longo do poema, quando o sujeito afirma quem ele é e quais são suas referências ancestrais, negando vozes contrárias a isso. Rainhas e mulheres negras têm sua história resgatada e valorizada quando citadas no poema, e ao mesmo tempo, são outros que constituem o sujeito, pois reforçam o poder, a força e a beleza da mulher negra.

Considerações finais

A constituição do sujeito, nos dois poemas, é perpassada fortemente pela alteridade, que se manifesta por meio da memória e da ancestralidade. Da memória, porque historicamente, a figura do negro foi subjugada pelo homem branco, e portanto, se faz necessário lembrar o passado para reescrevê-lo. Da ancestralidade, pelo fato de a figura do antecessor contribuir com a quebra do paradigma imposto, no qual brancos são superiores aos negros, ao afirmar a valorização dos povos de matrizes africanas que contribuíram com sua cultura na constituição do povo brasileiro. Portanto, ambos os poemas enaltecem a cultura e a memória ancestral.

Enquanto no poema de Evaristo (2021) a ancestralidade está presente desde o título, na figura do velho, e, depois, nas pessoas da família ou que estabelecem com o sujeito uma relação de afetividade – e que, ao serem nomeadas e identificadas, representam a história viva e reforçam positivamente o valor do povo negro, fato que contribui diretamente na constituição do sujeito –, no poema de Sobral (2017), a ancestralidade está marcada por um passado histórico. Quando o eu poético, ao afirmar seu lugar social, se mostra empoderado pelas ancestrais Aqualtune, Nzinga e Dandara, personalidades importantes para história do povo negro escravizado, a trajetória dos “eus” vai sendo escrita, seja pela voz do jovem, seja pela voz da mulher que nega a imagem que fazem dela.

Pela voz do jovem, na qual “palavras silenciadas explodem” (2021, p. 88), uma nova história se escreve, tanto uma história pessoal e única, quanto a história do povo negro que não quer ver o passado repetido. “Não há como pôr um final na história” (2021, p. 88-89), pois o jovem vai, como numa cadeia de histórias, acrescentar a sua, e os seus sucessores, as deles, sempre a partir dos muitos outros que os antecederam, como elo numa cadeia discursiva interminável. A história não termina quando o sujeito morre

Podemos afirmar, guardadas as particularidades da escrita de cada escritora, que, juntas, Evaristo e Sobral representam um centro de valor que postula a valorização do lugar do sujeito negro em relação ao outro, a saber: o branco e sua cultura, principalmente, quando representada pela grande tradição literária, na qual o espaço do negro sempre foi o de objeto. Portanto, é pela voz negra, a partir da relação de alteridade, que o sujeito se constrói e afirma seu valor, negando, corajosamente, a história que lhe foi imposta e dizendo “com orgulho” (2017, p.63) quem ele é, pela sua história, pela história de suas ancestrais e pela riqueza da cultura do povo negro.

Referências

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 21-56.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Botcharov. São Paulo: Editora 34, [1979] 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João editores, [1920-1924] 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1963] 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. 337-357.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CERQUEIRA, Janice Souza. *Da literatura afro-brasileira à poesia afro-feminina de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.
- CADERNOS NEGROS 13. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1990.

CADERNOS NEGROS 23. Organização de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2000.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. Coleção Consciência em debate. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil*. Antologia crítica, v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 375-400.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta., v. 13, n. 25, p. 17-31. Belo Horizonte 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da Recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, [2017] 2021.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SOBRAL, Cristiane. *Terra Negra*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad., notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

Anexos

Do Velho ao Jovem

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.

Na face do jovem
o frescor da pele,
e o brilho dos olhos
são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas
de ambos,o velho tempo
funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.

O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história

Infinitas são as personagens:
Vovó Kalinda, Tia Mambene,
Primo Sendó, Ya Tapuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,
E também de Santana e de Belô
e mais e mais, outras e outros...

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
E não há quem ponha
um ponto final no rap

é preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora.

(EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro. Malê, 2021, p. 88)

Quem sou eu

Se me chamam exótica
não respondo
aos apelos de: Hei mulata!
Meu aparelho de surdez
que eu nem uso
está com defeito
Se me chamam morena
uso a meu favor a invisibilidade do sistema
e desapareço

Morena? Sei que não sou
Ouvi linda? Rainha?
Sim
Essa sou eu
Bela como todas as mulheres
que se querem belas
Amo ser quem sou

Se me chamam negra
estou aqui!
Com toda a negritude do meu ser
desfilo com alegria o meu pretume
exibindo pra quem quiser ver
na delícia de ser o que sou

Sou negra
Sou mulher
Aqultural, Nzinga, Dandara
Empoderada ainda por muitas outras
Com orgulho!

(SOBRAL, Cristiane. *Terra Negra*. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 62-63).

Cronotopo dialógico: as memórias das mulheres "simininas"

Dialogical chronotope: the memories of "simininas" women

Laiza Luz Martins Sant'Ana
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Simone de Jesus Padilha
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

1 Introdução

Este artigo constitui parte do conjunto de dados gerados e analisados em pesquisa de mestrado, defendida em agosto de 2022 no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - PPGEL/UFMT. O projeto objetivava compreender como as ações voltadas à leitura como prática cultural oportunizada às crianças e aos adolescentes assistidos por um programa social denominado Programa Siminina, realizado na cidade de Cuiabá-MT, no período de 2005 a 2011, impactaram na sua formação cultural e como ressignificaram a vida dos participantes.

Buscando desvelar as relações permeadas pelo tempo e espaço que compreendem desde a infância até a vida adulta de seis jovens cuiabanas de comunidades carentes da cidade de Cuiabá – MT, o recorte aqui apresentado corresponde à parte do estudo que teve como objetivo responder à seguinte pergunta de pesquisa: em que medida as ações desenvolvidas pelo Siminina

contribuíram para que as mulheres que participaram do programa quando crianças/adolescentes pudessem ressignificar a sua própria história?

Para tanto, analisaremos as memórias biográficas de suas infâncias e adolescências e sua relação com as leituras culturais às quais tiveram acesso. De acordo com Sant’Ana (2021, p. 128):

O Programa Siminina teve início em 1997 por uma iniciativa da Prefeitura de Cuiabá com empresas privadas, sendo administrado pela então Secretaria Municipal de Assistência Social e Desenvolvimento Humano de Cuiabá –SMASDH. Suas atividades eram desenvolvidas em centros comunitários de 16 bairros periféricos da cidade, no contraturno escolar, atendendo as meninas entre 07 e 14 anos. Com a capacidade para 1500 vagas, eram oferecidas atividades como reforço escolar, aulas de dança, teatro, coral e artesanato para as crianças e adolescentes, visando o combate a violações dos direitos da criança e do adolescente: abuso e exploração sexual infantil, o trabalho infantil e a evasão escolar e a gravidez na adolescência [...] o Programa Siminina ressignificou a vida de muitas mulheres cuiabanas, de modo a contribuir com a valorização da autoestima, com o desenvolvimento de potenciais artísticos, culturais e com a formação leitora dessas mulheres. Atualmente, o referido Programa se encontra em pleno funcionamento atendendo a meninas de 06 a 15 anos (Sant’Ana, 2021, p. 128).

O *corpus* de análise considerado neste artigo é composto por dados advindos de um questionário contendo perguntas objetivas e subjetivas a respeito das vivências das mulheres pesquisadas sobre o período em que participaram do programa. Sob essa vertente, a ênfase aqui destacada consiste nos discursos proferidos pelas mulheres pesquisadas, de modo a valorar o seu protagonismo feminino, suas memórias em um determinado tempo e espaço que foi importante para o desenvolvimento cultural de cada uma. Desse modo, o diálogo delas não acaba, ele segue, continua vivo e tenso, por isso, suas vozes merecem ser ouvidas, e suas memórias, conhecidas.

Os caminhos engendrados por esta pesquisa iniciaram porque havia a vontade de lançar luz sobre duas temáticas pouco difundidas, ao menos, conjuntamente na esfera científica: a de programas sociais que trabalham com leitura literária e a das memórias das mulheres que participaram quando crianças do Programa Siminina.

A partir dos estudos feitos em teoria da linguagem a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin e do Círculo, percebemos que, mesmo na condição de ex-funcionária do programa em questão, seria possível, a partir do princípio da alteridade, realizar uma pesquisa baseada nas relações de interação a

serem estabelecidas com as mulheres a respeito da sua participação no Programa Siminina.

Para Bakhtin (2017, p. 395), “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. Assim, 10 anos depois, pesquisar o discurso das mulheres que participaram do Programa Siminina configurava-se em uma fonte inesgotável de conhecimento e de relevância.

Conforme Amorim (2004, p. 26), “para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzí-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente”. Desse modo, a percepção voltada à estranheza diz respeito à relação estabelecida entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa, com o foco voltado ao objeto de análise, que, nesse caso, seriam as memórias biográficas das mulheres entrevistadas em relação às ações oportunizadas a elas pelo Siminina.

Para isso, coube à pesquisadora, no ato do reencontro, manter um efetivo olhar exotópico, visto que, apesar do tempo trabalhado e de todo o contato tido entre pesquisadora e pesquisadas durante a infância de cada uma, nesse tempo e espaço, o que se constituía era uma relação de alteridade, pois, ainda em Amorim (2016), entendemos que é no tempo que percebemos o campo de sentido em que ocorrem todas as transformações e acontecimentos. Por isso, é importante observarmos na pesquisa que, ao mesmo tempo que as memórias eram comungadas, existia também um distanciamento relevante, e o mais importante, o reconhecimento do olhar das entrevistadas, das vozes sociais que elas representam e de todas as possibilidades obtidas devido aos encontros dialógicos e seu devido excedente de visão.

Em cada encontro, uma memória biográfica era apresentada, e assim, uma nova informação era acrescentada à pesquisa, tanto pelas contribuições das mulheres pesquisadas, quanto pelas observações estabelecidas pela pesquisadora, propriamente pelo excedente de visão. Desse modo, fazia-se imperativo observar o preconizado por Amorim (2016, p. 100), para quem “o fundamental é que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o caráter de diálogo, revelando sempre as diferenças e a tensão entre elas”.

Neste sentido, partimos da premissa de que se fazia necessário dar visibilidade às memórias biográficas dialógicas das mulheres que

participaram do Siminina, de modo que pudéssemos: a) realizar uma busca ativa das mulheres que participaram do programa e que ainda viviam nos bairros onde atualmente existem as unidades do programa; b) propor um encontro dialógico onde fosse possível relembrar memórias a respeito do programa; c) analisar os dados sobre as percepções das mulheres pesquisadas, que participaram do Siminina, em relação às vivências que foram oportunizadas a elas, por meio da participação nas atividades do programa.

Durante todos os encontros dialógicos oportunizados para a realização da pesquisa, optamos por coletar informações e relatos de cada mulher pesquisada por meio de um questionário.

O aporte teórico em que ancoramos nossos estudos abrange as contribuições de Bakhtin (2011, 2014, 2017, 2018), de Volóchinov (2017), de Bemong & Borghart (2015), de Amorim (2016, 2020) e de Fiorin (2017), dentre outros autores relacionados aos estudos de Bakhtin e do Círculo que dialogam com os conceitos de dialogismo, memória, valor biográfico, interação e cronotopo.

Na primeira parte do artigo, abordamos alguns dos conceitos bakhtinianos que elencamos como basilares para o aporte teórico da pesquisa. Em seguida, buscamos perceber como o conceito de cronotopo dialógico nos auxilia a compreender as memórias das mulheres investigadas. Esperamos que com este estudo possamos compreender mais sobre a relevância das ações do Programa Siminina esboçada pelas memórias de suas ex-participantes e que reflitamos acerca dos traços e das influências do cronotopo dialógico em suas vozes.

2 A construção de sentidos em uma concepção dialógica

Para que possamos adentrar na concepção de dialogismo desenvolvida por Bakhtin e pelo Círculo e refratar as suas discussões por meio dos estudos bakhtinianos que estão postos no contexto brasileiro de pesquisa, elegemos, como ponto de partida, a preocupação de Fiorin (2017, p. 20) com a base da teoria bakhtiniana, que nos apresenta que “há três eixos básicos do pensamento bakhtiniano: unicidade do ser e do evento; relação eu/outro; dimensão axiológica”. Sob esse mote, entendemos que a concepção dialógica

da linguagem perpassa um amplo arcabouço teórico, como nos elucida Fiorin:

271



Sant'Ana
Padilha

O dialogismo se faz presente de três maneiras distintas: (1) como princípio geral do agir e mesmo do ser: só se age/se é em relação de contraste com respeito a outros atos de outros sujeitos/a outros sujeitos. Logo, o vir-a-ser do indivíduo e do sentido está fundado na diferença, no confronto eu-tu; (2) como princípio de produção de enunciados/discursos, que advém de “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos e (3) como forma específica de composição de enunciado/discurso, opondo-se nesse caso à forma de composição monólogo (Fiorin, 2017, p. 67-68).

O dialogismo, nesta pesquisa, constitui um princípio maior, que remete às relações de interação entre a pesquisadora e as mulheres pesquisadas; as mulheres pesquisadas e o Programa Siminina; e, ainda, entre as mulheres pesquisadas e as leituras às quais tiveram acesso, que, agora, nesse tempo e espaço, manifestam-se em suas narrativas biográficas. Nesse sentido e de modo sucinto, trazemos à voga alguns conceitos que abordaremos aqui, com base nas pesquisas de Brait e Nunes (2018), que discorrerem sobre a essência do campo de pesquisa bakhtiniano e os estudiosos que fizeram parte do Círculo:

Os atualmente mais conhecidos são os de Bakhtin, Volochínov e Medviédev, os quais se interligam, dialogam entre si e desenham uma concepção dialógica de linguagem, assim como as possibilidades de seu enfrentamento a partir da busca de um método sociológico/dialógico singular e/ou de uma poética da prosa, construindo conhecimento linguístico, literário, filosófico, sinalizando as fronteiras que permeiam existência e cultura, ideologia do cotidiano e ideologia sistematizada, vivência e ciência, vida e arte, elegendo o diálogo (ideias e pontos de vista entre ao menos duas consciências em tensão) como sustentáculo dessa perspectiva (Brait; Nunes, 2018, p. 146).

Pensar no conceito de dialogismo enquanto concepção da linguagem, como tão bem nos apresenta Brait e Nunes (2018), leva em consideração todo o legado que a obra de Bakhtin e do Círculo nos oferece. As reflexões apresentadas nos levam a perceber, questionar e entender os complexos fenômenos que envolvem a linguagem humana, de modo que, como nos afirma Bakhtin (2011, p. 132): “a réplica do diálogo está vinculada a outras obras – enunciados: com aqueles às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem”. É necessário destacar que, na perspectiva dialógica, o processo de compreensão tem como foco as relações humanas que são oportunizadas e permeadas pela linguagem e que se organizam

discursivamente em enunciados que ocorrem por meio da interação dialógica.

Nesse sentido, os sujeitos envolvidos durante uma interação dialógica possuem centros de valores diferentes, dispostos em um tempo e em um espaço histórico e social que os constituem. Durante a interação, os sujeitos utilizam a linguagem de variadas maneiras para expressar seus posicionamentos axiológicos, bem como sua resposta ao processo interacional.

Assim, a linguagem expressa no processo comunicacional é disposta por meio de enunciados que são organizados conforme os gêneros discursivos pertinentes à interação discursiva. Concordando, ainda, com Fiorin (2017, p. 21), percebemos que “todos os enunciados do processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos”, ou seja, os enunciados se constituem a partir de outros enunciados construídos anteriormente, que suscitam vozes sociais e discursos, revisitados durante o ato de fala conforme as interações são postas.

Dada a necessidade de interação comunicacional entre um locutor e um interlocutor, compreendemos que o movimento se faz constitutivo no evento enunciativo, mesmo que os interlocutores não coabitem um tempo e um espaço específicos. Assim, em um discurso, “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2011, p. 297). Tais ressonâncias e ecos que emergem a partir das vozes sociais expressas no discurso não se prendem ao tempo presente ou ao passado especificamente, podendo ainda se conectarem intensamente com diálogos futuros.

Conforme nos aponta Wertsch (2010, p. 127), “as vozes de múltiplos falantes entram em contato num nível de diálogo coletivo generalizado”. Tal estudo contribui para o entendimento de que “a noção de diálogo coletivo generalizado tem a ver com modos como as enunciações podem refletir a voz de outros, incluindo grupos inteiros, que não estão fisicamente presentes na situação imediata de fala” (Wertsch, 2010, p. 127). Entendemos que, nesse processo, o diálogo se torna profundo, inacabado, constituindo a noção de infinito. Assim, percebemos que o dialogismo e a vida se fundem. Como nos aponta Bakhtin (2014) em uma de suas mais conhecidas abordagens:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem

participa inteiro e com toda a vida: com olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana (Bakhtin, 2014, p. 348).

Ampliando nossa compreensão, remetemos a Volóchinov (2017, p. 196): “o sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quanto contextos de seu uso”. Sobre esse processo real e efetivo de diálogo humano, entendemos que ele somente é possível de forma dialógica, pois para Bakhtin (2011b, p. 327), “a relação com o sentido é sempre dialógica” e se dá quando o sujeito reconhece as vozes sociais presentes no enunciado e atribui um sentido a elas.

Salientamos a importante consideração trazida por Volóchinov a respeito do conceito de diálogo:

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como comunicação direta de em voz alta entre pessoas face a face, mas como comunicação discursiva independente do tipo (Volóchinov, 2017, p. 200).

Esse diálogo só é possível dadas as vozes sociais que ecoam através da obra desses escritores. Essas vozes sociais compõem a consciência de seus leitores, e com isso, novas interações são construídas, como bem nos explica Bakhtin (2014, p. 89): “assim todo diálogo é vivo” e se materializa por meio da palavra, enquanto fenômeno ideológico.

Desse modo, Bakhtin (2018) propõe o conceito de dialogismo, que, para ele, permeia todo o processo de comunicação humana. É no diálogo que se dá o ato da interação humana, e nele, percebemos que toda a interação expressa em um enunciado é pautada por uma profunda construção de saberes, traços culturais e signos ideológicos. Tudo isso vem arraigado de posicionamentos ideológicos, que contribuem para que o sujeito atribua sentidos e respostas ao processo de comunicação.

Desse modo, torna-se basilar para a fundamentação dos estudos em relação ao enunciado o entendimento de que o “direcionamento, o endereçamento do enunciado, é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não se pode haver enunciado” (Bakhtin, 2011b, p. 305). Tal entendimento é um importante aspecto que remonta à ideia de que todo enunciado carece de um destinatário. É justamente essa premissa que o torna dialógico e faz com que

sua materialidade seja real, pois não há como se conceber um enunciado sem um interlocutor.

Para Bakhtin, quando o sujeito escolhe qualquer espécie de recurso linguístico que integra o enunciado, já atua sob direta influência do destinatário, pois o interlocutor, mesmo que inconscientemente, organiza seu enunciado e seleciona um gênero discursivo que melhor o auxiliará no processo de comunicação e na produção de seu enunciado. Ainda a respeito dessa questão, Fiorin (2017) argumenta que:

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo [...] a adesão a ele, a aceitação ao seu conteúdo faz-se no ponto de tensão dessa voz com as outras vozes sociais (Fiorin, 2017, p. 28).

Com tal afirmação, Fiorin orienta para um importante aspecto das relações dialógicas, pois elas se fazem presentes em todos os processos de entendimento, nos quais se torna necessário unir as vozes existentes, seus ecos, ruminantes e efeitos de sentido ao projeto enunciativo elaborado pelo sujeito falante. Nesse sentido, propomos uma interpretação para o termo “encontros dialógicos”, que foi aplicado durante a pesquisa realizada, visto que para o próprio Bakhtin:

Pode-se dizer que o interpretador é parte do enunciado a ser interpretado, do texto (ou melhor, dos enunciados do diálogo entre estes), entra nele como um novo participante. O *encontro dialógico de duas consciências nas ciências humanas*. A molduragem do outro pelo contexto dialógico (Bakhtin, 2011b, p. 329, grifo nosso).

Denominamos como *encontros dialógicos* a experiência de reencontrar as mulheres que participaram quando crianças do Programa Siminina, hoje adultas, para relembrar suas memórias constituídas junto à experiência vivida no programa. Tivemos a oportunidade de escutar ativamente sobre as suas vivências durante e após o programa, e algumas das ações que foram importantes para as vidas das pesquisadas nesses últimos dez anos. Esses encontros foram totalmente permeados pelo conceito bakhtiniano de dialogismo, pois o discurso ressignificado frente a tantos anos sem contato trouxe um reverberar de vozes sociais impactante.

Outro ponto relevante dos encontros dialógicos foi o foco na vida atual de cada pesquisada. Concordamos com Miotello (2018, p. 25) quando salienta que “estar à escuta é a atitude mais fundamental do ser humano”. A

partir dessa escuta, que ocorre como um ato responsivo, passamos a registrar as memórias mais simples que se desencadeavam pelas narrativas e a anotar as curiosidades mais corriqueiras.

Como a intenção da pesquisadora era, justamente, o oposto a uma entrevista controlada, colocamo-nos à margem no processo investigativo, para que pudéssemos perceber as nuances contidas no ato do reencontro e, nesse caso, de um novo encontro dialógico. A essa busca, especificamente, pairavam as incertezas, as memórias e a expectativa sobre o que seria descoberto com a investigação.

O tempo havia passado, e as meninas que participaram do programa haviam crescido, tornando-se mulheres. Assim, essa alteridade no processo deu um novo aspecto ao reencontro, pois, neste lugar, não eram mais a funcionária do programa e as Simininas e, sim, a pesquisadora e as mulheres pesquisadas.

A seguir, veremos como o conceito de cronotopo balizou todo o processo de interação e de construção da pesquisa.

1.1 O tempo e o espaço desvelados pela teoria bakhtiniana como cronotopo: pressupostos de estudo

Para compreendermos a relevância do tempo e do espaço aplicados na realização dessa pesquisa e a refração das influências sociais e culturais neste processo, houve a necessidade de nos debruçarmos no importante estudo bakhtiniano de cronotopo. Assim, pensar no conceito de cronotopo para observarmos os efeitos evidenciados pelas memórias biográficas das mulheres pesquisadas é reaver o agir de um tempo e de um espaço únicos, que merecem ser conhecidos.

A obra bakhtiniana tem uma especial preocupação em caracterizar o tempo e o espaço em que ocorrem as construções discursivas, dispondo-as em uma importante contribuição teórica que se pauta, sobretudo, na análise dos efeitos de sentido que ocorrem durante o ato discursivo. Assim, Bakhtin (2018, p. 11) inicia seus estudos sobre a temática definindo o que “chamaremos de cronotopo (que significa “tempo–espaço”) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente

assimiladas na literatura”. Com isso, Bakhtin desvenda um vasto campo de estudo, como nos apresentam Clark e Holquist:

O cronotopo desempenha um papel central nos ensaios escritos por Bakhtin nesse período, porém em nenhum deles mais do que em “As Formas do Tempo e o Cronotopo no Romance”. Embora faça às vezes de uma forma antes casual quando se trata de apontar os liames precisos na cadeia dialógica de suas ideias, neste texto em particular duas notas de pé de página indicam a dupla fonte de sua inspiração. Uma é Kant, a quem Bakhtin louva por ter lhe mostrado a importância do espaço e tempo como categorias primárias da percepção, ainda que divirja dele no tocante ao modo de conceber as referidas categorias, considerando-as “não como transcendentais, porém como formas da mais imediata realidade. Outra fonte é do fisiólogo Ukhtômski, a quem Bakhtin deve a insistência no caráter imediato do espaço e tempo na experiência humana (Clark; Holquist, 2008, p. 296-297).

Desse modo, entendemos que, com o estudo do cronotopo, podemos compreender os fatores relativos ao espaço e ao tempo que influenciam todo o discurso. Logo, concordamos com Amorim (2016, p. 103) quando nos apresenta que toda “concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem”, que diante de um específico espaço-tempo, reconhece “o ponto em que se articula com o espaço e forma com ele uma unidade”. Clark e Holquist acrescentam que:

Tempo e espaço estão sempre entrelaçados, mas alguns dos modos de eles se combinarem são mais significativos do que outros como meios de revelar as multidivisões específicas das quais brotam. Isso é verdade em especial na literatura (Clark; Holquist, 2008, p. 297-298).

Para Bakhtin, é o estudo relativo às *multidivisões específicas*, expressas por um determinado tempo e espaço, que ganha uma grande importância. Ainda sobre esse estudo, percebemos que a própria obra bakhtiniana se encarrega por caracterizar vários tipos diferentes de cronotopo. Nesse sentido, ao percebermos o fenômeno do cronotopo, onde cada tempo e espaço são capazes de influenciar os discursos dispostos e apresentados nos mais variados enunciados, que compreendemos “que na literatura o princípio condutor do cronotopo é o tempo” (Bakhtin, 2018, p. 12).

Por acreditarmos que, nas obras literárias, a linguagem se materializa de modo a exprimir as sensações, sentimentos, percepções e, ainda, as valorações de seus interlocutores em uma determinada realidade vivida, é que vislumbramos a estreita relação de cumplicidade entre a vida e a arte

expressadas por Bakhtin, quando nos remete ao fato de que “é dos cronotopos reais desse mundo que representa que se originam os cronotopos refletidos e *criados* do mundo representado na obra (no texto)” (Bakhtin, 2018, p. 230).

Seguindo essa perspectiva, comungamos com os estudos de Amorim (2016), ao apontar que “o conceito de cronotopo trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal onde as várias histórias se contam ou se escrevem” (Amorim, 2016, p. 105). Por isso que, a partir dessa concepção de cronotopo, aliada aos estudos das narrativas biográficas, nesta pesquisa, partimos da relevância do cronotopo do encontro como sendo parte dos “cronotopos motivicos” (Bemong; Borghart, 2015), como descreve Bakhtin:

O motivo do encontro é um dos mais universais não só na literatura (é difícil encontrar uma obra em que esse motivo não exista), mas em outros campos da cultura, assim como em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade [...] por fim, todos sabem da importância dos encontros (que às vezes definem diretamente todo o destino de um homem) na vida e no cotidiano de todo indivíduo (Bakhtin, 2018, p. 30).

Entendemos que, no ato do encontro, o cronotopo que se constitui colabora para desvelar memórias, narrativas e diálogos entre os sujeitos participantes. Nele, é possível perceber que “o acontecimento não se torna uma imagem, o próprio cronotopo fornece um terreno importante para a exibição – representação dos acontecimentos” (Bakhtin, 2018, p. 227). Para além disso, destacamos as possibilidades de construção de sentidos que são oportunizadas dentro do cronotopo do encontro.

Outro cronotopo importante para a compreensão desta pesquisa é o cronotopo dialógico, também conhecido como cronotopo que atua diretamente na literatura, como nos descrevem Bemong e Borghart (2015):

Em cronotopos dialógicos, por outro lado, a narrativa não se direciona para um momento final, para um “telos”, mas constitui em uma rede de situações conflitantes e entrecruzadas que se comunicam umas com as outras – daí o termo “dialógicos”. Aqui, os cronotopos de conflito são predominantemente de natureza psicológica, e o que importa não é o telos para o qual as narrativas mais tradicionais estão dirigidas, mas o “Kairos”: os críticos e decisivos momentos característicos do romance moderno desde o século XIX (Bemong; Borghart, 2015, p. 23).

Desse modo, percebemos que, diferentemente dos cronotopos motivicos, que se pautam no encontro e nos sentidos despertados pelo espaço-tempo, ou dos cronotopos apresentados pelo “telos”, que se

manifestam no final do encontro e, ainda, na despedida, nos cronotopos dialógicos, a referência grega atribuída é a palavra “kairós”, ou seja, momento oportuno. Com isso, a consciência do todo que referencia o momento vivido se faz preponderante para a análise dos enunciados.

Adiante, observaremos, por meio dos cronotopos dialógicos, o agir das memórias acerca da importância que o Programa Siminina teve na vida de todas as mulheres pesquisadas.

2 Cronotopo dialógico: as ex-simininas e suas memórias

O estudo das narrativas dialógicas biográficas contadas pelas Simininas se torna extremamente relevante para que possamos observar o centro de valor expresso pelas narrativas construídas, pois Bakhtin (2011, p. 349) acredita que “o homem entra em um diálogo com voz integral, e dele participa com seu destino, pensamentos e individualidade”. Essa integralidade discursiva é refratada por meio da interação dialógica entre as Simininas, suas memórias e a relação com as memórias da pesquisadora, pois mesmo trabalhando na coordenação municipal do programa, semanalmente, visitávamos todas as unidades do programa, tanto para levarmos alimentos a serem servidos no lanche, materiais didáticos e de limpeza, quanto para acompanharmos “in loco” o desenvolvimento das atividades do programa e o atendimento às crianças, adolescentes e à comunidade em geral, havendo, nesse sentido, um contato constante.

Observamos a relevância do *valor biográfico* depreendido nas respostas ao questionamento feito nos encontros dialógicos, visto que, para Bakhtin (2011, p. 139), “o valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida”. Diante disso, os encontros oportunizados foram verdadeiros momentos de integração e de troca de memórias narradas pelas mulheres que participaram do projeto quando crianças e adolescentes.

Voltando a Bakhtin (2011, p. 140), “os valores biográficos são valores comuns na vida e na arte, isto é, podem determinar os atos práticos como objetivos das duas; são as formas de valores da estética da vida”. Desse modo, as narrativas a serem apresentadas pelas memórias obtidas com as Simininas são de grande relevância para a sociedade cuiabana, uma vez que

tais narrativas biográficas dialógicas representam uma parte da história de vida de muitas cidadãs que hoje vivem sua vida adulta e que precisam ser contadas respeitando a sensibilidade de seus *valores biográficos*. Conforme Bakhtin,

Não se pode mudar o aspecto efetivamente *material* do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre). O papel da memória nessa eterna transfiguração do passado. Conhecimento – compreensão do passado em sua índole inacabável. (Bakhtin, 2017, p. 60).

É em atenção a esse processo de *compreensão do passado* que a pesquisa buscou evidenciar as memórias de quando participaram do programa, bem como os relatos sobre esse importante período vivido. Assim, perguntamos: hoje, enquanto mulher, você acredita que foi importante para o seu desenvolvimento participar das atividades do Programa Siminina?

As mulheres que participaram do Programa Siminina contribuíram com a pesquisa com suas respostas que estão dispostas¹ no Quadro 1:

Quadro 1 – Compreensão do passado

Pesquisada	Resposta
Siminina A	Foi de <i>extrema importância</i> , desenvolver meu " <i>eu</i> " social por conta do programa, todas as palestras, incentivos e conversas abertas me proporcionou espaço para crescer e me tornar <i>a mulher independente que sou hoje</i> .
Siminina C	Com certeza, <i>é um programa que te ajuda a criar uma direção na vida</i> . Digo isso por que <i>aprendi muitas coisas ali, muitas orientações, muita ajuda no que iria exercer no futuro</i> .
Siminina L	Sim! <i>Foi muito importante para o meu crescimento profissional</i> .
Siminina M	Sim, com toda a certeza! <i>A partir do Siminina tive a oportunidade de fazer aula de dança em uma academia</i> , visto que foi onde tive o meu primeiro contato com a dança. <i>Hoje conheço diversos países levando a dança, a arte e divulgando a nossa cultura</i> .
Siminina S	Muito, <i>me ensinou valores, disciplina, esforço e tudo o que a gente faz com esforço a gente vê resultado, me incentivou a trabalhar com crianças</i> . <i>Eu sempre fui muito ouvinte das meninas que participavam e eu sempre queria ajudar de alguma forma</i> .
Siminina W	Sim, pois <i>com os ensinamentos que tive muita coisa pode ser somada para nossa vida hoje</i> .

Fonte: Base de dados/ instrumento de coleta de dados para a realização da pesquisa (2020).

¹ A metodologia de geração de dados ocorreu na época da pandemia da Covid 19, por meio de documentos relacionados ao programa, questionários e anotações “in loco” que denominamos por encontros dialógicos.

Conforme relatos das narrativas das mulheres que participaram do Programa Siminina, percebemos que, quando se trata da compreensão de passado, da relevância em se ter participado das atividades do programa, por unanimidade, todas detalham, no Quadro 1, que sua participação no programa foi importante para as suas vidas, enfatizando em seus enunciados o uso de advérbios de intensidade e locuções adverbiais de afirmação: *extremamente importante, com toda a certeza, muito importante, com certeza*.

Com isso, entendemos que a compreensão de passado expressa pelas mulheres alude ao referenciamento das ações do programa, indo ao encontro do que nos diz Bakhtin (2011, p. 215) quando nos explica que “graças ao vínculo traçado com o tempo histórico, com a época, viabiliza-se uma representação realista mais profunda da realidade”. Por isso, percebemos que a compreensão de passado destacada pelas pesquisadas é de todo um ato responsivo, pois dialoga com suas memórias e as impulsiona a refletir sobre seu lugar social no tempo presente.

Conforme nos descreve a Siminina A, no Quadro 01, ter participado do programa foi de “extrema importância, desenvolver meu “eu” social por conta do programa, todas as palestras, incentivos e conversas abertas me proporcionou espaço para crescer e me tornar a mulher independente que sou hoje”. Aqui, a narrativa salienta o lugar social que a mulher pesquisada se encontra e que, conforme destacado, é um lugar de empoderamento feminino, construído por ela com auxílio das palestras das quais teve oportunidade de participar.

Nesse sentido, destacamos que, para Volóchinov (2017, p. 211), “a personalidade do falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais. Seu território social não é apenas a expressão exterior, mas também a vivência interior”. Entendemos que, no território social, as relações e vivências são oportunizadas dialogicamente e, com isso, percebemos que, de acordo com o que é expresso pela Siminina A, as relações oportunizadas no *território social* do Siminina contribuíram por meio de suas relações para que a Siminina A se tornasse a pessoa que é hoje.

Há que se destacar também as contribuições da Siminina M, quando detalha que sua história com a dança teve início no Programa Siminina da unidade situada no Jardim Presidente II, região sul de Cuiabá. Como ela frisa, “hoje conheço diversos países levando a dança, a arte e divulgando a nossa

cultura”, chegando a ser reconhecida com certificação internacional de bailarina e premiada em concursos internacionais de dança popular. A Siminina S descobriu, a partir do programa, a vocação para o trabalho com crianças: “me ensinou valores, disciplina, esforço e tudo o que a gente faz com esforço a gente vê resultado, me incentivou a trabalhar com crianças. Eu sempre fui muito ouvinte das meninas”. Atualmente, como empresária do ramo de festas infantis, ela reconhece que o programa a auxiliou na escolha de sua carreira profissional.

Entendemos que, mesmo que os enunciados se aproximassem no sentido de concordarem com a relevância da metodologia desenvolvida pelo programa e de sua eficácia no atendimento ao público infanto-juvenil do sexo feminino em Cuiabá, “cada narrativa de vida tem sua forma, sua iluminação própria” (Lejeune, 2008, p. 160), percorridas à luz de suas percepções e de sua compreensão acerca de um passado vivido na memória de cada participante da pesquisa. Por isso, percebemos a pesquisa de modo dialógico, de forma que as vozes das mulheres que participaram do Siminina se complementam, sem deixar de serem únicas, pois concordando com Prado (2017, p. 80), “a minha palavra, aquilo que quero dizer no meu trabalho de pesquisa, é um alargamento da minha consciência no contatar a consciência do outro pelo encontro de palavras, pelo cotejamento de textos”. Assim, cada contribuição demonstra de modo singelo toda a compreensão responsiva das mulheres frente às suas histórias de vida.

Em “As formas do tempo e do cronotopo no romance”, obra tão relevante para o estudo e para a compreensão dos gêneros biográfico e autobiográfico, Bakhtin (2018, p. 83, grifo do autor) nos apresenta a importância de tais gêneros, tendo em vista que “são essas aquelas formas autobiográficas antigas que podem ser chamadas de formas da *autoconsciência pública do homem*”. Tal perspectiva nos remete aos princípios aristotélicos, referentes à percepção que o sujeito faz em relação à sua existência, frente a si mesmo e ao momento sócio-histórico em que se encontra inserido. Para o teórico russo:

O tempo biográfico não é reversível em relação aos próprios acontecimentos da vida, que são inseparáveis dos acontecimentos históricos. Mas em relação ao caráter esse tempo é reversível: esse ou aquele indício do caráter poderia por si só manifestar-se antes ou depois. Os próprios indícios do caráter são cronológicos, suas manifestações são deslocáveis no tempo. O próprio caráter não nasce e nem muda, apenas se completa: no início ele não é pleno, não foi

revelado, é fragmentário, mas se torna pleno e harmonizado no fim (Bakhtin, 2018, p. 85).

282

●●●●●●●●●●
Sant'Ana
Padilha

Bakhtin nos revela a evolução do caráter das personagens contidas em uma prosa romanesca e sua relação de desvelamento à medida que há um avanço no tempo histórico. Em uma narrativa, é possível perceber que, aos poucos, detalhes e características dos personagens são postos de forma sutil, promovendo um reconhecimento do EU da personagem.

Desse modo, compreendemos que, ao longo da pesquisa, o tempo cronológico em que as mulheres pesquisadas participaram do programa, tempo esse que, inclusive, sucedeu-se após o período de participação de cada mulher no programa, ou seja, depois de seus 15 anos até hoje, em sua vida adulta, não se revela por meio de dados biográficos.

O tempo cronológico aqui discutido se relaciona diretamente com o cronotopo dialógico, pois sua constituição prima por “incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontram-se em inter-relações mais complexas” (Bakhtin, 2018, p. 229), de modo que um enunciado é responsivo em relação a outros enunciados de maneira dialógica e não podendo fazer parte de um “universo representado, embora não esteja fora da obra como um todo. Ele (esse diálogo) integra o universo do autor e do intérprete, e dos ouvintes e leitores. E esses universos também são cronotópicos” (Bakhtin, 2018, p. 229). Para tanto, coadunamos com Gallardo e Landeros (2021) quando elucidam que:

Es la manifestación de la creación de un nuevo cronotopo dialógico, conjunto indivisible de entendimiento mutuo entre los hablantes de lo propio y lo ajeno mediante el diálogo. Es cuando acontece profunda conexión en las relaciones discursivas entre conciencias discursivas que se convierten en dialógicas. La enunciación genera obligación identitaria del hablante con el enunciado y de alteridad con el interlocutor para generar réplica; cuando se evade se pierde la personalización² (Gallardo e Landeros, 2021, p. 37-38).

Compreendemos, a partir daí, que a valoração biográfica está contida em três momentos: a) nas memórias compartilhadas pelas mulheres pesquisadas; b) nas narrativas de suas experiências enquanto leitoras

² É a manifestação da criação de um novo cronotopo dialógico, um conjunto indivisível de compreensão mútua entre os falantes do que é seu e do que é estrangeiro através do diálogo. É quando a conexão profunda ocorre nas relações discursivas entre as consciências discursivas que elas se tornam dialógicas. A enunciação gera uma obrigação identitária do falante com o enunciado e de alteridade com o interlocutor para gerar uma resposta; quando evadido, a personalização é perdida (Gallardo; Landeros, 2021, p. 37-38, tradução nossa).

culturais; c) em uma tessitura dialógica que enlaça a infância e a vida adulta das mulheres pesquisadas, expressa por meio de seus enunciados.

De acordo com os dados gerados pelos questionários, observamos os traços de valor biográfico apontados pelas narrativas das pesquisadas, visto que, em um outro momento do encontro dialógico, solicitamos que elas justificassem novamente suas respostas acerca da importância de terem participado do Programa Siminina. As contribuições estão dispostas no abaixo Quadro 2:

Quadro 2 - Valor biográfico

Pesquisada	Resposta
Siminina A	<i>Foi importante na fase em que minha vida encontrava-se. Estávamos sozinhos em uma nova cidade. O programa proporcionou-me um lar quando eu ainda não tinha construído um para mim mesma.</i>
Siminina C	<i>Muito, além de ser um programa que ajuda muito as mães que as vezes não tem como ficar com seus filhos pelo trabalho. Lá aprendi a me soltar mais, sempre fui muito tímida e o programa me ajudou muito a perder essa timidez, fiz apresentações de dança. Sinto orgulho de ter participado.</i>
Siminina L	<i>Sim! Tudo o que vivi no Siminina me serviu de experiência de vida e muitos conhecimentos.</i>
Siminina M	<i>Foi muito importante participar do programa Siminina, acredito que se não fosse o Siminina eu não teria as oportunidades que tenho hoje. Foi um programa de suma importância na minha vida, no qual contribuiu de forma muito positiva.</i>
Siminina S	<i>Nossa, muito! Me agregou muito como pessoa, me proporcionou muitas oportunidades eu não teria, inclusive a primeira vez que eu andei de avião para representar Mato Grosso e o Centro Oeste em Campo Grande e Brasília, onde eu levei uma carta aos governadores e ao presidente da república sobre um projeto de erradicação do trabalho infantil.</i>
Siminina W	<i>Sim, pois é um programa muito importante aonde podemos ficar seguras para que nossos pais pudessem trabalhar.</i>

Fonte: Base de dados/ instrumento de coleta de dados para a realização da pesquisa (2020).

De acordo com as narrativas dispostas no Quadro 2, percebemos que, com o decorrer da pesquisa, as mulheres que participaram do Siminina nos apresentaram detalhes autobiográficos que cooperaram significativamente para o entendimento em relação ao valor biográfico atribuído a cada contribuição descrita na pesquisa. Concordamos que “o valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida” (Bakhtin, 2011, p. 139), sobretudo, após o tempo em que participaram do programa Siminina.

Conforme narrativas da Siminina A, participar quando criança do Programa contribuiu com o seu processo de migração para uma nova cidade,

conforme suas palavras: “estávamos sozinhos em uma nova cidade. O programa proporcionou-me um lar quando eu ainda não tinha construído um para mim mesma”. Essa sensação de pertencimento é muito importante para o desenvolvimento de todo ser humano, ainda mais quando se é criança e nova em uma cidade.

Concordamos com Lejeune (2008, p. 154) quando descreve que “uma narrativa de vida não é apenas uma soma de informações (que poderiam ser obtidas por outros meios): é, antes de tudo, uma estrutura (a reconstrução de uma experiência vivida em discurso) e um ato de comunicação”. Com essa sensibilidade expressa pelo teórico francês, percebemos o quão significativa fora a contribuição da Siminina C, quando nos descreve que o programa a auxiliou a vencer barreiras tão profundas em uma pessoa, como é o caso da timidez: “lá aprendi a me soltar mais, sempre fui muito tímida e o programa me ajudou muito a perder essa timidez, fiz apresentações de dança. Sinto orgulho de ter participado”.

Para a Siminina S, “o programa agregou muito como pessoa”, visto que, conforme relatos, ela morava em uma chácara às margens do rio Cuiabá, e sua família tinha muitas dificuldades financeiras. Por isso, participar do programa realizou o seu sonho de viajar, como ela aponta: “foi a primeira vez que eu andei de avião para representar Mato Grosso e o Centro Oeste em Campo Grande e Brasília”. Na oportunidade descrita, a Siminina S fez uma carta premiada sobre a relevância do combate ao trabalho infantil e a entregou para o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa foi a primeira vez que a voz de uma criança do Siminina pôde ser ouvida nacionalmente em favor dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Outro traço tão importante que se baliza no cronotopo dialógico é o franco registro do tempo histórico e político ao qual a Siminina S se refere, tempo esse que é marcado pelas políticas públicas de superação da pobreza, combate à fome e ao trabalho infantil. Sua memória nos apresenta nitidamente a sensação de valorização e de empoderamento que essa mulher teve. Há que se destacar, ainda, que esse tempo histórico ficou em um passado significativo tanto na narrativa da Siminina S, quanto na de milhões de brasileiras e de brasileiros.

Ao vislumbrarmos os enunciados das mulheres pesquisadas, reconhecemos que as suas memórias estão amalgamadas a um valor biográfico que representa um marco temporal extremamente relevante em

suas vidas, por isso, percebemos a *personalidade* de cada participante da pesquisa frente às interações que tiveram no programa quando crianças e adolescentes, que buscaram reproduzir em suas narrativas biográficas de modo dialógico.

Ao caminhar para o fim desta pesquisa, apontaremos alguns resultados alcançados, bem como lacunas ainda existentes.

Considerações nunca finais

Reencontrar as mulheres que participaram do Programa Siminina e vislumbrar que elas descrevem, por meio de suas narrativas biográficas, as suas memórias, as experiências vividas apontam o valor que o programa teve em suas vidas. Percebemos que as atividades desenvolvidas pelo programa fazem parte da memória afetiva das mulheres em relação à infância e à adolescência de cada pesquisada, sendo evidenciado em vários momentos da pesquisa o quão positivo para elas foi o desenvolvimento das atividades culturais.

O nosso artigo objetivou desvelar as relações permeadas pelo tempo e pelo espaço que compreendem desde a infância até a vida adulta de seis jovens cuiabanas que participaram de atividades socioculturais do Programa Siminina, no período de 2005 a 2011, em comunidades carentes da cidade de Cuiabá – MT.

Outro ponto pertinente a ser rememorado é em relação ao estudo da teoria bakhtiniana, de como conceitos que outrora ancoravam de modo mais específico questões voltadas à literatura se aplicam de forma majestosa para compreendermos as vozes das mulheres pesquisadas e seus ecos, como é o caso do estudo do cronotopo.

O tempo e o espaço vivenciados pelas pesquisadas durante a infância e a adolescência constituíram um importante marco na memória de cada uma. Por meio dos encontros dialógicos, foi possível vislumbrar detalhes que marcaram o percurso de cada ex-participante no programa. Constatamos, ainda, que suas vivências e memórias ainda as influenciam em suas narrativas e em suas memórias.

O estudo dos cronotopos, mais especificamente do cronotopo dialógico, permitiu-nos entender as nuances e as valorações contidas em seus

discursos, de modo que, a todo momento, os diálogos versavam entre o tempo em que cada mulher pesquisada participou do programa, o tempo atual da época de coleta de dados, o reencontro com a ex-funcionária do programa na condição atual de pesquisadora responsável pela pesquisa e todas as memórias suscitadas pelo encontro dialógico. Tudo isso contido em um tempo específico, que só foi possível ser concebido, é claro, pela compreensão que nos é contida no cronotopo dialógico.

Referências

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: MIKHAIL, Bakhtin. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014, p. 89 - 348.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance II: As formas do tempo e o cronotopo*. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo-Editora 34, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: MIKHAIL, Bakhtin. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.
- BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. In: BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter; BOBBELEER, Michel de; DEMOEN, Kristoffel; TEMMERMAN, Koen de; KEUNEN, Bart (Orgs.). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. Tradução Oziris Borges Filho et al. São Paulo: Parábola, 2015, p. 16 – 33.
- BRAIT, Beth; NUNES, Jozanes Assunção. Documentos oficiais em diálogo. *Eutomia*, v. 21, n. 1, p. 144-168, jul. 2018.
- CLARK, Caterina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- GALLARDO, Emilio Carranza; LANDEROS, Rosío Molina. La identidad heteroglósica como herramienta verbal-ideológica de análisis del discurso dialógico. *Dialogía*, v. 15, p. 33-80, 2021. Disponível em: <https://journals.uio.no/Dialogia/article/view/9275>. Acesso em 20 mai. 2022.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MIOTELLO, Valdemir. *Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

PRADO, Vanessa Alves. *Ações do programa paulista Ler e Escrever sob os sentidos bakhtinianos de forças centrípetas e centrífugas*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2017. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/151401>. Acesso em 10 out. 2021.

SANT’ANA, Laiza Luz Martins. Uma análise dialógica da proposta pedagógica do Programa Siminina. In: CAMPOS, Maria Inês Batista; SANTOS, Thiago Jorge Ferreira (Orgs.). *Discurso e ensino na linguística aplicada: propostas e interseções*. São Paulo: FFLCH/USP, 2021, p. 128-147. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/717/637/2370>. Acesso em 29 abr. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Scheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WERTSCH, James. Texto e dialogismo no estudo da memória coletiva. *Educação e Pesquisa*, v. 36, n. especial, p. 123-132, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/WQJMgvpCCcyPbWJPnbdPs7w/?lang=pt>. Acesso em 10 nov. 2021.

“Você pode perguntar para a sua empregada doméstica, que ela viu que esse país melhorou” - arquitetura bakhtiniana no embate entre Lula e Soraya Thronicke no debate presidencial

“You can ask your housekeeper, she saw that this country has improved” - bakhtinian architectural in the clash between Lula and Soraya Thronicke in the presidential debate

Karla Stéphanie de Brito Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil

Madson Bruno Soares Estevam

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil

1 Introdução

As eleições presidenciais de 2022 foram as mais acirradas no período pós-democratização no Brasil. Tendo como os principais nomes os de Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do país por dois mandatos, e o de Jair Messias Bolsonaro, presidente à época do pleito, uma polarização radical tomou conta das vidas e das redes sociais dos brasileiros.

A eleição ocorreu em dois turnos. No primeiro, ocorrido em dois de outubro de 2022, onze candidatos concorreram à presidência, indo para o segundo turno Lula, primeiro colocado com 48,43% dos votos válidos, seguido por Bolsonaro, com 43,2% dos votos, sendo, desse modo, uma disputa diferente, uma vez que, como os brasileiros já conheciam os

principais candidatos, não houve espaço para crescimento de chapas adversárias, como, por exemplo, a “terceira via”, movimento encabeçado por aqueles que não se sentiam representados nem por Lula, tampouco por Bolsonaro.

O segundo turno, que aconteceu em 30 de outubro de 2022, culminou com uma vitória apertada do candidato Lula, o qual teve um pouco mais de 60 milhões de votos, tendo, assim, uma porcentagem de 50,9% dos votos válidos. Bolsonaro teve mais de 58 milhões de votos, chegando a um percentual de 49,1%, tornando-se, com isso, o primeiro presidente a não se reeleger, desde que esse mecanismo foi implementado nas leis brasileiras.

Imersos nesse processo de escolha, os debates presidenciais televisionados tiveram papel central, porquanto, por intermédio deles, os eleitores podiam ver as propostas dos candidatos, além de analisar o modo como eles se comportavam frente a questões polêmicas e com ideologias diferentes das que eles defendiam. Dessa forma, a tensão dialógica se fazia presente, uma vez que era necessário contrapor ideias e defender pontos de vista, os quais, geralmente, eram destoantes dos demais candidatos.

Fora dos embates entre Lula e Bolsonaro, os quais eram os mais aguardados pelo grande público, alguns candidatos começaram a ganhar visibilidade a partir desses encontros. Simone Tebet, ex-senadora da república e atual ministra do governo Lula, foi uma dessas e ficou reconhecida como alguém de boa eloquência. Soraya Thronicke, atual senadora da república, foi outra personagem que passou a ser reconhecida durante o processo eleitoral, principalmente pelos embates com Bolsonaro, Lula e com o candidato Padre Kelmon.

Nessa direção, dentro desse contexto de análise da eleição de 2022, é que o nosso trabalho se encontra. Nele, propomos, como questão norteadora, a seguinte: como ocorre a arquitetônica bakhtiniana no embate entre Lula e Soraya Thronicke no debate presidencial da TV Bandeirantes no primeiro turno das eleições? Para isso, propomos, como objetivo, analisar a arquitetônica bakhtiniana presente em um trecho do embate entre Lula e Soraya Thronicke no debate presidencial exibido pela da TV Bandeirantes, tendo a participação do UOL, Folha de S.Paulo e TV Cultura, além do apoio do Google e do YouTube.

Os fundamentos teóricos do trabalho estão ancorados na Análise Dialógica do Discurso, proposta por Bakhtin e seu Círculo, os quais

percebem a linguagem enquanto fenômeno da interação sociodiscursiva, fato que leva, dessa forma, a perceber a presença do outro como mecanismo inerente à produção de enunciado, que se manifesta dentro de um determinado contexto de produção, dotado de tempo, espaço e ideologias.

Como *corpus*, escolhemos um fragmento do debate exibido pela Rede de Televisão Bandeirantes em que há a interação sociodiscursiva entre Lula e Soraya, quando os dois comentam se durante os períodos de governo de presidentes do Partido dos Trabalhadores - PT (Governos Lula e Dilma Rousseff) houve ou não melhorias à população brasileira.

Por fim, em relação à estrutura deste estudo, temos, em primeiro plano, essa introdução, em que situamos o leitor/ouvinte sobre a temática debatida; depois, em segundo plano, apresentamos a fundamentação teórica, ancorada nos postulados de Bakhtin e do Círculo; a metodologia utilizada, com o passo a passo da pesquisa; as análises dos dados, espaço em que analisamos a arquitetônica na tensão dialógica; as considerações finais da investigação e, por fim, as referências e o apêndice, em que demonstramos, na íntegra, o embate entre Lula e Soraya.

2 Arquitetônica bakhtiniana

Nos estudos bakhtinianos e do Círculo, uma temática que permeia diferentes obras é a da arquitetônica. Tal conceito revela a forma como esses autores concebem o enunciado, enxergando-o como um ato singular, único, ligado indissociavelmente à realidade externa e em que, na sua produção e recepção, é atravessado por diferentes posições axiológicas, em determinadas condições de tempo e de espaço.

Em “Por uma filosofia do ato responsável”, Bakhtin (2010) demonstra a forma de realizar uma análise da arquitetônica em uma obra de Pushkin, a qual foi escrita em 1830.

O autor, assim, afirma:

O modo melhor para esclarecer [...] a disposição arquitetônica do mundo da visão estética em torno de um centro de valores – um ser humano mortal – é fornecer uma análise (conteudístico-formal) da arquitetônica concreta de uma obra qualquer (Bakhtin, 2010, p. 130).

Notamos, com o fragmento, que, para o autor, perceber a arquitetônica é analisar a disposição de como se comportam, no enunciado concreto, as

relações estabelecidas entre o eu e o outro, em que os centros de valores, imersos em um processo dialógico, apontam, por meio desse enunciado e com a utilização de signos, os diferentes aspectos constitutivos da obra.

Para realizar essa análise, Bakhtin (2010) apresenta a arquitetura de “Razluka” (Separação), um poema que apresenta dois centros de valores, um herói e uma heroína, em que ela está partindo para um país distante, no caso a Itália, e, por isso, causa sofrimento ao herói. Logo, há um mesmo acontecimento que pode ser visualizado de maneiras diferentes: enquanto para ela, a ida à Itália pode ser vista como um retorno, para ele, trata-se de uma partida, ou seja, há uma tensão dialógica entre esses dois centros de valores.

No livro, após apresentar ao leitor a obra, o autor apresenta os dois personagens presentes e as categorias escolhidas para analisar a arquitetura, sendo elas: o contexto, o tema-assunto-conteúdo, as diferentes valorações representadas pelo tom “emotivo-volitivo”, bem como outras, como a situação de tempo e espaço que está envolvida na produção do enunciado. Nessa perspectiva, há um modelo de análise já fornecido pelo autor a fim de realizar averiguação de textos/discursos.

Em “Estética da criação verbal”, Bakhtin (2011, p. 127) afirma: “A arquitetura do mundo da visão artística não ordena só os elementos espaciais e temporais, mas também do sentido; a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido”. Com o fragmento, notamos que a arquitetura é a reveladora da criação de sentidos, uma vez que a forma composicional de um enunciado é utilizada de acordo com o sentido a ser empregado pelo produtor, que está em dialogismo. Assim, a forma estrutural não seria a arquitetura em si, mas sim uma parte dela, pois esse conceito deve ser visto a partir da totalidade da situação presente no enunciado (sua temática, as relações que estabelece, as ideologias a que se faz uso, entre outros tantos fatores).

Sobre essa temática, Rojo e Melo (2017) apontam:

A arquitetura está relacionada à totalidade da situação, à construção e só pode ser dimensionada a partir do objeto interno (da materialidade) orientado para sua relação com o externo: para o autor-criador que se posiciona a partir de um lugar social, ideológico e axiológico, no processo de interação; para o lugar que o texto/enunciado ocupa no todo acabado como elo da cadeia de textos/enunciados; perpassado pelo contexto maior e pela situação imediata, concreta, de produção; que se corporifica em determinado gênero de discurso (com sua forma de

composição), para abrigar as avaliações e assim por diante (Rojo; Melo, 2017, p. 1280).

Com os dizeres das autoras, notamos que na arquitetônica de um enunciado se fazem presentes diferentes conjecturas, quer sejam ligados à forma, como ao conteúdo, além das relações que esse enunciado estabelece com as condições de produção, com os demais já produzidos anteriormente e, por causa da interação entre os sujeitos, com os enunciados que ainda serão, no futuro, produzidos.

Rojo apresenta uma figura que ilustra todas essas nuances que se fazem envolvidas ao tratarmos de arquitetônica. Vejamos.

Figura 01 - Arquitetônica bakhtiniana



Fonte: Melo e Rojo (2016, p. 254)

Com a figura, podemos perceber que vários são os conceitos bakhtinianos que encontramos ao averiguar a arquitetônica de um enunciado. Melo e Rojo (2016) ainda informam que essa definição de arquitetônica no círculo de Bakhtin pode ser visualizada de uma maneira dupla: na primeira, como um conjunto do pensamento dos autores; na segunda, como a organicidade da obra. Para as autoras, os componentes que formam essa noção tão basilar são interligados, tendo como princípio norteador a dialogicidade.

3 Metodologia

293

Silva
Estevam

Este artigo segue a abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2014), trata-se de uma pesquisa que se preocupa com o nível de realidade, o que não pode ser quantificado. Essa abordagem trabalha com os significados, as motivações, as crenças, os valores etc., usando sempre descrições, comparações e interpretações dos dados.

Além de qualitativa, a pesquisa apresenta cunho interpretativista. Para isso, o pesquisador, primeiro, compreende os fenômenos, para só depois fazer uma interpretação sobre eles. Segundo Moita Lopes (1994), nessa perspectiva, a realidade é construída pelo indivíduo, sendo ele importante para a construção do conhecimento e o responsável por interpretar os fenômenos, atribuindo-lhes significado.

O método utilizado foi o indutivo, pois o estudo foi realizado com base em observações, ideias e conceitos encontrados nos dados, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, modelos ou hipóteses.

A respeito do procedimento técnico, esta produção é documental, bibliográfica e de caráter descritivo. Documental, pois trabalhamos com fontes primárias, uma vez que o debate presidencial não tinha passado por um tratamento analítico e foi construído com um outro propósito. Bibliográfico, pois se apoia em periódicos, livros e outros materiais disponíveis como fonte de estudo; e, descritivo, já que busca descrever as características dos fenômenos linguísticos.

Quanto ao *corpus*, é composto por um trecho¹ de pergunta-resposta-réplica-tréplica que ocorreu entre o até então candidato Luiz Inácio Lula da Silva e a candidata Soraya Vieira Thronicke no terceiro bloco do debate presidencial, no dia 28 de agosto de 2022, transmitido pelo canal de TV aberta Grupo Bandeirantes. O debate completo teve duração de 2 horas, 46 minutos e 10 segundos, enquanto o trecho analisado possui 6 minutos e 2 segundos. Todo o debate está disponível no canal “Band Jornalismo” no Youtube².

Por ser um texto oral e com o intuito de padronizar a transcrição do *corpus*, o texto foi normatizado de acordo com as normas do Projeto de Norma Urbana Oral Culta (NURC). É importante destacarmos que, além dos

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CJ3pFcix1YU> Acesso em: 13 out. 2023.

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WwdgWl_nmKI Acesso em: 13 out. 2023.

sinais presentes no NURC, foram utilizados também o sinal “↗” para marcar ascendência na fala e “↘” para descendência na fala. Dessa forma, quando a entonação corresponde a um enunciado interrogativo, também se utiliza o sinal de ascendência. Para auxiliar a leitura, utilizamos a letra Courier New em toda transcrição.

Por fim, é válido salientar que, a fim de proceder às análises, realizamos a metodologia adotada pela Análise Dialógica do Discurso. Para isso, averiguamos o *corpus* em sua especificidade, analisando os fatores discursivos imersos na cena enunciativa, bem como as noções presentes na arquitetônica bakhtiniana, como os sujeitos enunciadores, o cronotopo, a valoração e a avaliação social.

4 Estabelecimento do gênero discursivo debate regrado na situação comunicativa da eleição presidencial de 2022

Os gêneros discursivos são construtos sociais que expressam as intenções de um sujeito em narrar, informar, entreter, argumentar, etc. Desse modo, os gêneros estão ligados às necessidades comunicativas humanas e não podem ser enumerados e quantificados em sua totalidade, uma vez que se adequam às situações comunicativas, pois, segundo Bakhtin (2016, p. 12), “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana”.

O debate regrado é um gênero do discurso argumentativo oral que apresenta uma natureza persuasiva. Possui o propósito de convencer os interlocutores a aderirem à sua opinião defendida. No debate, precisa-se ter pelo menos dois debatedores e um mediador. Assim, os debatedores precisam dominar os mecanismos das trocas discursivas (turnos de fala), além de se apropriar das informações sobre o assunto para selecionar o tipo de argumento mais apropriado ao percurso argumentativo trilhado.

O debate regrado utilizado neste artigo possuía seis debatedores, que eram os candidatos à presidência do Brasil Felipe D'Ávila (Novo), Soraya Thronicke (União Brasil), Simone Tebet (MDB), Jair Bolsonaro (PL), Lula (PT) e Ciro Gomes (PDT). Os mediadores eram vários jornalistas pertencentes ao *pool* formado entre o Grupo Bandeirantes de Comunicação, a TV Cultura, o jornal Folha de S. Paulo e o portal Uol, que se alternavam

em cada pergunta. Contudo, para a análise deste estudo, realizamos o recorte do debate entre os debatedores Lula (PT) e Soraya Thronicke (União Brasil).

Seguindo os estudos bakhtinianos de gênero, os elementos fundamentais para a formação de um gênero são: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional. No nosso recorte escolhido, o conteúdo temático se refere à Soraya realizando uma crítica ao PT, chamando os políticos desse partido de ultrapassados e promovendo suas ideias do imposto único, baseado nos estudos do professor Marcos Cintra. Lula contra-argumenta a oponente, desacreditando nas ideias do imposto único e argumentando que, no seu Governo, as classes trabalhadoras viram a situação mudar. Em seguida, interdiscursivamente, traz a escravidão de outrora, promovendo-se ao argumentar que, se ganhar, não haverá mais essa escravidão moderna.

A respeito do estilo, a candidata Soraya Thronicke faz uso de linguagem formal, para construir um *ethos* de sapiência, intensificando o seu lugar de fala, enquanto advogada e senadora do estado de MS. Já o candidato Lula faz uso de uma coloquialidade na oralidade, a fim de provocar a identificação com o seu público eleitor (supradestinatório).

Quanto à estrutura composicional desse debate, ele foi separado em três blocos. Vejamos a seguir:

- Primeiro bloco: cada candidato, por ordem de sorteio, teve um minuto e meio para responder a uma pergunta sobre planos de governo. Eram três perguntas diferentes, cada uma direcionada a dois dos candidatos. Na sequência, em ordem definida por sorteio, houve a primeira rodada de confronto direto, com todos perguntando e todos respondendo. O próprio candidato escolhia quem iria responder a sua pergunta e tinha um minuto para a pergunta e um minuto para a réplica. O tempo de resposta e de tréplica, por sua vez, era de quatro minutos no total.
- Segundo bloco: os jornalistas das empresas integrantes do *pool* (Folha, UOL, TV Bandeirantes e TV Cultura) faziam perguntas aos candidatos. Eles escolhiam quem iria responder e quem iria comentar. O tempo era de quatro minutos para a resposta, e a réplica e o comentário tinham um minuto. Todos os candidatos deveriam responder e comentar.

- Terceiro bloco: foi mediado pelos jornalistas Leão Serva (TV Cultura) e Fabíola Cidral (UOL) e começou com mais uma rodada de confronto direto, em que todos perguntavam e respondiam, seguindo as mesmas regras do primeiro bloco. Na sequência, os candidatos responderam perguntas programáticas, sendo três perguntas diferentes, cada uma direcionada a dois dos candidatos. Após isso, os candidatos tiveram dois minutos cada para as suas considerações finais.

Dessa forma, o debate iniciou com o exórdio dos mediadores, seguido pela explicação das regras e pelos três blocos do desenvolvimento do debate ditos anteriormente, finalizado com a despedida de uma das jornalistas presentes no debate.

5 Análise dos dados

Neste momento, passamos a realizar a análise da arquitetura bakhtiniana no diálogo entre Lula e Soraya Thronicke.

Notamos que as esferas envolvidas no debate abarcam três discursos: o jornalístico, o político e o midiático. O discurso jornalístico é construído na cena enunciativa com a presença de jornalistas tanto para mediar quanto para questionarem os candidatos no debate. O discurso político está presente na dimensão valorativa de organização da prática social, consiste em estabelecer um debate para candidatos ao cargo de presidente de um país em época de eleição presidencial. Por fim, o discurso midiático está presente em toda cena enunciativa, associando a mídia televisiva com a internet. Ao abranger a grande mídia, o debate analisado teve repercussão em várias redes sociais, estando disponíveis para um público muito maior de pessoas e por muito mais tempo. Vejamos a imagem a seguir, que apresenta as três esferas envolvidas:

Figura 02 - Esferas envolvidas na cena enunciativa



Fonte: os autores

297

Silva
Estevam

O momento do recorte do debate analisado está presente no terceiro bloco. Como já apontamos, nesse segmento, cada candidato perguntava sobre o tema que quisesse ao candidato que quisesse, sendo necessário que todos participassem. Soraya, ao formular a questão, informou que a alta carga tributária federal fazia com que no país fossem gerados menos empregos e perguntou a Lula qual seria a proposta dele para essa adversidade, uma vez que sua volta ao cenário político era “sem propostas”. Lula, ao responder, faz uma volta ao período em que era o gestor do Executivo do país e falou de suas realizações enquanto presidente da república.

Vejamos, a seguir, um esquema das réplicas dos candidatos, analisadas de acordo com os conceitos teóricos.

Figura 03 - Aspectos da arquitetura bakhtiniana no debate presidencial



Fonte: os autores

Notamos que o contexto maior da produção do enunciado se refere às eleições presidenciais de 2022. Tanto Lula quanto Soraya tentavam apresentar suas propostas para que com isso obtivessem a maior quantidade de votos e, assim, fossem eleitos. O espaço em que esse momento de interação ocorreu foi em São Paulo, nos estúdios da rede de televisão Bandeirantes, datado em 28 de agosto de 2022, sendo veiculado na mídia a partir das 21 horas.

Todavia, o contexto maior de interação não se limitava aos candidatos. As perguntas e respostas eram direcionadas, mais que para aqueles que estavam ali, aos demais eleitores, os quais eram basilares para que se chegasse ao êxito na campanha e acompanhavam o evento por diferentes meios de comunicação. Com isso, temos, nessa cena enunciativa, mais que uma conversa entre Lula e Soraya; na verdade, há uma interação entre eles e, principalmente, deles com o público-alvo.

Em relação aos sujeitos produtores desses enunciados, temos a presença de Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do país por duas vezes, sendo o representante máximo do Executivo entre 2003 a 2010, que havia sido condenado e preso por participação em esquemas de corrupção, pela Operação Lava-Jato, sendo, após um período recluso, inocentado; e Soraya Vieira Thronicke, senadora eleita pelo Mato Grosso do Sul, com viés conservador, sendo eleita sobre a influência de Bolsonaro durante a campanha de 2018.

Com o fito de perceber o tom emotivo-volitivo evidenciado pelos candidatos, vejamos e analisemos alguns fragmentos.

Excerto 1

Soraya Thronicke: seu partido um corrupto confe::sso... e esse mundo lin::do que o senhor fala só existe na propaganda eleitoral do senhor... o Brasil precisa mudar e mudar pra valer ... precisa do mundo digital... nós já estamos caminhando... e os seus economistas são todos MO-FA-DOS ... nós temos uma solução pra o Brasil que a solução do imposto único federal... nós vamos excluir retirar onze tributos federais e vamos trocar por um SÓ

Em relação à valoração, notamos que Soraya desqualifica o partido do então candidato Lula, chamando esse de “corrupto confesso”. Por meio de signos ideológicos com teor axiológico e do artigo “um”, percebemos que a candidata articula o partido e o próprio candidato como entidade e pessoa que

usurparam o dinheiro nacional, sendo, com isso, sem propriedade para comandar novamente o país.

299



Silva

Estevam

Em um movimento contra-argumentativo, fato que demonstra a tensão dialógica entre esses dois centros de valores, a senadora aponta que o cenário de desenvolvimento social e econômico citado por Lula ao responder a indagação somente existe em suas propagandas. Para ela, o desenvolvimento somente se concretizará quando o mundo digital for colocado como uma opção pelo governo. Por fim, utilizando um signo com a finalidade de desqualificar a equipe econômica de Lula, Soraya afirma que eles seriam “MO-FA-DOS”, falando pausadamente e com uma entonação que demonstrava que as ideias defendidas já seriam ultrapassadas.

Excerto 2

Soraya Thronicke: nós vamos excluir retirar onze tributos federais e vamos trocar por um SÓ ((candidata gesticula o um com a mão direita)) uma alíquota de UM ponto vinte e seis por cento que vai:: aumentar o poder de compra do brasileiro e diminuir a inflação... além Disso.. isentar de imposto de renda e de INSS... quem ganha... até cinco salários mínimos... tudo aquilo que é descontado do teu salário vai sobrar no seu bolso... COMO nós vamos fazer isso não é milagre... tem contas... são TRINTA anos de estudo do professor Marcos Cintra e eu/e eu é:: desafio ((candidata levanta o dedo indicador)) qualquer economista a discutir comigo imposto único federal...

Neste segundo fragmento do discurso de Soraya, notamos que, após desqualificar, com uso de signos de cunho axiológico, as propostas de Lula, ela passa a defender qual seria o mecanismo que traria melhores resultados à tributação brasileira. Para a senadora, essa proposta seria a junção de diferentes impostos em um só. Em relação aos mecanismos valorativos para sustentar essa proposta, ela diz que esse imposto único iria aumentar o poder de compra do brasileiro e diminuir a inflação, fazer com que o imposto de renda fosse isento para um público maior do que o atual, fato que levaria ao aumento de dinheiro nas mãos dos brasileiros. Segundo ela, isso não seria mágica, mas, sim, uma pesquisa fundamentada.

Dessa maneira, notamos que a orientação discursiva empreendida é, em primeiro plano, atacar Lula e seus economistas e, em segundo plano, defender sua proposta de imposto único, utilizando para isso diferentes argumentos, como as melhorias que esse novo sistema traria, a fundamentação teórica embasada no economista Marcos Cintra e ainda a sua disponibilidade para discutir essa temática com qualquer economista, ou seja,

é demonstrada uma construção valorativa de que a ideia é tão boa que poderia ser defendida em qualquer circunstância e para qualquer opositor.

Acerca dos outros presentes no discurso da candidata Soraya Thronicke, percebemos que ela estabelece relações dialógicas com os seguintes sujeitos explicitados na imagem a seguir:

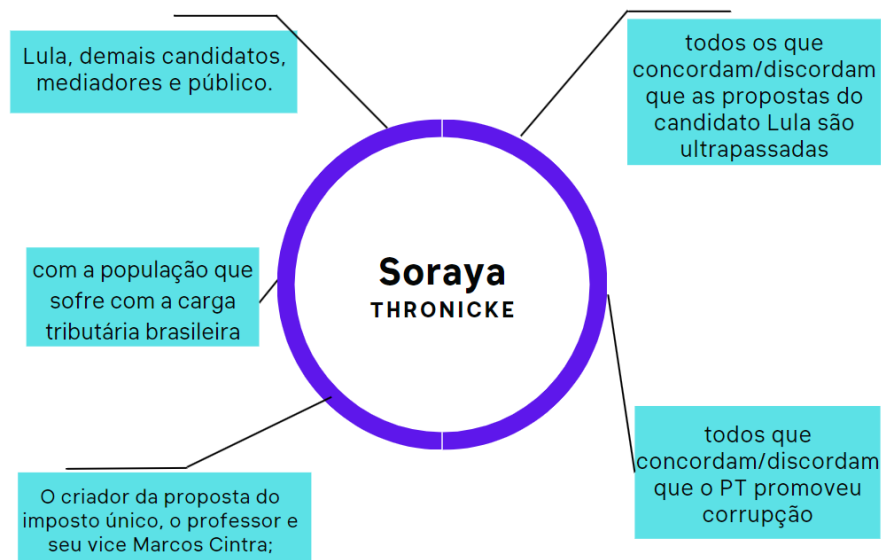
300

●●●●●●●●●●

Silva

Estevam

Figura 04- relações dialógicas estabelecidas no discurso de Thronicke



Fonte: os autores

A candidata à presidência Soraya Thronicke se refere em primeiro plano ao candidato Lula, com quem está debatendo, mas também está interagindo com os mediadores do debate e com os eleitores em geral. Esses últimos ficam evidenciados quando a debatedora usa do pronome de segunda pessoa “teu”, no enunciado “tudo aquilo que é descontado do **teu** salário vai sobrar no seu bolso”, por exemplo.

Thronicke também dialoga com os estudos do professor Marcos Cintra, com o fito de trazer um argumento de autoridade para sustentar o seu dizer e ainda usa do tempo “trinta anos” para ajudar na credibilidade dos seus argumentos. Ao direcionar os seus argumentos com as pesquisas de Cintra sobre o imposto único, a candidata também estabelece uma interação com a população que sofre com carga tributária, uma vez que ela irá se identificar com o seu discurso.

Além disso, como a candidata ataca diretamente as propostas e o partido do seu oponente, ela também dialoga com os que concordam com ela sobre as propostas do candidato Lula serem ultrapassadas e sobre o partido

dele, o PT, ter promovido corrupção. Ao mesmo tempo, também dialoga com os que discordam dela, tanto em relação às propostas do Lula, como em relação às ofensas ao partido dele, já que estabeleceram uma discordância com dois centros de valores contrários.

Vistos os mecanismos valorativos empregados pela candidata Soraya, passemos a perceber os aspectos utilizados pelo candidato Lula.

Excerto 3

Lula: a candidata Soraya... ((fala em tom de riso irônico)) se ela tivesse acompanhado a política desse país? ela perceberia que o seu vice já fez essa proposta há trinta anos atrás... e não foi... se quer levado em conta pelos eleitores desse país? e desse esta::do...

Lula, de forma irônica, tenta desconstruir a orientação discursiva empreendida por Soraya, uma vez que, segundo ele, a proposta que a senadora apresenta como sua grande contribuição ao debate econômico é antiga: há mais de trinta anos já existe e mesmo assim nunca foi bem recebida junto aos eleitores. Com a utilização do tom irônico, além de signos como “se ela tivesse acompanhado a política desse país” e “não foi... se quer levado em conta pelos eleitores desse país”, o atual presidente da república fomenta uma imagem negativa da candidata, de que não conhece a história do país, bem como se juntou a um economista que nunca conseguiu convencer a sociedade acerca da validade de suas propostas.

Excerto 4

Lula: a segunda coisa? que eu queria dizer... para candidata Soraya é de que... nesse país? se consegue falar muita coisa... e a senhora disse que não viu esse país que eu falei acontecer? ... ((fala apontando diretamente para Soraya))o SEU motorista viu?... o SEU jardineiro viu? ... a sua empregada doméstica VIU... você pode perguntar para a sua empregada doméstica que ela viu? que esse país melhorou... ela viu? que ela podia almoçar e jantar? todo santo dia... que ela podia tomar café? ela viu que o filho dela poderia entrar em uma universidade... o seu jardineiro VIU... ora... porque os POBRES efetivamente cresceram nesse país e conquistaram cidadania... talvez? a senhora não tenha visto... não sei se a senhora votou favorável à legalização de emprego de empregada doméstica... MAS... ela VIU que melhorou a vida dela... ela viu que ela foi RESPEITADA ... e é ASSIM que vai voltar a ser? ... o PO::BRE desse país vai voltar a ser respeita::do ((fala olhando diretamente para a câmera))...

O presidente Lula consolida seu ponto de vista divergindo dos ideais da sua opositora em um movimento de contra-argumentação, trazendo à cena enunciativa características marcantes do seu governo passado, as quais evidenciam a ascensão da classe trabalhadora antes estagnada. Para isso, o

candidato aponta representações de sujeitos reais vinculados por intermédio de acontecimentos concretos. A forma de entonação, o ato de olhar diretamente para sua opositora e signos ideológicos como "melhorou" e "efetivamente" demonstram a construção valorativa e ideológica de defesa de um segmento específico.

Com esse movimento enunciativo, Lula consegue desqualificar sua opositora, uma vez que a imagem dela passa a ser a de alguém que é distante dos movimentos a favor da classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que reforça seu posicionamento e abre possibilidades para ampliar uma relação com o seu público mais fiel, porquanto, segundo dados evidenciados durante a campanha eleitoral, o candidato à época detinha maior quociente eleitoral entre as populações com menor renda.

É interessante ainda perceber quais os movimentos valorativos utilizados por Lula para contribuir com a construção do seu ponto de vista: no seu governo, os empregados tinham direito à alimentação – no período da eleição, ainda vivenciando resquícios da pandemia da COVID-19, infelizmente, foram recorrentes as informações acerca da volta da fome ao país; no seu governo, o jovem teve acesso à universidade – os índices de participação de jovens em processos seletivos de acesso à universidade caíram durante a pandemia; no seu governo, o pobre teve acesso à cidadania – no período da eleição, devido à pandemia e às ações desenvolvidas pelo governo da época, os índices de crescimento do Brasil foram baixos.

Nesse sentido, notamos que o candidato constrói um caminho argumentativo que, ao mesmo tempo em que desconstrói a argumentação de Soraya, interage com um público com o qual tem familiaridade, além de fazer críticas à condução do país pelo presidente da época, seu grande opositor na eleição presidencial.

Excerto 5

Lula: ele não vai ter emprego verde-amarelo... ele vai ter emprego EFETIVAMENTE... sabe? conquistando o (terminal) remunerado... com direito a férias... porque esse país acabou a escravidão em mil oitocentos e oitenta e oi::to... não é POSSÍ::VEL... que o trabalhador hoje... fique trabalhando como se fosse um entregador de comida? sentindo o cheiro da comi::da... sem poder comprar o que comer? ... é preciso que a gente LEGALI::ZE a vida desse cidadão? transforma-lo num pequeno empreendedor? é dar cidadania pra ele... é fazer com que ele tenha direito quando a sua moto QUE::bra quando seu carro QUE::bra ... quando a sua bicicleta QUE::bra... e é ISSO que nós vamos fazer ... porque é ISSO que nós sabemos fazer... e é ISSO que nós fizemos a vida inte::ra... NADA de escravidão? ... no século vinte e um... é preciso voltar? ao tempo da liberdade... que eu aprendi desde o momento sindical...

Com o excerto, podemos perceber que o então candidato Lula continua fazendo uma articulação de contra-argumentação em relação ao discurso de Soraya, ao mesmo tempo em que atinge também o governo Bolsonaro. O candidato informa que os brasileiros terão emprego pleno e não o emprego “verde-amarelo”, referência a um discurso defendido por segmentos do governo de Bolsonaro, no qual as pessoas teriam acesso a um tipo de emprego com menos direitos trabalhistas. A fim de valorar ainda mais a necessidade de conciliação entre trabalho e direitos, Lula faz um interdiscurso e relembra o ano de abolição da escravidão no Brasil, ou seja, para ele, emprego e garantia de direitos devem estar sempre juntos.

Lula ainda traz à cena enunciativa novos personagens. Trata-se das pessoas que trabalham por intermédio de aplicativos e não possuem nenhum tipo de garantia trabalhista. Para o atual presidente, seria necessário legalizar a profissão, com o fito de que esses trabalhadores tenham acesso à cidadania. Notamos, nesse fragmento, que Lula afasta os discursos liberais que defendem que essas pessoas continuem com essas formas de trabalho mesmo que não exista regulação e fomenta a interação com esse público, fazendo com que ele se torne uma opção de voto, que conhece essa realidade e tentará, se eleito, transformá-la.

Ao final do seu dizer, Lula utiliza termos valorativos para enaltecer o trabalho que realizou nos governos passados e até mesmo antes disso em relação à luta por direitos: “e é ISSO que nós vamos fazer ... porque é ISSO que nós sabemos fazer... e é ISSO que nós fizemos a vida inteira... NADA de escravidão ↗ ... no século vinte e um... é preciso voltar ↗ ao tempo da liberdade... que eu aprendi desde o momento sindical”. Diante disso, percebemos que, por meio de uma gradação que possui orientação argumentativa, o então candidato afirma que irá se fazer cumprir os direitos trabalhistas porque é isso que sempre fez e é isso que sabe fazer, articulando tais noções desde o período em que foi líder sindical.

Com isso, notamos que, em relação aos movimentos valorativos, primeiro, Lula desconstrói o argumento de Soraya em relação à inovação no campo dos impostos, depois, apela ao seu público, mostrando os feitos de seu trabalho anterior, e por fim, trata de outras temáticas atuais e conflituosas ligadas ao mundo do trabalho, fazendo, com isso, um contraponto ao comportamento do seu principal rival na disputa.

Figura 05- relações dialógicas estabelecidas no discurso de Lula



Fonte: os autores

O candidato à presidência Lula se refere em primeiro plano à candidata Soraya Thronicke, com quem está debatendo, mas também está interagindo com os mediadores do debate e com os eleitores em geral.

Além disso, Lula dialoga com os eleitores de 30 anos atrás, evocando também as ideias de Cintra para dizer que as propostas dele já fracassaram e, assim, contra-argumentar Thronicke.

O candidato também evoca a classe trabalhadora citada em seu discurso para estabelecer uma aproximação de ideais por meio da lembrança das ações benéficas realizadas para essas classes no seu governo passado. Ao fazer isso, Lula também pretende causar uma identificação e obter votos para a eleição que aconteceria no mês de outubro de 2022.

Lula evoca, ainda, as políticas de fomento ao emprego promovidas pelo atual presidente, como já relatado.

Por fim, o candidato realiza uma comparação da atual situação de alguns trabalhadores com a época da escravidão, evocando, portanto, o diálogo com a escravidão antiga e atual, para tratar do trabalho do seu partido, por meio do pronome em primeira pessoal “nós”, como nos trechos “ISSO que **nós** vamos fazer ... porque é ISSO que **nós** sabemos fazer... e é ISSO que **nós** fizemos a vida inteira”. Dessa maneira, constrói o discurso de que eles são capazes de mudar a atual realidade brasileira.

Considerações finais

305

Silva
Estevam

O nosso trabalho partiu da seguinte questão norteadora: como ocorre a arquitetônica bakhtiniana no embate entre Lula e Soraya Thronicke no debate presidencial da TV Bandeirantes no primeiro turno das eleições? Para isso, colocamos como objetivo analisar a arquitetônica bakhtiniana presente em um trecho do embate entre Lula e Soraya Thronicke no debate, sabendo que o conceito bakhtiniano é responsável por organizar o texto em torno de um posicionamento ideológico e axiológico do autor-criador situado no tempo e espaço e que ele envolve os conceitos de gênero do discurso, esfera discursiva, sujeitos enunciadore, cronotopo, avaliação social e valoração, além de outros.

Diante disso, por uma questão didática, abordaremos cada um desses conceitos a seguir:

- a) gênero do discurso - o conteúdo temático se resume aos candidatos se criticarem e se promoverem no debate. Soraya acusa o PT e Lula de serem ultrapassados e se promove com a ideia do mundo digital e imposto único, enquanto Lula acusa Soraya de não ser informada sobre a história política brasileira, por propor algo ultrapassado, e se promove afirmando que seu governo ajudou a classe trabalhadora e continuará ajudando-a, afastando-a da escravidão moderna. Sobre o estilo, Thronicke faz uso de linguagem formal, para construir um *ethos* de sapiência, e Lula faz uso de uma coloquialidade na oralidade, para construir um *ethos* de trabalhador. Por fim, sobre a estrutura composicional, vimos que ela obedece a seguinte ordem: exórdio dos mediadores → explicação do debate → desenvolvimento do debate → perguntas e respostas acerca dos planos de governo → confronto direto → questões dos jornalistas → confronto direto → perguntas programáticas → considerações finais.
- b) esferas discursivas - o debate em questão envolve o discurso jornalístico, o discurso político e o discurso midiático.
- c) sujeitos enunciadore - os sujeitos participantes são: Soraya Vieira Thronicke, senadora eleita pelo Mato Grosso do Sul, com viés conservador, e Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do país por duas vezes, sendo o representante máximo do Executivo entre

2003 a 2010 e inocentado de acusações em esquema de corrupção pela operação Lava-Jato.

306



Silva

Estevam

- d) Cronotopo - o espaço em que esse momento de interação ocorreu foi em São Paulo, nos estúdios da rede de televisão Bandeirantes e também no espaço virtual pelas redes sociais, e o tempo datado é 28 de agosto de 2022, sendo veiculado na mídia a partir das 21 horas, mas, devido a estar na internet, pode ser acessado em qualquer momento.
- e) avaliação social - Soraya segue a avaliação de que o modelo defendido por Lula e por seus economistas são ultrapassados, e Lula segue a avaliação de que a agenda implementada pelo seu partido é reconhecida pelos grupos socialmente vulneráveis.
- f) valoração - em relação à candidata Soraya: ao acusar o PT de corrupto, faz um valoração de que o PT usurpou o dinheiro nacional; ao acusar Lula de que o bom cenário social e econômico só está nas suas propagandas políticas, faz uma valoração de que ele é um mentiroso; ao exaltar o mundo digital e declarar que está disposta a usá-lo, faz uma valoração de que a opção do candidato oposto é arcaica; ao se promover com a proposta do imposto único, faz uma valoração de que a proposta dela é forte e é bem fundamentada em anos de estudo do economista Marcos Cintra.

Em relação ao candidato Lula: ao acusar a proposta do imposto único de ultrapassada, faz uma valoração de que a oponente é desconhecedora da história política do Brasil e não sabe que a proposta é ultrapassada; ao ressaltar a ascensão da classe trabalhadora no seu governo, faz uma valoração de que a seu modo de governar é eficaz e que se for eleito continuará sendo; ao promover a ideia de “emprego pleno”, ao invés de “verde amarelo”, faz uma valoração de desqualificação da proposta do candidato Bolsonaro, também presente no debate; ao se promover como gerador de empregos para a classe trabalhadora e ao aproximar a imagem de escravidão do governo atual, faz uma valoração de que, no seu governo, essa classe terá mais empregos e desqualifica o governo atual, que promove o sofrimento dessa classe como a de um escravo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- MELO, Rosineide de; ROJO, Roxane. A arquitetônica bakhtiniana e os multiletramentos. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; ROJO, Roxane. (Orgs.) *Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2. edição, 2016. p. 249-271.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *DELTA*, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412> Acesso em: 13 out. 2023.
- ROJO, Roxane; MELO, Rosineide de. Letramentos contemporâneos e a arquitetônica Bakhtiniana. *DELTA*, v. 33. n. 4, p. 1271-1289, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445057781725543649>

Apêndice

308

Silva
Estevam

((Debate presidencial, datado em 28/08/2022, veiculado a partir das 21h, na rede de TV Band, em parceria com a "TV Cultura", a plataforma de conteúdos "UOL" e o "Jornal Folha de São Paulo". Os participantes são o Candidato Lula e a candidata Soraya Thronicke.))

1 Soraya Thronicke: seu partido um corrupto confe::sso... e esse mundo
2 lin::do que o senhor fala só existe na propaganda eleitoral do senhor?
3 ... o Brasil precisa mudar e mudar pra valer precisa do mundo digital...
4 nós já estamos caminhando... e os seus economistas são todos MO-FA-DOS ...
5 nós temos uma solução pra o Brasil que a solução do imposto único federal...
6 nós vamos excluir retirar onze tributos federais e vamos trocar por um SÓ
7 ((candidata gesticula o um com a mão direita)) uma alíquota de UM ponto
8 vinte e seis por cento que vai:: aumentar o poder de compra do
9 brasilei::ro e diminuir a inflação... além DI::so.. isentar de imposto de
10 ren::da e de INSS... quem ganha... até cin::co salários mínimos... tudo
11 aquilo que é descontado do teu salário vai sobrar no seu bolso... COMO nós
12 vamos fazer isso? não é milagre... tem contas... são TRIN::TA anos de
13 estudo do professor Marcos Cintra e eu/e eu é:: desafio ((candidata levanta
14 o dedo indicador)) qualquer economista a discutir comigo imposto único
15 federal...

16 Jornalista: [candidata...
17 Lula: a candidata Soraya... ((fala em tom de riso irônico)) se ela tivesse
18 acompanhado a política desse país? ela perceberia que o seu vice já fez
19 essa proposta há trin::ta anos atrás... e não foi... se quer levado em
20 conta pelos eleitores desse país? e desse esta::do... a segunda coisa?
21 que eu queria dizer... para candidata Soraya é de que... nesse país? se
22 consegue falar muita coisa... e a senhora disse que não viu esse país que
23 eu falei acontecer? ... ((fala apontando diretamente para Soraya))o SEU
24 motorista viu? ... o SEU jardineiro viu? ... a sua empregada doméstica
25 VIU... você pode perguntar para a sua empregada domés::tica que ela viu?
26 que esse país melhorou... ela viu? que ela podia almoçar e jantar? todo
27 santo dia... que ela podia tomar café? ela viu que o filho dela poderia
28 entrar em uma universidade... o seu jardineiro VIU... ora... porque os
29 POBRES efetivamente cresceram nesse país e conquistaram cidadani::a...
30 talvez? a senhora não tenha visto... não sei se a senhora votou favorável
31 à legalização de emprego de empregada domés::tica... MAS... ela VIU que
32 melhorou a vida dela... ela viu que ela foi RESPEITADA ... e é ASSIM que
33 vai voltar a ser? ... o PO::BRE desse país vai voltar a ser respeita::do
34 ((fala olhando diretamente para a câmera))... ele não vai ter emprego
35 verde-amarelo... ele vai ter emprego EFETIVAMENTE... sabe? conquistando o
36 (terminal) remunerado... com direito a férias... porque esse país acabou a
37 escravidão em mil oitocentos e oitenta e oi::to... não é POSSÍ::VEL... que
38 o trabalhador hoje... fique trabalhando como se fosse um entregador de
39 comida? sentindo o cheiro da comi::da... sem poder comprar o que comer?
40 ... é preciso que a gente LEGALI::ZE a vida desse cidadão? transforma-lo
41 num pequeno empreendedor? é dar cidadania pra ele... é fazer com que ele
42 tenha direito quando a sua moto QUE::bra quando seu carro QUE::bra ...
43 quando a sua bicicleta QUE::bra... e é ISSO que nós vamos fazer ... porque
44 é ISSO que nós sabemos fazer... e é ISSO que nós fizemos a vida intei::ra...
45 NADA de escravidão? ... no século vinte e um... é preciso voltar? ao
46 tempo da liberdADE... que eu aprendi desde o momento sindical...

Discursos presidenciais do Dia Internacional da Mulher (2014 e 2022)

*International Women's Day presidential discourses
(2014 and 2022)*

Larissa Vieira de Cerqueira
Universidade de São Paulo, Brasil

1 Introdução

No Brasil, as mulheres são 51,1% da população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022, p. 4) e ainda sofrem com a falta de direitos básicos, como por exemplo, as restrições à sua participação política e cultural, a negação e o ataque de setores conservadores ao direito de aborto, a desigualdade salarial, a violência física e psicológica e o feminicídio, isto é, a morte pelo simples fato de serem mulheres. Nesse espaço social, cabe à presidência da República garantir os direitos da mulher já estabelecidos e aprimorá-los.

A motivação pela pesquisa dos pronunciamentos presidenciais em comemoração ao Dia Internacional da Mulher é enraizada em dois encantamentos e em dois incômodos. Os encantamentos são: i) a comemoração de 8 de março simboliza a luta histórica em prol dos direitos feministas em muitos países do Ocidente e do Oriente; ii) as falas e ações dos presidentes em pronunciamentos políticos geram impacto (positivo ou negativo) na vida pública em nível nacional. Os incômodos são: i) o sofrimento das mulheres mapeado pelas estatísticas: 1.319 feminicídios e

56.098 estupros foram registrados no Brasil em 2021 (Bueno, 2022, p. 3-8), sem contar as ocorrências não registradas; ii) os posicionamentos presidenciais sexistas – que atribuem padrões de aparência e de comportamento a serem seguidos pelas mulheres – ou machistas – que representam a mulher como submissa/inferior ao homem – exercem influência direta sobre os discursos populares acerca da mulher, que reproduzem os valores presidenciais em micro ou macroviolências cotidianas.

O *corpus* selecionado é composto pela saudação e pela apresentação do tema de dois pronunciamentos em vídeo: i) da Presidenta da República Dilma Rousseff (8/3/2014)¹ e ii) do Presidente da República Jair Bolsonaro (8/3/2022)², ambos disponíveis no canal do *Youtube* TV BrasilGov e transcritos pela autora a partir das indicações do projeto da Norma Urbana Culta (NURC) (Preti, 1999, p. 19-20). O objetivo é analisar os momentos de saudação e de apresentação do tema dos pronunciamentos oficiais dos presidentes Rousseff e Bolsonaro por ocasião do 8 de março, com foco nas diferentes formas de discurso do outro presentes na singularidade dos enunciados transcritos e visuais, considerando as marcas sócio-histórico-ideológicas, muitas vezes, antagônicas em torno do papel da mulher na sociedade.

Os critérios de escolha do objeto são os três seguintes: i) registro dos pronunciamentos em vídeo no canal oficial do governo no *Youtube*; ii) posicionamentos sócio-políticos em oposição direta, dada a polarização brasileira, em que as intenções de votos são movidas pelos polos petismo - relativo ao Partido dos Trabalhadores (PT) - e antipetismo ou bolsonarismo; iii) períodos de tensões em torno dos anos de 2014 e de 2022, uma vez que ambos foram momentos de eleições, isto é, de fim de mandato de Rousseff e de Bolsonaro respectivamente. Além disso, 2014 marcou o início de uma crise econômica e foi o ano seguinte à onda de manifestações conhecida como Jornadas de Junho. 2022 foi o ano em que o público feminino rejeitava Bolsonaro, como mostravam pesquisas eleitorais.

Três perguntas norteiam a análise: i) que posicionamentos são mobilizados pelos presidentes a partir das palavras alheias que recuperam em

¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8RUPjbvitSU>. Acesso em: 21 jun. 2022.

²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRZ5JDgh1hw&t=1:10:17>. Acesso em: 21 jun. 2022.

seus enunciados? ii) Que materialidades linguístico-semiótico-discursivas – verbais (léxico, entonação etc.) e visuais (cenário, vestimenta, expressão facial) – constroem a representação da mulher na esfera pública? iii) Que consequências e tensões esses discursos presidenciais causam quanto à luta feminista? Buscando responder a tais perguntas, mobilizamos, a seguir, os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentarão a análise.

2 Ideologia, Heterodiscurso e Verbo-Visualidade: uma trama teórico-metodológica

Nesta seção, são apresentados os conceitos de ideologia, heterodiscurso e verbo-visualidade. O objetivo é tecer uma trama teórico-metodológica entre as diferentes noções, mostrando que o posicionamento ideológico pode se materializar, entre outras formas, na mobilização da voz do outro e no signo. Ambas as materializações ideológicas ocorrem no âmbito verbo-visual, de forma que a verbo-visualidade é constitutiva tanto do heterodiscurso, quanto do signo ideológico.

2.1 Ideologia: a valoração nas lentes bakhtinianas

Todo enunciado, na concepção do Círculo de Bakhtin, é ideológico em dois sentidos: i) se dá nas esferas/campos ideológicos, como o político, o religioso, o artístico, o filosófico, o ético, etc.; ii) é valorativo, nunca neutro (Faraco, 2009, p. 46-47). Portanto, as ações políticas e sua influência social são de natureza ideológica.

A palavra ideologia, segundo Faraco (*loc. cit.*), não tem conotação negativa nos estudos bakhtinianos, diferentemente do que ocorre em algumas teorias marxistas, que abordam o sentido do termo como o mascaramento do real. O autor, ainda, aponta que, na obra do Círculo de Bakhtin, “algumas vezes, o adjetivo *ideológico* aparece como equivalente a *axiológico*” (Faraco, *loc. cit.*, grifo do autor). A axiologia se refere à posição valorativa inerente a todo enunciado, que traz em si valores ideológicos do tempo-espço e da cultura que o contextualizam.

As bases dos campos ideológicos estão na linguagem, isto é, materializam-se no signo, é o que Faraco (*loc. cit.*) ressalta a partir de Volóchinov ([1929] 2017). O teórico da literatura russa Medviédev vai na mesma direção ao afirmar que:

Cada produto ideológico e todo seu “significado real” não estão nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante. (Medviédev, [1928] 2019, p. 50).

A partir do excerto de Medviédev, fica claro que a materialização da ideologia do signo não ocorre apenas no signo verbal, mas no verbo-visual e no sonoro, porque está nos gestos das pessoas, nas cores, no som, etc.

O estudo em torno da materialidade linguística no discurso em Volóchinov (*op. cit.*) se dá sob dois eixos: i) signo ideológico, desenvolvido na parte I da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* e ii) alteridade constitutiva do discurso, desenvolvido nas partes II e III. Ambos os eixos estão ligados às formas de transmissão do discurso alheio (Clark; Holquist, [1994] 1998, p. 233).

Os conceitos de Volóchinov representam um rompimento com a noção de língua como um sistema abstrato e imanente. A criação do conceito de signo ideológico, segundo Grillo (2017, p. 52-59), parte de uma síntese dialética (em sua etimologia, como arte da disputa fixada na prática política) entre o idealismo kantiano e a sociologia marxista. A pesquisadora explica que Volóchinov defende uma aproximação entre o individual e o social, uma vez que a consciência do sujeito é formada a partir dos signos ideológicos, socialmente construídos.

Baseado no materialismo histórico marxista, Volóchinov ([1929] 2017, p. 91; 103-104) busca refutar o que denomina de objetivismo abstrato do estruturalismo, da corrente linguística saussureana, mostrando que a língua/linguagem é social e ideológica. O idealismo kantiano é tomado por Volóchinov, juntamente do psicologismo, para se opor a um subjetivismo idealista, que situaria a ideologia na consciência individual, sem situá-la socialmente. O autor defende, por outro lado, o discurso interior, de forma que a consciência individual é fruto do social e, por isso, é ideológica, porque a consciência é constituída por signos interindividuais, isto é, é preciso de, pelo menos, dois indivíduos socialmente organizados para que se tenha língua e consciência (*Ibid.*, p. 94-97). A língua é o instrumento ideológico das tensões entre o eu e o outro, por isso, é dialógica.

Dessa forma, podemos identificar a ideologia no enunciado ao situar sua esfera/campo, ao mapear o signo ideológico materializado nas escolhas lexicais, na verbo-visualidade e na entonação e ao investigar as formas de transmissão do discurso do outro.

2.2 Heterodiscurso: a materialização da ideologia

Tal como discutido na seção anterior, Volóchinov ([1929] 2017) defende que as formas de transmissão do discurso alheio são materializações da ideologia. Do mesmo modo, Bakhtin ([1930-1936] 2015, p. 135) afirma: “o processo de formação ideológica do homem é um processo de assimilação seletiva de palavras dos outros”. Considerando que a expressão ideológica/axiológica do sujeito ocorre por meio da mobilização do heterodiscurso, é necessário estudar esse fenômeno e suas formas de se materializar linguisticamente.

O heterodiscurso é entremeado pelas relações dialógicas. De acordo com Bakhtin, são

manifestações específicas do discurso que são determinadas por uma diretriz dialógica desse discurso entre enunciados alheios no âmbito da mesma língua, entre outras “línguas sociais” no âmbito da mesma língua nacional e, por último, entre outras línguas nacionais no âmbito da mesma cultura, do mesmo universo socioideológico. (*Ibid.*, p. 47).

A partir do excerto acima, entende-se que um enunciado pode incorporar a palavra do outro advinda da mesma língua, de variações linguísticas diversas a do autor, de diferentes línguas de uma mesma nação ou de línguas de nações diferentes. Bakhtin (*Ibid.*, p. 66) defende que “em cada dado momento de sua existência histórica a língua é inteiramente heterodiscursiva” na coexistência entre diferentes posições socioideológicas, diferentes grupos, idades diversas, etc.

Ao estudar o romance humorístico inglês, o filósofo da linguagem russo identifica a inserção do heterodiscurso no discurso do autor sob quatro formas. São elas: i) discurso do outro em forma dissimulada; ii) construção híbrida; iii) motivação pseudo-objetiva; iv) gêneros intercalados (Bakhtin, [1930-1936] 2015, p. 79-109).

No discurso do outro em forma dissimulada, não há marcas delimitando a palavra do autor e a palavra do outro, tal como ocorre no discurso indireto ou direto. A voz do outro é identificada em nuances, principalmente, lexicais, que distinguem o modo de falar do autor e do outro, seja pelas diferenças de classes sociais, pelas diferenças de profissão, de idade, etc.

Na construção híbrida, o discurso é de um só falante, mas se mesclam duas maneiras discursivas, dois estilos, duas linguagens, duas perspectivas

semânticas e axiológicas. Um exemplo é a ironia, em que um só falante assume uma posição bivocal de oposição que, muitas vezes, gera o humor.

A motivação pseudo-objetiva introduz o discurso alheio por meio de conjunções subordinativas (*Ibid.*, p. 85), principalmente, adverbiais, como as causais “porque”, “por causa de”; concessivas “embora”, “apesar de”; conformativas “conforme”, “segundo”.

Por último, outra forma de introdução do heterodiscurso no romance são os gêneros intercalados. Trata-se de gêneros discursivos mobilizados dentro de um enunciado também materializado em outro gênero. Por exemplo, uma carta dentro de um romance; um artigo de opinião dentro de um livro didático; etc. Bakhtin (*Ibid.*, p. 109) defende que “todos esses gêneros que integram o romance inserem nele as suas linguagens, e por isso, estratificam a sua unidade linguística e, a seu modo, aprofundam a sua natureza heterodiscursiva”.

Para entender o heterodiscurso no romance, segundo o filósofo da linguagem, é necessário compreender o conceito de bivocalidade:

o heterodiscurso introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é discurso do outro na linguagem do outro, que serve à expressão refratada das intenções do autor. A palavra de semelhante discurso é uma palavra bivocal especial. Ela serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas diferentes intenções: a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor (*Ibid.*, p. 113).

A bivocalidade, dessa forma, expressa a voz de dois falantes, com duas visões de mundo diferentes. Quando o autor mobiliza o discurso do outro, esse refrata seu horizonte axiológico.

Depois de abordar o heterodiscurso no romance, o autor discorre acerca do falante no romance. Ele afirma: “o peso do dia a dia no tema do falante no romance é imenso [...] o que mais se fala no dia a dia é sobre o que dizem os outros” (*Id.*, [1930-1936] 2015, p. 131). Ao discorrer sobre o cotidiano, o autor traz o exemplo do aluno que transmite a assimilação do discurso do outro, seja a assimilação de um texto, de uma regra ou de um modelo. Diferentemente dessa diretriz pedagógica, Bakhtin explica que

ganha um significado ainda mais profundo e substancial a diretriz voltada para a assimilação do discurso do outro no processo de formação ideológica do homem, na própria acepção do termo. Aqui, o discurso do outro já não atua como informação, instrução, regras, modelos, etc.; ele procura determinar os próprios fundamentos da nossa

relação ideológica com o mundo e do nosso comportamento, atua aqui como um *discurso autoritário* e como *discurso interiormente persuasivo*. (Bakhtin, [1930-1936] 2015, p. 135-136)

Dessa forma, o discurso autoritário não se trata da assimilação pedagógica do discurso do outro, mas da assimilação ideológica, que forma o posicionamento, a axiologia de dado enunciado. Ele exemplifica que o discurso autoritário é o “religioso, político, moral, o discurso do pai, dos adultos, dos mestres, etc.” e explica que é um tipo de discurso que “exige de nós reconhecimento e assimilação, impõe-se a nós independentemente do grau que, para nós, tem sua persuasibilidade interior: já se pré-encontra por natureza autoritária” (*Ibid.*, p. 136). É, portanto, um discurso que, inerentemente, obriga sua assimilação.

Além de tratar acerca do heterodiscurso no romance e do falante no romance, Bakhtin discorre sobre o objeto de um discurso, estabelecendo uma relação dialógica entre esse e o discurso do outro, uma vez que “conceber seu objeto pelo discurso é um ato complexo: por um lado, todo objeto ‘precondicionado’ e ‘contestado’ é elucidado; por outro, é obscurecido pela opinião social heterodiscursiva, pelo discurso do outro sobre ele”. (*Ibid.*, p. 49). Nesse trecho, o autor afirma que todo objeto já foi anteriormente desenvolvido por algum discurso. Dessa forma, é impossível não estabelecer diálogos com heterodiscursos. “Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não precondicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto” (*Ibid.*, p. 51). Os enunciados concretos são situados histórica e socialmente, de forma que não conseguem evitar o diálogo social com a consciência socioideológica existente no entorno de um objeto.

O discurso voltado para seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar complexa sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística. (Bakhtin, [1930-1936] 2015, p. 48).

Portanto, todos os enunciados são heterodiscursivos. As marcas ideológicas de um enunciado, em suas tensões com outros enunciados, são materializadas por meio de recursos semânticos e estilísticos.

A partir das considerações em torno dos conceitos de ideologia e de heterodiscurso, este trabalho se propõe a analisar os enunciados verbo-visuais de Dilma Rousseff e de Jair Bolsonaro, considerando quais formas de discursos do outro são mobilizadas no momento em que o Dia da Mulher é o objeto de cada um dos enunciados. Esses dados linguístico-discursivos das vozes alheias permitem mapear o horizonte axiológico dos presidentes sobre a mulher, as tensões entre as vozes sociais e as consequências, isto é, de que forma o discurso presidencial influencia a luta feminista e os discursos populares acerca do papel da mulher.

Para que essa análise se faça completa, sem deixar de lado nenhum dos elementos que constitui, materialmente, a ideologia dos enunciados a serem analisados, é necessário compreender o conceito de verbo-visualidade, a ser desenvolvido a seguir.

2.3 Verbo-visualidade: a totalidade do enunciado concreto

Cada um dos pronunciamentos presidenciais será analisado considerando a verbo-visualidade do vídeo, uma vez que tratá-lo somente em sua materialização verbal seria excludente. Brait explica:

[...] a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, especialmente, das formas de articulação assumidas por essas dimensões para produzir sentido, construir imagens de enunciadore e enunciatários, circunscrever destinatários, etc.

Assim sendo, a linguagem verbo-visual será aqui considerada uma enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual. Essa unidade significativa, essa enunciação, esse enunciado concreto, por sua vez, estará constituído a partir de determinada esfera ideológica, a qual possibilita e dinamiza a existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção. (Brait, 2010, p. 194).

O pronunciamento presidencial como acontecimento da vida da linguagem inserido na esfera ideológica política, sendo constitutivamente verbo-visual materializa sua ideologia/axiologia sobre o objeto Dia Internacional da Mulher na linguagem verbal e na linguagem visual. A concepção de texto assumida a partir desse raciocínio de Brait (2010, p. 195) é a “semiótico-ideológica”:

Assim concebido, o texto deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos que o constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito. (*Ibid.*, p. 195).

O sujeito presidente, a esfera/campo ideológico político e as tensões são pilares da análise verbo-visual do discurso presidencial.

[...] o enunciado/texto verbo-visual caracteriza-se como dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva), de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, evidenciando relações mais ou menos tensas, entretecidas pelo face a face promovido entre verbal e visual, os quais se apresentam como alteridades que, ao se defrontarem, convocam memórias de sujeitos e de objetos, promovendo novas identidades (*Id.*, 2013, p. 62).

A partir desse excerto, entendemos que o verbo-visual revela o horizonte axiológico do autor do enunciado e seus embates. Além disso, o verbal e o visual, embora indissociáveis para a interpretação de dado enunciado, podem expressar sentidos complementares ou dissonantes entre si. Ambos os movimentos, de complementação e de negação entre o verbal e o visual, são imprescindíveis para a interpretação do horizonte axiológico de um enunciado.

Conclui-se que a ideologia de um enunciado se constrói em sua verbo-visualidade, materializada tanto no signo ideológico em suas multissemioses, quanto no heterodiscurso, conforme já discutido. Por isso, as categorias de análise mobilizadas para mapear o posicionamento dos presidentes diante do papel social da mulher são as seguintes: i) formas de transmissão do heterodiscurso (discurso do outro sob forma dissimulada, construção híbrida, motivação pseudo-objetiva e gêneros intercalados); ii) signo ideológico em sua acepção verbo-visual, incluindo gestos, entonação da palavra oralizada, cores, sons, etc.

3 Pronunciamentos presidenciais do 8 de março: da mulher da periferia aos militares

O *corpus* selecionado para análise é composto pela saudação e pela apresentação do tema de dois pronunciamentos em vídeo: i) da Presidenta da República Dilma Rousseff (8/3/2014) e ii) do Presidente da República Jair Bolsonaro (8/3/2022).

Inicia-se, por ordem cronológica, a análise do pronunciamento de Dilma Rousseff. A primeira mulher a se tornar presidenta da república do Brasil, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), foi eleita em 31 de outubro de 2010 com 56,05% dos votos e tomou posse em 1 de janeiro de 2011. Durante seu terceiro ano de mandato, em 2013, a popularidade do governo caiu após a onda de manifestações por mais de 500 cidades do Brasil, conhecida como Jornadas de Junho. Entre outras questões, a população protestava contra o preço da passagem de transporte público e contra os gastos empenhados para que o Brasil sediasse a copa do mundo.

O ano do pronunciamento a ser analisado, 2014, foi marcado pelo final do primeiro mandato de Rousseff em ano de eleições. A queda da popularidade de seu governo, embora significativa, não afetou a disputa pela presidência. A presidenta foi reeleita com 51,64% dos votos, contra 48,36% de Aécio Neves. Além disso, foi no ano de 2014 que uma crise econômica começava a assolar o país. Entre os pesquisadores da área de economia – Oreiro (2017), Balassiano (2018), Rovere (2018), Paula (2019) –, é consenso de que a crise em questão seja referida como a grande recessão brasileira. Seu início ocorreu no segundo trimestre de 2014, e seu final, no quarto trimestre de 2016.

O pronunciamento a ser analisado circula nos campos político e midiático. Foi pré-gravado no Salão Nobre do Palácio da Alvorada, a residência presidencial, o que configura um espaço que, ao mesmo tempo que é federal, é também privado, aproximando Rousseff de seu público. Rousseff fala de sua casa para a casa de milhões de mulheres.

Provavelmente, antes da gravação do vídeo, ocorreu um planejamento escrito do texto. Durante a filmagem, a presidenta teve à disposição um *teleprompter*, equipamento acoplado à câmera, exibindo o texto a ser lido. O vídeo foi editado, isto é, há cortes perceptíveis no âmbito verbo-visual. A transmissão ocorreu em todas as emissoras de rádio e de televisão nacionais e, posteriormente, o vídeo foi postado no *Youtube* da TV BrasilGov, veículo gerido pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), pública, federal.

A transcrição da saudação e da apresentação do tema do pronunciamento pode ser conferida a seguir:

10”

MEUS queridos brasileiros... e MUIto especialmente... MINhas queridas brasiLEIras... hoje... Dia Internacional da mulher... podemos dizer... que o Brasil... tem MUIto a comemorar... e MUIto a fazer... as mulheres... são a MAIOR FORça emerGENte no

mundo... e o Brasil está contribuindo... de forma DEciSiva... para que essa força se amplie e se torne cada vez MAIS presente... das VINte maiores economias mundiais... somos... proporcionalmente... a que tem MAIS mulheres empreendedoras... muLHERes que Abrem seus PRÓprios neGÓcios... e enfrentam... com coRAgem e competência... as dificuldades para crescer e prosperar... nos ÚLtimos onze anos... das TRINta e seis miLHÕES de pessoas que saíram da exTREma pobreza... mais da metade são mulheres... igualMENTE são mulheres... MAIS da metade das quarenta e duas miLHÕES de pessoas que alcançaram a classe média... o Brasil... criou nos últimos TRÊS anos... quatro milhões e quinhentos MIL empregos... mais da metade desses empregos... com carteira assinada... foram conquistADOS pelas mulheres... por ESTE e OUTros motivos... podemos dizer... que a mulher é a nova FORça que MOve o Brasil

319

Cerqueira

Dilma Rousseff inicia o pronunciamento saudando todos os brasileiros e colocando as mulheres em instância especial quando diz “MUIto especialmente... MINhas queridas brasiLEIras...”. As ênfases na entonação e as escolhas lexicais em “minhas queridas” reiteram a valoração da mulher. Por último, é interessante notar que ao saudar as mulheres, a presidenta sorri, tal como mostra a captura do momento do vídeo a seguir:

Figura 1 – Captura de vídeo em que a presidenta sorri enquanto diz “minhas queridas brasileiras” – 14 segundos



Fonte: canal TV BrasilGov no Youtube, 2014.

Na captura do vídeo, ainda é relevante mencionar que ao fundo, o Salão Nobre do Palácio da Alvorada encontra-se borrado, de forma que o foco se mantenha na figura da presidenta. Ainda assim, é possível ver a bandeira e o brasão da república à esquerda. A presidenta está sentada à mesa diante da câmera. Ela está vestida com um terno azul. De acordo com Silveira (2015, p. 123), o azul é a “cor do infinito, do longínquo, do sonho; cor da

fidelidade, do amor, da fé; cor do frio, da frescura, da água; cor real e aristocrática”. Além disso, causa sensações em quem vê essa cor:

sensação de paz e tranquilidade do céu; sensação de infinito espacial, expandindo planos e superfícies; sensação de estar num mundo de sonho, criado de acordo com os nossos desejos, perfeito; sensação de segurança e conforto da família; sensação de frio, inverno; sensação de pureza, transparência, sensação de luxo, requinte, sofisticação, realza. (*Ibid.*, p. 123-124).

Os brincos de pérola e a maquiagem com tons nudes são marcas de elegância e de discrição. O delineado ao redor dos olhos, por outro lado, traz um elemento de força, ao evocar a origem egípcia desse tipo de maquiagem, que recorda, principalmente, a rainha Cleópatra.

Além disso, assim como grande parte das mulheres, Rousseff não figura um padrão de beleza feminino como é imposto socialmente: magra, alta, de cabelo comprido e usando roupas impostas ao universo feminino. Dessa forma, ela oferece representatividade para as diversas mulheres que não se encaixam nesse padrão de beleza imposto. Em discursos extremamente conservadores, o uso do terno e do cabelo curto são apontados como estereótipos da masculinidade.

Esses aspectos visuais somam-se à dimensão verbal do pronunciamento, no qual, após a saudação, a presidenta diz “hoje... Dia Internacional da Mulher... podemos dizer... que o Brasil... tem MUIto a comemorar... e MUIto a fazer...”. Nesse ponto, Rousseff faz uma espécie de síntese daquilo que o Dia Internacional da Mulher representa para ela: a luta pela causa e pelos direitos feministas, defendendo que há conquistas a serem comemoradas e há trabalho a ser feito. Há dois elementos que permitem interpretar que as conquistas às quais a presidenta se refere aqui são ações alcançadas pelo seu próprio governo: i) o sujeito da oração que ela profere é “o Brasil”, o que remete ao governo federal sob presidência dela; ii) nas partes seguintes do pronunciamento, que não serão aqui analisadas por uma questão de recorte, Rousseff cita um conjunto de políticas públicas adotadas pelo seu governo em defesa da causa da mulher. A entonação enfática no advérbio “MUIto” mostra a importância que Rousseff atribui a essas ações que, segundo ela, precisam ser comemoradas. Além disso, as pausas em sua fala parecem indicar ênfase, segmentando elementos em foco como “Dia Internacional da Mulher”, “Brasil”, “MUIto a comemorar” e “MUIto a fazer”.

Ao mesmo tempo em que há autodefesa de seu governo, o tom não se finda em um autoelogio puro. A presidenta quer mostrar sua preocupação com a causa feminista, trazendo um tom realista de que ainda há medidas que precisam ser tomadas para o bem-estar da mulher. O advérbio de intensidade “MUIto” reforça o quanto ainda é preciso fazer pela mulher. A escolha do sujeito “o Brasil” em “o Brasil... tem MUIto a comemorar... e MUIto a fazer...” parece ser ambígua. Diante de “tem MUIto a comemorar”, “o Brasil” não representa somente um sujeito coletivo, os brasileiros, mas o governo Rousseff, cujas conquistas são exaltadas. Porém, o sujeito “o Brasil” diante de “[tem] MUIto a fazer” pode ser interpretado de forma que a presidenta, de certa maneira, se isenta, pelo menos parcialmente, da responsabilidade que tem sobre esse fazer pela mulher.

Ainda durante a apresentação do tema, no pronunciamento, mescla-se, à voz da presidenta, em construção híbrida, a voz de uma especialista em economia. De acordo com Bakhtin ([1930-1936] 2015, p. 80-84), na construção híbrida, o discurso é de um só falante, mas se mesclam duas maneiras discursivas, dois estilos, duas linguagens, duas perspectivas semânticas e axiológicas. Podemos observar esse movimento na série de dados estatísticos apresentados. O primeiro deles ocorre aos 38 segundos de vídeo: “das VINte maiores economias mundiais... somos... proporcionalmente... a que tem MAIS mulheres empreendedoras...”. Nos trechos anteriores já analisados, Rousseff se referia às mulheres em uma linguagem popular. Ao inserir os dados estatísticos e levá-los a uma compreensão acessível, temos o caráter híbrido, bivocal. Esse tom de economista adicionado à voz da presidenta parece ter sido escolhido pelo fato de que uma mulher em um cargo de alto poder em uma sociedade de patriarcado estrutural, como ocorre com Rousseff, tem sua capacidade posta em cheque a todo o momento. Os dados estatísticos seriam uma forma da presidenta provar sua capacidade.

Decerto que o desempenho do cargo de Presidência da República exige conhecimento econômico. A presidenta é graduada em Economia e desempenhou cargos executivos de função econômica, como presidir a Fundação de Economia e Estatística (FEE). Ao proferir um pronunciamento do Dia Internacional da Mulher, no entanto, não é esperado que sejam tratadas questões econômicas. A questão da mulher é um tema cujas possibilidades de subtópicos são infinitamente extensas. Porém, dado o contexto de seu pronunciamento, em que Rousseff enfrenta o início de uma

grande crise financeira, seria natural esperar que a presidenta desse acabamento ao conteúdo temático do enunciado assumindo o discurso de uma especialista em economia. Percebemos que o tópico discursivo principal não é o Dia Internacional da Mulher, mas as conquistas econômicas de seu governo relacionadas à mulher. Dessa forma, a mulher parece entrar como um subtópico discursivo em seu pronunciamento.

Os dados estatísticos relacionados às conquistas econômicas das mulheres no governo Rousseff são utilizados como recursos argumentativos para sustentar a tese que diz que “o Brasil... tem MUIto a comemorar... e MUIto a fazer...”. Trata-se de uma constante no discurso político o convencimento do interlocutor acerca das conquistas alcançadas pelo governo.

Além disso, a entonação enfática recai sobre o número “VINte” e sobre “MAIS”, o que mostra o destaque dirigido aos números da voz especialista. As pausas dão foco às palavras “somos” e “proporcionalmente”, que são centrais na oscilação entre a proximidade afetiva e o distanciamento profissional de um especialista, ambos os discursos convocados na bivocalidade da presidenta. A escolha lexical do advérbio “proporcionalmente” mostra o cuidado estatístico ao comparar dados de diferentes países, o que reforça o discurso de um especialista sendo convocado no discurso da presidenta. Por outro lado, o nós inclusivo na conjugação do verbo “somos” aproxima a presidenta de seu interlocutor, oscilando entre a distância profissional de um especialista e o acolhimento da presidenta para as mulheres.

O trecho imediatamente em seguida ao analisado no parágrafo anterior contém uma reformulação. Aos 46 segundos de vídeo, a presidenta reformula “mulheres empreendedoras...” por “muLHEres que Abrem seus PRÓprios neGÓcios...”. Essa reformulação por paráfrase introduz, em construção híbrida, não mais a voz da especialista em economia, mas a voz popular, uma tradução popular da palavra “empreendedoras”. Nesse trecho, quase todas as palavras têm a sílaba tônica com uma entonação enfática, o que confere destaque especial a esse trecho, que explica o que são mulheres empreendedoras, o que pode mostrar que a presidenta dá importância à aproximação que faz com a população.

A oscilação entre a voz da presidenta, a voz da especialista em economia e a voz popular mostra que Rousseff está se dirigindo às mulheres

das classes sociais menos favorecidas para mostrar a elas que há possibilidade econômica de ascensão social. Por um lado, ela empodera as mulheres e, por outro lado, promove a situação econômica de seu governo, como quando afirma: “das TRINta e seis miLHÕES de pessoas que saíram da exTREma pobreza... mais da metade são mulheres...”.

Retomando a esfera de circulação do vídeo, não é praxe que a fala presidencial em torno do Dia Internacional da Mulher seja materializada no gênero do discurso *pronunciamento em cadeia nacional de rádio e de televisão*. Nos dois governos anteriores ao de Dilma Rousseff, Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), as falas do Dia da Mulher materializaram-se no gênero *discurso em cerimônia*. Essas cerimônias, em grande parte, ocorriam no Palácio do Planalto, em Brasília, sede do trabalho do governo federal, e contavam com um auditório e com os registros da imprensa. Diferentemente desses governos, Rousseff escolhe que sua fala seja materializada em um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e de televisão gravado no Palácio da Alvorada, a residência presidencial. O pronunciamento interrompe a programação habitual dos veículos televisivos e de rádio em certo horário para ser assistido ou ouvido na íntegra. Dessa forma, a escolha da presidenta por esse gênero do discurso mostra uma aproximação das camadas mais populares, já que o pronunciamento é amplamente divulgado em cadeia nacional e é gravado na residência presidencial. Essa escolha, desse modo, reitera a interlocução de Dilma com as mulheres das camadas menos favorecidas economicamente. Isso porque, se o gênero escolhido fosse o discurso em cerimônia no Palácio do Planalto, como fizeram os dois governos anteriores ao da presidenta, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), pública, federal teria registrado e veiculado a fala em seu canal televisivo e no *Youtube* intitulado TV BrasilGov, o que não teria o mesmo alcance, devido ao nicho restrito de espectadores desse veículo televisivo em específico e dada à precariedade de acesso à internet ainda mais acentuada há quase 10 anos, em 2014.

Outro aspecto que traz chave de interpretação à interlocução de Dilma com as mulheres brasileiras é a cor de sua vestimenta. Como já dissemos, o azul representa tranquilidade, serenidade, calma, harmonia. Esse parece ser o tom de Rousseff diante da crise: defende a situação econômica de seu governo, buscando passar tranquilidade para o povo brasileiro, principalmente, para a mulher, ao dizer que elas que conseguem ter ascensão econômica, que conseguem sair da extrema pobreza. Além disso, como

vimos anteriormente, o azul passa sensação de sofisticação, realeza, o que adiciona um elemento de empoderamento à presidenta e às mulheres que a assistem e enxergam representatividade nela.

Ao concluir a apresentação do tema, a presidenta defende “por ESTE e Outros motivos... podemos dizer... que a mulher é a nova FORça que MOve o Brasil...”. A ênfase de entonação nas palavras “força” e “move” reitera aquilo que está sendo valorado: de um lado, a mulher empoderada, de outro lado, o âmbito econômico. Retomando o elemento visual do corte de cabelo curto e do terno que a então presidenta usa na ocasião, pode-se concluir que também são elementos do empoderamento feminino. Isso porque rompem com os padrões de beleza impostos sobre as mulheres: ser magra, alta, ter cabelo comprido e usar roupas que ressaltem a feminilidade. Além de empoderar a presidenta, oferece representatividade para as diversas mulheres que não se encaixam nesse padrão de beleza imposto socialmente. Em uma visão estritamente conservadora, o terno e o cabelo curto são elementos atribuídos ao masculino. Partindo também de uma visão estereotipada, quando uma mulher se vale desses elementos, ela estabelece um nível estético de igualdade com o homem, o que a empodera aos olhos excludentes de uma parcela conservadora do mercado de trabalho. Trata-se de uma visão que vem sendo extremamente combatida pelos movimentos feministas. Uma mulher não precisa assumir características masculinas para demonstrar poder, ainda que isso seja uma estratégia adotada por muitas para fazer valer o seu lugar.

Partindo para a análise do pronunciamento de Bolsonaro, é necessário situar as tensões em torno do enunciado proferido. O presidente foi eleito no dia 28 de outubro de 2018 com 55,13% dos votos e tomou posse no dia 1 de janeiro de 2019, quando estava filiado ao Partido Social Liberal (PSL). À época do pronunciamento em questão, Bolsonaro havia se afiliado ao Partido Liberal (PL). 2022 era seu último ano de mandato, ano de eleições. A última pesquisa eleitoral que investigou as intenções de voto femininas antes do pronunciamento de Bolsonaro foi a do PoderData, realizada de 31 de janeiro a 1º de fevereiro de 2022. Essa pesquisa mostrou que somente 22% das mulheres entrevistadas votariam em Bolsonaro, enquanto 44% votariam em Lula. No caso dos homens, 38% votariam em Bolsonaro e 39% em Lula, o que levaria a um empate técnico (Poder Data, 2022). Nesse contexto, a tensão é construída neste nó: ter que encarar o público que o rejeita, ao mesmo tempo em que o pronunciamento seria uma chance de atrair mais eleitoras.

É importante situar as condições de produção e de circulação do pronunciamento de Jair Bolsonaro. A fala do presidente ocupa os campos político e midiático. O discurso circulou ao vivo, com plateia imediata e com transmissão no canal do *Youtube* e de televisão da TV BrasilGov. O pronunciamento de Bolsonaro foi o último da cerimônia pelo Dia Internacional da Mulher, que teve duração de uma hora e dezoito minutos. Situado no local mais importante do Palácio do Planalto, o Salão Nobre, espaço público, lugar de trabalho do chefe do poder executivo, o presidente lê seu pronunciamento a partir de um papel. Presentes na cerimônia, no palco, estão as seguintes mulheres: a primeira-dama, Michelle Bolsonaro; a então Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves; a Ministra Chefe da Secretaria de Governo Flávia Arruda; a Ministra da Agricultura Tereza Cristina; a Secretária Especial de Produtividade e Competitividade do Ministério da Economia Daniella Marques; e a indígena Kamiru Kamaiurá. Na plateia, estão o Ministro da Economia Paulo Guedes, o presidente da Caixa Econômica Federal Pedro Guimarães, militares, embaixadores, membros da polícia federal, etc.,

O trecho em foco, a saudação e a apresentação do tema do pronunciamento do presidente Jair Messias Bolsonaro (8/3/2022), pode ser conferido a seguir:

1º10'28"

Senhore/ primeiro... senhores militares... se depe/ se dependêssemos das mulheres NÃO teRíamos GUErras no mundo... ((aplausos e gritos)) Bom dia a todos... primeiro obrigado a Deus pela:... minha segunda vida... e pela missão... e também pelas pessoas maravilhosas... que o colocou ao meu lado... para nós conduZIRmos o desTino da NOssa nação... temos problemas... ma::s:... os LUCros... são MUItos... mas MUItos grandes... e isso nos anima... a continuar... e obviaMENTE... em GRANDe parte... esse lucro VEM... do trabalho das mulheres que esTÃO... ao nosso lado... Tem uma passagem bíblica... Coríntios... que RESUme... basicamente... esse nosso dia... "porque assim como a mulher foi FEI-ta... do HOMem... assim também o HOMem NASce da mulher... e TU-do VEM de DEUS" ((aplausos))

Na saudação de seu pronunciamento, Jair Bolsonaro, antes de direcionar “Bom dia a todos...”, usa o numeral “primeiro”, para mostrar que valora como o mais primordial dirigir-se aos militares presentes na plateia. O truncamento assinalado na transcrição mostra a relevância de usar a palavra “primeiro” para o presidente, a ponto de corrigir sua fala. Em um discurso oficial nacional em comemoração do Dia Internacional da Mulher, espera-se que as interlocutoras sejam as mulheres brasileiras, mas o presidente não as interpela. As mulheres são colocadas como objeto do discurso, sobre quem se fala, e não como destinatárias.

Na continuação do pronunciamento, ao dizer para os militares “se dependêssemos das mulheres NÃO teríamos GUErras no mundo...”, podemos depreender, na fala do presidente, uma construção híbrida. Isso porque são duas vozes por trás da mesma construção verbal: a voz do capitão aposentado do exército Jair Messias Bolsonaro e a voz do presidente da república Jair Messias Bolsonaro. É importante ressaltar, ainda, que ao terminar de proferir essa fala inicial, o presidente sorri a ponto de quase dar risada, tal como notamos na captura do vídeo:

Figura 2 – Captura de vídeo em que o presidente sorri depois de dizer “se dependêssemos das mulheres, não teríamos guerras no mundo” – 1 hora 10 minutos 38 segundos



Fonte: canal TV BrasilGov no Youtube, 2022.

O limiar entre o sorriso e a risada de Bolsonaro parece revelar que há dois tons compondo esse trecho de fala. O primeiro seria o tom sério, que evoca um estereótipo das mulheres como apaziguadoras, como aquelas que evitam conflitos, estereótipo esse que abre margem para que muitas mulheres sofram violência e relacionamentos abusivos, ao sentirem que devem se calar para evitar conflitos. Trata-se, ainda, de um estereótipo que apaga todas as mulheres que pegaram ou pegam em armas, que participam de guerras como integrantes de Exércitos ou como guerrilheiras.

O segundo tom que parece ser evocado é irônico, o que recupera o contrário do que o presidente disse: de que as mulheres seriam raivosas, descontroladas, estereótipo que também caminha entre os discursos sociais.

Esse posicionamento híbrido é aderido pela plateia imediata, que dirige aplausos e gritos à fala do presidente.

Além do limiar entre o sorriso e a risada, a captura do vídeo mostra que o presidente veste uma gravata rosa, cor que também está no fundo da imagem compondo o cenário e na camisa vestida pela intérprete de Libras. Consultando a íntegra do vídeo do discurso⁴, ainda é possível verificar que a maioria das mulheres que estão no palco, assim como algumas mulheres do auditório vestem cor-de-rosa. Esses aspectos constroem um heterodiscurso visual. Isso porque essa cor recupera o discurso alheio em duas falas anteriores a de Bolsonaro na mesma cerimônia: i) a fala da Ministra Damares Alves, “somos um governo cor-de-rosa”; ii) a fala da Primeira-Dama Michele Bolsonaro, “em nome do presidente mais cor-de-rosa do mundo”, ambas as falas defendendo que o governo Bolsonaro conta com grande número de parlamentares mulheres e com políticas públicas de apoio à mulher. O discurso alheio recuperado pela cor rosa também está em um vídeo viralizado em que a então Ministra Damares Alves, nos primeiros dias de governo Bolsonaro, em janeiro de 2019, diz: “É uma nova era no Brasil! Menino veste azul e menina veste rosa!”³. A frase insere-se em um contexto em que defendia o combate à chamada “ideologia de gênero”, termo criado pelo governo Bolsonaro para se opor à ideia de que gênero é uma construção social, ou seja, não está restrito ao sexo biológico de uma pessoa. A partir da recuperação da voz do outro, pode-se dizer que o cenário e as vestimentas cor-de-rosa em conjunto com a escolha pessoal do presidente por usar uma gravata dessa cor são aspectos que representam os valores de defesa de um ideal de mulher cisgênero, heterossexual, mãe e esposa. Trata-se de um ponto de vista, ao mesmo tempo, machista e sexista. Esse tipo de posicionamento, quando absorvido pela população que apoia o presidente e migrado à esfera cotidiana, culmina em violência contra a mulher, desde a violência psicológica até o feminicídio.

A seguir, na apresentação do tema do pronunciamento, há o seguinte trecho: “primeiro obrigado a Deus pela:... minha segunda vida... e pela missão... e também pelas pessoas maravilhosas... que o colocou ao meu lado... para nós conduZIRmos o destino... da nossa nação...”. O numeral “primeiro” vem, novamente, colocar algo como mais relevante, como

³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRZ5JDgh1hw&t=1:10:17>. Acesso em: 21 jun. 2022.

anterior em relação ao que vai ser dito em seguida sobre a mulher. Trata-se de questões pessoais do presidente, desenvolvidas em quatro focos: i) sua crença pessoal em Deus; ii) a sobrevivência ao atentado ocorrido em 2018, em Juiz de Fora, na ocasião em que Adélio Bispo de Oliveira esfaqueou o presidente, à época candidato; iii) a missão de ser presidente, que, segundo ele, lhe foi concedida por Deus, o que atribui a si um estatuto quase messiânico; iv) as pessoas que Deus colocou ao lado do presidente para ajudá-lo a governar o país. O final desse trecho, marcado por uma ênfase na entonação, reforça o estatuto de importância que Bolsonaro dá a esse momento de sua fala.

Outro ponto a ser destacado na apresentação do tema do pronunciamento do presidente da república é o seguinte: “temos problemas... ma::s::... os LUCROS... são MUITO... mas MUITO grandes... e isso nos anima... a continuar... e obviamente... em GRANDE parte... esse lucro VEM... do trabalho das mulheres que estão... ao nosso lado...”. Nesse momento, Bolsonaro se refere às mulheres, novamente, como objeto do discurso e, não, como interlocutoras. Porém, agora, não são consideradas todas as mulheres e, sim, apenas aquelas que estão ao lado do presidente, isto é, as que apoiam seu governo.

A voz do outro é inserida, nessa passagem, pela conjunção adversativa “mas”, em motivação pseudo-objetiva. A voz do outro está em “temos problemas”. É como se Bolsonaro reconhecesse as questões que a luta feminista defende, mas esse não é seu foco, não é um grupo com o qual se identifica. Ele retorna para sua voz ao introduzir a conjunção “mas” e defende o que é axiologicamente primordial em sua perspectiva: os lucros alcançados.

Ainda nesse trecho, podemos notar uma diferença em relação ao pronunciamento de Rousseff: Bolsonaro não usa dados estatísticos para abordar os ganhos econômicos. Ao invés de dados, há a escolha lexical do advérbio de intensidade “muito”, pronunciado com ênfase na entonação, o que marca a valoração do lucro econômico, de forma a colocá-lo acima dos problemas da nação. Problemas esses que podem ser, inclusive, os da luta da mulher, como por exemplo a violência de gênero, e estão sendo considerados de menor importância quando comparados aos lucros. Além disso, o uso do advérbio de intensidade “muito” e da entonação enfática favorecem a argumentação pela emoção, em que o enfoque está unicamente no efeito persuasivo, o que é típico de discursos sensacionalistas. Já os dados concretos

dão consistência à fala de Dilma, constituindo argumento que funda o real, ganhando estatuto de fato, isto é, os dados comprovam e não podem ser negados.

A segunda diferença que esse trecho aponta em relação ao pronunciamento da presidenta é que, aqui, o foco não é a ascensão social das mulheres. Para Bolsonaro, as mulheres estão do lado dos homens, o referencial é masculino, a mulher é tida como secundária, contribuindo para os lucros brasileiros e não sendo empoderadas pelo lucro que geram.

Ao concluir a apresentação do tema de seu pronunciamento, Jair Bolsonaro cita a passagem bíblica Coríntios: "porque assim como a mulher foi FEI-ta... do HOMem... assim também o HOMem NASce da mulher... e TU-do VEM de DEUS". Ao trazer a passagem bíblica, o presidente assume o discurso do outro, o discurso religioso, como um discurso autoritário para abordar o papel da mulher. De acordo com Bakhtin (2015 [1930-1936], p. 136, grifo nosso), o discurso autoritário “procura *determinar* os próprios fundamentos da nossa relação ideológica com o mundo e do nosso comportamento”. A Bíblia como um discurso autoritário constitui um discurso religioso que determina a relação da mulher com o mundo e seu comportamento. Esse trecho bíblico em questão situa a mulher como constituída a partir do homem, o que constrói um posicionamento ideológico machista de que a mulher seja submissa e secundária em relação ao homem. Bolsonaro assume esse posicionamento ao trazer o discurso do outro, o discurso bíblico, para seu pronunciamento. Esse ponto de vista é reforçado pela entonação, que é mais alta na palavra “homem” por duas vezes e, na palavra “Deus”, por uma vez, mas que não tem ênfase na palavra “mulher”.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar a saudação e a apresentação do tema dos pronunciamentos oficiais dos presidentes Rousseff (2014) e Bolsonaro (2022) em comemoração ao 8 de março, a fim de entender como as diferentes representações ideológicas que os presidentes constroem em torno do papel da mulher são materializadas nos elementos verbo-visuais: as formas de discurso do outro, os signos ideológicos, as cores, etc.

Na construção ideológica dos pronunciamentos por meio desses elementos, três resultados se destacam:

i) A interlocução estabelecida pelos presidentes frente ao público é distinta: Dilma Rousseff se dirige “especialmente” às mulheres, enquanto Jair Bolsonaro marca os “senhores militares” como seus interlocutores. A escolha do destinatário indica valores ideológicos: Rousseff estabelece uma posição de proximidade com as mulheres em busca de lhe conceder poder, já Bolsonaro não se dirige à mulher, mas se refere a ela como submissa. Ao se dirigir aos militares, estabelece um diálogo com os pares e apoiadores de seu governo;

ii) Ao retomar o discurso do outro, os discursos presidenciais assumem valores diferentes frente à mulher: Rousseff recupera dados estatísticos do campo econômico para conceder autoridade à mulher de periferia, valorizar a luta diária pela igualdade de gênero juntamente da ascensão social; já Bolsonaro se vale do heterodiscurso bíblico para defender um ideal de mulher submissa ao homem, adota um discurso intolerante, que contribui para a violência. Esse aspecto discursivo se alia ao visual cor-de-rosa, retomando o posicionamento contrário à “ideologia de gênero” e a favor de uma única face possível para o ser mulher: cisgênero, heterossexual, mãe, esposa. Dessa forma, o conjunto verbo-visual aponta para um pensamento que visa legitimar a desigualdade entre homens e mulheres. No caso da presidenta, a cor azul representa tranquilidade, serenidade, calma, harmonia, traduzindo o tom de Rousseff diante da crise, que é o de passar tranquilidade para a mulher brasileira, encorajando sua ascensão social. Ao mesmo tempo, o azul passa sensação de sofisticação, realeza, o que adiciona um elemento de empoderamento à presidenta e às mulheres que a assistem e enxergam representatividade nela. O conjunto verbo-visual do pronunciamento da presidenta aponta para o empoderamento da mulher, para a sua ascensão e para a luta feminista. Quando um sujeito representante de um país adota um discurso que representa a mulher como submissa ao homem, isto é, um discurso machista, acaba por influenciar grande parte da população e por legitimar a manutenção de problemas diários de desigualdade entre homens e mulheres nas empresas, nos lares, no espaço público, contribuindo para situações de violência de gênero e para as mortes de tantas mulheres que morrem pelo simples fato de serem mulheres. Por outro lado, empoderar a mulher é uma forma de motivar as mesmas na luta diária pela igualdade de gênero e contra as formas de violência, além de ser uma maneira de conscientização masculina para participação nessa luta.

iii) A esfera de circulação das falas presidenciais, que inclui o contexto sócio-histórico, aponta para momentos de eleições, isto é, de fim de mandato de Rousseff e de Bolsonaro. Além disso, 2014 marcou o início de uma crise econômica e foi o ano seguinte à onda de manifestações conhecida como Jornadas de Junho. 2022 foi o ano em que o público feminino rejeitava Bolsonaro, como mostravam pesquisas eleitorais. Dessa forma, cada presidente busca preservar sua própria face e validar suas estratégias de governo, bem como suas ideologias. Rousseff o faz utilizando dados estatísticos de ascensão econômica das mulheres. Já Bolsonaro se vale da ênfase na entonação do advérbio de intensidade “muito”, que marca a valorização do lucro financeiro, cuja grande parte afirma vir do trabalho das mulheres durante seu governo. Porém, chama a atenção que o lucro é valorado acima dos demais problemas da nação. Ainda que com posicionamentos muito diferentes, ambos os presidentes usam a comemoração de 8 de março como pretexto para a autopromoção de seus governos, o que mostra que a causa da mulher não é um foco, trata-se de um tópico aproveitado para alcançar a visibilidade presidencial. Dessa forma, podemos concluir que a mulher continua à margem, isto é, a urgência dos problemas que vive é estabelecida de forma secundária aos interesses políticos e econômicos.

Referências

- #AOVIVO: Comemoração do Dia Internacional da Mulher. Brasília: TV BrasilGov, 2022. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRZ5JDgh1hw&t=1:10:17>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, [1930-1936] 2015.
- BALASSIANO, Marcel Grillo. Recessão Brasileira (2014-2016): Uma análise por meio do método do Controle Sintético do PIB, PIB per capita, Taxa de Investimento e Taxa de Desemprego. *Encontro Nacional da Anpec*. 2018. Disponível em: https://www.anpec.org.br/encontro/2018/submissao/files_I/i4-e40f41cc1badaf4207dc9dc7f5823cc8.pdf. Acesso em: 01 abr. 2023.
- BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568/12909>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- BUENO, Samira (Coord.). *Violência contra mulheres em 2021*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021v5.pdf>. Acesso em 24 nov. 2022.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, [1994] 1998.

DILMA Rousseff parabeniza brasileiras no Dia Internacional da Mulher. Brasília: TV BrasilGov, 2014. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8RUPjbvitSU>. Acesso em: 21 jun. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório. In: VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017. p. 7-79.

IBGE. *Características gerais dos moradores 2020-2021*. Brasil: Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf. Acesso em 24 nov. 2022.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. *Método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Editora Contexto, [1928] 2019 [1928].

OREIRO, José Luis. A grande recessão brasileira: diagnóstico e uma agenda de política econômica. *Estudos Avançados*, v. 31, n. 89, p. 75-88, abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890009>.

PAULA, Flávio Alves de. As causas da grande recessão brasileira (2014 – 2016). 2019. 58 f.

TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26518/3/CausasGrandeRecess%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

PODER 360. BEHNKE, Emilly. “Segundo pesquisa, mulheres não votam em mim”, diz Bolsonaro. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/segundo-pesquisa-mulheres-nao-votam-em-mim-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PRETI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

ROVERE, Matheus. A grande recessão da economia brasileira e o profit-squeeze. 2018. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24753/1/2018_MatheusRovere_tcc.pdf. Acesso em: 02 abr. 2023

SILVEIRA, Luciana Martha. *Introdução à teoria da cor*. 2. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, [1929] 2017.

O corpo feminino no espaço e no tempo: uma análise comparativa de anúncios publicitários de cigarro da década de 1970 no Brasil e na França

The female body in space and time: A comparative analysis of cigarette advertising from the 1970's in Brazil and France

Letícia Thomé de Oliveira
Universidade de São Paulo, Brasil

1 Introdução

O público leitor de um anúncio publicitário, como parte de um contexto social, varia de acordo com o tempo e espaço: “A atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)” (Bakhtin, [1952-53] 2016, p. 78). Assim, a publicidade acompanha essas mudanças para que o seu resultado com as vendas seja efetivo, e com esse propósito, o emissor direciona a composição verbo-visual dos anúncios publicitários.

Considerando isso, o objetivo deste estudo é descrever e interpretar as diferenças nas representações da figura feminina em enunciados do gênero propaganda por meio de uma análise comparativa de enunciados brasileiros e franceses desse gênero, produzidos na década de 1970 no Brasil e na

França. Buscamos compreender o papel dos signos ideológicos verbais e visuais na construção de ênfases valorativas sobre a mulher nas sociedades brasileira e francesa.

É importante conceituar o gênero publicitário com que se irá trabalhar. Para isso, será utilizada a definição dada por Gomes (2001), que se preocupou, justamente, com a definição de termos da área da comunicação, que, muitas vezes, são usados sem rigor científico. Ela propõe uma definição do gênero propaganda como sendo “um processo de disseminação de ideias, através de múltiplos canais, com a finalidade de promover no grupo ao qual se dirige os objetivos do emissor [...] o que implica, pois, um processo de informação e um processo de persuasão” (Gomes, 2001, p. 117). Assim, será utilizado, neste estudo, o conceito do gênero anúncio publicitário como sendo a manifestação da propaganda, gerenciamento do fluxo de informações com objetivo de manipular a opinião pública e a conduta social.

A escolha pela comparação entre Brasil e a França se deu por conta da relação entre esses países, que vem sendo alvo da atenção de diversos estudiosos e teóricos nos âmbitos de Humanidades e de Linguagens, como elaborado por Figueredo e Glenadel:

Antônio Candido lembra, no prólogo do livro *Diálogos entre o Brasil e a França* (2005), a importância da cultura francesa para sua geração, observando que os jovens de hoje, penetrados pela influência norte-americana, não conseguem talvez avaliar o que isto significou. Segundo ele, desde o início do século XIX a França exerceu no Brasil o papel formador que as culturas clássicas da Grécia e de Roma exerceram na Europa. (Figueredo; Glenadel, 2009, p. 57).

A escolha da década de 1970 como recorte temporal da análise se deve ao fato de esse ser um período que, como será mostrado mais adiante, marcou diferentes regimes sociopolíticos nos países estudados. Buscamos analisar se essas diferenças impactaram na construção dos enunciados analisados no que diz respeito à imagem da mulher.

Para atingir esse objetivo, serão analisados dois enunciados do gênero anúncio publicitário, sendo um deles brasileiros, e o outro, francês, ambos da década de 1970, veiculados em revistas impressas de notícias, informação e atualidades. Em todos os enunciados, há a presença de imagens femininas, e será no corpo delas, bem como naquilo que representam na composição de toda a propaganda, que será concentrada a análise.

2 Análise de discursos comparativa: metodologia de construção do corpus e de análise

335

●●●●●●●●●●
Oliveira

O princípio orientador deste estudo é a comparação. A análise comparativa do discurso foi escolhida, pois a pesquisa tem teor linguístico e cultural e se busca cotejar as línguas/culturas de duas diferentes sociedades, de forma que esse tipo de análise se mostra adequado. A comparação é, conforme elaborado por Grillo, Machado e Campos (2018), uma necessidade humana de entender a linguagem e a humanidade, ou seja, para que o ser humano atinja a compreensão da pluralidade de culturas expressas pelas diferentes línguas, ele as compara.

Para evidenciar as semelhanças e as diferenças entre os enunciados que compõem o corpus, foi utilizado o conceito de *Tertium Comparationis*. Esse conceito foi definido pelo grupo de pesquisadores CLESTHIA – aux sens et discours – a saber: Cislaru, Pugnière- Saavedra, Tréguer-Felten e Von Münchow¹ – e foi amplamente utilizado nos estudos comparativos do grupo Diálogo (USP/ CNPq)². *Tertium Comparationis* consiste na invariável da comparação, ou seja, o elemento de dois enunciados que não irá variar, a fim de que eles possam ser cotejados. É a partir desse elemento que se compõe uma análise comparativa entre discursos de diferentes línguas/ culturas. Muito comumente, um dos elementos escolhidos como *Tertium Comparationis* é o gênero discursivo. Assim, os dois discursos comparados na análise pertencem ao mesmo gênero, tomando a noção bakhtiniana desse conceito.

No caso deste corpus, tomamos por *Tertium Comparationis* o gênero do discurso anúncio publicitário e a década de 1970. Assim, procurou-se a máxima aproximação entre os anúncios, para que se evidenciasse as eventuais semelhanças e diferenças entre eles. Essa aproximação se deu pelos seguintes critérios:

¹ A título de exemplificação, pode-se citar o estudo de Von Münchow *Les journaux télévisés en France et en Allemagne : Plaisir de voir ou devoir de s'informer* (2005) como um dos trabalhos que aborda o conceito de *Tertium Comparationis* na comunidade francesa.

² Também a título de exemplificação, citamos, novamente, o artigo de Grillo, Machado e Campos *Análise comparativa do discurso: quais são seus precursores?* (2018).

2.1 Veículo de publicação

O veículo de publicação dos anúncios selecionados foi o mesmo: revistas de notícias impressas e de grande circulação no país de origem. A escolha por esse veículo se deu pela sua ampla circulação na época em questão. Para a propaganda brasileira, foi selecionada a revista *Veja*, que, na época, levava o nome de *Veja* e *Leia*, e para a francesa, foi selecionada a revista *L'Express*.

A revista *Veja* foi fundada em 1968 e tem como foco questões nacionais e internacionais, atualidades, economia e política. Ao longo da década de 1970, a revista sofreu uma série de censuras em suas publicações por parte do governo da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Essa repressão aconteceu tanto por meio de cortes de trechos de reportagens quanto através de apreensão de exemplares inteiros já publicados.

A primeira edição da revista *L'Express* foi publicada em 1953, com forte teor de denúncia política. Por conta de seu posicionamento político reformista, sofreu censura por parte da Quarta República Francesa (1946-1958), mas isso ocorreu até 1958, ou seja, antes do período de nossa análise. Desde então, a revista adotou o modelo de publicação semanal de informações.

2.2 Produto ou serviço anunciado

Na seleção dos anúncios, buscamos que o produto ou serviço anunciado fosse o mesmo, para que se pudesse evitar ruídos na comparação, ou seja, para que se pudesse verificar diferenças e semelhanças na composição dos anúncios sem que se precisasse considerar uma alteração de produto ou de serviço. Foram selecionados, assim, anúncios que vendem cigarro.

A escolha desse produto em específico se deve ao seu valor ideológico nas duas culturas em questão. Carneiro (2002) e Rangel e Castro e Moraes (2017) discutem, justamente, o vínculo desse produto com o gênero masculino, dado que, desde o século XIX, na Guerra da Criméia, ele foi incorporado à ração do exército e, ao longo do século XX, foi tido como artigo de consumo essencial do cotidiano. A construção sociocultural da sexualidade masculina também foi sendo associada ao consumo do cigarro,

bem como o de bebida alcoólica, no sentido de que a virilidade masculina estaria ligada à despreocupação com a saúde.

2.3 Ano de publicação da revista

Para respeitar o recorte temporal do estudo, todas as revistas que compõem o corpus foram publicadas entre 1970 e 1979. Porém, para evitar, na comparação, ruídos advindos de acontecimentos específicos do começo da década, que poderiam não ser mais válidos no final dela, procurou-se aproximar ao máximo o ano de publicação das revistas nas quais os anúncios selecionados foram veiculados. As datas de publicação deveriam ser o mais próximas o possível, desde que os anúncios estivessem, também, vendendo o mesmo produto. Assim sendo, os textos selecionados foram publicados entre 1970 e 1973.

Os componentes dos anúncios publicitários, bem como o anúncio em si, serão analisados enquanto enunciados compostos por signos ideológicos, ou seja, fragmentos da realidade material que refletem e refratam a realidade social em movimento (Volóchinov, [1929] 2017). Desse modo, a análise da figura da mulher nesses anúncios, juntamente com toda a construção composicional deles, poderão revelar aspectos das ênfases sociais – uma atenção social dada a um conjunto específico de objetos que obterá uma forma sónica – das línguas/culturas brasileira e francesa da década de 1970.

A seguir, relacionamos os anúncios que compõem o recorte do corpus deste estudo:

Quadro 1. Relação de cada anúncio analisado

País	Marca	Produto	Revista	Data
Brasil	Robt. Burns Cigarillos	Cigarro	L'Express nº 1158	17 de setembro de 1973
França	Mister Superkings	Cigarro	Veja e Leia nº 238	28 de março de 1973

Fonte: elaborado pela autora

A metodologia utilizada para a análise seguirá os momentos propostos por Valentin Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem ([1929] 2017) para o estudo da língua. São propostas três etapas de análise, e cada uma delas

será realizada de forma comparativa, dado que a análise comparativa é o eixo que norteia este estudo. Segue-se, então, da seguinte forma:

1-Formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;

2-Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;

3- Partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (Volóchinov, [1929] 2017, p. 220)

Para o embasamento das condições concretas dos enunciados, ou seja, para a recuperação do contexto social e histórico, foram utilizados, além dos trabalhos de Bakhtin e do Círculo, que permeiam toda a análise, trabalhos de pesquisadores da área de filosofia e de história, a saber: Ana Maria Colling (UNIJUÍ/ UERGS), Celuy Roberta Hundzinski (ENSTA Paris / Paris X), Ivan Domingues (UFMG), Karina Woitowicz (UEPG) e Joana Maria Pedro (UFSC). A descrição das formas da língua, em sua concepção linguística habitual, recorreu à *Gramática do português brasileiro* (2010), de Ataliba Teixeira de Castilho, gramática formulada a partir de teorias linguísticas contemporâneas; *Problemas de linguística geral I* ([1966] 1991), de Émile Benveniste, obra que abarca uma série de artigos a respeito da problemática do homem na língua; e o capítulo “A forma espacial do herói”, da coletânea *Estética da criação verbal* ([1920-30] 1997), de Mikhail Bakhtin, para abordar especificamente a questão do corpo feminino na análise das imagens.

3 Primeira etapa de análise: formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas

O público leitor de um anúncio publicitário vive em um contexto social e está sujeito à ideologia do cotidiano, ou seja, “todo conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas” (Volóchinov, [1929] 2017, p. 213) em uma determinada época e lugar. Considerando a situação social concreta em que ocorre o enunciado, em um primeiro momento, cabe analisar aspectos dos contextos históricos do Brasil e da França na década de 1970, visto que são parte integrante dos enunciados publicitários enquanto seus elementos extraverbais.

Nessa época, o Brasil vivia uma Ditadura Militar, iniciada com o golpe militar em 31 de março de 1964 e terminada com a eleição de Tancredo Neves em 1985. O regime foi marcado pelo conservadorismo político e social, com a implementação de atos institucionais e complementares que estabeleciam, entre outros aspectos, a censura e a suspensão da liberdade de imprensa. No quesito liderança política, todos os presidentes e a maioria absoluta dos representantes políticos, ao longo desse período, eram homens. Nesse contexto, Colling discorre sobre uma anulação prática do poder de fala da mulher:

Na história do regime militar brasileiro, como em todos os projetos políticos autoritários, a construção de sujeitos ocorre de forma unitária e não diversificada. A sociedade é dividida em dois blocos antagônicos: situação e oposição, igualando-se os sujeitos. A esquerda tradicional repete a mesma fórmula: ou se é sujeito burguês ou proletário. As diversidades são entendidas como divisionistas da luta principal. Estes dois discursos anulam as diferenças e constroem sujeitos políticos únicos, desconsiderando a presença feminina e enquadrando-a em categorias que a desqualificam. Nesta medida, institui-se a invisibilidade da mulher como sujeito político. (Colling, 2004, p. 6).

Woitowicz e Pedro (2009) também abordam essa questão do espaço da mulher durante o período da Ditadura, bem como o papel do ascendente movimento feminista no Brasil dentro da militância da época. Elas elaboram que, na década de 1970, alguns jornais pequenos começaram a se dirigir para as mulheres com o conteúdo de figuras femininas que haviam sido exiladas do país. Isso foi de grande importância para a divulgação e para a organização iniciais do movimento feminista no país. Por outro lado, nesse mesmo momento, movimentos que discutiam sexualidade e igualdade de gênero não encontravam espaço para exercer a sua militância, mesmo na esquerda do país:

[...] a prática dos grupos de reflexão era vista com hostilidade por determinados setores de esquerda, que apostavam em outras frentes de luta e consideravam inúteis tais discussões, devido ao seu viés “pequeno-burguês”; neste sentido, as lutas envolvendo sexualidade e autonomia do corpo “eram consideradas “ideias específicas”, e portanto divisionistas da luta geral que consideravam ter prioridade: pela democratização, pela anistia, pelo socialismo” (Woitowicz; Pedro, 2009, p. 45).

Dessa forma, a década de 1970, embora tenha sido de grande importância para o nascimento e para a ascensão do movimento feminista no Brasil, também foi uma época de pouco espaço para a voz da mulher, tanto

no governo militar, quanto na oposição de esquerda. O discurso autoritário e conservador do regime, que ocupava o centro hegemônico, concebia uma representação feminina baseada no que Buosi (1998) define como Mulher Protegida e Mulher Ativa. A Mulher Protegida é aquela romântica, insegura, fortemente ligada às instituições matrimoniais e à maternidade, temente em relação às mudanças nos papéis sociais as quais vêm acontecendo no mundo. Já a Mulher Ativa está envolvida com o trabalho, como uma fuga da solidão, e tem uma relação conflituosa com o casamento e com os filhos, além de ser extrovertida e cética em relação às lutas feministas, ao sexo e ao casamento. Assim, observa-se que a mulher nesse momento é vista ou como subordinada ao sistema patriarcal ou como cética em relação ao movimento feminista emergente.

Já na França, nessa mesma época, vivenciavam-se os reflexos de um importante período revolucionário, conhecido como Maio de 1968. Esse movimento foi caracterizado pela união dos estudantes ao proletariado em reivindicações pela ampliação dos direitos civis e pelo fim de costumes e posturas tidos como conversadores e arcaicos. Pode-se citar os exemplos trazidos por Hundzinski:

Naquela época, os estudantes manifestavam por terem que assistir aulas em locais estreitos, inacabados e repletos, onde, muitas vezes, deviam ficar em pé. Além disso, estando relativamente distantes de Paris, não podiam ter uma vida social e cultural adequada (bares, cinemas, teatros, ...). Isso afetava, sobretudo, as moças que, apesar de maiores, não tinham o direito de permanecer fora do alojamento depois das 23 horas. Outras universidades, em diferentes cidades francesas, começaram a protestar contra a proibição da frequência dos alojamentos pelo sexo oposto e outras razões sexistas (Hundzinski, 2018, p. 3).

Domingues (2021) também discute sobre o caráter anti-tradicionalista da revolta de 1968. Os estudantes, aliados aos trabalhadores que buscavam reformas políticas e trabalhistas, se revoltaram contra os diversos padrões socioculturais presentes na época, como a restrição sexual manifestada pela separação dos gêneros nas universidades e a ideia tradicional de família.

Na França, tendo por ícone o mês famoso, os affiches [cartazes] desabusados e as barricadas do Quartier Latin, com seu componente anárquico e descentralizado, contra tudo e contra todos, em suas quatro vertentes: contra o capitalismo, contra o consumismo ou a sociedade de consumo, contra a família e as instituições tradicionais, e contra o imperialismo americano – tudo tendo começado na Universidade de Nanterre, na região parisiense, quando os estudantes se insurgiram contra o interdito de homens e mulheres compartilharem dormitórios, ou melhor dizendo, a proibição de os rapazes irem aos dormitórios das

moças, como registrou Ricoeur, e tudo terminando com Paris incendiada e as forças da ordem só habilitadas a retomar o controle da situação, finda a greve geral, ao desocuparem Nanterre e a Sorbonne, dois meses depois. (Domingues, 2021, p. 187-188).

Essas reivindicações mostram a preocupação da juventude francesa com a libertação sexual e com uma maior igualdade entre os gêneros. Embora esse movimento tenha ocorrido no final da década de 1960, os seus efeitos perduraram também ao longo da década de 1970, pois, como afirma Hundzinski, esse movimento “mudou profundamente a mentalidade francesa” (Hundzinski, 2018, p. 1). A França passava por um momento de transformação e de emancipação da mulher. A desigualdade entre os gêneros e a militância jovem existiam em ambos os países, porém o Brasil passava por um momento político em que não havia tanto espaço para esse tipo de discussão, de modo que nos quesitos de liberdade sexual e igualdade de gênero o Brasil vivia uma situação bem distinta da França.

Dado que os anúncios publicitários, como enunciados concretos, são uma resposta a elementos verbais (outros enunciados) e a elementos extraverbais, eles possuem orientação responsiva, ou seja, são produzidos em relação ao que já foi dito, e prenunciam outros dizeres. Assim, no caso dos enunciados publicitários, para que haja efetividade na comunicação, é preciso que haja uma orientação responsiva em relação ao público para o qual ele é endereçado. Para isso, o anúncio deve ser composto considerando o pensamento de uma certa sociedade, dessa forma, a resposta orientada pelo enunciado será mais possivelmente a esperada pelo enunciador.

4 Segunda etapa de análise: formas dos enunciados em relação estreita com a interação da qual são parte

Nessa segunda parte da análise, será observada a construção composicional dos anúncios, considerando os aspectos verbais e não verbais de cada um deles. Para a organização dessa parte da análise, construiu-se uma hipótese de trabalho que considera um possível percurso do olhar do leitor para os anúncios, levando em consideração o destaque visual de cada componente: consideramos que o leitor observa, primeiramente, aspectos não verbais do enunciado e, na sequência, aspectos verbais – primeiro os títulos e, por último, o texto. Como esse não era o objetivo principal desta pesquisa,

não foi feito um estudo aprofundado a seu respeito, mas essa será a ordem que se seguirá para essa etapa de análise.

Para embasar a análise das imagens dos anúncios brasileiros e franceses com foco no corpo da mulher, será utilizado o capítulo “A forma espacial do herói”, da coletânea *Estética da criação verbal* ([1920-30] 1997), de Bakhtin. Ele propõe que uma imagem – como o caso das fotografias – não poderia de fato captar um ser, pois ela só atinge a parte exterior do corpo e, não, o interior, onde o eu de fato se expressa: “o herói – a personagem do devaneador –, tomado em seu desejo e em seu amor, vive a si mesmo por dentro, sem a menor expressividade externa” (Bakhtin, [1920-30] 1997, p. 49). Uma fotografia é, portanto, não uma representação do *eu* fotografado, mas da forma como ele é visto como *outro*. No caso dos anúncios em questão, os corpos das mulheres ali presentes têm pouca relação com o verdadeiro eu delas, mas são uma representação da forma como os enunciadores desejam que elas sejam vistas pelo leitor, visando gerar uma identificação e uma idealização.

Esses dois aspectos, identificação e idealização, são de importância essencial para o bom funcionamento de um anúncio publicitário, ou seja, no que diz respeito à utilização da imagem do corpo: primeiramente, deve haver a criação de uma identificação entre a imagem de um corpo no anúncio e o leitor, sem a qual o anúncio não atrairá a atenção dele, perdendo, então, a sua eficiência. Em seguida, deve haver a elaboração de uma idealização daquela imagem, ou seja, deve-se fazer com que o leitor identifique quais são os elementos que estão nela, que lhe faltam e que ele deseja possuir, o que poderá ser feito por meio da aquisição do produto anunciado:

[...] pode-se ainda acrescentar aquela [expressão] que desejaríamos ver em nosso rosto, não para nós mesmos, naturalmente, mas para os outros: na frente do espelho, quase sempre posamos, adotando esta ou aquela expressão que nos parece essencial e desejável. (Bakhtin, [1920-30] 1997, p. 54)

Um objeto não representa apenas a si mesmo, mas uma vivência: “O visível apenas completa o que é vivido no interior e não tem, muito provavelmente, senão uma importância secundária para a realização do ato” (Bakhtin, [1920-30] 1997, p. 63). Assim, tomando-se por objeto a imagem de um corpo em um enunciado publicitário, as vivências associadas a esse corpo na composição verbal e visual do anúncio, como felicidade, satisfação

e sucesso, têm papel principal, enquanto o corpo, isoladamente, assume papel secundário.

343

●●●●●●●●●●
Oliveira

O corpo, na composição dos anúncios, é de grande importância, por se tratar de um signo ideológico, ou seja, “essa imagem artístico-simbólica de um objeto físico já é um produto ideológico. O objeto físico é transformado em um signo. Sem deixar de ser uma parte da realidade material, esse objeto, em certa medida, passa a refratar e refletir outra realidade.” (Volóchinov, [1929] 2017, p. 92). Assim, os elementos utilizados na composição dos anúncios, como a imagem do corpo da mulher, do homem e até a imagem do próprio produto, são representações imagéticas de seres que pertencem à realidade concreta. Essa visão a respeito dos elementos que compõem os anúncios é muito produtiva para pensarmos em como eles se relacionam com a realidade, ou seja, os valores sociais e o papel da mulher em cada sociedade.

Após a análise das duas imagens abaixo, identificamos o seguinte padrão comum: ambas as mulheres são brancas, jovens, aparentemente de classe média ou alta e aparentam contentamento. O corpo da mulher, portanto, é um signo que representa pessoas felizes e que possuem boas condições socioeconômicas, atreladas também à imagem do corpo do homem, presente em cada anúncio, conforme se vê nas imagens a seguir:

Imagem 1- Robt. Burns - França



Fonte: Revista L'Express, n. 1158

Imagem 2- Minister - Brasil



Fonte: Revista Veja e Leia, n. 238

Em ambas as propagandas, apenas o homem está fumando, ou seja, consumindo o produto anunciado. Dessa forma, pode-se inferir que ele seja um possível leitor presumido das marcas anunciantes. Ambas as mulheres têm olhar sonhador, mas, no caso do anúncio francês, a mulher está em uma posição de submissão em relação ao homem e está sentada enquanto ele está em pé, o que indica maior passividade dela em comparação a ele. Ela está vestindo uma camisola, o que pode demonstrar que se trata de um momento íntimo. No anúncio brasileiro, a submissão da mulher é mais discreta, mas também está presente. Não se pode tirar conclusões a respeito das vestimentas da mulher, ao contrário do anúncio francês, pois apenas o rosto dela é enquadrado. Apesar de ambas as pessoas estarem na mesma posição, aparentemente em pé, o homem está um pouco à frente, um plano mais próximo do leitor, e a moça está com a cabeça reclinada no ombro dele.

Por fim, a mulher da propaganda francesa olha fixamente para o parceiro, enquanto a da brasileira, embora esteja fisicamente encostada no homem, olha de forma calma para a paisagem, representada na propaganda pelos barcos no pôr do Sol. Nota-se que a mulher da propaganda de Robt. Burns obtém um tipo de prazer de cunho mais sexual, e ela se entrega ativamente ao homem, como se pode observar pela posição dos seus braços, tronco e rosto. Nesse sentido, a mulher da propaganda francesa difere da de Minister, pois, nesse caso, ela está encostada no ombro do companheiro, abaixo dele, sem indícios visuais de atividade.

As mulheres, em ambos os casos, desempenham o papel de coadjuvantes dos homens, que são os verdadeiros destinatários presumidos, ou consumidores dos anúncios. Além disso, ambas as mulheres estão em posição de maior passividade, mas com uma ênfase valorativa maior no anúncio brasileiro.

Passemos ao segundo componente do anúncio: o título. Pela sua posição e tamanho, ele é o elemento verbal de maior destaque dos anúncios, portanto, é para onde o olhar do leitor se dirige simultaneamente à apreensão da imagem. Das duas propagandas, apenas a brasileira possui um título mais extenso e chamativo em comparação com o corpo do texto do anúncio. No título do anúncio dos cigarros Minister, tem-se uma comunicação clara com o homem, leitor presumido do anúncio:



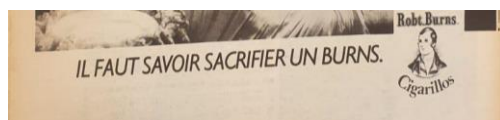
Fonte: Revista Veja e Leia, n. 238

O título do anúncio coincide com o slogan da marca: “*para quem sabe o que quer*”³. Como, nesse anúncio, o homem é quem está consumindo o produto anunciado, entende-se que o título “*o sabor para quem sabe o que quer*” comunica-se diretamente com ele. Assim, o homem que fuma cigarros Minister sabe o que quer, o que inclui uma bela moça, representada pela mulher ao lado dele na imagem, e a vivência em uma bela paisagem, também presente na imagem. Nesse caso, então, o título agrega valor ao cigarro, na medida em que enfatiza a qualidade do homem que o consome, e a mulher, implicitamente, faz parte da conquista dele.

De modo isolado, os signos ideológicos que compõem os títulos não expressam desigualdade de gênero, porém têm a função de estabelecer uma comunicação mais direta com o sujeito para o qual o anúncio é endereçado, o que, nesse caso, é o homem. Assim, mesmo o produto sendo, em teoria, destinado para ambos os gêneros, o título contribui para a demarcação de um endereçamento mais claro para os homens. Desse modo, há a pressuposição de que seria ele o detentor de poder aquisitivo para consumo do produto. É importante ressaltar que a colaboração do título para essa conclusão ocorre de maneira indireta, já que o protagonista para essa conclusão é a parte não verbal do anúncio.

Passemos para o texto das propagandas. A propaganda francesa de Robt. Burns apresenta um texto bastante sucinto, com apenas uma frase:

Imagem 4- texto anúncio francês de cigarro Tradução para o português



Tradução para o português

“É preciso saber sacrificar uma queima.”

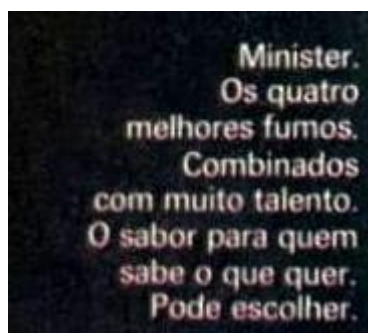
Fonte: Revista L'Express, n. 1158

³ Disponível em: <https://www.publicitarioscriativos.com/50-slogans-mais-lembrados/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

Essa sentença valoriza o produto, colocando-o como uma raridade que não pode ser desperdiçada, ou seja, só se deve deixar de fumar por uma boa causa, e, como na imagem quem está fumando é o homem, entende-se que ele deve saber reconhecer o momento de apagar o cigarro. Esse momento seria o de estar com a mulher que se entrega a ele. Novamente, vê-se o homem como público consumidor do produto, e a mulher, como a conquista vinda desse consumo. Ao homem, cabe o poder de escolha entre fumar ou estar com a mulher, e a figura da mulher é valorizada em relação ao próprio produto, pois seu companheiro deve preferir estar com ela a fumar. Essa valorização, no entanto, objetifica a imagem dela, ao aproximá-la à de um cigarro.

Essa ideia da figura masculina relacionada ao poder de escolha se mantém no anúncio de cigarros Minister:

Imagem 5- Texto anúncio brasileiro de cigarro



Fonte: Revista Veja e Leia, n. 238

As frases valorizam o cigarro anunciado e colocam o poder de escolha como uma qualidade do leitor presumido, que, de novo, é o homem que fuma na imagem. A mulher aparece como uma acompanhante relacionada ao fato de o homem ter sabido escolher, ou seja, ele, ao bem escolher o cigarro, terá a mulher. A oração que fecha o anúncio, “Pode escolher”, pode ser relacionada também à mulher, assim, o homem que “sabe o que quer”, que fuma os cigarros anunciados, poderá escolher a mulher que terá ao seu lado. Dessa forma, tem-se mais uma contribuição para a colocação da mulher em uma posição de inferioridade.

Feitas as análises de imagem, texto e título dos anúncios, pôde-se observar, tanto nas propagandas francesas como nas brasileiras, que a mulher não foi colocada como leitor presumido, para o qual os enunciados são endereçados. Ela está em um lugar de acompanhante ou de conquista

vinculada ao uso ou aquisição, pelo homem, do produto anunciado. Tanto a parte verbal quanto a não verbal das duas propagandas apresentam, portanto, a mulher e seu corpo em uma posição de subordinação ao homem.

5 Terceira etapa de análise: revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual

Para análise da parte linguística dos anúncios brasileiros, foi utilizada a *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010), de Ataliba Teixeira de Castilho. A escolha dessa obra se deu pelo seu teor científico e descritivo, em contraste com gramáticas mais normativas, além de ser específica do português brasileiro, o que faz dela a mais adequada para este estudo. Para a parte da análise dos anúncios franceses, nos baseamos na obra *Problemas de linguística geral I* (1966), de Émile Benveniste, pois, embora proponha uma abordagem enunciativa, também trata de formas da língua francesa em sua aceção habitual, assim como propõe Volóchinov na terceira etapa metodológica. Para eventuais pesquisas de léxico, foi utilizado, para a língua francesa, o dicionário *Le Nouveau Petit Robert de la langue française* ([1963] 2009), por Paul Robert, e para o português, o dicionário *Houaiss da língua portuguesa* (2004), por Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel de Mello Franco. Ambos os dicionários são renomados nas respectivas línguas.

O interesse não é na parte gramatical apenas, mas em como as escolhas gramaticais impactam na estilística dos anúncios. A esse respeito, Mikhail Bakhtin aborda em *Questões de estilística no ensino da língua* (2013):

Toda forma gramatical, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, todas as formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística. No estudo de alguns aspectos da sintaxe, aliás muito importantes, essa abordagem estilística é extremamente necessária. Isso ocorre, sobretudo, no estudo das formas sintáticas paralelas e comunicativas, isto é, quando o falante ou escritor tem a possibilidade de escolher entre duas ou mais formas sintáticas igualmente corretas do ponto de vista gramatical. (Bakhtin, 2013, p. 24-25).

Na propaganda francesa de Robt. Burns, observa-se a marca linguística “il faut”, que pode ser traduzido como “é preciso” ou “é necessário”, juntamente com o verbo “savoir”, que significa “saber”, na frase “il faut savoir sacrifier un Burns” (é preciso saber sacrificar uma chama).

Burns se trata de um empréstimo linguístico de língua inglesa que coincide com o nome da marca, o que acrescenta um jogo de palavras ao texto do anúncio.

Quando ligada a um verbo no infinitivo, a expressão *il faut* pode trazer a ideia de conveniência, de adequação, conforme verbete do dicionário *Le Nouveau Petit Robert de la langue française* (Robert, [1963] 2009). Nesse caso, tem-se a ideia não de urgência ou de necessidade eminente, mas de uma convenção social, uma noção de como se deve agir. Isso, ligado ao verbo “saber”, dá à oração conotação de racionalidade, ligada à escolha de um sacrifício, ou seja, convém saber fazer o sacrifício do cigarro.

Não há, no anúncio, qualquer interlocução com o leitor, haja vista que o sujeito da frase foi marcado pela utilização de uma oração subordinada subjetiva, de forma que não há um pronome ou uma terminação verbal em que se possa inferir a comunicação com homens, mulheres ou ambos. Porém, isso não significa que o produto seja endereçado a ambos os gêneros de modo igual, pois a análise da parte visual do anúncio mostrou que apenas o homem está fumando e que ele tem uma postura mais racional e controlada em comparação com a mulher, ou seja, quem tem a atitude racional de “saber sacrificar uma chama” é o homem que fuma, enquanto a moça, mais emocional e entregue, é o motivo do sacrifício do cigarro.

As escolhas verbais desse anúncio, portanto, colaboram para a ideia de que o homem é o sujeito racional, pensante, aquele que escolhe e sacrifica, e esse é o seu dever social, já a mulher é aquela que se entrega a ele, mais emocional. É para ele que a propaganda é endereçada, e é dele a capacidade de saber sacrificar o cigarro pela moça.

Por fim, no anúncio brasileiro de cigarros Minister, a comunicação com o leitor ocorre de duas formas. A primeira delas é pelo pronome “quem”, cujo referente é preenchido pelo sujeito, que, como foi visto pela análise da parte visual do anúncio, é o homem, pois é o único que está fumando na imagem. Esse é o sujeito da oração “quem sabe o que quer”, e nesse caso, vale ressaltar que o verbo saber é definido pelo dicionário Houaiss como “prudência e sensatez ao agir, experiência” (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 2489), ou seja, o homem é associado a ênfases valorativas de sabedoria, experiência e racionalidade.

A segunda forma se dá pela conjugação do verbo “poder” na terceira pessoa do singular, seguido de verbo no infinitivo em “pode escolher”. Aqui,

o sujeito da frase também é preenchido pelo leitor do anúncio, representado pelo homem da imagem. O verbo escolher, também pela definição do dicionário Houaiss, significa “manifestar preferência por alguém ou algo [...] selecionar, separar o bom do ruim; aproveitar (aquilo) que apresenta maior qualidade” (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 1206). Assim, percebe-se que o homem tem poder de decisão sobre o consumo do melhor cigarro e da mulher que o acompanha, que devem ser os melhores para estarem à sua altura. Essas escolhas verbais parecem originar-se da ideologia de cotidiano da época, ou seja, do imaginário de postura masculina como aquela ativa e racional, que escolhe e sabe o que quer, que tem opções e não pende para a indecisão.

Considerações finais

A partir das análises, pôde-se depreender que, na década de 1970, a França passava por um momento histórico e político mais favorável às conquistas feministas do que o Brasil, mas isso não se refletiu nos respectivos comportamentos sociais da época. Isso é observado na composição dos anúncios publicitários dessa época em ambos os países. Tanto os anúncios brasileiros como os franceses apresentam o corpo e a imagem da mulher numa relação passiva em relação ao homem.

Na análise das imagens, observamos que tanto na propaganda brasileira como na francesa, apenas o homem aparece fumando, e a mulher é apresentada como uma coadjuvante que o acompanha e como uma conquista atribuída ao consumo de produto. Ambas as imagens femininas possuem postura mais sonhadora, passiva em relação às masculinas.

O anúncio brasileiro possui um título que foi analisado. Ele estabelece uma comunicação mais direta com o sujeito para o qual o anúncio é endereçado, o que no caso de Minister, é claramente o homem. Assim, mesmo o produto sendo, teoricamente, destinado para ambos os gêneros, o título demarca um endereçamento mais claro para os homens, havendo a pressuposição de que seria ele o detentor de poder aquisitivo para consumo do produto.

A parte textual dos anúncios revela muito sobre a visão da mulher dos respectivos enunciadores e, portanto, das respectivas sociedades. Tanto o anúncio brasileiro como o francês utilizam a parte verbal para atribuir à figura

masculina poder de escolha, decisão e racionalidade, e a mulher e seu corpo aparecem nesses anúncios como um atributo que acompanha os valores positivos do produto, que acompanhará o homem que o consumir.

Na última parte da análise, constatamos que as duas propagandas trazem a escolha de verbos que remetem à sensatez, à sabedoria, à racionalidade e ao poder de escolha, e os sujeitos desses verbos são preenchidos, semanticamente, pelo sujeito masculino consumidor do produto, ou seja, aquele que se pressupõe ter o poder aquisitivo para adquiri-lo, portanto, para quem o anúncio é endereçado. Por contraste, as mulheres das imagens não são tidas como público leitor desses anúncios.

Após as três etapas de análise, percebemos semelhanças significativas nos anúncios brasileiros e franceses no que diz respeito aos signos ideológicos – verbais e visuais – que refletiram e refrataram a mulher e seu corpo. É importante, porém, marcar que os padrões que identificamos ao longo da análise tem forma apenas no recorte apresentado, ou seja, apenas nos dois anúncios em foco. Esse corpus pode se mostrar insuficiente para que a partir dele se possa tirar conclusões a respeito de toda uma sociedade, portanto, enfatizamos que essas considerações têm caráter exploratório e têm validade restrita ao corpus analisado.

Considerando isso, observou-se que tanto o anúncio brasileiro quanto o francês colocam a mulher em uma posição desigual em relação ao homem, apesar do contexto social e político mais progressista na França e mais conservador no Brasil. Esse contexto brasileiro mais conservador se justifica, porém, na medida em que não ocorre um apelo carnal e ligeiramente mais ativo, o que há na propaganda francesa. Dado que o objetivo a ser alcançado por um anúncio publicitário é atingir o público usuário do produto ou serviço para uma melhor eficiência nas suas vendas. Ele vai ao encontro da ideologia do cotidiano (Volóchinov, [1929] 2017) e a reforça, ou seja, reafirma os valores circulantes e socialmente aceitos, portanto, as análises desses anúncios revelam os valores correntes nas línguas e nas culturas brasileira e francesa da década de 1970.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A forma espacial do herói*. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martin Fontes, [1920-30] 1997. p. 43-107.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, [1952-53] 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Editora Pontes [1966] 1991.

BUOSI, Damiana de Andrade. *Retratos de Mulher: Um estudo sobre a representação feminina na publicidade*. Dissertação (Mestrado em ciências da comunicação) – Programa de pós graduação em ciências da comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

CARNEIRO, Henrique. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. *Revista Outubro*, v. 6. p. 115-128, 2002. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A3o-6-Artigo-10.pdf>. Acesso em: 04 set. 2023.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. *Revista História em Revista*, n. 10, p. 1-10, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/hr.v10i10.11605>. Acesso em: 04 set. 2023.

DOMINGUES, Ivan. 1688: França, Maio e nós: cinquenta anos depois. *Revista Kriterion*, edição especial, p. 179-206, jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/kriterion/article/view/29111>. Acesso em: 04 set. 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice; GLENADEL, Paula. França-Brasil: Elementos para uma relação. *Revista Letras*, n. 39. p. 47–69, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148512010>. Acesso em: 04 set. 2023.

GOMES, Neusa Demartini. Publicidade ou propaganda? É isso aí! *Revista FAMECOS*, n. 16, p. 111-121, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.16.3142>. Acesso em: 04 set. 2023.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; MACHADO, Flávia Sílvia; CAMPOS, Maria Inês Batista Campos. Análise comparativa do discurso: quais são seus precursores? *Revista Linha d'Água*, v. 31, n. 3, p. 1-17, 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUNDZINSKI, Celuy Roberta. Maio de 68: estudantes, operários e o silêncio feminino. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 18, n. 204, p.1-11, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42656> . Acesso em: 04 set. 2023.

RANGEL, Etuany Martins; CASTRO, Bianca Gomes da Silva Muiyler Monteiro; MORAES, Luciana Pereira. “Porque eu sou é home!”: Uma análise dos impactos da construção social da masculinidade no cuidado com a saúde. *Revista Interfaces científicas*, v.6, n. 2, p. 243-252, 2017. Disponível em : <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2017v6n2p243-252> Acesso em: 04 set. 2023.

ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert de la langue française*. Direção Josette Rey-Debove e Alain Rey. Paris: Le Robert, [1963] 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

VON MÜNCHOW, Patricia. *Les journaux télévisés en France et en Allemagne* : Plaisir de voir ou devoir de s'informer. Sartrouville: Presses Sorbonne Nouvelle, 2005.

WOITOWICZ, Karina; PEDRO, Joana Maria. O Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo. *Revista Espaço Plural*, v. X, n. 21, p. 43-55, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/3574> . Acesso em: 04 set. 2023.

REVISTA SEMANAL L'EXPRESS. Paris: Groupe express. Roularta. n° 1158, 1973.

REVISTA SEMANAL VEJA E LEIA São Paulo: Abril. n° 238, 1973.

352



Oliveira

RESENHA**O autor e a personagem na
atividade estética, de Mikhail
Bakhtin**

Cláudio Primo Delanoy
*Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul, Brasil*

Mikhail Bakhtin

O autor e a personagem na atividade estética

Tradução, posfácio e notas
Paulo Bezerra

Notas da edição russa
Serguei Botcharov

editora  34

O texto *O autor e a personagem na atividade estética*, do pensador russo Mikhail Bakhtin, tem uma nova versão pela Editora 34. Lançado em 2023, é uma tradução de Paulo Bezerra, responsável também pelas notas e pelo posfácio. O tradutor tem o referido texto já publicado em *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 2003), pela Martins Fontes, uma coletânea baseada na publicação de 1979 pela editora *Iskusstvo*, conforme Bezerra (2023). A versão aqui em apreço é diferenciada. Inclui uma introdução de Bakhtin, ausente em *Estética da criação verbal*, e notas de rodapé explicativas mais esclarecedoras tanto de passagens do texto como de detalhes da tradução. *O autor e a personagem na atividade estética* é composto por uma Nota à edição russa, por Serguei Botcharov, uma “Introdução” e 5 capítulos, seguidos por um Posfácio, por Paulo Bezerra, e dois textos finais, “Sobre o autor” e “Sobre o tradutor”.

A nota de abertura do texto, por Serguei Botcharov, propicia ao leitor a visão geral do que irá encontrar nas páginas seguintes: uma reflexão sobre a estética, particularmente, na obra de ficção. Segundo Botcharov, em Nota à edição russa, “[...] nesse trabalho inicial de Bakhtin a estética da criação literária se abre rumo a uma filosofia da estética” (Botcharov, 2023, p. 8), a tese essencial do texto, pois o acontecimento estético que envolve tanto o *autor* quanto a *personagem* estaria relacionado a uma filosofia geral da estética. No âmbito de elaboração dessa estética geral, Bakhtin apresenta-nos dois conceitos fundamentais e interdependentes – o *excedente de visão* e a *extralocalização*. São tais conceitos os responsáveis pelo que permite o acontecimento estético - o distanciamento do autor em relação à personagem.

Botcharov, conforme aludimos acima, introduz o leitor às reflexões bakhtinianas sobre a estética. Cumpre um papel relevante de servir como uma antecipação distanciada, mas não por isso imprecisa, sobre a tese de uma estética geral que irá permear todo o volume. Por exemplo, já contextualiza o pensamento de Bakhtin em diálogo tenso e contrário aos fundamentos da estética formalista, para a qual a estética advinha de uma atividade técnica, imanente à própria linguagem, ou seja, uma estética do material, amplamente discutida em Medviédev (2012). Já para Bakhtin, a noção de acontecimento é central para a formulação de uma estética geral. O acontecimento está na base da interação real entre os seres humanos, que tem no diálogo sua expressão, inspirando o conceito de relações dialógicas, o centro de toda a reflexão bakhtiniana. Para Botcharov,

A categoria de *acontecimento* – uma das categorias centrais na estética de Bakhtin – ganha seu estofo original, bakhtiniano, no contexto da interpretação ampla, pode-se dizer universal, que o autor faz do diálogo como acontecimento decisivo da comunicação humana (Botcharov, 2023, p. 8).

Diálogo que transparece em toda atividade estética, não resumido à interação face a face, mas ampliado em termos de *resposta*, pois pela concepção bakhtiniana, a totalidade de uma obra constitui-se como uma resposta à interação entre pelo menos duas consciências, a do autor e a do outro, com quem dialoga.

Botcharov também aborda a condição base para o acontecimento estético, que é a extralocalização do autor em relação ao herói, fundamental para o excedente de visão – a atividade de aproximar-se do outro, de buscar compreendê-lo e de voltar a si dando a essa compreensão um acabamento estético. Nessa esteira, Botcharov alude ao romance polifônico de Dostoiévski ao escrever:

Entretanto, podemos observar que, na concepção bakhtiniana, a relação do autor com a personagem no romance polifônico de Dostoiévski é caracterizada por uma espécie de de contradição com as condições gerais da atividade estética descritas no presente trabalho (Botcharov, 2023, p. 9).

Pelas palavras do apresentador, Dostoiévski cria um “novo modelo artístico de mundo”, pois nele o autor abriria mão de seu excedente conclusivo da personagem, caracterizando o romance polifônico como “[...] *acontecimento* da interação entre consciências isônomas [...]” (Botcharov, 2023, p. 8, grifo do autor).

Botcharov também nos recorda da ampliação da noção de *distanciamento* em Bakhtin. Enquanto aqui o distanciamento é centralizado na relação autor-personagem como condição para o acontecimento estético, em “A ciência da literatura hoje: resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*” (Bakhtin, 2017), configura-se como fonte do sentido: “A grande causa para a interpretação é a *distância* do intérprete - no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ele pretende interpretar de forma criadora” (Bakhtin, 2017, p. 18). E ainda: “No campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da interpretação” (Bakhtin, 2017, p. 18). Tal concepção vai originar o conceito de *grande tempo*, desenvolvido em “A ciência da literatura hoje [...]”, mas que reverbera ao longo dos tratados bakhtinianos.

Para fechar sua nota de abertura à edição russa, Botcharov alerta para as possíveis dificuldades na leitura do livro devido ao seu autor não a ter preparado para publicação, e assim, essa contaria com algumas incompletudes. No posfácio, Paulo Bezerra faz alusão a esse comentário de Botcharov e acrescenta que o contato com a obra original completa permitiu esclarecimento das imprecisões da versão primeira.

Nas primeiras linhas do capítulo introdutório, Bakhtin estabelece seu ponto de partida: “O autor e a personagem são questões determinadas pelo tempo de vida do pesquisador, bem como pelo estado meramente casual dos materiais, e esse momento, que traz certa estabilidade arquitetônica, é de natureza puramente estética” (Bakhtin, 2023, p. 13). Em nota de rodapé, é explicado que esse momento se refere tanto ao processo como à ação, um acontecimento que se realiza como um conjunto (numa alusão a Hegel). Tal acontecimento concretiza-se por meio da arquitetônica, uma estrutura de conjunto, cujo centro se encontra no homem (Bakhtin, 2023, p. 13). É a arquitetônica que vai nortear a criação do enunciado, envolvendo todos os elementos que o constituem, incluindo o falante, o ouvinte, o gênero do discurso, os aspectos extraverbais (históricos, políticos, econômicos etc.). Todos esses elementos são organizados em função do momento da interação e recebem um acabamento estético e um peso axiológico do autor, ou seja, há estetização. Lemos, em nota de rodapé: “No conjunto de sua obra, Bakhtin mostra o caráter estético de todas as categorias humanas, quer das categorias da vida real, quer das categorias científicas” (Bakhtin, 2023, p. 14).

É o processo de estetização que relaciona o autor e a personagem. É de responsabilidade do autor de uma obra proporcionar um acabamento à sua criação, pois somente assim estabelece-se o ato estético. Tal concepção de estética permeia a análise de Bakhtin de uma peça lírica de Púchkin intitulada *Separação*, de 1830, ao longo da qual é desenvolvido o conceito de *extralocalização*: “[...] condição necessária para juntar num contexto estético-formal e axiológico único os diferentes contextos que se formam em torno de várias personagens” (Bakhtin, 2023, p. 20). A análise torna a leitura ainda mais inspiradora, pois nosso mestre russo aplica seus conceitos na exploração dos sentidos do poema. Dentre tais conceitos, vemos menções aos de arquitetônica, cronotopo, tema, entonação e ritmo, todos interdependentes no momento da obra:

É preciso de uma vez por todas ter em vista que uma resposta ao objeto, sua avaliação e o próprio objeto dessa avaliação não são dados como diferentes momentos da obra e do discurso, nós é que os distinguimos por via abstrata; na realidade, a avaliação penetra o objeto, e ademais a avaliação cria a imagem do objeto, é justamente a resposta estético-formal que condensa o conceito na imagem do objeto (Bakhtin, 2023, p. 28).

Fica claro, nessa passagem, que uma obra em sua totalidade constitui uma resposta estética organizada pelo seu autor, que por meio de um acabamento formal e axiológico, cria um mundo. Nesse sentido, o herói só é possível porque recebe um acabamento estético do autor.

Ao longo da “Introdução”, Bakhtin apoia-se na sua perspectiva estética da criação salientando que qualquer visão estética tem no homem (ser humano) o seu centro. Nesse sentido, a avaliação do valor de uma obra ocorre em dois contextos axiológicos: o do herói (contexto ético-cognitivo, vital) e o do autor (contexto concludente, ético-cognitivo e estético-formal), mas “[...] o contexto do autor se empenha em envolver a fechar o contexto do herói” (Bakhtin, 2023, p. 43). É assim que concebe a obra como uma resposta estética a outras respostas.

O capítulo I intitula-se “A relação entre o autor e a personagem”. Sem subtítulos, explora as diferentes naturezas do autor (pessoa e criador) e da personagem. Ressalta:

[...] cada elemento de uma obra nos é dado na resposta que o autor lhe dá, a qual engloba tanto o objeto quanto a resposta que a personagem lhe dá (uma resposta à resposta); neste sentido, o autor acentua cada particularidade e cada traço da sua personagem, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam (Bakhtin, 2023, p. 45).

Tal resposta é estética na medida em que se configura como um acabamento em um todo concreto-conceitual singular e único (Bakhtin, 2023, p. 46), sob responsabilidade do autor. Bakhtin alerta sobre a diferenciação entre dois tipos de autor: o autor-criador, que nasce na obra; e o autor-pessoa, elemento do acontecimento social da vida (Bakhtin, 2023, p. 52). Tal confusão precisa ser evitada, principalmente, nas análises de obras autobiográficas, em que o autor-criador, responsável pelo acabamento estético, não é idêntico ao autor-pessoa, que, como ser ético e social, é sempre inacabado. É o excedente de visão do autor-criador que permite a atividade estética da obra, como se comprova no trecho:

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e esse *excedente* de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra (Bakhtin, 2023, p. 54).

À página 56, encontramos explicitamente a condição fundamental da relação entre autor-personagem: a extralocalização. Nas palavras do mestre, a tensa extralocalização do autor em relação à personagem é a fórmula geral basilar esteticamente produtiva, “[...] uma extralocalização no espaço, no tempo, nos valores e nos sentidos, que permite abranger *integralmente* a personagem [...]” (Bakhtin, 2023, p. 56, grifo do autor).

Na continuação, Bakhtin faz considerações sobre a particularidade da obra autobiográfica e coloca uma problemática: o autor deve colocar-se à margem de si. Somente assim ele pode dar acabamento estético à sua vida, posicionar-se axiologicamente quanto às suas atividades e aos objetos do mundo. Cita três casos em que o autor teria perdido sua posição extralocalizada em relação à personagem: quando a personagem assume o domínio sobre o autor; quando o autor se apossa da personagem; e quando a personagem é autora de si mesma. Cada um desses casos é discutido de maneira completa, sendo possíveis outros desdobramentos além desses três.

Na finalização do capítulo, Bakhtin esclarece que, para haver acontecimento estético, deve haver a presença de dois participantes, “duas consciências que não coincidem” (Bakhtin, 2023, p. 65). Se houver coincidência, não haverá ato estético, mas um ato ético, concretizado sob um enunciado da vida (panfleto, manifesto etc.), de um acontecimento cognitivo (artigo, conferência etc.) ou mesmo religioso (oração, ritual etc.). Sem o distanciamento extralocalizado, é impossível a obra estética.

O capítulo II, intitulado “A forma espacial da personagem” abarca sete partes: (1) O excedente da visão estética; (2) A imagem externa; (3) O vivenciamento das fronteiras externas do homem; (4) A imagem externa da ação; (5) O corpo como valor: o corpo interior; (6) O corpo exterior; e (7) O todo espacial da personagem e do seu mundo. Nesse capítulo, Bakhtin desenvolve a ideia de que eu e outro estão em relação de interdependência, na qual cada um tem uma visão do outro que o complementa, já que é

impossível termos uma visão completa de nós mesmos. Tal possibilidade se dá pela posição exotópica (extralocalizada) do outro:

359



Delanoy

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (Bakhtin, 2023, p. 67, grifos do autor).

Nesse ponto, já podemos estabelecer conexão com a obra *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2010), na qual é desenvolvida a noção da singularidade do ser e de sua responsabilidade na vida. Desse modo, a contemplação, a partir da visão do eu, permite dar um acabamento axiológico e estético ao outro. Também nessa parte é discutida a noção de empatia, quando vemos o mundo do outro tal qual como ele o vê e, ao retornar a mim mesmo, dar-lhe uma forma concludente (Bakhtin, 2023, p. 69).

A imagem externa, então, é examinada como ‘conjunto de todos os elementos expressivos e falantes do corpo humano’ (Bakhtin, 2023, p. 72) e busca responder às perguntas “Como vivenciamos a nossa própria imagem externa e a imagem externa no outro?” e “Em que plano do vivenciamento está o seu valor estético?” (Bakhtin, 2023, p. 72). A questão é que são percepções distintas. A minha imagem externa não deixa de ser uma vivência interna, pois é experienciada de dentro de mim, como uma autossensação interior; já a imagem externa do outro é contemplada de fora e avaliada axiologicamente por mim. Nessa parte, Bakhtin discorre sobre a percepção no espelho, no qual nunca nos olhamos sozinhos, mas também pelos olhos do outro, e faz uma instigante elaboração sobre o autorretrato, a fotografia e a pintura de si pelo outro, como modos distintos de acabamentos do objeto estético.

O mestre também aborda as vivências fronteiriças externas do eu e do outro. Escreve: “Vivencia-se essa fronteira externa na autoconsciência, isto é, em relação a si mesmo, de modo essencialmente diverso do que se vivencia em relação a outro indivíduo” (Bakhtin, 2023, p. 84). A razão está na impossibilidade de o eu ver-se de fora, condição diversa da visão do outro, que é dada ao eu como acabada e delimitada entre os objetos do mundo: “[...] para mim, o outro está reunido e contido por inteiro em sua imagem externa” (Bakhtin, 2023, p. 88).

A própria percepção da ação externa e do corpo dá-se em modos distintos, nos moldes de que já falamos. A autoconsciência impede uma visão afastada do eu em relação a si mesmo, o que podemos fazer em relação ao outro pela nossa posição extralocalizada, assim como o outro pode fazer comigo: “Meu corpo, em seu fundamento, é um corpo interior; o corpo do outro, em seu fundamento, é um corpo exterior” (Bakhtin, 2023, p. 97). Neste capítulo, “O corpo exterior”, encontramos Bakhtin discorrendo sobre a interpretação teatral (Bakhtin, 2023, p. 136), em que discute questões da encarnação da personagem pelo ator. No processo, a personagem é vista de fora, como objeto estético, sendo impossível a fusão ator-personagem.

O capítulo 3, sob o título “O todo temporal da personagem: a questão do homem interior – da alma”, consta com quatro partes: (1) A personagem e sua integridade na obra de arte; (2) A relação volitivo-emocional com a clareza interior do homem: o problema da morte (da morte por dentro e da morte por fora); (3) O Ritmo; e (4) A alma. Aqui, Bakhtin defende que a integridade da personagem não pode ser dada por ela própria, mas somente pelo outro, por outra consciência que lhe é transgrediente. A assimilação estética da personagem pertence ao autor-contemplador. Explica-nos:

Os princípios de enformação da alma são princípios de enformação da vida interior *de fora*, de outra consciência; também aqui o trabalho do artista se desenvolve nas fronteiras da vida interior, onde a alma está interiormente voltada para *fora de si* (Bakhtin, 2023, p. 163, grifos do autor).

Denomina de *compreensão simpática* o movimento de aproximação do eu visando ao mundo interior do outro (Bakhtin, 2023, p. 164), processo que nunca resultará em fusão de consciências, pois são mundos distintos, que partem de visões distintas: somente a extralocalização do eu em relação ao outro, e vice-versa, permite a compreensão do objeto externo, dando-lhe acabamento estético. Bakhtin exemplifica com:

Os acontecimentos do meu nascimento, da minha permanência axiológica no mundo e, por último, da minha morte não se realizam em mim nem para mim. O peso emocional da minha vida em *seu conjunto* não existe para mim mesmo (Bakhtin, 2023, p. 167, grifo do autor).

Partindo dessa perspectiva, por exemplo, não posso compreender a minha morte, mas somente a morte do outro, momento em que atribuo a ele uma personalidade estetizada, com acabamento estético significativo e

valores axiológicos, justamente, porque estou *de fora*. “Só no mundo dos outros torna-se possível o movimento estético [...]” (Bakhtin, 2023, p. 174).

A extralocalização também se manifesta em termos de ritmo, nas diferenças entre o meu tempo e o tempo do outro (Bakhtin, 2023, p. 184), pois de minha parte não tenho capacidade de vivenciar meu tempo *de dentro*, mas posso conceber o tempo do outro, porque posso dar acabamento estético a ele. “Não sou o herói de minha vida”, afirma-nos Bakhtin (2023, p. 175), quer dizer, não me é possível abarcar-me como um todo. A minha alma, portanto, somente pode ser concebida pelo outro. Com tais ponderações, o texto reitera as diferenças entre autor e personagem, ou entre “[...] o portador do conteúdo do sentido da vida e o portador do seu acabamento estético” (Bakhtin, 2023, p. 203).

O capítulo 4, “O todo semântico da personagem”, tem seis partes, a saber: (1) O ato e o autoinforme-confissão; (2) A autobiografia e a biografia; (3) A persona lírica e o autor; (4) O caráter como interação personagem-autor; (5) O tipo como forma de interação personagem-autor; e (6) A hagiografia. O enunciado de abertura do capítulo dá-nos a base do que será desenvolvido:

A arquitetura do mundo da visão artística não ordena só os elementos espaciais e temporais, mas também os de sentido; a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido (Bakhtin, 2023, p. 205).

Isso significa que elementos do sentido no acontecimento indicam determinadas escolhas de acabamento formal, no todo semântico da personagem, sob a atuação do autor.

Na continuidade, uma passagem bastante relevante para a abordagem do ato o difere do acontecimento estético. O ato representa a ação do indivíduo, concretizada pelas palavras, sentimentos, pensamentos. No entanto, como já sabemos, pelo próprio ato o indivíduo não completa a si mesmo, mas somente o outro. A individualidade acabada *lhe* é inalcançável pelo ato, sempre singular em si mesmo, mas possibilitada se for objetivada pelo outro, a partir de sua visão exotópica. “O ato de criação artística também só opera com significações dos objetos para as quais se volta a atividade artística”, afirma-nos Bakhtin (2023, p. 207), reforçando, assim, as naturezas distintas entre autor e personagem.

A questão do autoinforme-confissão é intrigante: seria uma auto-objetivação do eu, em que a relação do eu consigo mesmo seria o organizador

do enunciado (Bakhtin, 2023, p. 209). Notamos, porém, adiante, o esclarecimento de Bakhtin sobre a possibilidade de os pesos axiológicos do outro poderem turvar a minha relação comigo mesmo, quando, então, eu já deixaria de estar só na minha confissão. Portanto, o autoinforme “puro e solitário” é impossível (Bakhtin, 2023, p. 211). De qualquer maneira, há uma estetização no processo, pois não é o ato em si que configura o acontecimento estético. O ato somente vive, nas palavras de Bakhtin, no acontecimento singular e único da existência, sempre aberto, inconcluso. Dessa forma, o ato não tem como dar acabamento à própria vida (Bakhtin, 2023, p. 210).

No sentido do que estamos desenvolvendo, a biografia e a autobiografia aproximam-se do autoinforme-confissão, pois exigem o acabamento estético vindo da posição extralocalizada: “Nem na biografia, nem na autobiografia o *eu-para-mim* (a relação consigo mesmo) é elemento organizador constitutivo da forma” (Bakhtin, 2023, p. 219). Na autobiografia, faz-se necessária uma objetivação artística de mim mesmo e da minha vida, envolvendo elementos transgredientes a mim. Seria como tornar-me um outro para mim mesmo, um outro capaz de atribuir tons axiológicos ao que recordo de minha existência, de minhas vivências, e assim, dar uma forma artística às minhas memórias. Esclarece-nos:

O autor de biografia é aquele outro possível, pelo qual somos mais facilmente possuídos na vida, que está conosco quando nos olhamos no espelho, quando sonhamos com a fama, fazemos planos externos para a vida; é o outro possível que se infiltrou na nossa consciência e frequentemente dirige os nossos atos, nossas apreciações e nossa visão de nós mesmos ao lado do nosso *eu-para-mim* [...] (Bakhtin, 2023, p. 221, grifo do autor).

Bakhtin prossegue ao retratar a objetivação lírica do homem interior como uma forma de auto-objetivação, caso em que a personagem e o autor estão mais próximos. No entanto, a forma lírica vem sempre de fora, a partir da relação axiológica do outro com ela. Nesse caso, a personagem tem sua autonomia abafada, pois é dominada mais ostensivamente pelo autor (Bakhtin, 2023, p. 238).

Outra forma de interação entre autor e personagem é o *tipo*, que “traduz a diretriz do homem para os valores já concretizados e delimitados pela época e pelo meio [...], isto é, para o sentido que já se fez ser” (Bakhtin, 2023, p. 255). O tipo, como elemento de generalização, é acentuadamente transgrediente, sendo comumente presente nas sátiras (Bakhtin, 2023, p. 257). Na conclusão do capítulo, Bakhtin explora a hagiografia, a biografia

dos santos ou seu estudo, como outra forma da interação autor-personagem. Nesse gênero, o autor como que renuncia a si mesmo para assumir sua atitude reverencial em direção à personagem: “A hagiografia se realiza diretamente no mundo do divino” (Bakhtin, 2023, p. 258). No caso, a extralocalização do autor frente à personagem é diminuída em seus efeitos. A conclusão do capítulo é, de fato, esclarecedora:

Nesse sentido, podemos dizer que a interação entre autor e personagem dentro de uma obra concreta apresenta constantemente vários atos: o autor e a personagem lutam entre si, ora se aproximando, ora se separando bruscamente; mas a plenitude do acabamento da obra pressupõe uma discrepância aguda e a vitória do autor (Bakhtin, 2023, p. 260).

Vitória que lhe cabe porque só o autor tem a possibilidade de enformar esteticamente a personagem em qualquer circunstância.

O capítulo 5 e último, “O problema do autor”, conta com quatro partes: (1) O problema da personagem; (2) O conteúdo, a forma, o material; (3) A substituição do contexto axiológico do autor pelo contexto literário do material; e (4) A tradição e o estilo. Basicamente, é um capítulo no qual Bakhtin condensa as reflexões até então desenvolvidas. Podemos sintetizá-lo no trecho “Em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria axiológica de *outro*, é a relação com o outro enriquecida pelo excedente axiológico da visão para o acabamento transgrediente” (Bakhtin, 2023, p. 263). É a tese base de toda esta obra.

Encontramos, nas linhas seguintes, algumas considerações sobre o artista e a arte. O artista, pertencente ao mundo da vida, sabe abarcar momentos singulares do acontecimento do existir e transformá-los em objetos artísticos. A arte tem a capacidade de representar uma visão acabada, estetizada, do mundo, ou melhor, uma imagem dele, segundo um ponto de vista extralocalizado do artista. É nesse âmbito que podemos retornar ao conceito do dialogismo enquanto natureza da linguagem humana, que se externaliza em enunciados concretos verbais e/ou não verbais como respostas a outros enunciados. A obra de um artista é, portanto, uma resposta estética ao mundo.

No processo de estetização, o autor “visa ao conteúdo (tensão vital, ou seja, ético-cognitiva da personagem), enforma-o e o conclui usando para isso um determinado material, no nosso caso verbalizado, subordinando esse material ao seu desígnio artístico” (Bakhtin, 2023, p. 266). Chega o momento

em que Bakhtin discorre sobre os três elementos presentes na obra de arte: o conteúdo, o material e a forma. Salienta que a forma não acontece separada dos outros dois elementos, pois é condicionada a um conteúdo e, simultaneamente, a determinadas características do material e dos meios de elaboração da obra (Bakhtin, 2023, p. 266). Ao lidar com o material verbal, o artista supera a língua enquanto sistema de signos e torna-a meio de expressão artística:

Seria ingênuo imaginar que o artista necessita apenas de uma língua e do conhecimento dos procedimentos de tratamento dessa língua; mas ele a recebe precisamente e apenas como língua, isto é, recebe-a do linguista (porque só o linguista opera com a língua enquanto língua); essa língua é o que inspira o artista, e nela ele realiza toda a sorte de desígnios sem ir além dos seus limites *como língua apenas*, de certo modo; desígnio semasiológico, fonético, sintático, etc. (Bakhtin, 2023, p. 267, grifo do autor).

O artista, então, supera o material *língua* para uma determinação artística, assim como o escultor supera o mármore para a exprimir uma forma plástica, mesmo ainda sendo mármore. Em termos verbais, o autor lida com as palavras lhe dadas pela língua e, a partir delas, de sua morfologia, de sua sintaxe, semântica etc. cria uma visão particular de mundo. Como nos diz o mestre, a palavra deixa de ser sentida como mera palavra (Bakhtin, 2023, p. 267) ao passar por procedimentos de enformação e de acabamento.

No fechamento do capítulo, nosso pensador russo resume a configuração do autor de uma obra. Deve ser concebido como pertencente ao acontecimento estético, “como participante dela, como orientador autorizado do leitor” (Bakhtin, 2023, p. 284). O autor enquanto homem da vida real é objeto do historiador; já no interior do objeto artístico, encarna “a unidade dos elementos transgredientes da visão, que podem ser ativamente vinculados à personagem e ao seu mundo” (Bakhtin, 2023, p. 284).

Por fim, se as notas de Botcharov, na abertura do livro, preparam o terreno para a leitura do que virá, o posfácio de Paulo Bezerra, intitulado “O autor e a personagem na atividade estética: uma obra seminal” (Bezerra, 2023, p. 286), soa como a camada final de embelezamento, um fechamento articulado com o todo das reflexões de Bakhtin, permeado de considerações sobre a tradução de termos, os bastidores da aquisição dos originais russos, as relações com as obras vindouras de Bakhtin, as retomadas de conceitos e, ainda, algumas aproximações analíticas com nomes da literatura nacional, como Machado de Assis e Graciliano Ramos.

Logo de início, nos situa quanto à atualização do texto: é uma tradução da versão integral do original russo, incluindo o capítulo “Introdução”, que não consta em *Estética da criação verbal*, e notas de rodapé mais esclarecedoras. Bezerra discorre sobre a relação de “O autor e a personagem [...]” com outras duas produções de Bakhtin, *Por uma filosofia do ato*, publicado no Brasil como *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2010) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação artística verbal*, publicado como “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” em *Questões de literatura e estética* (Bakhtin, 1988). Para o tradutor, “O autor e a personagem [...]” é uma obra “fronteiriça” com as outras duas em termos de reflexões filosóficas e filológicas, ao esmiuçar o conceito de arquitetônica, mesmo em entrelinhas, e esclarecer que tudo na vida do ser humano, sua arte e sua cultura, passa por valores axiológicos.

Bezerra ainda auxilia o leitor a fazer relações nem sempre tão evidentes àquele que inicia sua jornada bakhtiniana. Por exemplo, define o que seria a *metalinguística* para o pensador russo, uma “[...] ciência-síntese da filosofia e da filologia que teria como espaço as fronteiras da linguística, da antropologia filosófica e da investigação literária ou ciência da literatura [...]” (Bezerra, 2023, p. 290), conceito apresentado em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov, 2017) em oposição às duas grandes correntes de investigação da linguagem, o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista; e mesmo evidencia a aproximação entre a arquitetônica e a construção da personagem, no trecho:

[...] a arquitetônica é a do mundo, *vivenciável*, isto é, o mundo concreto do ato e da visão estética, que tem como centro o *homem em vivenciamento* e é determinado a partir deste. Em suma, a arquitetônica, como uma disposição lógica intuitivo-conceptiva das partes e dos elementos de um conjunto, só é possível em torno de um *homem definido*: o herói (ou personagem) (Bezerra, 2023, p. 291, grifos do autor).

A leitura do posfácio consolida de modo inequívoco as ponderações bakhtinianas não só de “O autor e a personagem [...]”, mas também de outros escritos do filósofo russo ao discutir os conceitos fundamentais da epistemologia de Bakhtin, como, por exemplo, *arquitetônica* (já citada), *dialogismo*, *cronotopo*, *extralocalização*, *excedente de visão*, dentre outros. Um texto obrigatório para a sistematização da leitura, que pode ser resumida em:

Assim, *O autor e a personagem na atividade estética* é uma obra seminal, na qual predomina uma poética teórica filosoficamente sedimentada. Ela levanta, desde o início, temas que posteriormente irão reverberar em outras obras do mestre, dando uma visão sistêmica de suas reflexões teóricas e empíricas desde o seu nascedouro (Bezerra, 2023, p. 294, grifos do autor).

Concluindo, temos em mãos uma obra indispensável àqueles que se debruçam sobre a linguagem, seja cotidiana (da vida) ou artística, sob perspectiva teórica ou empírica, para explicar a construção de sentidos na relação autor-texto-leitor. O pesquisador encontra embasamento solidamente estabelecido para suas análises a partir de uma concepção da linguagem real, construída por meio de fundamentos filosóficos, linguísticos e artísticos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. *O autor e a personagem na atividade estética*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BEZERRA, Paulo. O autor e a personagem na atividade estética: uma obra seminal. In: BAKHTIN, Mikhail. *O autor e a personagem na atividade estética*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2023, p. 286-305.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética* (A teoria do romance). Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOTCHAROV, Serguei. Nota à edição russa. In: BAKHTIN, Mikhail. *O autor e a personagem na atividade estética*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2023, p. 7-10.
- MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

SOBRE OS AUTORES

367



Sobre os
autores

Marilia Amorim

Professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social, Campus Praia Vermelha, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil e da Universidade de Paris VIII, *UFR de Sciences de L'Éducation, Psychanalyse et Français*, Campus Saint-Denis, Saint-Denis, França.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4558062970398358>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8004-1424>

E-mail: marilia66amorim@gmail.com

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro

Professora do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, Brasil; líder do grupo de pesquisa *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq); coordenadora do GT *Estudos Bakhtinianos* da ANPOLL (Gestão 2023-2025).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9572384519070224>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0004-9923>

E-mail: maricamp@usp.br

Urbano Cavalcante Filho

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações e do Profletras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Ilhéus, Bahia, Brasil; líder do grupo de pesquisa *Lindes: Linguagens, Discurso e Sociedade* (IFBA/CNPq) e pesquisador dos grupos *Linguagens, Discurso e Ensino*, do *Diálogo*, do *GEDUSP* (USP/CNPq) e vice-coordenador do GT *Estudos Bakhtinianos* da ANPOLL (Gestão 2023-2025).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6466770995969401>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

E-mail: urbano@ifba.edu.br

Lucas Nascimento

Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil; coordenador do Grupo de Estudos *Dialógicos em Discurso e Argumentação* (UEFS/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4295437582484487>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8642-4397>

E-mail: Insilva2@uefs.br

Thiago Jorge Ferreira Santos

Professor do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, Brasil.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8145138073966874>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8857-1486>

E-mail: thiagojorgefs@gmail.com

368

●●●●●●●●●●
Sobre os
autores

Frédéric François

Professor honorário, Universidade Paris Descartes.

E-mail: j.frederic.francois@wanadoo.fr

Nathalia Akemi Sato Mitsunari

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil; integrante do grupo de pesquisa *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3304249052164313>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1389-9337>

E-mail: nathalia.mitsunari@usp.br

Viviane Mendes Leite

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil; integrante do grupo de pesquisa *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6858320997853849>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5073-6743>

E-mail: mendesviviane82@usp.br

Jamille Santos Oliveira

Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Bahia, Brasil; integrante do grupo de pesquisa *LINDES: Linguagens, Discurso e Sociedade* (CNPq/IFBA).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7511612781288531>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6265-235X>;

E-mail: jamellica@gmail.com

Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho

Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Bahia, Brasil; integrante do grupo de pesquisa *LINDES: Linguagens, Discurso e Sociedade* (IFBA/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3727612368148044>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3101-6588>

E-mail: mariaelia.carvalho@yahoo.com.br

369

●●●●●●●●●●
Sobre os
autores

Maria das Graças Soares Rodrigues

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Rio Grande do Norte, Brasil; pesquisadora do grupo de pesquisa em *Análise Textual dos Discursos* (ATD) (UFRN/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1239053356970371>

ORCID: 0000-0002-8295-358X

E-mail: maria.rodrigues@ufrn.br

Karla Stéphanie de Brito Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Rio Grande do Norte, Brasil; integrante do grupo de pesquisa em *Análise Textual dos Discursos* (ATD) (UFRN/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3077972879865963>

ORCID: 0000-0002-0625-9254

E-mail: karla.silva.108@ufrn.edu.br

Miriam Bauab Pozzo

Professora aposentada pela Universidade Taubaté (UNITAU), São Paulo, Brasil, membro do GT *Estudos Bakhtinianos* da ANPOLL, integrante dos grupos de pesquisa *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq), *Fundamentos e desdobramentos da perspectiva dialógica para a análise de discursos verbais e verbo visuais* (PUC-SP) e *Linguística Aplicada e Comunicação Social: estudos interdisciplinares* (UNITAU).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6898954739357029>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0046-7159>

E-mail: puzzo@uol.com.br

Luciana Taraborelli

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil; integrante do grupo de pesquisa *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1247551192848919>

E-mail: ltaraborelli@usp.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0688-2740>

370



Sobre os
autores

Laiza Luz Martins Sant'Ana

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Mato Grosso, Brasil; integrante dos grupos de pesquisa *REBAK - Relendo Bakhtin* (UFMT/CNPq) e *DLBAL - Diálogos Literários Brasil e África Lusófona*.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5918306902532515>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5004-5360>

E-mail: laizaluzsantana@gmail.com

Simone de Jesus Padilha

Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Mato Grosso, Brasil; líder do grupo de pesquisa *REBAK - Relendo Bakhtin* (UFMT/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3020979926140822>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4540-0070>

Email: simonejp1@gmail.com

Madson Bruno Soares Estevam

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Rio Grande do Norte, Brasil; integrante do grupo de pesquisa em *Análise Textual dos Discursos* (ATD) (UFRN/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4026030396326916>

ORCID: <http://orcid.org/0009-0006-1988-9905>

E-mail: bruno.madson2011@gmail.com

Larissa Vieira de Cerqueira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil; integrante do grupo de pesquisa *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3859083902850545>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0474-2602>

E-mail: larissa.cerqueira@usp.br

Letícia Thomé de Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil; integrante do grupo de pesquisa *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8052928214328781>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2984-8705>

E-mail: leticia.thome.oliveira@usp.br

371



Sobre os
autores

SOBRE A TRADUTORA

Dóris de Arruda C. da Cunha

Professora titular aposentada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pernambuco, Brasil.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0061348175883853>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5349-2887>

E-mail: doris@ufpe.br

SOBRE O RESENHISTA

Cláudio Primo Delanoy

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Rio Grande do Sul, Brasil; líder do grupo de pesquisa *Discursos em Diálogo* (PUC-RS/CNPq).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0339415537777452>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8015-5349>

E-mail: claudio.delanoy@pucrs.br